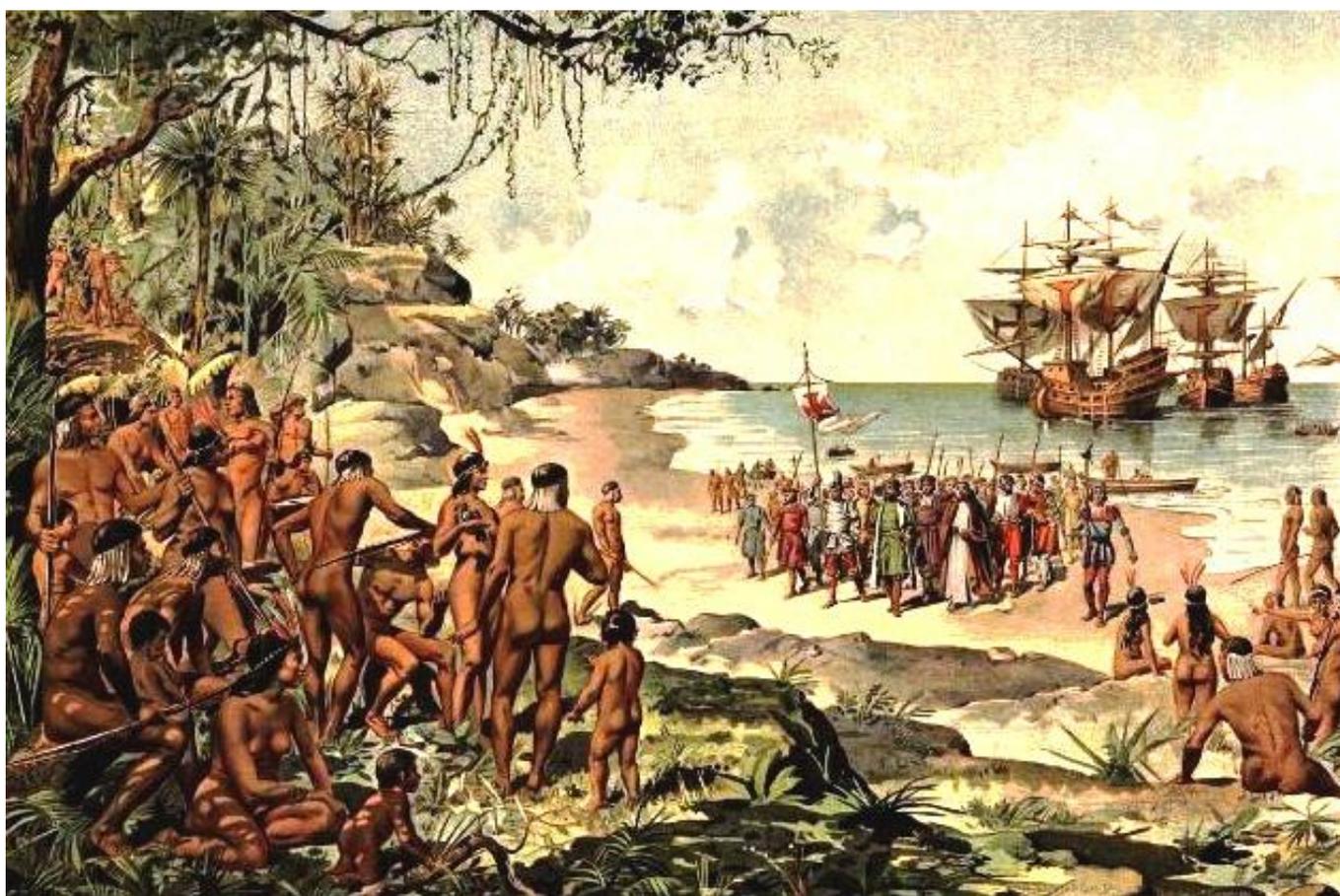


NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA EM ETIMOLOGIA E HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

**OS “BRASIS”: SUAS LÍNGUAS E SEUS INTÉRPRETES, EM
FONTES PORTUGUESAS DOS SÉCULOS XVI, XVII e XVIII**



NEHiLP

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

P213b Papavero, Nelson.
Os "Brasis" [livro eletrônico] : suas línguas e seus intérpretes, em fontes portuguesas dos séculos XVI, XVII e XVIII / Nelson Papavero ; [coordenador da série monográfica]: Mário Eduardo Viaro. -- São Paulo : NEHiLP/FFLCH/USP, 2019.

3.584 Kb ; PDF. -- (Arquivos do NEHiLP, ISSN 2318-2032 ; v.19)

ISBN 978-85-7506-370-5

DOI: 10.11606/9788575063705

1. Línguas – Brasil. 2. Língua portuguesa - História – Séculos 16-18. 3. Linguística histórica. I. Viaro, Mário Eduardo, coord. II. Título. III. Série.

CDD 869.09

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Nelson Papavero
Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo
Pesquisador Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
Tecnológico (CNPq)

**OS “BRASIS”: SUAS LÍNGUAS E SEUS
INTÉRPRETES, EM FONTES PORTUGUESAS DOS
SÉCULOS XVI, XVII e XVIII**

FFLCH – USP
SÃO PAULO
2019
DOI 10.11606/9788575063705

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
REITOR: Prof. Dr. Vahan Agopyan
VICE-REITOR: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS
DIRETORA: Profª. Dra. Maria Armanda do Nascimento Arruda
VICE-DIRETOR: Prof. Dr. Paulo Martins

COMISSÃO ORGANIZADORA
COORDENAÇÃO GERAL: Mário Eduardo Viaro
PRODUÇÃO GRÁFICA: Érica Santos Soares de Freitas
EDIÇÃO, PREPARAÇÃO E REVISÃO: Érica Santos Soares de Freitas

ARQUIVOS DO NEHILP
Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa
www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp
arquivosdonehilp@usp.br

CONSELHO EDITORIAL:

Aldo Luiz Bizzocchi	Marco Dimas Gubitoso
Artur Costrino	Margarida Maria Taddoni Petter
Bruno Oliveira Maroneze	Mariana Giacomini Botta
Carlos Eduardo Mendes de Moraes	Maria Filomena Gonçalves
Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa	Mário Eduardo Viaro
Daniel Kölligan	Martin Becker
Elis de Almeida Cardoso Caretta	Michael J. Ferreira
Érica Santos Soares de Freitas	Nelson Papavero
Federico Corriente	Nilsa Areán-García
Francisco da Silva Xavier	Paulo Chagas de Souza
Graça Maria Rio-Torto	Phablo Roberto Marchis Fachin
José Marcos Mariani de Macedo	Safa Alferd Abou Chahla Jubran
Joseni Alcântara de Oliveira	Sandra Aparecida Ferreira
Mamede Mustafa Jarouche	Sílvio de Almeida Toledo Neto
Maria Clara Paixão de Sousa	Solange Peixe Pinheiro de Carvalho
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida	Valéria Gil Condé
Marcelo Módolo	Volker Noll

ISBN 978-85-7506-370-5
ISSN 2318-2032
DOI 10.11606/9788575063705

Arquivos do NEHiLP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp

Volume 19: 1-133, 2019.

ISBN 978-85-7506-370-5

ISSN 2318-2032

DOI 10.11606/9788575063705

Nelson Papavero

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
Pesquisador Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico (CNPq)

OS “BRASIS”: SUAS LÍNGUAS E SEUS INTÉRPRETES, EM FONTES PORTUGUESAS DOS SÉCULOS XVI, XVII e XVIII



Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP)
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)
Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo
2019

RESUMO

Os *termini a quo* e referências subsequentes aos termos “Brasis”, “Turgimão”, “Intérprete” e “Língua”, “Línguas do Brasil” e “Língua Brasileira”, assim como seus sinônimos e suas variantes, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, são contemplados nesta obra. O termo “Brasis” foi aplicado aos aborígenes brasileiros da família Tupi. Para o termo “Turgimão” é apresentada a etimologia. As referências a este último termo, assim como para seus sinônimos “Intérprete” e “Língua”, na literatura de língua portuguesa referente ao Velho Mundo, são incluídas. O termo “Línguas do Brasil” foi utilizado para designar os intérpretes ou tradutores das línguas tupis. Finalmente, o termo “Língua Brasileira” era aplicado às línguas da família Tupi (principalmente o Tupinambá) e à língua Kariri (tronco Macro-Jê).

Palavras-chave: Brasis, Turgimão, Intérprete, Língua, Línguas do Brasil, Língua Brasileira, sinônimos, variantes, séculos XVI, XVII e XVIII, *termini a quo*.

ABSTRACT

The *termini a quo* and further references to the terms “Brasis”, “Turgimão”, “Intérprete” and “Língua”, “Língua do Brasil” and “Língua Brasileira”, as well as to their synonyms and variants, during the 16th, 17th and 18th centuries, are contemplated in this work. The term “Brasis” was applied to Brazilian aborigines of the Tupi family. For the term “Turgimão” the etymology is presented. References to that term, as well as to its synonyms “Intérprete” and “Língua”, in the Portuguese language referent to the Old World, are included. The term “Línguas do Brasil” was used to designate the interpreters or translators of Tupi languages. Finally, the term “Língua Brasileira” was applied to the languages of the Tupi family (especially the Tupinambá) and to the Kariri language (Macro-Jê group).

Keywords: Brasis, Turgimão, Intérprete, Língua, Línguas do Brasil, Língua Brasileira, synonyms, variants, 16th, 17th and 18th centuries, *termini a quo*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A EXPRESSÃO “BRASIS” APLICADA AOS ABORÍGENES BRASILEIROS	13
1.1 VARIAÇÕES DO TERMO “BRASIS”	13
1.1.1 1546 – BRASYS – Pedro de Campos Tourinho	13
1.1.2 1553 – BRASIS – Fernão Lopes de Castanheda	17
1.1.3 1563 – BRASIJS – Ioam de Barros	19
1.1.4 1566 – BRASIS – Damiam de Goes	19
1.1.5 1584 – BRAZYS, BRASIS, BRAZIS – José de Anchieta, S. J.	20
1.1.6 1596 – BRAZÎS, BRAZIL – Gaspar Affonso, S. J.	20
1.1.7 1604 – BRAZIS – Melchior Estacio do Amaral	20
1.1.8 1605 – BRASIL, BRASIS – Fernão Guerreiro, S. J.	21
1.1.9 1609 – BRASIJS – Fernão Guerreiro, S. J.	22
1.1.10 ca. 1619-1621 – BRASIS – Memorial dos Capuchos do Pará a Respeito dos Índios	23
1.1.11 1621 – BRASIJS – Luis Figueira, S. J.	24
1.1.12 1645 – BRASIS – Balthasar Tellez, S. J.	25
1.1.13 1647 – BRAZIS, BRAZÎS – Balthezar Telles, S. J.	25
1.1.14 1663 – BRASÎS, BRASÎS – Simam de Vasconcellos, S. J.	26
1.1.15 1666 – BRASIJS – George Cardoso	28
1.1.16 1672a – BRASIS – Simam de Vasconcellos, S. J.	28
1.1.17 1672b – BRASIS – Simam de Vasconcellos, S. J.	30
1.1.18 1686 – GENTIO BRASIL – Bertholameu de Leam, S. J.	30
1.1.19 1712 – BRASIS – Raphael Bluteau	31
2 SOBRE INTÉRPRETES, TURGIMÕES¹ e LÍNGUAS E OS “LINGOAS NO BRASIL”	33
2.1 SOBRE INTÉRPRETES, TURGIMÕES E LINGOAS – ESCRITOS RELATIVOS AO VELHO MUNDO	33
2.1.1 Século XIV – TORGIMAM, ENTREPETAR, ENTREPETADOR – Anônimo (<i>Historias d’abreviado Testamento Velho</i>)	34
2.1.2 1419 (setembro) – LYMGGOA – D. Pedro de Meneses	35
2.1.3 Entre 1433 e 1438 – ENTREPETAR, ENTREPETADOR – Infante D. Pedro, Duque de Coimbra	35
2.1.4 Entre 1431 e 1440 – LINGOA (Coronica do Condestabre)	35
2.1.5 Meados do século XV – TORGIMOM – Frei João Álvares	36
2.1.6 1449 – ENTREPETAR – Dom Sancho	36
2.1.7 1465 – TURGIMÃO – Dom Afonso V	36
2.1.8. Início do séc. XVI – LINGOA, ENTREPETAR, INTREPETES – Ruy de Pina	37
2.1.9 1506 (16 de novembro) – LYMGUOA, LIMGOA – Gaspar da India	38

¹ Para a variante “Truxamante” ver 2.2.14.

2.1.10 1508 (2 de fevereiro) – LINGUA – Affonso de Albuquerque	38
2.1.11 1508 (15 de fevereiro) – LINGOA – Affonso de Albuquerque	38
2.1.12 1510 (?março) – LINGOA – Affonso de Albuquerque	39
2.1.13 1512 (4 de dezembro) – LINGOA – Gaspar Pereira	39
2.1.14 1513 (4 de dezembro) – LYMGUA – Affonso de Albuquerque	39
2.1.15 1514 (1º. de dezembro) – LYMGOA – Diogo Fernandes de Beja	39
2.1.16 1515 – LINGOA – Anônimo	39
2.1.17 1515 (14 de outubro)- LINGUA – “Trelado de acto que se fes antre Matheus embaixador do preste e duarte galvão embaixador dellRey nosso senhor”	40
2.1.18 1516 – TURGIMÃO – Garcia de Resende	40
2.1.19 1520 (2 de novembro) – LINGOA – Pedro Gomes Teixeira	40
2.1.20 1521 – LINGOA – Diogo Lopes de Sequeira	40
2.1.21 1524 (1º. de janeiro) – LYMGOA – Jorge de Albuquerque	41
2.1.22 1527 – LYMGOA – Luiz Sacoto	41
2.1.23 1541 – LYMGOA – Antonio Leite	41
2.1.24 1543 – ENTREPETADOR, TURGYMAÃES – Gomes Eannes de Azurara	42
2.1.25 1545 – LINGOA – Garcia de Resende	42
2.1.26 1549 (30 de maio) – LYMGOA – Affonso de Noronha	43
2.1.27 1540 – LYNGOA – Francisco de Sequeira	43
2.1.28 1551 – LINGOA – Fernão Lopes de Castanheda	43
2.1.29 1552 – LINGUA – João de Barros	45
2.1.30 1552 – LINGOA – Fernão Lopes de Castanheda	48
2.1.31 1553 – LINGOA – Fernão Lopes de Castanheda	50
2.1.32 1554 – LINGOA – Fernão Lopes de Castanheda	51
2.1.33 1554 – LINGOA – Manoel de Mesquita Perestrello	52
2.1.34 1557 – LINGOA – Manoel Rangel	55
2.1.35 1561 – LINGOA – Henrique Dias	56
2.1.36 Antes de 1561 – LINGOA – Gaspar Correa 1562	57
2.1.37 1565 – TRUSIMÃO – Mestre Affonso	57
2.1.38 1566 – LINGOA – Damiam de Goes	58
2.1.39 1569 – LINGOA – Gabriel Rebello	58
2.1.40 1577 – TURGIMÃO – Frei Jerônimo de Ramos	58
2.1.41 1580 (3 de janeiro) – LYMGOA – Antonio Gouveia	59
2.1.42 1581 (25 de novembro) – LINGOA – João de Faria	60
2.1.43 1585 – LINGOA – Manoel Godinho Cardozo	63
2.1.44 1592 – TURCIMÃO – Frei António Soares de Albergaria	64
2.1.45 1594 – TURCIMÃO, TORCIMÃO, INTERPRETE, LINGUA – Frei Pantalhão do Aveiro	64
2.1.46 Séc. XVI – JNTERPETE – Inquisição de Lisboa	66
2.1.47 1602 – LINGOA – Diogo do Couto	67
2.1.48 1605 – LINGOA – Filipe II de Portugal	67
2.1.49 1605 – LINGOA – Fernão Guerreiro, S. J.	67
2.1.50 1607 – LINGOA – Fernão Guerreiro, S. J.	68
2.1.51 1611 – LINGOA – Fernão Guerreiro, S. J.	68

2.1.52	1613 – LINGUA – Filipe II de Portugal	68
2.1.53	1615 – LINGUA – Petição dos gancares mores de Salsete de Goa	69
2.1.54	1620 (24 de março) – LINGOA – Filipe II de Portugal	69
2.1.55	1622 (15 de fevereiro) – LINGOA – Fernão d’Albuquerque	69
2.1.56	1622 (23 de fevereiro) – LINGOA – Francisco Travassos Prego	69
2.1.57	1623 (24 de fevereiro) – LINGOA – Lourenço de Souza Lobo	69
2.1.58	1624 (20 de janeiro) – LINGOA – Conde Almirante (Dom Francisco da Gama)	70
2.1.59	1624 (20 de março) – LINGOA – Filipe III de Portugal	70
2.2	OS “LINGOAS” NO BRASIL	70
2.2.1	1546 – LINGOA – Pedro de Campos Tourinho	70
2.2.2	1548 (17 de dezembro) – LINGOAS – D. João III	71
2.2.3	1549 (14 de abril) – LINGOAS – Carta de Duarte Coelho	71
2.2.4	1551 – LINGOA – Fernão Lopes de Castanheda	71
2.2.5	1556-1557 – LINGOA – Manuel da Nóbrega, S. J.	72
2.2.6	1557 (1º de janeiro) – LINGUA – António Blazquez, S. J.	72
2.2.7	1557 (10 de junho) – LINGUA – Antonio Blazquez, S. J.	73
2.2.8	1557 (2 de setembro) – LINGOA, LINGOA DO BRASIL – Manuel da Nóbrega, S. J.	73
2.2.9	1559 (?fevereiro) – LINGOA – António de Sá, S. J.	74
2.2.10	1560 (13 de setembro) – LINGUAS – João de Mello, S. J.	74
2.2.11	1560 (15 de setembro) – LINGUAS – Ruy Pereira, S. J.	74
2.2.12	1562 (8 de março) – LINGUA BRASÍLICA – Antonio Blasquez, S. J.	74
2.2.13	1562 (10 de junho) – LINGOA – Brás Lourenço, S. J.	75
2.2.14	1587 – LINGUA – Gabriel Soares de Souza	75
2.2.15	1605 – LINGOA – Fernão Guerreiro, S. J.	76
2.2.16	1614 – TRUXAMANTE, LINGOA – Jeronymo de Albuquerque	76
2.2.17	1621 – LINGUAS – Luis Figueira, S. J.	78
2.2.18	1627 – LINGOA, INTERPETRE, LINGOA DO BRAZIL, LINGUA – Frei Vicente do Salvador	78
2.2.19	1663 – LINGOA BRASÍLICA [sic], LINGOA, LINGOA DO BRASIL, LINGOAS DOS INDIOS – Simam de Vasconcellos, S. J.	80
2.2.20	1672 – LINGOA DO BRASIL – Simam de Vasconcellos, S. J.	81
2.2.21	1698 – LINGUAS – Luis Vincencio Mamiani, S. J.	82
3	OS DOIS SENTIDOS DE “LÍNGUA BRASÍLICA”	84
3.1	O TUPINAMBÁ E OUTRAS LÍNGUAS TUPIS DA COSTA DO BRASIL	86
3.1.1	1550 (28 de março) – LINGUA BRASÍLICA – João de Azpilcueta Navarro, S. J.	86
3.1.2	1556 (4 de agosto) – LINGUA BRASÍLICA – Antônio Blasquez, S. J.	87

3.1.3 1557 (1º. de janeiro) – LINGUA BRASILICA – Antonio Blazquez	87
3.1.4 1557 (abril) – LINGUA BRASILICA – Antonio Blazquez	88
3.1.5 1557 (10 de junho) – LINGUA BRASILICA – Antonio Blazquez, S. J.	88
3.1.6 1559 (13 de junho) – LINGUA BRASILICA – António de Sá, S. J.	88
3.1.7 1559 (10 de setembro) – LINGUA BRASILICA – Antonio Blazquez, S. J.	89
3.1.8 1560 (13 de setembro) – LINGUA BRASILICA – João de Mello, S. J.	89
3.1.9 1560 (15 de setembro) – LINGUA BRASILICA – Ruy Pereira, S. J.	89
3.1.10 1561 (23 de setembro) – LINGUA BRASILICA – Leonardo do Valle, S. J.	90
3.1.11 1562 (8 de março) – LINGUA BRASILICA – Antonio Blazquez, S. J.	90
3.1.12 1564 (30 de maio) – LINGUA BRASILICA – Antonio Blazquez, S. J.	91
3.1.13 1583- LINGUA BRASILICA – Fernão Cardim, S. J.	91
3.1.14 Ant. 1591 – LINGUA BRASILICA – Leonardo do Vale, S. J.	96
3.1.15 1609 – LINGUA BRAZILICA – Pero Rodrigues, S. J.	97
3.1.16 1613 – LINGUA DO BRASIL – Pero de Castilho, S. J.	98
3.1.17 1618 – LINGUA BRASILICA – Antônio de Araujo, S. J.	99
3.1.18 1621- LINGUA BRASILICA – Luis Figueira, S. J.	100
3.1.19 1627 – LINGUA BRASILICA, BRASIL -Frei Vicente do Salvador	100
3.1.20 1645 – LINGUA DO BRASIL, LINGUA BRASILICA – Balthasar Tellez, S. J.	103
3.1.21 1647 – LINGUAGEM BRAZILICA, LINGUA BRAZILICA Balthazar Telles	103
3.1.22 Antes de 1650 – LINGUA DOS BRASIS – Frei Francisco do Rosário	104
3.1.23 1652 – LINGUA BRASILICA – George Cardoso	104
3.1.24 1669 – LINGUA BRAZILICA – Simam de Vasconcellos, S. J.	105
3.1.25 1663 – LINGUA BRASILICA, LINGUA COMMŪA, LINGUA DO BRASIL, LINGUA DOS BRASÍS, IDIOMA BRASILICO – Simam de Vasconcellos, S. J.	106
3.1.26 1668 – LINGUA DOS BRASIS – Pe. Simam de Vasconcellos, S. J.	108
3.1.27 1672 – LINGUA BRASILICA, LINGUA COMMUA DO BRASIL – Simam de Vasconcelos, S. J.	109
3.1.28 1686 – COMMUN IDIOMA DOS BRASIS, LOCUÇÃO BRASILICA, LINGUA BRASILICA, IDIOMA BRASILICO, LINGUA DO BRASIL – Bertholameu de Leam, S. J.	110
3.1.29 1686 – POEMAS BRASILICOS – Cristóvão Valente, S. J.	113
3.1.30 1687 – LINGUA BRASILICA, IDIOMA BRASILICO – Luis Figueira, S. J.	113

3.1.31 1687 – LINGUA BRASILICA – João Felipe Bettendorff, S. J.	114
3.1.32 1712 – LINGOA DOS BRASIS – Raphael Bluteau	115
3.2 A LÍNGUA KARIRI	116
3.2.1 1698 – LINGUA BRASILICA – Luis Vincencio Mamiani, S. J.	116
3.2.2 1699 – LINGUA BRASILICA – Luis Vincencio Mamiani, S. J.	116
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117

INTRODUÇÃO

Os *termini a quo* e referências subsequentes aos termos “Brasis”, “Turgimão”, “Intérprete” e “Língua”, “Línguas do Brasil” e “Língua Brasília”, assim como seus sinônimos e suas variantes, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, são contemplados nesta obra.

O termo “Brasis” foi aplicado aos aborígenes brasileiros da família Tupi.

Para o termo “Turgimão” é apresentada a etimologia. As referências a este último termo, assim como para seus sinônimos “Intérprete” e “Língua”, na literatura de língua portuguesa referente ao Velho Mundo são apresentadas.

O termo “Línguas do Brasil” foi utilizado para designar os intérpretes ou tradutores das línguas tupis.

Finalmente, o termo “Língua Brasília” era aplicado às línguas da família Tupi (principalmente o Tupinambá) e à língua Kariri (tronco Macro-Jê).

1 A EXPRESSÃO “BRASIS” APLICADA AOS ABORÍGENES BRASILEIROS

1.1 VARIAÇÕES DO TERMO “BRASIS”

1.1.1 1546 – BRASYS – Pedro de Campos Tourinho

Pedro de Campos Tourinho [Figura 1] nasceu em Viana do Castelo, Portugal, segundo se descobriu nos Autos da Inquisição; mas não se sabe a data, com certeza no fim do século XV; era filho de Gil Pires Tourinho e de Branca Casada. Casou com Inês Fernandes Pinta e tiveram três filhos, Fernão, Leonor e André. Tinha casa na rua do Tourinho ou Massadeira dos Frades, no frontispício da qual parece hoje haver uma caravela. Em 1517 Pedro do Campo exercia o ofício de Oficial da Misericórdia de Viana, estando isento de pagar a contribuição imposta pela Coroa para a construção da ponte sobre o rio Guadiana. Vivia nos arrabaldes do Campo do Forno (perto da porta da Ribeira). Dedicava-se à mercancia e navegação, mestre e senhorio de caravela que frequentava os portos do Norte europeu – em 1519, por exemplo, chegou de Flandres a Caminha carregada de panos. Não se fala dele durante a década seguinte por talvez andar a serviço da Coroa.

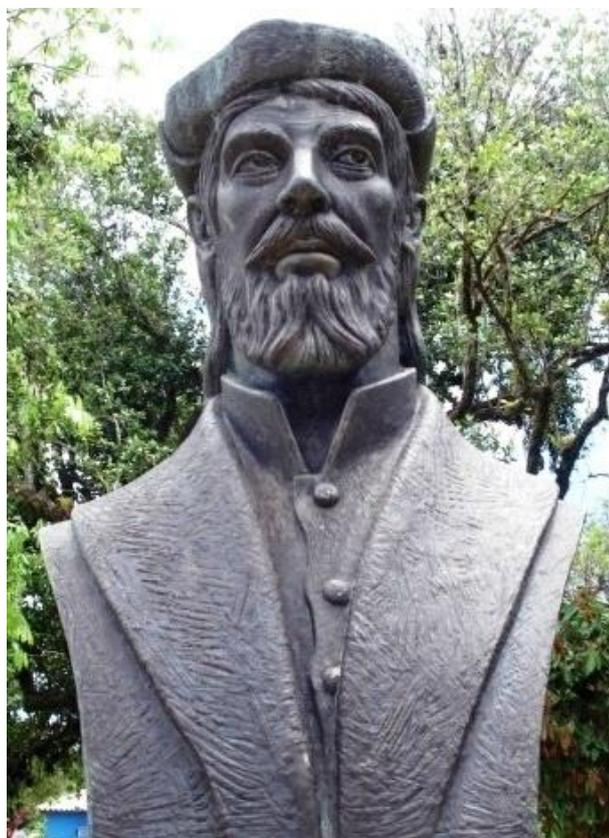


Figura 1. Pedro de Campos Tourinho. Busto em Porto Seguro, BA.

Em 27 de maio de 1534 foi agraciado com a capitania de Porto Seguro por D. João III, sendo o Foral passado em 23 de Setembro de 1534. A carta de candidatura de Pedro de Campos foi assinada em 27 de maio de 1534. A capitania de Porto Seguro era constituída por 50 léguas de costa entre os rios Mucuri e Poxim. Tinha solo de ótima qualidade para o cultivo da cana,

muitos rios e muita madeira pau-brasil. Tourinho viajou para o Brasil em 1535 para tomar posse e demarcar sua terra. Trazia umas 700 pessoas. Incluindo parentes, padres, pessoal administrativo, mestres e mareantes, oficiais de artes, agricultores sobretudo do Norte, exploradores de açúcar. Teria vendido o que possuía em Viana, adquirido quatro naus e duas caravelas, animais, sementes, provisões.

Viveu em Porto Seguro 11 anos e lá deixou a marca de seu gênio pois construiu vilas, fortalezas, engenhos. Desbravou a terra, organizou a pesca, combateu os índios.

Primeiro, desbravou a terra e construiu vilas para alojar e defender os colonos. Declarará, mais tarde, ter levantado sete vilas, das quais as mais importantes foram Porto Seguro, Santo Amaro e Santa Cruz. Pobres povoações, cabanas feitas de barro e varas de madeira com telhados de palha, sendo defendidas por estacadas contra os índios. Só mais tarde apareceriam as construções de cal, pedra e madeira, os edifícios públicos, igrejas e casas melhores dos que iam enricando. Na região situada junto do rio ou mar, a Ribeira, havia o porto e algum modesto estaleiro; na parte mais elevada da povoação, a Cidade Alta como é hoje chamada, as casas de habitação e comércio e a vista esplêndida para o Oceano azul. Outra preocupação do donatário foi distribuir o máximo de terras como sesmarias para fazer crescer a riqueza, proporcionar sustento aos colonos e afastar o inimigo.

Em 1535 transferiu a chamada Aldeia Velha para o atual sítio de Santa Cruz Cabrália, elevando-a a vila. Edificou em cada vila uma igreja e contratou capelães: para Porto Seguro, o francês padre Bernardo de Aureajac; para S. Amaro, frei Jorge (um capuchinho). Os Padres João Camelo Pereira e Pero Rico eram beneficiados na capital; João Bezerra, vindo fugido da Baía, entrou em conflito com o donatário. Em 1546, viviam na capitania sete clérigos.

As atividades eram agricultura, com algum gado, açúcar; abate de pau-brasil; pesca e pouco comércio. Em 1545, construíam-se dois engenhos de água. Havia dois juízes e vereadores, alcaide, almotacés e quadrilheiros. Em 1546 já eram grandes as preocupações dos povoadores. Pero do Campo escreveu ao Rei, carta de 28 de julho na qual cita a revolta e ataques dos índios, como na Baía, que se despovoou, por isso. Alertou o Rei para os franceses cada vez em maior número, em aliança com os nativos, roubando artilharia e pau-brasil. Pero do Campo sugere ao rei nomear Manuel Ribeiro capitão da costa, enviar depressa armas, munições, navios, soldados e marinheiros. As preocupações defensivas eram grandes, pois os índios continuavam a matar, a destruir povoados. Talvez sua carta tenha levado o rei, com outras informações semelhantes, a instituir o Governo Geral central na pessoa de Tomé de Sousa, escolhendo uma capital e enviando auxílio militar. Mais tarde, quando Tourinho partiu, Tomé de Sousa nomeou Duarte Lemos para a capitania, que esboçou planos de recuperação e começou a pensar em ouro.

Tourinho, portanto, chegara disposto a triunfar e percebeu que só o trabalho duro, permanente, conduziria a seu sonho de capitão-donatário. Claramente tinha temperamento irascível e conflituoso. Manifestava vocação de marinheiro, habituado a lidar com o mar, enfrentando as tempestades; não era administrador e político. Faltava-lhe espírito de tolerância, diálogo e concertação. Duarte Lemos, que o sucedeu na Capitania, chama-o “hum grão ribaldo”, desbocado ou língua solta. Governava a Capitania como quem dirigia uma caravela. Revelava o mesmo vozeirão, impetuosidade e severidade.

Quando atacado como blasfemo, herege e desrespeitador das normas da moral, declarou que “tudo dyzia pera anymar os homens, que trabalhassem, pera que ha terra se povoase e se fizese, o que era necessario, e se aumentasse a fée católyca”. Grande inimigo do trabalho seriam os domingos e dias santos, que deveriam ser extintos pois desbravar terras exigia esforço. Desde 1540 o Vigário o vinha acusando de obrigar escravos e criados a trabalharem nos dias de guarda e respondia com provocações. Dizia acumular mais méritos do que apóstolos e profetas, porque o trabalho representava maior sacrifício do que o martírio e estes pouco ou nada haviam trabalhado. Propôs a mudança da festa do *Corpus Christi* de Quinta-feira para Domingo. Tinha

uma fé iconoclasta e condenava imagens de santos nos altares, à exceção do crucifixo. Concluía: “o brasill hera terra nova e que a querya povoar e que desem hos santos todos de devoçom e nom de guarda”.

Desejava um Deus a protegê-lo, livrando-o de todos os perigos e incúrias, e uma corte de santos a trabalhar nas suas glebas. Por isso, exclamava: “trabalho com as minhas forças, sem ajuda de Deus, e não me dá da sua graça”. Dizia preferir o Deus dos turcos e muçulmanos do que o Deus dos Cristãos, que lhe enviara chuvadas tão intensas, que lhe destruíram um tanque e engenho. Auxiliou mais os judeus, com o maná, do que a ele que era cristão. Não estava de bem com quatro santos: S. Antônio, porque lhe fugiram vários escravos e não havia meio de os encontrar, negando-lhe assim velas e esmolos; S. Martinho, francês, não devia ser guardado; S. Luzia, a quem mandou erguer um altar na igreja mas não lhe valia nos problemas de vista de que padecia; S. Amaro, a quem dedicara uma ermida, mas que, na prática, “valia mais uma cuspidela na perna de um aleijado” do que a sua intercessão.

Outro grande defeito era sua tendência anticlerical. As testemunhas do processo na Inquisição confirmaram que dizia que o papa casava e descasava por dinheiro; que os cardeais e bispos eram sodomitas, tiranos e gananciosos. Chamava os padres de velhacos, bêbados. Atacava o vigário de Porto Seguro por causa dos dias santos. Espancou o padre João Bezerra (com fama de intrigante e imoral, tomara parte no derrube do capitão Francisco Pereira, da Bahia). Acusou frei Diogo, franciscano, capelão na Vila de S. Amaro, de querer mandar mais que ele. Sentado numa árvore caída, via o povo acudir à igreja ao toque do sino, e disse que “Frei Diogo tinha nas mãos o diabo e não o Corpo de Cristo”. Tudo isso era muito grave em Portugal no século XVI!

O povo se escandalizava com sua irreverência, sua língua. O vigário afirmou que “Todo o povo se queixava a elle, vigairo, das blasfémias e heresias que ho dyto Pero do Campo fazia e dyzia”. Não havia ainda inquisição no Brasil, mas no reino já. Desde 1540 o vigário de Porto Seguro ameaçava o capitão. Ao povo que o vinha acusar escandalizado, afirmava “que por ser capitão e estar longe de Portugal nom podia mais fazer que repreendê-lo e que mandarya a seu prelado hu estormento”.

Surgem em 1543 as informações de conflitos do donatário com seus colonos e, possivelmente, com os filhos. Em 13 de setembro foi denunciado como herege e blasfemo e foi escolhida uma comissão para a devassa pública. Integraram-na o padre Manuel Colaço, capelão do Duque de Aveiro, em Santa Cruz, “pessoa virtuosa e de muita autoridade e saber”, como inquisidor. O padre João Camelo Pereira, “pessoa de muito saber e confiança”, era o secretário. Os dois juizes ordinários compunham a mesa como assistentes: Pero Escórcio Drumond e Pero Anes Vicente. O procurador de Pero do Campo foi Clemente Anes, morador de Porto Seguro. Para tribunal, escolheu-se a igreja de N. Senhora da Penha. Estabeleceram-se 12 capítulos a que as 27 testemunhas convocadas deviam responder. Ouviram-se quatro fidalgos, três clérigos, dois camarários, três tabeliães, três mestres, um parente e onze tipos sem profissão. Os mais perigosos para o réu foram os três clérigos.

Em 28 de julho de 1546, Tourinho escreveu ao Rei. Narra o malogro do seu colega da Bahia, alude às suas próprias dificuldades com os *brasis* e com a tripulação de certa nau da França que prometera voltar com mais gente e navios, para recolher o pau-de-tinturaria nas matas e o algodão das roças.

Liderando sesmeiros, religiosos e estrangeiros que viviam na capitania, o Juiz Ordinário do Cível, Pedro Escórcio Drumond, acusou-o formalmente de heresia. Em 24 de novembro de 1546, encontrava-se preso na casa de Gonçalo Fernandes, à responsabilidade do povo, “pelo que comprya o serviço de Deus e a suas conscyencias como bons e fyéis christãos”. Em 29 de dezembro o processo ficou completo. Em 7 de fevereiro de 1547 o documento foi enviado para o prelado da Metrópole. Passados sete meses, em 17 de setembro de 1547, Pero do Campo já se encontrava a residir na rua do Poço, em Lisboa, declarando (quando lhe pediram mil cruzados

para satisfazer as custas da Inquisição) “que nom tinha quem o fiasse”, tal sua miséria e abandono. O tribunal o obrigou a hipotecar sua capitania, “que faça o sopricante hipoteca e obrigação gerall de sua fazenda, em especiall, da sua capitania e rendas della”.

Em 8 de outubro de 1547, na Casa do Despacho da Inquisição, prestou seu depoimento. Inteligente e arguto, negou o essencial das acusações importantes, mas reconheceu as menos importantes. Falou em seu trabalho e dinheiro gasto para implantar o cristianismo, fundando paróquias, erguendo oito igrejas, mantendo sete sacerdotes. Confessou-se cristão piedoso que frequentava os sacramentos, devoto aos santos e amigo dos padres. Repudiava o depoimento das testemunhas, considerando-as pessoas preguiçosas, amancebados, injustos, fugidas das justiças e cita mesmo o nome dos corruptos.

Apesar de absolvido, não teve licença para retornar ao Brasil. Não obstante os conflitos, carta do Ouvidor Pero Borges, de 1550, afirma que vivera os primeiros anos em harmonia com os Tupiniquins, doara sesmarias, uma das quais ao Duque de Aveiro, a quem concedeu licença para construir um engenho de açúcar, e fundara oito vilas. Contraíra grande dívida com a Fazenda Real, em decorrência das exportações de pau-brasil. Em 1559, a capitania seria vendida pelos seus herdeiros ao primeiro Duque de Aveiro, proprietário da fazenda e engenho Santa Cruz. Quando se encontrava em mãos de seu filho, D. Álvaro de Lencastre, sobreveio demorada e complicada questão judiciária relativa à herança da casa de Aveiro.

Não consta ter sido condenado. Tourinho morreu em Portugal em 1553, sepultado em Lisboa.

Aparentemente, a designação “brasis” aplicada aos aborígenes brasileiros surgiu pela primeira vez na *Carta de Pedro de Campos Tourinho escrita de Porto Seguro a D. João III*, datada de 28 de julho de 1546, em que “se dá conta dos sucessos da Bahia e de se achar em Porto Seguro o donatário Francisco Pereira Coutinho, e pede ao rei prover de artilharia, pólvora e munição de guerra o portador capitão de navio Manuel Ribeiro, por serem na terra muito pobres em quanto se não acabarem os engenhos”.

Esse documento é sumamente interessante, porque registra os três sentidos de “brasil”: o nome do país, o nome do pau-brasil e (no plural) o nome dos índios brasileiros.

O texto é o seguinte:

“Senhor. – A Baia capitania de Francisco Pereira Coutinho se despovoou per rezão do gentio dela lhe dar gera averá hum anno e ele se veyo aquy onde ora está sem nunca por nenhũa deligencia acerqua de a pouoar e ora sou enformado por hum Diogo Alvarez o galego **lingoa** que la era morador que daqui foy em hum caravellão á dita Baia que se fora dahy hũa não de França averia dous ou tres dias os quaes fizeram amizade com os **brasys** e levou toda a artilharia e fazenda que ahy ficou e concertaram com os **brasis** de tornar dahy a quatro meses com quatro ou cinco naos armadas e muita gente a pouoar a terra por causa do **brasil** e algodões que nela ha e redificarem as fazendas e engenhos que eram feitos e por o tal nam ser seruiço de Deus nem proveito de V. A. antes destruição de todo o **brasil** eu mandei ao dito Francisco Pereira por parte de V. S. logo se embarcasse pera esse Reino fazelo saber a V. S. e por nam ir o faço saber a V. S. e lhe mando hum estormento diso pera com brevidade prouer como for seu serviço.

E pera guarda e conservação do **brasil** e de toda esta costa fiz caa Manoel Ribeiro portador capitão do mar por ser pessoa auta e pera o tal abel e pertencente e pera o servir em cousas que cumpram a V. A. muito dilygente” (MALHEIRO DIAS, 1924: 266).

1.1.2 1553 – BRASIS – Fernão Lopes de Castanheda

Castanheda (1553: Livro Quinto):

Pp. xcvi-cviii (1833: 147-148):

<p>Capit. xvi. Das brigas que dō Luis d'guzmão ouue cō ho seu piloto, e de como os brasís ma- tarão pto de sessenta dos nossos.</p> <p>Passado isto mandou ho capitão ho mestre a ter- ra pera mādār fazer ho leme e leuou ho carpin- teiro alli ferido como estaua, e fo- rão coe le dous bombardeiros que leuarão dous berços com que fize- rão hũa estancia pera se defenderē se a gente da terra lhe quisesse fazer mal: e isto porque sabião que de sua natureza comē os estrangeiros. E começãdo se de fazer ho leme come- çou de crecer muyta gēte da terra/ que he da maneyra que ja disse no lí- uro primeyro, e auia aqui formigas muyto grãdes e peçonhētas, e cria- uão em arvozes em ninhos que hī fazião da feyção q̄ antre nos os fa- zē as andurinhas. Trazia esta gēte os mantimētos q̄ auia na terra, co- mo també cōtey a tras/ e dauãnos aos nossos por anzolos/ alfinetes e outras cousas baixas, e não auia quē os entēdesse se não por acenos,</p>	<p>e de cada vez crecião mais a ver os nossos e ho galeão: de q̄ se muyto espantauão mostrando q̄ nunca tal virão/ e conuerfauão com os nos- sos pacificamente e eles coeles/ e forão algūs a hũa pouoação q̄ esta- ua dali a hũa legoa. E auendo oyto dias que se isto cōtinuaua leuou ho piloto ho leme velho a terra pa lhe tirarem os ferros q̄ tinha pera ho nouo que se acabaua: e não podēdo os nossos alalo pola area em q̄ ato- laua muyto ajudar alhe duzentos Brasís mandando os a isso hū que os chamou cō hũa cabaça chea de pedras com que fez muyto grande rogido/ e destes auia muytos ātre aquela gente. E alado ho leme dēf- taua a estancia dos nossos foy se ho piloto onde staua ho arrayal dos Brasís que era de redes armadas sobre estacas ou presas a arvozes/ e nelas dormião. E vendo os Bra- sís hũa molher que ho piloto leua- ua todos se chegauão a vela como a coufa noua e dizião tumargatu q̄ parece que antre eles he palaura des- panto.</p>
---	--

P. cviii (1833: 149):

Estando comêdo
 chegou ho carpinteiro (que âdava
 ja em pé) do arrayal cõ outro nosso
 e disserão. Day ao demo esta gente,
 q̄ nos leuarão a hũa aruore em cujo
 pé auia hũa abelheira, e acenarã-
 nos que fizeseimos ho buraco môz
 do que era: e feyto cõ hũa machadã
 nba q̄ tirauão os fauos disserãnos
 que nos fossimos / e não querendo
 nos fazelo logo encararão bê cento
 os arcos em nos có as frechas em-
 bibidas, e por isso nos viemos. E
 dizendo mais que se despachassem
 dali e q̄ se acolhessem ao galeão, e q̄
 não fosse mais ninguê ao arrayal:
 cõtrariou lhes ho piloto / dizêdo q̄
 era muyto boa gête e pacifica. E a-
 cabãdo de comer tornou se ao arra-
 yal cõ certos do: nossos, do de dali
 a obra de hũa hora vê grande nu-
 mero de Brasís a correr e gritãdo
 trazêdo algũs as armas do piloto
 e de seus companheiros como que
 os deixauão mortos,

Pp. cii-ciii (Capítulo xviii: De como dõ Luys mandou enforcar cinco Portugueses: & do mais
 que fez: & de como deixou ho galeão e fugio) (1833a: 155):

e
 chegando á carauela disse ao senho-
 rio dela, que dom Luys de gusmão
 capitão daquele galeão por el rey d
 Portugal / que bía pera a Índia lbe
 mandaua hũa carta que lbe logo
 deu / em que dezia / que indo ele pe-
 ra a Índia arribara por lbe q̄brar
 ho leme q̄ fora fazer ao Brasil, onde
 os Brasís lbe matarão ho piloto
 e outra muyta gente, e por isso lbe
 fora forçado tornarse pera Portu-
 gal /

1.1.3 1563 – BRASIJS – Ioam de Barros

Em sua *Terceira decada da Asia*, BARROS (1563), no capítulo ix (fólio 76v), intitulado:

¶ Cap. ix. Do que paſſou hũa armáda de quatorze vellas capitã mór Iórge Dalboquerq, que o anno de quinbentos & dez anóue elrey dom Manuel mandou á India: & do que Diogo Lôpez de Sequeira niſſofez.

citou o seguinte trecho, em que se refere aos *brasijs*:

Seguin-
do este dō Luis sua viágem, quando foy na trauessã do cábo de Sancto Agustinhopera õ de Boa esperança, q̄ e a regular derrõta, deu lhe hũ tẽpo q̄ lhe quebrou o leme, & ficou tã sem corregimento q̄ lhe foy forçado arribar á terra de Sancta cruz do Brasil. Na qual parte per descuido q̄ teue estando em terra fazendo o leme : os Brasijjs lhe matará cinco eõta & tantos homées, em q̄ entrou o piloto. Vendose dō Luis cõ este defastre, q̄ elle ouue por boa fortuna, segundo seus maos propósitos, de q̄ já auia algũa notiçia, em palauras que ante tinha foltádo, como era homé á maneira de soldádo: affentou em seu peito dese tornar, & jrse pera Italia, & andar naquille arçepelego a toda roupa. E porq̄ se podesse melhor senhorear dos Portugueses q̄ ficará, fengio q̄ queria buscar as árcas de todos: dizédo q̄ tinha sabido q̄ dos defuntos q̄ os Brasijjs matará, muytos tinhã tomádo parte de sua fazenda.

1.1.4 1566 – BRASIS – Damiam de Goes

No primeiro capítulo da terceira parte de sua *Chronica*, fólhos 1v-2r, registrou GOES (1566):

Com estas cinco velas partio Diogo lopez d̄ Cochim, ahos xix Dagosto, & ahos xxj houue vista da ilha de Zeiland, donde começou á trauessar ho golfam pa Malaca, & passando has ilhas de Nicuar, foi ter á çidade de Pedir, que he na ilha de Samatra, aq̄ hos Cosmographos chamão Taprobana, ha qual he repartida em Regnos de Mouros, & Gentios, q̄ sam hos de Pedir, Paçé, Lira, Aché, Cápar, Manácabo, Zũda, Andraguir, & Aru, q̄ he dẽtro no sertã pouoado d̄ Gétios muito barbaros, q̄ quasi tem hos costumes dos Brasijjs, por que comem hos homés que captiuam na guerra.

1.1.5 1584 – BRAZYS, BRASIS, BRAZIS – José de Anchieta, S. J.

VARNHAGEN (1844b) editou o manuscrito *Enformação do Brazil, e de suas Capitánias*, de 1584, atribuído ao Pe. José de Anchieta.

Nele há três citações dos *brasis*:

P. 417:

“No mesmo anno de 1549 que chegou o P.^e Manoel da nobrega ao Brasil mandou o P.^e Leonardo nuz e o Jr. Diogo Jacome á capt^a de S. Vicente que he a ultima da costa onde foi recebido dos portuguezes como anjo ou apostolo de D.^s e vivendo elles dantes tam mal ou pior que os **Brasys** fizerão tam grande mudança de vida que ainda agora se enxerga naquella terra hũ nescio quid de mais virtude e affeição á comp.^a que em toda a costa por que tambem a vida do P.^e Leonardo nunez era muito exemplar e convertia mais cõ obras do que cõ palavras”.

P. 429 – só no título:

“Dos costumes dos **Brasis**”.

P. 434 – só no título:

“Dos impedimentos para a conversão dos **Brazis**, e depois de convertidos para o aproveitamento nos costumes e vida christã”.

1.1.6 1596 – BRAZÎS, BRAZIS – Gaspar Affonso, S. J.

Em sua *Relação* (Affonso, [1596] 1736: 322) consta:

Para lhes [aos tubarões] fazer pagar seos continuos roubos, rapinas, e ladroices, os tomaõ às vezes com huns anzoes, como cambos de ferro, que para isso levaõ, engastados em hum palmo de cadeya, por razaã de huma serra de tres ou quãtro ordens de dentes, que tem taõ fôrtes, e taõ agudos que servem, aos **Brazîs** de ferros em suas frêchas”.

E à página 331:

“Vimos outro animal, a quem os **Brazis** chamaõ Zátûs [sic], ao qual a natureza armou de coçolete, espaldar, coxetes, manoplas, a todas as mais peças com que a arte depois aprendeo a armar hum homem de ponto em branco; e se Deos, e a natureza não fazem couza de balde, como Aristóteles diz, bem pudèra entrar entre seos Problemas este: Porque a natureza armaria a este animal com taes armas? ou porque lhe estimaria, ou guardaria tanto a vida, para lha segurar tanto nas garras?”.

1.1.7 1604 – BRAZIS – Melchior Estacio do Amaral

Em seu *Tratado das batalhas, e successos do Galeão Santiago*, escreveu Amaral [1604] 1736: 502):

“Recolherão a gente com assaz alegria, que não esperavaõ taõ breve soccorro. Embarcãrãõ-se todos dando fim àquelle desterro, mas não aos trabalhos, porque apartando-se as caravelas, com o tempo, a do Capitão mòr vio terra por lugar que não foy conhecida, e lançado ferro onde se via huma Cruz, sem o barco poder hir a ella, por estar o mar roleiro de travessia, prometteo o Capitão mòr cincoenta cruzados a quem se atrevesse hir a nado

reconhecer a terra, como foy hum Soldado, que sabia a lingoa dos **Brazis**, o qual sahindo a nado em terra ficou nella , porque aquella noite apertou tanto o vento , q' quebrou a amarra à caravêla, e a constringeo hir na volta do mar, e o mesmo fez em outra parte à outra caravêla, que tambem deixou em terra a D. Manoel de Lacerda, e Joaõ Pereira, os quaes caminhando atrás, foraõ ter com o Capitão mòr ao Rio Grande, onde ambas as caravelas se ajuntãrãõ , e onde veyo ter o Soldado, que ficara em terra a noite passada, contando os trabalhos que passára em escapar aos **Brazis**, que lhe occorreràõ”.

TRATADO DAS BATALHAS, E SUCESSOS DO GALEAÕ SANTIAGO

*Com os Olandezes na Ilha de Santa Elena,
E da Nao Chagas com os Inglezes
entre as Ilhas dos Açores:
Ambas Capitãncias da Carreira da India; e da
causa, e desastres, porque em vinte annos se
perdêrãõ trinta e oito Naos della.*



ESCRITA POR
MELCHIOR ESTACIO DO AMARAL.

Figura 2. *Tratado das batalhas, e successos do Galeaõ Santiago* de Melchior Estacio do Amaral (1604).

1.1.8 1605 – BRASIL, BRASIS – Fernão Guerreiro, S. J.

Em sua *Relaçam annal* referente aos anos de 1602 e 1603 (GUERREIRO, 1605) consta:

Fólio 111r:

“Por todas estas està tam bem espalhada nossa compãnhia, em tres Collegios, que fundou el Rey Dom Sebastiam, que Deos tem: & sinquo cazas, entre brancos, & treze, ou quatorzes rezidencias em varias pouoações, & aldeas dos **Brazis**”.

Fólio 112r:

“Porem como os brancos Portugueses hiam pouoando a terra, & fazendo engenhos de asuquer, & fazendas: & para isto tinhã necessidade de muytos trabalhadores, começarãõ de lansar mão dos naturais da terra, & o q' pior he, acatualos [sic], & fazellos escrauos, ferrandoos, & vendendoos para diuersas partes da mesma prouincia. Pello que os pobres **Brazis**, como de sua natureza saõ tristes, & coitados, entraram em tamanha malenconia, que os mais delles morreram, & se consumiram: outros fogiram polla terra dentro: & não pararãõ se não dali acento [sic], & duzentas leguos [sic], & deixaram afralda [sic] do mar despouada”.

“E com tudo isto, ainda depois, que os padres os trazem do sertam, os brancos os andam a saltar, & furtar sem os padres lhos poderem defender, & algumas vezes os mesmos brãcos, se fingẽ, & vestẽ em trajo de padres atẽ fazerẽ coroas nas cabeças para q’ opareção [sic] de todo; & se vaõ ao sertam, as aldeas dos **Brasis**, dizendolhe que saõ padres para os enganarem, & se vivem com elles, como per vezes vierão, cuidando que vinhão com padres, & depois que os tem iunto do mar, os amarram, & repartem entre si, & leuam cada hum para seus engenhos, & fazendas”.

Fólio 112v:

“...de modo q’ se os padres não forão nem hũ sò Indio **Brasil** ouuera oje em toda aquella costa; porque todos já foram, ou consumidos, ou fogidos; & metidos pollo sertão; nem tambem o próprio estado do Brasil se pudera conseruar. Mas a paciencia dos padres por hũa parte, em lidarem com a cobiça dos brancos, & sofrerem suas perseguições, & calumnias, por acodirem, & deffenderem delles os pobres **Brasis**: por outra o cuidado paternal que delles tem como de gente tam desemparada, & incapaz...”.

Fólio 113r:

“CAPITVLO II.
Do respeito, & sojeição grande q’ os Brasis tem aos padres, & do muyto que os padres que com elles tratam, ajudão ao estado temporal.

Ainda que os **Brasis** de sua natureza sam tam boçaes & agrestes, todauia, como nam ha feras tam brauas, q’ com boas obras se nam venhaõ a abrandar, & domesticar; estas que agora acabamos de dizer, que os padres continuamente fazem aos **Brasis**, lhos tem tam sogeytos & domesticados, que nam sabemos de naçam algũa outra, que da gẽtilidade se tenha conuertido, que mais amor lhe mostre & mais sogeyta & obediente lhe seja: de modo que nam somẽte, os que ja saõ christaõs, se não tambẽ os que ainda estaõ gẽtios & viuem pellos matos do Sertam polla fama, que là tem dos padres, lhe tem o mesmo respeyto”.

“Foy là Martim Leytam por mandado do governador, com gente de guerra, leuou cõsigo os padres, & estando os **Brasis** fortificados nũa forte cerca, sem se quererem render, nem os nossos os poderem entrar: eis que hũ padre nosso, que sabia bem a lingoa, & era muy animoso, confiado em Deos, salta por cima da cerca dos imigos...”.

1.1.9 1609 – BRASIJS – Fernão Guerreiro, S. J.

Em sua *Relaçam annal das covsas que fezeram os Padres da Companhia de IESV nas partes da India Oriental, & em algũas outras da conquista deste reyno no anno de 606. & 607*, o Pe. GUERREIRO (1609: fólhos 200v-201r), ao tratar das “Cousas do Brasil”, publicou um resumo de uma carta escrita pelo Pe. Jerônimo Rodrigues, S. J., em 11 de agosto de 1606², relatando sua missão aos Carijós³:

“Outra carta⁴ escreueo este mesmo padre em onze de Agosto de 606. em que diz assi. Ficamos sós entre estes Carijos sem termos nem quẽ nos ajude á missa senão hum ao outro [referência a João Lobato, S. J.]. O nosso comersinho quãdo o temos, nós o fazemos: nós lauamos nossa pobre roupa quando he necessario: nós lançamos as tombas nos nossos çapatos com muita alegria, & com nunca termos aprendido o officio o fazemos muito bem. Os Indios aqui saõ poucos, os brancos muitos que os vem buscar, que por essa causa não temos feito quanto pretendiamos, pelo impedimento que nelles temos. Com tudo ja temos aqui juntos passante de duzentas almas, a

² Essa carta foi publicada na íntegra por LEITE (1940b: 196-246, com comentários) e LEÃO (1948).

³ Um amplo relato da missão dos padres Jerônimo Rodrigues e João Lobato foi publicado por DV IARRIC (1614: 481-486).

⁴ Escrita na Lagoa dos Patos (*fide* LEITE, 1949b: 86).

que todos os dias pela manhã & à tarde fazemos a doutrina. Desque partimos de Santos sam vindos aqui quatro nauios ao resgate, & agora estão outros quatro em são Vicente, parece que por estarmos ca se dão tanta pressa, como se lhos nós vieramos tirar de casa: & em hum só barco que aqui está, em que não vem mais q' desoito brancos vem resgate para mais de trezentas peças: He lastima ver o que passa, & as pessoas co que alegaõ, como tambem participantes neste negocio, pera darem por licito tam ilicito resgate. E o peor he, que levado certo branco passante de quarenta Indios destes, deixou ca hum Indio ladino, o qual esta no lugar onde os braços vão resgatar, que forã daqui vinte legoas, & a todos os que se querem vir pera nós impede, dizendo q' não venhaõ, porque nós açoutamos, metemos no tronco, fazemos trabalhar de dia & de noite, & que os vimos agora buscar para levar ás minas de Piratininga; mas não he de espantar dizer isto hum Indio, pois os brancos o dizem tambem, & este he o fauor & a ajuda q' nelles temos na onuersaõ & remedio destas pobres almas, por onde não hamais que fazer, que ter paciência: atéqui a carta do Padre”.

Comentou então o Pe. GUERREIRO (1609: fólhos 201r-201v):

“Estes são os trabalhos que aquelles bõs padres padeceram nesta jornada, mas não se poderá referir o fim della, sem muito grande sentimento & escandalo de quem o ouuir: porque andando, & estando os padres neste desterro perto de tres annos, & vindo no cabo delles com estas duzêtas almas, pouco mais ou menos que aqui ajuntaram trazendoas em canoas por mar para as aposentare nas aldeas de outros Indios já Christãos, que os padres tem à sua conta na capitania do rio de Ianeiro: chegando à de Santos lhe sahio ao encontro hum homẽ poderoso cóm gente de armas, & como se fora hum salteador & pirata lhes tomou por força todos catiuandoos sem nenhũa justiça nem razão, & contra as leys de sua Magestade, & os meteo em ferros & vendeo como quis, fazendo sobre tudo aos padres muitas injurias & afrontas: & não cessando aqui seu desatino vendo que hum dos padres se embarcaua pera ir a outra capitania sospeitando que seria [sic] pera ir pedir socorro a quem lhe pudesse dar, o salteou com armas. & com a espada nua diante lhe impedio o caminho, & o fez tornar, o que tudo dizemos aqui, não por querermos desautorizar nossa gente Portuguesa, cuja piedade & Christandade Deos tomou por meyo pera bem & conuersaõ de tantas almas, mas pera que se veja a impiedade de algũs, & o estorno que os padres tem principalmente naquellas partes do Brasil, pera procurarem o remedio daquellas pobres almas, sem aproueitarem tantas leys quãtas sua Magestade tem feitas em fauor da liberdade destes pobresinhos **Brasijs**, & porq' os tristes não tem outro emparo, nem quem os defenda & acuda por elles senão os padres (pois se elles não foram ja hoje não ouuera hum só Indio viuo) sam por isto tam odiados & perseguidos com tantas calúnias, & falsidades quantas continuamente lhe leuantam & escreuem contra elles a sua Magestade & a seus ministros, ainda muitos dos mesmos que por rezaõ de seus officios tinham obrigaçam a defender a justiça das leys de sua Magestade, & a liberdade espirital & temporal dos pobres Indios senão fora o interesse & cobiça humana que tudo nega”.

Jerônimo Rodrigues, segundo LEITE (1949b: 86),

“Nasceu em 1552 em Cucanha (Lamego). Filho de pais nobres, Gonçalo do Vale e Margarida Fernandes. Entrou na Companhia em Coimbra aos 2 de Janeiro de 1572, tendo vinte anos de idade. Passou ao Brasil em 1575. Fez os últimos votos na Vila da Vitória (Espírito Santo) no dia 21 de Setembro de 1594, recebendo-os o P. José de Anchieta. Gastou a vida ao serviço dos Índios, cuja língua aprendeu. Homem de trato e estilo ameno, de zelo notável e amigo da perfeição religiosa. Faleceu quase octogenário na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo) em 1631.

E sobre João Lobato disse LEITE (1949a: 318):

“Nasceu cerca de 1546 em Lisboa. Entrou na Companhia, em 1563. Fez os últimos votos a 8 de Dezembro de 1586 no Rio de Janeiro. Grande missionário e sertanista, trabalhou com os carijós e Goitacases, e era tido por santo, ainda em vida. Faleceu no Rio de Janeiro a 20 de Janeiro de 1629”.

1.1.10 ca. 1619-1621 – BRASIS – Memorial dos Capuchos do Pará a respeito dos Índios

AMORIM (2015: 227) publicou um manuscrito encontrado na Torre do Tombo (Instituto dos Arquivos Nacionais):

[c. 1619-1621], S.l. – *Memorial dos Capuchos do Pará a respeito dos Índios*.

I.A.N./T.T., *Manuscritos da Livraria*, L.º 1116, fls. 593 ss.

“*Memorial que apresentam os religiosos Capuchos que ora estão no Pará, os quais pedem a Sua Majestade lhes mande dar resolução de como se hão-de haver no serviço de Deus e de Sua Majestade sobre algumas dúvidas que se lhes oferecem, a respeito dos índios, as quais são as seguintes*”:

À página 229 do livro dessa autora há a seguinte referência aos **brasis**:

3ª: El Rei D. Sebastião que está em glória, no ano de 1570 fez lei que os brasis não pudessem ser cativos, senão em guerra justa feita com autoridade sua, a qual lei, depois, no ano de 87 confirmou e estendeu um pouco mais El Rei D. Filipe I, mandando que nenhum brasil, pudesse ser cativo, senão tomado em guerra justa feita por ordem sua ou de seus governadores.

1.1.11 1621 – BRASIJS – Luis Figueira, S. J.

Informa-nos o Pe. LEITE (1949a: 234-235):

“**FIGUEIRA, Luís**. *Filólogo e Mártir*. Nasce cerca de 1575 em Almodóvar. Filho de Diogo Rodrigues e Mayor Revet. Entrou na Companhia com 17 anos de idade a 22 de Janeiro de 1592. Embarcou em Lisboa para o Brasil em 1602. Fez a profissão solene em Olinda a 21 de Setembro de 1611, recebendo-a Henrique Gomes. Mestre de Gramática, e dos Noviços, Ministro da Baía e Reitor de Pernambuco, em cujo Reitorado (1612-1616) se fundou a Confraria dos Oficiais Mecânicos, de que ficou Director concluído o governo do Colégio. Pregador estimado, e mestre da língua tupi, cuja *Arte*, escrita em Pernambuco, é considerada a mais perfeita da língua tupi-guarani. (...). Desenvolveu extraordinária actividade no norte do Brasil, na famosa viagem à Serra de Ibiapaba, e na fundação da Missão do Maranhão. E nas suas excursões ao norte chegou até o Rio Xingu. A característica do seu temperamento era a fortaleza de ânimo e a constância nas empresas difíceis. Tendo ido a Portugal, para estabelecer a Missão em bases seguras, superou os obstáculos que achou na Côte. E voltava à frente de uma grande expedição missionária, quando naufragou pouco antes de chegar à Cidade de Belém do Pará; e, segundo averiguações feitas pelo P. Antônio Vieira, foi morto pelos Índios Aruãs da Ilha de Marajó a 3 de Julho de 1643”.

LEITE (1940) também publicou um livro sobre o Pe. Figueira.

Em sua *Arte da lingua Brasilica*⁵ [Figura 3] (1621, no *Prologo ao Leitor*) consta:

“O gosto, & desejo, que sempre tive de saber esta lingua, pera ajudar a estes pobres **Brasijs**; & a falta, que avia de arte, pera ella se aprender, me obrigãrão a querella saber, & aprender de raiz por fundamentos, & regras, que busquei, consultandoas, & dandoas a examinar a Indios naturaes, & a Padres grandes linguas, nascidos, & criados entre os mesmos Indios do Brasil. E as mesmas rezoês acima ditas me obrigãrão, & algũs Padres, & irmãos curiosos de nossa Companhia, que tiverãõ noticia deste meu trabalho, me estimulãrão, & animãrão a tomar atrevimento, pera sair a luz com elle”.

⁵ A segunda edição (FIGUEIRA, 1687) foi editada por João Filipe Bettendorf. Uma edição brasileira foi feita por GUIMARÃES (1851). Um estudo sobre a rara primeira edição da *Arte* (1621) foi publicado por MAGALHÃES (2011).

ARTE DA LINGVA BRASILICA,

Composta pelo Padre Luis Figueira da Companhia de IESV, Theologo.



EM LISBOA.
Com licença dos Superiores:
Por Manuel da Silva.

Figura 3. Portada da primeira edição (1621) da *Arte da Lingua Brasilica* de Luis FIGUEIRA, S. J.

1.1.12 1645 – BRASIS – Balthasar Tellez, S. J.

Na *Chronica da Companhia de Iesv na Provincia de Portvgal* (TELLEZ, 1645: 492):

“O outro escolhido pera o Brasil, foy o Padre Francisco Pires, varãm verdadeiramente dos escolhidos de Deos, por seu grande exemplo, & estremada virtude, o qual trabalhou muito naquella Provincia, confessando, pregando, & ensinando os mininos, & ajudando os Indios, do modo que melhor podia, porque nam podendo tomar a lingoa da terra, se aproveitava de interpretes, por meyo dos quaes fez grandes serviços a Deos entre aquelles **Brasis**”.

1.1.13 1647 – BRAZIS, BRAZÍS – Balthezar Telles

Na *Chronica da Companhia de Iesv da Provincia de Portvgal* (TELLES, 1647) lê-se:

P. 307:

“Nam perderam os pescadores esta boa occasiam, alegramse primeyramente com a vista, & logo largãram as redes, & tomando os arcos começaram a empregar as setas naquella caça (que os **Brazis** com o mesmo gosto se cévam nas carnes destes animaes, que outras gentes em cabritos) acudio o P. Ioseph a esta matanca [sic], & mandou aos Indios que se contentassem com gozar do ridiculo espectaculo que faziam, por causa d’aquella morte, & falando com os monos lhe disse em lingoa Brazilica, que fizessem muyto à sua vôtade as exéquias dos seus defuntos...”.

P. 501:

“Pedio com instancia a Companhia, & nella foy recebido pelo P. Leonardo Nunes, na Capitania de S. Vicente: & desejando satisfazer com boas obras o mal que tinha feyto aos **Brazís**; antes persuadido q’ tinha o remedio de sua salvaçam em dar a vida por elles; cõ grande fervor lhes prégava a fé de Christo Senhor nosso; & como era muy corrête, & o melhor exercitado na lingoa da terra, descorria por hũa, & outra parte rompendo matos, atravessando rios, vadeando alagoas, cõ grandes trabalhos, com excessivas fomes, & intoleraveis calmas...”.

1.1.14 1663 – BRASÍS, BRASÌS – Simam de Vasconcellos, S. J.

LEITE (1949b: 173-174) forneceu os seguintes dados sobre o Pe. Simão de Vasconcelos:

“**VASCONCELOS, Simão de.** *Professor, Administrador e Cronista.* Nasceu cerca de 1596 na Cidade do Porto. Passou adolescente ao Brasil com pessoas de família. Entrou na Companhia com 19 anos em 1615. Fez a profissão solene na Baía no dia 3 de Maio de 1636, recebendo-a o P. João de Oliva. Sabia a língua brasílica. Mestre em Artes, Pregador e Professor de Humanidades e de Teologia Especulativa e Moral. Vice-Reitor do Colégio da Baía e Reitor do Colégio do Rio de Janeiro. Foi a Portugal em 1641 na Embaixada da Restauração. Procurador a Roma em 1662 e Provincial (1655). Teve considerável influência no Brasil do seu tempo, dentro e fora da Companhia como Visitador do Colégio de S. Paulo. Tomou parte preponderante nas controvérsias sobre o Engenho de Sergipe do Conde e o Visitador Jacinto de Magistris. Amigo da ostentação, visava ao grande e gastava à larga com as obras do culto e dos pobres. E, quanto mais gastava, diz a *ânua* que o conta, mais Deus lhe dava. Foi o principal promotor da construção da grande Igreja do Colégio da Baía, hoje catedral; e, embora obedecendo à mentalidade e métodos encomiásticos do tempo, deixou obra útil, que não destroem os sermões que encerra. Criador do ‘ufanismo’ brasileiro, com a teoria do ‘Paraíso na América’, e, dentro da América, no Brasil. Faleceu no Rio de Janeiro a 29 de setembro de 1671”.

Em sua *Chronica da Companhia de Jesu no Estado do Brasil* [Figuras 4-5] (VASCONCELLOS, 1663) há as seguintes passagens:

P. 151:

“Todas estas seruẽ de pão aos **Brasís**, & gente ordinaria dos Portugueses, & a juízo de muitos que corrêrão o mundo, abaixo de pão de Europa, não ha outro melhor”.

P. 182:

“Na Casa de S. Vicente meteo o Padre Luis da Gram este anno hum nouo modo de doutrina das cousas da Fé, por Dialogos de perguntas, & respostas (que já nas aldeas tinha metido entre os Indios) na lingoa Brasilica: & como naquellas villas os mais dos homens, & mulheres sabião esta lingoa, & este modo de Dialogos he mui conforme do fallar dos **Brasís**; foi pera ver o muito que contentou esta noua traça de ensinar...”.

P. 460:

“Pelos seus **Brasís** em particular, que de trabalhos não padeceo? Que agoas, que rios, que mares não passou? Que sertoes, que serras, q’ brenhas não atrauessou, por saluar suas almas?”.



Figura 4. Portada da *Chronica da Companhia de Iesv* do Pe. Simão de VASCONCELLOS (1663).



Figura 5. Alegoria da *Chronica da Companhia de Iesv* do Pe. Simão de VASCONCELLOS (1663).

1.1.15 1666 – BRASIJS – George Cardoso

No tomo III de seu *Agiologio Ivsitano*, CARDOSO (1666) registrou:

P. 77 (“Quinto de maio”):

“No mesmo dia, em Pernambuco, a gloriosa morte do Padre Luis da Gram, natural de Lisboa, que estudando Direito Ciuil na Vniuersidade de Coimbra, illustrado de superior luz, trocou as Cesareas leis, pelos dictames Euangelicos, fazendose alistar no famoso Collegio, que alli tem a Companhia de Iesv, onde por sua singular bondade, candidez de animo, e soauidade de costumes, breuemente foi anteposto a muitos varoẽs de excellentes letras, & virtudes, para Reitor delle. E depois de exercitar o cargo por 5. annos, cõ grande exemplo, prudencia, igualdade, & vigilancia, impetrou ancioso a missaõ do Brazil, a que os Superiores deferirão logo com effeito. Quam acertada foi esta eleição, mostrou depois a experiẽcia nas religiosas funcçoẽs, que a Obediencia lhe metteo em casa, principalmente no Prouincialado, em que procedeo com notavel satisfacção, assi dos subditos, para os quaes se mostraua amoroso pae, como dos **Brazijs**, de que foi verdadeiro Apostolo, & ministro Euãgelico, sendo tanta sua humildade, que chegando a noua do cargo, a denunciou a seus irmãos com muitas lagrimas, beijando primeiro os pés a todos”.

P. 413 (“Vigesimo sexto de Maio”)

“No Collegio da Companhia, em a Bahia de Todos Sanctos, o obito do P. Pedro da Costa, natural de Portela, Arcebisado de Braga, o qual gastou 70. annos na conuersaõ dos **Brasijjs**, trazendo com sua celestial doutrina, innumeraveis almas ao gremio da Igreja Catholica. & conhecimenro da verdade, adquirindo com este Apostolico officio para si grande copia de merecimento”.

P. 595 (“Nono de Junho”):

“Não podendo quantidade de robustos **Brazijs**, impór o jugo a hum brauo touro, Anchieta fazendo sobre elle o sinal da Cruz, mandou a hum menino, que com suas mãos lho puzesse, & logo obedeceo aquelle feroz animal, com espanto dos presentes”.

P. 597 (“Nono de Junho”):

“Quando começou a tratar com os **Brazijs**, gente barbara, lasciua, & deshonesta, sem pejo, ou vergonha algũa, porque andão nús, em sentindo Anchieta os remorsos, & stimulos da carne, aduertindo que o mal lhe podia entrar pelos olhos, recorria a Christo nosso bem, que lhos fechasse, o qual se dignou apparecerlhe, acompanhado de sua Sanctissima Mãe, & apagarlhe para sempre as chamas da sensualidade, para que não atassem, & offendessem sua chrystalina pureza”.

1.1.16 1672a – BRASIS – Simam de Vasconcellos, S. J.

Em seu livro *Vida do veneravel Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesv* [Figura 6] (VASCONCELLOS, 1672) consta:

P. 8:

“Quanto mais crescia o curso da viagem, tanto crescia o vigor de Ioseph [de Anchieta], no corpo, & no espirito: Elle era o que seruia aos companheiros, na cosinha, despensa, & mais officios necessarios, com summo cuidado, & amor. E não só aos Religiosos; a todos os Nauegantes seruia, como Irmaons. & como se ja começara a servir seus amados **Brasis**”.

P. 38:

“Foy ouuido dizer muitas vezes, que nam poderia alcançar perdam dos grandes males que tinha obrado contra os **Brasis**, senam empregandose todo em seu seruiço até morrer. Assi o cumpro; porque sinco annos que lhe restou de vida, foram outros tantos que teue de catiuo dos Indios”.

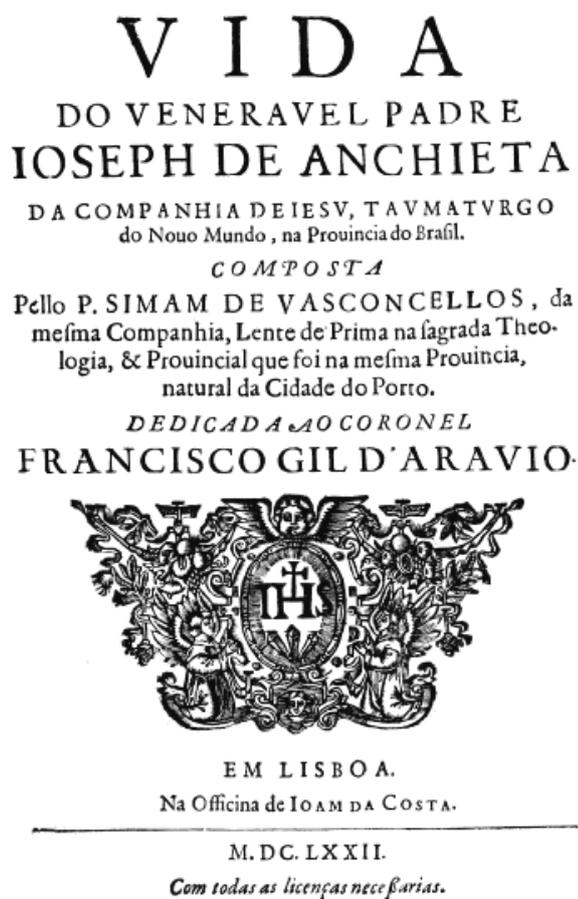


Figura 6. Portada da *Vida do Pe. Anchieta* do Pe. Simam de VASCONCELLOS (1672).

P. 182:

“Noutra missam encontraram os indios que o acõpanhauam, com huma cobra, Iararaca por nome, peçonhenta a maneira de bibora; lançaram a correr fogindo, que andam nûs, & facilmente sam mal tratados de sua peçonha maligna. Porém Ioseph [de Anchieta] ensinoulhes confiança que deuem ter os que seruem a Deos, chamou a cobra, obedeceo esta, veio à sua mão, & viram (couza espantoza) que afagaua, & regalaua àquelle bicho fero. & juntamête tomou occasiam de fazer pratica aos **Brasis**, que nam pode hauuer criatura tam fera, que nam obedeça á potêcia do Creador. Acabando a pratica, lançou huma bençam sobre a cobra, & a despedio com sinais de amigo...”.

P. 241:

“Foy o principio de sua viagem por mar, correndo a costa cento & vinte legoas, & desembarcaram na paragem, que chamam Iagoaribé: desta partiram por terra pera o sertam, a pé, estribados somente em seus bordoens, acompanhados de pouco numero de **Brasis** naturaes, alguns delles dos mesmos, a quem hiam prégar”.

P. 296:

“Nam pôdem explicarse os sentimentos de Ioseph [de Anchieta] em materia de saluaçam de todos os homens do mundo, especialmente **Brasis**...”.

P. 342:

“Reparadas algum tanto as forças, chegada successor pera á Caza, pouco depois parecendolhe estar com alento, ou leuado do amor de seus **Brasis**, por cujo remedio em toda a parte suspiraua, ouue de tornar a seus trabalhos, & occupaçoens mais prezadas”.

P. 349:

“Ouueram em fim de partir, formaram procissam com pompa funeral, Cruz alçada diante, o Padre Ioam Fernandes reuestido com alua, estola, & grande multidam de **Brasis**, postos em ordem, & em canto funebre...”.

P. 384:

“...mostrou bem o nosso Adam segundo [José de Anchieta], que dominaua o Elemento da terra, & seus animais, & chega a ser tam efficaz o dominio deste grande Padre sobre os animais, que he tradiçam constante nesta Prouincia que por sua intercessam ja mais se vio, ou ouuio que Religioso algum da Companhiaa de Iesu fosse mordido de bicho peçonhento; sendo estes Missionarios de todo o Brasil, & trilhando continuamente as matas, & campos tam abundantes desta praga nociua, & sendo sem numero os **Brasis** que morrem cada passo inficionados de sua refinada peçonha, donde costumam quando ham de roçar, ou caminhar por lugares sospeitos auesinharse aos Padres, por terem pera si que junto a elles nam tem que fazer animal venenoso. Portento na verdade tanto mais digno de admiraçam, quanto sam mais sem numero as occasioens de perigo em que se acham estes”.

1.1.17 1672b – BRASIS – Simam de Vasconcellos, S. J.

Em sua *Recopilaçam* (VASCONCELLOS, 1672b: 4) contou:

“As onças, & os tigres no caminho de Maricaa do Rio de Ianeiro nam sô obedeceram, mas ainda seruiram ao nosso Adam marauilhoso foram em guarda sua por todo aquelle despouaado mal seguro, por hum, & outro lado, (como, se sí a isso foram mandadas) até a caza, onde hauian de fazer noite, & não voltaram sem licença, & sua merecida porçam de comida, que Ioseph lhe lançou, despidindoas. Nas mesmas praias de Maricaa na celebre pescaria que alli fez, cheia tanto de peixes, como de milagres, com maior espanto dos **Brasis**, mandou as onças, que os vigiavam, que se retirassem, & nam assombrassem os pescadores; & obedeceram, mas porque estes dezejauam ver mais de perto aquelles animais, se pudesse ser sem perigo, disselhes juntamente, agora nam ha tempo accomodado, përa que estes meus companheiros vos vejam como quizeram, vinde vos outras quando voltarmos na canoa, que dahi vos veram. Cumpriram à risca todo o mandado, recolheramse por entam a suas brenhas, & quando voltauam na canoa, appareceram algumas dellas na praia aos que hiam correndo a ribeira, & dalli as viram de perto sem perigo, lançandolhes como em premio algum peixe para seu comer”;

1.1.18 1686 – GENTIO BRASIL – Bertholameu de Leam, S. J.

Segundo LEITE (1949a: 313):

“**LEÃO, Bartolomeu de.** *Missionário e Professor.* Nasceu pelo no de 1641 no Rio de Janeiro. Entrou na Companhia, com 17 anos, a 9 de Junho de 1658. Ensinou Letras Humanas em Santos no ano de 1663, e aí começou a ser Reitor em 1677, ano em que fez no mesmo Colégio, a 15 de Agosto, a profissão solene. Trabalhou com os Índios e sabia admiravelmente a língua brasílica. Faleceu a 8 de Março de 1715 no Rio de Janeiro”.

LEAM (1686) publicou uma edição revista do *Catecismo* [Figura 7] do Pe. Araújo (Uma edição fac-similar do seu *Catecismo* foi publicada por PLATZMANN, 1898). As páginas introdutórias não são numeradas e nelas constam os seguintes capítulos:

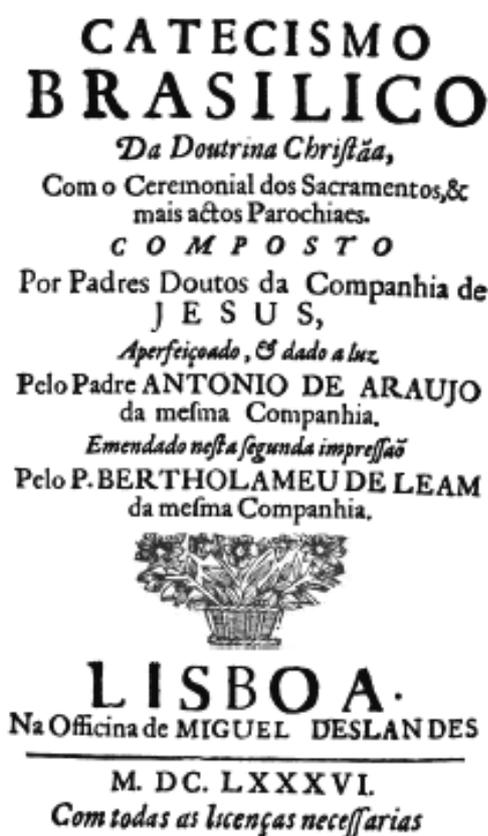


Figura 7. Portada do *Catecismo Brasilico* do Pe. Bertholameu de LEAM (1686).

Aos Religiosos da Companhia de JESUS do Estado do Brasil, que incluiu a seguinte passagem:

“Sae de novo a luz o Catecismo Brasilico, que já no anno de 1618. a vio a primeira vez, e sae com alguma variedade. Porque se trocaraõ alguns vocabulos daquella idade, que já hoje estranha o commum idioma dos **Brasis**, em outros, que são hoje vulgares. A escritura se emendou em orthographia mais proporcionada à locução Brasilica”.

Adveatencia [sic] sobre a Ortographia, & pronunçiação deste Catecismo (páginas introdutórias não numeradas), onde escreveu:

“...porque ao **Gentio Brasil** faltaõ com o uso, & noticia de muitas cousas, as palavras cõ que possaõ verterse: como são os nomes de números, que nesta lingoa não passaõ de quatro & muitos outros, que só com longas perifrases se poderiaõ verter...”.

1.1.19 1712 – BRASIS – Raphael Bluteau

Em seu *Vocabulario portuguez e latino* [Figura 8], BLUTEAU (1712: 186) consignou:

“Brasil. Tomase ás vezes por homem natural do Brasil. *Brasiliensis, is. Masc. & Fem. Ense, is, Neut.* Val o mesmo na **lingoa dos Brasis**. Noticias do Brasil do P. Simão Vasco[ncellos] c. 193”.

**VOCABULARIO
PORTUGUEZ,
E
LATINO.**

AULICO, ANATOMICO, ARCHITECTONICO, BELLICO, BOTANICO,
Brasílico, Comico, Critico, Chímico, Dogmatico, Dialéctico, Dendrologico, Ecclésiastico,
Etymologico, Economico, Florífero, Fórenic, Fructífero, Geographico, Geometrico,
Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ichtyologico, Indico,
Isopogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Múlico, Meteorologico,
Nautico, Numerico, Neotérico, Ortographico, Optico, Ornithologico, Pe-
cunio, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quan-
titativo, Rethorico, Rutilico, Romano, Symbolico, Synonimi-
co, Syllabico, Theologico, Therapeutico, Technologico,
Uranologico, Xenophonico, Zoologico,

AUTORIZADO COM EXEMPLOS

DOS MELHORES ESCRITORES PORTUGUEZES, E LATINOS;

E OFFERECIDO

A EL REY DE PORTUGAL,

D. JOAÕ V.

PELO PADRE

D. RAPHAEL BLUTEAU

CLERIGO REGULAR, DOUTOR NA SAGRADA
Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta
Maria de França, & Calificador no fagrado Tribunal
da Inquiffaçõ de Lisboa.

COIMBRA

No Collegio das Artes da Companhia de JESU Anno de 1712.

Com todas as licenças necessarias.

Figura 8. Portada do *Vocabulario* de Raphael BLUTEAU (1712).

2 SOBRE INTÉRPRETES, TURGIMÕES E LÍNGUAS E OS “LINGOAS” NO BRASIL

2.1 SOBRE INTÉRPRETES, TURGIMÕES E LÍNGUAS – ESCRITOS RELATIVOS AO VELHO MUNDO

Autores portugueses da Idade Média e do Renascimento empregaram, para designar aqueles que traduziam uma língua estrangeira, por escrito ou verbalmente, o nome de *turgimões* (e variantes, ver abaixo), palavra esta provinda do árabe clássico *turjumān* (var.: *tarjamān* e *tarjumān*) (ترجمان), que justamente indicava essa atividade (NIMER, 2005). Por sua vez, esse vocábulo árabe proveio do caldaico (MÉNAGE, 1750: 552)⁶.

⁶ Em MÉNAGE (1750: 552) consta:

<p>TRUCHEMAN. Nicot le dérive du Chaldéen <i>Targeman</i>. L'Espagnol (ce sont les termes) dit aussi <i>Trucheman</i>, ou <i>Trujaman</i>, pour le même. Il vient du mot Chaldéen <i>Targeman</i>, qui signifie Expositéur; lequel vient de <i>Targum</i>, aussi mot Chaldéen, qui signifie exposition d'une Langue en autre. Les Arabes l'usurpent de même; ce qui a fait dire à Antoine Nebrisse, que c'est un mot Arabe. Les anciens Rimeurs Provençaux disoient <i>Drogeman</i>, comme il se voit en ce Vers de Rigand de Berbezill:</p> <p>Ma chanfos mer' Drogemans lai on jeu non aus anar.</p> <p>Et à présent encore, aux pays de Syrie, & adjacens, ce mot <i>Drogoman</i> est en usage, qui est fait dudit Chaldéen par mutation de la lettre T enne, en sa moyenne D, & par transposition de ces lettres AR. Calaubon contre Baronius, pag. 680. le dérive du Chaldéen <i>Meturgeman</i>. ἑρμηνεύων <i>Athenajus</i> eo sensu usurpat, quo dixit Paulus 1. Corinth. XII. 10. ἑρμηνεύων γλωσσῶν, de translatione unius linguae in alteram. Genes. XII. 23. מְרַגְמָן <i>Paraphrasa</i>, <i>Onklus</i> & alii; exponunt <i>Meturgeman</i>, quem nos Galli, corrupta voce Chaldaica dicimus TRUCHEMAN; is est, qui unam linguam transfert in aliam. Pro eo dixerunt Graeci ἑρμηνεύων. Et c'est aussi l'étymologie que Trippault en avoit donnée avant Nicot. Il vient du Turc <i>Terdgimen</i>, qui signifie la même chose, mais qui a été dit, sans doute par corruption de <i>Meturgeman</i>, qui signifie <i>Interprète</i>. Anciennement parmi les Juifs, celui qui leur prêchoit ne parlant pas assez haut pour être entendu de tout le monde, avoit un homme auprès de lui, qui redisoit au peuple d'une voix plus haute ce que le Prédicateur avoit dit, & qui pour cela s'appelloit מְרַגְמָן <i>Meturgeman</i>, comme il se voit dans le Talmud Babylonien & dans le Hiérosolymitain, & dans le Midrasim en divers endroits. Les anciens Provençaux, comme Nicot l'a remarqué, disoient <i>Drojeman</i>: ce qu'ils avoient pris des Vénitiens qui disent <i>Dragomano</i>, qu'ils</p>	<p>ont pris des Grecs du bas siècle, qui ont dit ἑρμηνεύων & δραγμάνος. Codin: ὁ μέγας διαρρητορὶς πρῶτος ἐστὶ τῶν ἑρμηνέων, ὡς τῶν αὐτῶν δραγμάνος. Malaxus, dans l'Histoire des Patriarches: μόνος ὄχι δραγμάνος, ὅπου ἀείδων. De δραγμάνος, on a fait le verbe δραγμάνωζον, qui se trouve dans Nicéas & ailleurs. M.</p> <p>TRUCHEMAN. Il est indubitable que le François <i>Trucheman</i>, <i>Dragoman</i>, ou <i>Drogman</i>, l'Italien <i>Dragomano</i>, le Grec δραγμάνος ou δραγμάνος, le Turc <i>Terdgimen</i>, & même l'Arabe <i>Tardgeman</i> ou <i>Tardgeman</i>, qui tous signifient un <i>Interprète</i>, viennent originairement du Chaldéen תְּרַגְמָן <i>Targeman</i>, qui veut dire la même chose, & qui est fait du verbe תְּרַגְמַת <i>targem</i>, expliquer, interpréter; d'où le substantif תְּרַגְמָן <i>targum</i>, explication, interprétation, & מְרַגְמָן <i>meturgeman</i>, qui signifie aussi <i>Interprète</i>. Ainsi il n'étoit pas nécessaire de chercher d'autre étymologie du mot <i>Truchement</i>, comme a fait, par exemple, M. le Duchat, qui trouvant dans le Dictionnaire Fr. Ital. d'Ant. Oudin, <i>Drogueman</i>, <i>Turcimanno</i>, <i>Interprète</i>, a cru en conséquence qu'on entendoit anciennement sous ce nom un Turc qui interprétoit dans les Cours la Langue propre, & à la Porte en Langue Turque les différentes Langues de l'Europe; en forte que, selon M. le Duchat, le mot <i>Trucheman</i> auroit été fait de celui de Turc. Mais cette opinion n'a d'autre fondement qu'une ressemblance fortuite de mots, laquelle ne suffit pas pour une bonne étymologie. Selon cette idée il eût encore mieux valu faire venir <i>Trucheman</i> de <i>Turcoman</i>: la ressemblance de ces deux mots auroit été plus grande. C'est selon la même idée que M. le Duchat dit, qu'on a appelé <i>drogues</i>, les épiceries qui autrefois venoient par terre en Europe par la Turquie; & <i>drogues</i>, une petite étoffe contrefaite sur les tapis & les belles tapisseries de Turquie; & qu'on a appelé pareillement <i>Latinier</i>, un <i>Trucheman</i> ou <i>Interprète</i> de la Langue Latine.</p>
---	--

Em SOUSA (1830: 195):

TURGEMAN ترجمان *Torgemán*. (voz Chaldaica) Expositor; donde os Francezes deduzem o nome *Truchement*, ou *Trucheman*, e os Italianos *Turcimano*. Os Arabes o adoptarão como proprio, e dizem *Torgeman*, que he o mesmo que *Interprete*. *Hum Christão, que lá vivia chamado Alcaide Miguel, foi o Turgeman da entrega do Infante. Chronica do Infante D. Fernando*. cap. 12. pag. 67.

E em SÃO LUIZ (1837) consta: (i) p. 99: “TARGUM: (em Blut[eau] Targo, ou Targho) he a propria voz chaldaica tharghum [תְּרַגְמָן] exposição, interpretação. Dá-se este nome ás paraphrases chaldaicas da Escrip.

Na sequência são citados alguns textos relativos a esses termos.

2.1.1 Século XIV – TORGIMAM, ENTREPETAR, ENTREPETADOR – Anônimo (*Historias d'abreviado Testamento Velho*)

Provavelmente a mais antiga citação do termo (como *torgimam*), ao lado do verbo *entrepetar* e do substantivo *entrepetador*, em língua portuguesa, se encontra nas *Historias d'abreviado Testamento Velho, segundo o Mestre das Historias Scolasticas*, basicamente uma tradução feita no século XIV da obra em latim medieval de Petrus Comestor⁷ (séc. XII), *Historia Scholastica*. Na edição de Frei FORTUNATO DE S. BOAVENTURA (1829a: 66-67) lê-se, no capítulo 79 do *Genesis (Como Josep proveo aos do Egito en tempo de fame, dando-lhes pam, e como veerom seus yrmaaõs a el)*⁸, que aqui transcrevemos *in extenso*:

“Josep colheu o graaõ en aqueles set anos de avondança, e guardou-os enos celeiros delRey. E acabados aqueles set anos do avondamento, veerom outros set anos de fame depos eles, e veo o poboo da terra a Faraó braadando, que lhe desse mantijmento; e respondeu-lhe Faraó, e disse: Ide-vos a Josep. E Josep abriu os celeiros, e vendia o pam aos do Egito, e aynda os da outras provincias vijnham ao Egito comprar os mantijmentos, e davam os dinheiros aos thesoueiros delRey.

Jabob padre de Josep ouviu dezer, que eno Egito vendiam mantijmentos, emviou alá dez filhos seus, e ficou com ele Benjamym, que era o mais pequeno. E eles emtrarom ena terra do Egito, e foram-se a Josep, e non o conhecerom, e eles adoraram-no, e conheceu-os ele, e fallou-lhe duramente, e disse: donde veestes? E eles responderom: veemos da terra de Canaam pera comprar mantijmento; e elle lhe disse: inculcas sodes, e veestes pera veer os logares fracos da terra come emijgos; e eles disserom: non he asi, Senhor, mas todos somos teus servos filhos duñ padre, e aynda avemos outro irmaaõ, que aviamos, non he vivo; e disse Josep: inculcas sodes, ca non pode seer que homem sem sabedoria aja taes filhos, ca aynda os Reys aadur podem aver taes filhos e tantos; eu vos juro pela saude delRey Faraó, que non sairedes todos daqui, ataa que venha esse vosso irmaaõ, que dezedes que ficou com vosso padre, e emviade huñ de vós, que o traga; e mandou-os prender, e guardar por tres dias. Ao terceiro dia mandou-os soltar, e presentes eles, fez prender huñ deles, que havia nome Symeom, e leixou os outros, e eles diziam huñs contra os otros; per sua linguagem: com dereito padecemos esto, porque pecamos em nosso irmaaõ, veendo a coita da sua alma, quando nos rogava, e non o quisemos ouvir; e eles cuidavam que os non entendia Josep, porque ele non lhe falava senon per **torgimam**. E mandou Josep a seus sergentes, que lhes enchessem os sacos de pam, e possesem os dinheiros, que eles trouverom, dentro enos sacos de cada huñ, e que lhes desem mais pam pera mantijmento pera o caminho”.

E em FORTUNATO DE S. BOAVENTURA (1829b: 162-163) (CAP. 12 de *Da Historia do Livro de Hester*, Como os Sacerdotes Judeus Sabedores treladaron a Ley de Deus a El Rey Filadelfo⁹):

“Entom fez elRey Philadelfo livres os Judeus do seu Senhorio, e enviou suas Cartas ao Sacerdot maior dos Judeus a Jerusalem, que lhe emviasse a Ley de Deus, e alguñs Judeus Sabedores que lha treladasem em linguagem Grego, e que a **entrepetasem**; e emviou-lhe muyta prata. Entom lhe enviou o Sacerdot maior sateenta e dous Sabedores, pera **entrepretarem** a Ley, e sam chamados **entrepredadores**. E quando chegarom ant elRey

S., bem conhecidas das pessoas dadas aos estudos bíblicos”; (ii) pp. 103-104: ““TURCIMÃO: Assim se lê no *Itiner.* de Fr. Pantal[eão de S. Boaventura], o mesmo vocabulo, que *Moraes* traz em seis diferentes artigos, segundo as variedades, com que se acha escrito. *Sousa*, nos *Vest. Arab.* escreve *turgeman*. Hoje se diz *drogman*, ou *dragoman*, do veneziano *dragomano*. Os Arabes dizem *terdjeman*; os Egypcios *tergomen*; os Francezes *truchement*, etc. Significa *interprete* ou *lingua*. A sua origem he o chaldaico *targum*, interpretação. (V. esta voz acima). Parece que deveriamos escrever e pronunciar *targumão*”.

⁷ Cf. LEITE (M.) (2010).

⁸ Também reproduzido em SILVA NETO (1958: 67-68).

⁹ Também reproduzido em Silva Neto (1958: 383).

Philadelfo, recebeuos muyto bem, e fez-lhe muyta honrra perant todos seus princepes, e estiveron com el doze dias, e ensinaram-lhe muytas cousas, especialmente como deviam adorar huñ Deus tam solament, e como devia de rreger o Reyno. E mostraram a elRey o rrol, que tragiam, em que era escrita a Ley de Deus, e maravilhou-se elRey dos purgaminhos como eram delgados, e das leteras d'ouro, que hy eram escritas. E levarom aqueles **entrepetadores** pera hñas cazas apartadas, que elRei tijna pera seu conselho, que estavam apar do mar, e derom-lhe senhas celas, em que estevessem, e todo o al que eles demandavam; e pela manhaã saíam pera rrogar polo bem delRey, e por sua vida, e entom lavavam-se en o mar segundo o custume dos Judeus, e depois treladavam, e **entrepetavam** a Ley ataa hora de noa, e depois hyam comer, e folgar, e acabaram sua obra, e chamarom os Judeus mais Sabedores, que acharom en o Reyno, e em Alexandria, e leerom aquela traladaçom da Ley ant eles, e foy louvada e aprovada, e mandou-a elRey guardar, e outorgou que fosse estavil pera sempre aquela entrepetaçom. E enviou os **Entrepetadores** com honrra pera Jerusalem, e deu-lhe muytas doas, e mandou outro-sy ao Sacerdot maior suas doas; e enviou ao Templo de Jerusalem muytos vasos d'ouro, e huã mesa d'ouro com pedras preciosas, que nom aviam preço, e a mesa era muy grossa, e muy bem lavrada”.

2.1.2 1419 (setembro) – LYMGOA – D. Pedro de Meneses

Em sua carta ao rei D. João I escreveu (COMISSÃO EXECUTIVA DAS COMEMORAÇÕES DO V^o CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE, 1960: 324):

“Empero, quisese aynda melhor çerteficar e mandou a Dioo Vazquez que armase outra vez e que se pasase da parte de Grada, a filhar allgũ sallto onde podese tomar allgũa **lymgoa**”.

2.1.3 Entre 1433 e 1438 – ENTREPETAR, ENTREPETADOR – Infante D. Pedro, Duque de Coimbra

Em sua tradução para o português do *De Officiis* de Cícero, o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, escreveu *entrepetar* e *entrepetador* (cf. PIEL, 1948: 10, 97; trechos dos fólhos 5v e 41r-41v do MS. no. C/66 da Academia Real de Historia de Madri):

“Nom que nos sejamos seus **entrepetadores**, mas assi como teemos de custume, tiramos das suas fontes aquilo que nos mais apraz e mais concorda com o nosso juizo”.

“Aquelles que este desejam som chamados phillosophos; per que nom he outra cousa phillosopho, se a tu quiseres **entrepetar**, senam estudo de sabedoria”.

2.1.4 Entre 1431 e 1440 – LINGOA – Anônimo (Chronica do Condestabre)

A Crônica do Condestável, ou Crônica do Condestável de Portugal Dom Nuno Álvares Pereira, é uma crônica biográfica de Nuno Álvares Pereira (1360-1431), Condestável de Portugal na época de D. João I e herói da Batalha de Aljubarrota, travada em 1385.

Apesar de ser a mais antiga versão conservada da obra um livro impresso em Lisboa de 1526, sabe-se por várias fontes que a crônica original foi escrita pouco tempo depois da morte do condestável, em data não posterior a 1440. O autor é anônimo, mas é provável que tenha sido alguém que o tenha conhecido, talvez um cavaleiro ou um clérigo, que se baseou em depoimentos e documentos sobre os acontecimentos da vida de Nuno Álvares. É improvável que o autor tenha sido um religioso do Convento do Carmo de Lisboa, fundado por D. Nuno, uma vez que a crônica fornece relativamente poucos detalhes de sua vida no convento.

É considerada uma das grandes obras cronísticas do século XV português, descrevendo a vida do biografado com um vasto vocabulário e grande riqueza de detalhes. A narrativa é em geral concentrada na descrição de feitos de D. Nuno, e menos concentrada em oferecer uma cronologia precisa ou comentários explicativos. A importância da crônica é atestada por ter sido usada pelo maior cronista medieval português, Fernão Lopes, em sua Crônica de D. Fernando e na Crônica de D. João I.

Em ANÔN. (1623: 42r) (também em REMEDIOS, 1911: 120) consta:

“E como o condestabre chegou a Tomar mandou tres escudeiros, huñ que fosse dizer a elRey de Castella que elle lhe mandaua dizer; & requerer da parte de Deos, & do Marter Sam Iorge, que elle se fosse em boora, e desocupase a terra delRey seu señor. E nom no querendo fazer que o desafiaua pera batalha. E os outros dous fossem pera veer; se poderia auer algũa lingoa. E assi o escudeyro fez o que lhe o condestabre lhe mandara, ao qual respõdeo elRey de castella, que o nom conhecia por o condestabre, & a seu senhor menos por Rey, & q’ lhe nom respondia mays. E em assi vindo encontrou com os dous escudeyros que traziam huñ escudeyro que se apartera ao longe, o qual bem sabia a terra porque era portugues. O qual assy o trazendo ficarom os dous com elle. E o embaixador veeo & disse todo ao cõdestabre que achara em elRey de castella. E mays da **lingoa** q’ os seus escudeyros trazião; os quaes ficauam antre os oliuaes com o qual elle muyto folgou, & leyxouo com a gente que fazian alardo, e foyse aos oliuaes hõde achou os escudeyros e a **lingoa** que traziam, aa qual pos grandes medos, pero lhe disse que lhe perdoaua, & que lhe dissesse a verdade”.

2.1.5 Meados do século XV – TORGIMOM – Frei João Álvares

Da autoria do Frei JOÃO ÁLVARES (1406-1484) há um manuscrito na Biblioteca Nacional de Madri (no. 8120), intitulado *Trautado da vida e factos do mujto vertuoso senhor jfante dom Fernando*, de meados do século XV, onde consta no capítulo 15:

“Com o jfante nom hya a caualo saluo Çala bem Çala e hũu christãao que la ujuia com ele, a que chamavam o alcaide Migeel, que foy aly **torgimom** das entregas do jfante...”.

2.1.6 1449 – ENTREPETAR – Dom Sancho

Nos *Foros da Guarda* escreveu Dom Sancho de Portugal (ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, 1824: 451-452):

“E depois que a parte ouviu tres termos pera aduzer os testigoos, non deve aaver o quarto termo senon con sollepnidade, segundo o que manda a ley. E se os testigoos disserom alguma paravoa escura, podendolho declarar cum el diz a cousa aquel que lha deve **entrepetar**”.

2.1.7 1465 – TURGIMÃO – Dom Afonso V

Uma carta da Chancelaria de D. Afonso V (1448-1481), datada de 1465, revela-nos o nome de Diogo Dias, que o Rei refere como “seu **turgimão**”:

“A quantos esta carta virem fazemos saber que querendo nós fazer graça e mercê a R.[odrigo] de Sevilha, castelhano, morador em Lisboa, pelo de Diogo Dias, nosso **turgimão**, que no-lo por ele pediu, temos por bem e queremos que daqui em diante ele possa trazer de noite e de dia quaisquer armas que lhe aprouuer por todos nossos reinos e senhorios” (VITERBO, 1906: 27).

2.1.8 Início do séc. XVI – LINGOA, ENTREPETAR, INTREPETES – Ruy de Pina

No *Crônica de D. João II* Rui de Pina registrou (ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, 1792):

P. 14:

“E tornados a sentar todos, fecto synal de silencio, ho Capitam começou sua falla, e com hũ negro diante por **Lingoa**, que logo a enterpretava, cuja sustancia foy: Que pela boa emformaçam que ElRey seu Senhor tynha delles, e bõo trato, que sobre todos hos daquella terra, faziam a feus vassallos que aly vinham resgatar, Sua Alteza ho mandara aly pera com elles tratar, e segurar paz, e amizade pera sempre...”.

P. 33:

“E sobre esta boa, e leal tençam do Duque, com que pareceo que delRey entam fe despedio, se afirmou, que logo em se recolhendo a sua pousada, mostrou grande contentamento do que com ElRey passara, **entrepetano** suas palavras tam Reaes, e tam esforçadas, a proprio medo, e pouco esforço”.

P. 89:

“Ho anno pasado seendo Gonçalo Coelho criado d’ElRey, na boca do dicto Rio resgatando, o dicto Bemoym, que entam com prosperidade, e grande poder governava o dicto Regno de Gelof, seendo enformado pelas **lingoas** da Real perfeiçam, e muytas vertudes d’ElRey, desejando d’ho servir, lhe enviou pelo dicto Gonçalo Coelho hum rico presente d’ouro, e cento escravos todos moços, com algũas outras cousas de sua terra”.

P. 92:

“E ao outro dia veeo Bemoym fallar a ElRey, e soos apartados com hũa **lingoa** falaram ambos per grande espaço; onde tornou dizer suas cousas com grande aviso; e assy respondeo aas que lhe perguntava muy sabida, e apontadamente, de que ElRey ficou muy contente”.

P. 145:

“O qual percorrendo pola dicta Costa com assaz perygo, e dificuldade, aportou com a dicta armada ao dicto Regno, e Terra de Congo, que he afastado dos Regnos de Portugal mais de mil, e setecentas legoas: onde por a distancia ser ja grande aalem da outra terra de Guinee, que ja era descuberta, e sabida, senom poderam entender com as gentes do dicto Regno, que acharam sem conto; com quanto fossem de **Lingoa**, e **Intrepretes** desvairados muy bem providos”.

Pp. 155-156:

“E acabado o officio que se fez em todo comprimento, e a que o dicto Dom Manoel esteve muy atento, logo lhes poseram ho oleo, e capellos, e a tudo per meo das **lingoas** lhe davam as razões que chaamente lhe deviam dar, segundo cada cousa significava, de que elle gostava, e se avia cada vez por mais contente”.

P. 170:

“E no mesmo dia que a Raynha foy Christãa, porque ElRey ja ordenava de se hir aa guerra, lhe entregaram os Frades, e Capitam a Bandeira de Christus, que lhe ElRey mandou dar, e ante de lha entregarem, Frey Antonio per meo de **Lingoa** que era presente lhe disse: *Senhor, esta Bandeira, com este sinal da Cruz que nella vees, mandou ElRey de Portugal Dom Joham meu Senhor, por ser a cousa do Mundo mais preciosa, e mais estimada, na qual te roga, e eu peço, e requeiro da parte de Deos, que creas firmemente...*”.

P. 406:

“...huma vez lhe disse, que fossem elle, e Andres Martim ver alguns saltos, que elle bem sabia contra as prayas, pera lhe tomarem alguma **lingoa**, o que ledamente se poz em obra; porque aalem da honra, sempre se lhes feguiu proveito, quando se lhes os feitos traçavaõ como elles queriam...”.

P. 411:

“Dês que chegarom ao chaõ, que está junto com elle disserom, que era bem hir ver a vereda, que estava na varzea de Negraõ por ver se achariam alli algum homem pera o Conde aver **lingoa** per elle”.

P. 450:

“...empero quizesse ainda melhor certificar-fe, mandou a Diogo Vazques, que armasse outra vez, e que se passasse da parte de Graada a filhar algum salto, onde podesse tomar alguma **lingoa**”.

P. 482:

“Porem ElRey todavia se começou de correger com alguma dissimulaçam, que lhe pouco prestou; caa o Conde como pensava toda-las cousas cuidou, o que ElRey podia cuidar; e por se certificar dello mandou em aquella costa hum Bragantim pera lhe tomarem huma **lingoa**, a qual de feito foi filhada...”.

2.1.9 1506 (16 de novembro) – LYMGUOA, LIMGOA – Gaspar da India

“Senhor em dezeseis dias de novembro me chamou dom lourenço em sua camara, e me dise nesta maneira, saberes gaspar como fuy a ceilão e tyve a mygel comigo por **lymgua**, por amor que naquele tempo que stava pera partir nam achei outra **limgoa**...” (PATO, 1898: 370).

2.1.10 1508 (2 de fevereiro) – LINGUA – Affonso de Albuquerque

Em carta a D. Manuel I:

“...quando as cousas jaa ir craras, fizlhe hũa noite represarea nos paraos dacarretar aguo e em mais de iij^o homens e tomei hum criado seu que vinha de passar os iij homens á terra firme: feita esta represarea, me mandou tornar a pedir este homem, que queria mandar por elles; acabados os b dias, disseram que já erãom vindos e amostraram nos a gaspar Rodrigues **lingua**, e per elle me mandou dizer coje atar quelhe mandase os mouos todos em terra fazia...” (PATO, 1884a: 13-14).

2.1.11 1508 (15 de fevereiro) – LINGOA – Affonso de Albuquerque

Em carta a D. Manuel I:

“temdo jaa minha partida detreminada, por me terem jaa tomadas as aguoadas com muita força de jemte daquela armada que estes capitães que me fugirãom nom quiseram desbaratar, souberam parte pellos mesmos mouros, que os meus nauios he capitães delRei me fugirãom; capéarãom outra vez em terra, mandei llaa ho esquife, vieram mouros a falar com aires de sousa chichoro he gaspar rodrigues **lingoa**, que llaa mandei...” (PATO, 1884a: 18).

2.1.12 1510 (?março) – LINGOA – Affonso de Albuquerque

No documento “Esta he a manera e Regimento que vós Ruy gomez e frey Joham terees em vossa hida e vinda, estada homde vos ora mando por serviço de Deus e delrey nosso senhor em nasynga” existe a seguinte passagem:

“Vos mando que leaees a meudo este regimento e vos conformes ambos de dous com elle, e beem assy a **lingoa** que leuares por tall que nom aja descrença no contar das cousas nem vos contradigaees huuns contra outros...” (PATO, 1898: 83).

2.1.13 1512 (4 de dezembro) – LIMGOA – Gaspar Pereira

“Item sexta feira xij dias do mês de novemvro pela menhaan mandou o capitam moor que saise ao campo a dar vista aos mouros a gente da soiça com pero mazcarenhas e Manoel de Lacerda, com alguma gente de goa e os besteiros e espingadeiros e que fose lá joam machado **lingoa** pera ver se lhes queryão falar em algum concerto...” (PATO, 1898: 14).

2.1.14 1513 (4 de dezembro) – LYMGUA – Affonso de Albuquerque

Em carta a D. Manuel I:

“E neste mesmo tempo despachey diogo fernamdez, adail de goa, e com ele joham navarro por **lymgua**, com os misijeiros do çabayo sobre os apomtamentos de paz que qeriam...” (PATO, 1884a: 201).

2.1.15 1514 (1º. de dezembro) – LYMGUA – Diogo Fernandes de Beja

Em carta dirigida a D. Manuel I (apenas em parte legível), consta o seguinte trecho:

“Aly, Senhor, entramos todos [.....] [.....]mos a nossa usamça. E entam eu <e Gomes> Teixeira e a **lymgua** e o espryam...” (CENTRE DE RECHERCHES D’HISTOIRE ET DE PHILOLOGIE DE LA IV^E SECTION DE L’ÉCOLE PRATIQUE DES HAUTES ÉTUDES, 1971: 152).

2.1.16 1515 – LINGOA – Anônimo

No documento “Do caminho que fizeram e do que passaram os embaixadores que foram ao Xequé Ismael, e o presente que leuaram, e da resposta que trouxeram” consta:

“A quinta feira quatorze de setembro mandou o guouernador dizer ao embaixador que elrey auia por bem que, emquanto se fazia prestes o embaixador que queria mandar ao gouernador da India, se fosem á cidade de taurez aguardallo, que entanto despachara algumas cousas pera elles que lhes hi tinha ordenadas, e mandoulhes logo diso dar o despacho, que era ao embaixador duzentos cruzados por moeda da terra, e hum treçado guarnecido douro, e cem cruzados a gil simões, escrivão, e cento a francisco de souza, e cento a gaspar pires, **lingoa**, mandando o gouernador hum seu feitor pera lhe fazer dar este dinheiro e mantimentos em abastança...” (PATO, 1898: 242).

2.1.17 1515 (14 de outubro)- LINGUOA – “Trelado de acto que se fes antre Matheus embaixador do preste e duarte galuão embaixador dellRey nosso senhor”

“...em comprimento de quall mandado o dito ouuidor comiguo escripuão abaixo nomeado foi a cassa do dicto matheus embaixador, e perante miguel nunes, **linguoa**, e perante mim escripuão lhe disse o dito ouuidor que o capitão moor ho mandaua lla pera saber delle se se aqueixaua de duarte gualuão, e o dito matheus embaixador disse per miguel nunes **linguoa** que se aqueixuua de duarte gualuão que lhe dizia que era mouro, e que ho avia de prender em ferros e mandar presso a elRei nosso Senhor...” (PATO, 1903: 161).

2.1.18 1516 – TURGIMÃO – Garcia de Resende

No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (cuja primeira edição é de 1516), encontra-se:

“Ouudio nos seruia
de **turgimão** por latim,
o queu menos entendia
do quella entendia a mym.
Disso pouco que souber
v' podereys contentar,
& por vos podeys julguar
que nunca v' vy molher
que podesseys amãssar”

(in GUIMARÃES, 1913: 288).

2.1.19 1521 – LINGOA – Pedro Gomes Teixeira

Na *Carta de Pedro Gomes Teixeira para D. Manuel, datada de Cochim em 2 de novembro de 1520*, publicada por CORTESÃO (1975: 202-217), lê-se, à página 203:

“...e cheguei a Baticala junctamente com o capitão mor que chegaua de Barcelor donde deixara as naos tomando os mantimentos do aroz e Dom Aleixo que mamdara com ellas diante a carega veio o rei de Baticala hi a praia a caualo velo e o capitão moor nom saio do batell e o rei estaua em terra a caualo e falauamse por **lingoa** que hia e vinha”.

2.1.20 1521 – LINGOA – Diogo Lopes de Sequeira

O raríssimo opúsculo *Carta das nouas q' vieram a el Rey Nosso Senhor do descobrimento do Preste Johã*, originalmente publicado por Germão Galharde em Lisboa em 1521, foi reproduzido por CORTESÃO (1975: 169-201). Aí encontramos as seguintes referências aos *lingoas*:

Pp. 177-178:

“Preguntaram estes homeês a Alexandre de tayde q' era **lingoa**: se ouueram elles noua de huï homẽ que se chamaa Matheus que fora em sua busca...”.

P. 181:

“Desejando o Capitã moor toda enformaçam daq’lle moesteiro: & vendo que nom vinha fernã dias **lingoa** que elle secretamente tinha mandado...”.

P. 183:

“Foy o frade seu cõpanheyro diante atee a porta. & entrou com ele dentro ho Ouuidor & o Portugues. & o mouro **lingoa** nom ho leyxaram entrar”.

P. 186:

“E o portugues que hia com elle asi o entêdeo: porque nom leixaram entrar o mouro **lingoa**”.

P. 190:

“E entam chegara ahy fernam diaz **lingoa**: com huã recado do capital moor sobre sua vista”.

2.1.21 1524 (1º. de janeiro) – LYMGOA – Jorge de Albuquerque

Em sua carta a D. João II consta

“Dom Sancho Amriquez, capitam-moor do mar de Malaqua per Vosa Alteza, foy estar sobre Bimtam, na entrada de Junho; e dahy foy ter a Patane, e Ambrosyo do Reguo com ele, e outro navio, esperar hum junquo que era em Syam, de Vosa Alteza, e a saber novas da China, dos chins que ay vem ter. Mandou Ambrosyo do Reguo diante, e ele ficou aimda la, que hos junquos nam sam vimdos; e perguntei-lhe per novas da China. Respomdehome que lhe disera hum **lymgoa** que antre os chins e os portugeses tratava, cando estavam de paz” (SÁ, 1954: 190-191).

2.1.22 1527 (14 de março) – LYMGOA – Luiz Sacoto

Em carta a D. João III escreveu:

“Eu tenho esprito a V. A. ja por algũas vezes ha pouca jente que ha nesta vila, a quall, Senhor, tem d’ordenamça iij^cxxx homens, a saber cento de cavalo e ij^cxxx pyãis, a saber: c^{to} xx lanceiros e xxx espingardeiros de ij^m ii^e reis por anno, e l^{ta} besteiros de ij^m c^{to} reis por anno e xij espingardeiros de bj^m reis por anno ; e os xxx homens mais que faltam pera comprimento de iijc xxx homens sam de clerigos, a saber: vigairo e capelam; e ferreiros e porteiros e **lymgoa** da feytoria, que todos estes tem outros soldos mores” (RICARD¹⁰, 1946: 396-397).

2.1.23 1541 (março) – LYMGOA – Antonio Leite

Em carta a D. João III escreveu esse autor:

“E nesta ora de noyte me ffoy dado rrecado de... como V. A. hy mandou saber estas novas, e eu lhe envio as que tenho e nom sei as que ho Mouro la dara ha V. A.; e as que lhe aquy scprevo ouve per dous Mouros que

¹⁰ Em nota ao pé da página RICARD acrescentou: “Le compte de Luiz Sacoto est inexact. Le total des fantassins s’élève à 212 (et non 230), soit 120 lanciers, 30 espingardiers, 50 arbalétriers et 12 espingardiers d’une autre catégorie. Si l’on y ajoute 100 cavaliers, on arrive à 312. Cest donc 18 personnes seulement qu’il faut ajouter pour arriver au total de 330. L’interprète (*lymgoa*) était peut-être un nommé Antão Martins, d’après une hypothèse de M. Joaquim FIGANIER, dans *Mélanges d’études luso-marocaines dédiés à la mémoire de David Lopes et Pierre de Cenival*, Lisbonne- Paris, 1945, p. 100, n. 2”.

mamdey tomar e per pesoas que vierão de Marroqos; e estou pera mamdar fora allguns de cavallo, pola bamda da Emxouvia, que chegem ha ver homde esta o Xerife, e se me p[odem] tomar allgũa **lymgoa** e quallquer nova que ouver farey saber a V. A.; e todavia o socorri que tem o.....Mazagão deve de vyr e la esta meu filho com Balltesar Rodriguez, que aquy servya de comtador.....[ca]valeyros e nom ha descuido no lugar do que.....de V. A.

Deos acrecente seu estado rreal.

D'Azamor, de noyte a [ve]lla d'allv[a]" (RICARD, 1948: 317).

2.1.24 1543 – ENTREPETADOR, TURGYMAÃES – Gomes Eannes de Azurara

Eannes de Azurara terminou em 1543 sua obra *Chronica da Guiné*. Na edição de um manuscrito contemporâneo da Biblioteca Nacional de Paris (Eannes de Azurara, 1841) o autor empregou as palavras *entrepetador* e *turgymaães*:

Pp. 42-43:

“Certamente nom som eu aquelle que esto scriba, nem deva dizer de ty, ca aquelle que tem aparelhado logar antre as cadeiras celsestiaaes, nom podem os seus feitos receber ofensa, por nenhũa cousa que faça na terra, postoque a alguñs pareçam dignas de repreençom, ca se lhe pode dizer aquelle dicto de sam Crisostimo, scilicet, que nom ha hi cousa tam santa em que o maa **entrepetador** nom ache que travar”.

P. 113:

“Empero a Lançarote nom esqueceo de saber dos Mouros, que tiinha presos, o que lhe compria de saber, acerca do lugar e tempo em que estava, e aprendeo delles per seu **entrepetador**, que ally acerca avya outras ilhas povoradas, onde poderyam com pouco seu trabalho fazer boas presas. E avydo sobre ello seu conselho, acordarom de as ir logo buscar”.

P. 142:

“Gonçallo de Sintra levava huñ moço azanegue por **torgimam**, o qual ja de nossa linguaem sabya grande parte, que lhe o Iffante entregara, mandandolhe que possesse nelle boa guarda”.

P. 442:

“Todo foe prestes muyto asinha, e aquelle scudeiro, que se chamava Vallarte, metido em seu navyo, e com elle huñ cavalleiro da ordem de- Xpõ, que se chamava Fernandaffonso, que era criado e feitura do Iffante, que elle mandava em aquella caravella, porquanto Vallarte era estrangeiro, e nom sabya tam bem os costumes e maneira da gente, que encaminhasse os mareantes e as outras cousas que perteeciam aa governança do navyo, e ainda casy por embaixador, se se acertasse de veerem aquelle rey, levando pera ello dous naturaaes daquella terra por **turgymaães**”.

2.1.25 1545 – LINGOA – Garcia de Resende

Em sua obra sobre a vida do rei Dom João II, Garcia de Resende (1545) utilizou o termo *lingoa* (empregado como substantivo feminino) para designar os intérpretes. Em edição posterior (RESENDE, 1622) há as seguintes passagens:

Fólio 50r:

“No Anno passado de Mil, & quatrocentos, & oitenta e sete estando Gonçalo Coelho caualleyro da casa del Rey na boca do Rio de Cenaga no Reyno de Ielofo em Guine resgatando Benohi principe negro, que entam com muyta prosperidade & grande poder gouernaua o dito Reyno de Ielofo, sendo por suas **lingoas** enformado das muytas virtudes, perfeições, & grandezas del Rey, desejou de o seruir, & pera começo lhe mandou per o dito Gonçalo Coelho hum rico presente douro, & cem escauos todos mancebos & bem despostos, & assi algũas outras cousas de sua terra”.

Fólio 51r:

“E Bemohi com todos os seus se lançaram ante seus pes para lhos beijarem, & fizeram mostrança de tomar a terra debaixo delles, & em sinal de sojeiçam & senhorio, & muito grande acatamento faziam que a lançação per cima de suas cabeças, & el Rey cõ muita honra, & cortesia o aleuantou & per negros **lingoas** que ahi estauão lhe mandou que falasse”.

Fólio 51v:

“E foy leuado honradamente assi acompanhado como veio a suas pousadas q’ tinha muy concertadas, & com tudo o q’ compria pera elle, & pera os seus em muyta auondança, & elle muy bem seruido com officiaes, & ceremonias, & muita prata, & logo ao outro dia Bemohi veio falar a el Rey, & sòs apartados com a **lingoa** falarã ambos grande espaço, onde com grande auiso tornou a dizer a el Rey suas cousas”.

Fólio 99v:

“O qual hindo pola dita costa com assaz perigo & trabalho, foy ter com a dita armada ao rio de Manicongo, que he hum dos grandes que no mundo se sabe dagoa doce, que he de largo duas legoas, & de alto em toda a boca, & muyto dentro setenta braças, & dizem que entra polo sertoã trezentas legoas, & que traz tanta força que pollo mar faz corrente ao longo da costa cincoenta legoas, o qual rio, & terra de Congo he de Portugal mil & setecêtas legoas, onde por ser tam longe de outra terra de Guine ja descuberta nam se poderam entender com a gente da terra, & leuãdo muytas **lingoas** nenhũa entendia, nã sabia aquella lingoagem”.

2.1.26 1549 (30 de maio) – LYMGOA – Affonso de Noronha

Em sua carta a D. João III escreveu:

Eu escrevy a D. Amtão [Antão de Noronha, sobrinho de D. Afonso] que trabalhase por mandar tomar hũa **lyngoa**, porque farya nyso muyto seruiço a V. A. Ele o fez tam bem que mandou tomar cymquo, demtro no campo de Tituam, como elle escrevera a V. A.” (RICARD, 1951: 328).

2.1.27 1540 – LYNGOA – Francisco de Sequeira

Em carta ao Rei de Portugal escreveu:

“se fyzeram muytas couzas mall feytas, as quais sam muyto desnecesaryas e nam seruyso de Vosa Alteza, e nesta mesma fortaleza esta hum **lyngoa** que ha por nome Dyogo Allvarez, o quall he muito nesyaryo fora desta fortaleza, e asym de toda a costa do Malavar, porque hele he o que mete estes capytãis em revollta, e se eles nam fazem ho que devem, o mesmo Dyogo Allvarez o faz fazer e asym tambem mete os moros na arte e a tudo ysto com a seruyso de Vosa Alteza” (REGO, 1947: 205).

2.1.28 1551 – LINGOA – Fernão Lopes de Castanheda

Em sua *Historia do descobrimento e conquista da Índia* (CASTANHEDA, 1551, 1554, Livro Primeiro) há várias menções aos *lingoas*:

[1551], 1554: vi (1833a: 9) Cap. II (*De como Vasco da gama com outros capitães foy descobrir a India*):

“E coele se tornou Vasco da fama muyto ledo ás naos cuydando que teria **lingoa** nele, mas não foy assique nenhũ dos **lingoas** que leuaua ho pode entender...”.

[1551], 1554: x (1833a: 16) Cap. III (*De como Vasco da gama chegou a terra da boa gẽte, & depois foy ter ao rio dos bõs sinaes*):

“E chegados aos nauios entrarão neles sã medo como q’ conhecião os Portugueses, porẽ não falauão se não por acenos, por não entenderem nenhũ dos **lingoas** que Vasco da gama leuaua...”.

[1551], 1554: xiii (1833a: 18) Cap. VI (*De como ho çoltão de Moçambique fez paz cõ Vasco da gama cuydando que fosse turco*):

“E Niculao coelho ho recebeo com grande hõrra & como não auia **lingoa** por cujo meo podessem falar, não fez ho çoltão muyta detença no nauio: porem bem entendeo Nicolao coelho que os nossos erão mouros”.

[1551], 1554: xiii (1833a: 20-21):

“E disselhe que hia descobrir a India por mandado de hũ grande Rey cujo vassalo era. E isto lhe dizia pelo **lingoa** Fernão martiz & a pos isto lhe mandou dar muy bem de comer dessas conseruas que leuaua, & do vinho, & ele comeo e bebeo de boa vontade...”.

[1551], 1554: xiv (1833a: 30) Cap. IX (*De como Vasco da gama chegou aa cidade de Mõbaça, & do que lhe hi aconteceo*):

“E em chegando a capitaina quiserão entrar todos com as armas: & ho capitão moor não quis, nem deixou entrar mais de quatro, & estes sem armas, e disselhe pelo **lingoa** que lhe perdoassem porque como era estrãjeiro não sabia de quem se auia de fiar...”.

[1551], 1554: xxiv-xxv (1833a: 34) Cap. XI (*De como Vasco da gama mãdou recado a el Rey de Melinde, & do que lhe respondeo*) (1833: 34):

“Ho capitão moor lhe fez muito gasalhado preguntandolhe primeyro se erão Christãos, & isto pelo **lingoa** que lhe falaua arauia, de que eles sabião algũa cousa, & disserão que não era aquela a sua propria *lingoa*, senão que sabião dela algũa cousa pela comunicação que tinhão com os mouros...”.

[1551], 1554: xxxiv (1833a: 51-52) Cap. XV (*De como Vasco da gama mandou recado a el Rey de Calicut que lhe queria falar*):

“...& rogoulhe que fosse com Fernão martinz ho **lingoa**, per quem mandou recado a el rey de Calicut: o que ele fez de boa võtade. E chegados diante del rey, Fernão martinz lhe disse per outro **lingoa** que hi estava, q’ Vasco da gama lhe trazia cartas del Rey de Portugal...”.

[1551], 1554: xxxvi (1833a: 54) Cap. XVI (*De como el rey de Calicut mãdou por Vasco da gama Pandarane*):

“Quãdo todos virão sua determinação disserão q’ fosse: & ali se assentou q’ fossem coele doze pessoas. s. Diogo diz seu escriuão & Fernão martinz ho **lingoa**...”.

[1551], 1554: xl (1833a: 61) Cap. XVII (*De como Vasco da gama deu a el 45ey de Calicut a embaixada que lhe leuaua*):

“...disse-lhe por hũ **lingoa** q’ falasse com aq’les homẽs honrrados q’ ali estauã: & q’ dissesse o q’ quisesse q’ eles ho diriãõ. Do q’ ele não foy nada cõtêtê, porq’ lhe pareceo aquilo desprezo: & respõdeo pelo **lingoa**, q’ ele era embaixador del Rey de Portugal, hũ rey muyto poderoso:...”.

“E elrey como foy na camara, lançouse no catele não estãdo hi a fora Vasco da gama & Fernã martinz mais que o **lingoa** del rey...”.

[1551], 1554: lxix (1833a: 104) Cap. XXXV (*De como Pedraluarez Cabral falou a el rey de Calicut*) (1833: 104):

“E assentado deu hũa carta ao **lingoa** que a desse a el rey, que lha mandaua el rey dom Manuel escrita em lingoa Arabica, & em Portugues...”.

[1551], 1554: lxxi (1833: 108):

“Dada esta carta a el rey foylhe logo lida pelo **lingoa**...”.

[1551], 1554: lxxiii (1833a: 110) Cap. XXXVI (*Do que aconteceo a Pedraluarez cabral em Calicut*) (1833: 110):

“...& mãdou aposentar Aires correa ã hũas casas do guzarate auõ dos arrefês, a que rogou q’ fosse **lingoa** & corretor Daires correa...”.

[1551], 1554: lxxiiii (1833: 111):

“...& el rey tirou de corretor & **lingoa** Daires correa ho mouro Guzarate polas falsidades q’ fazia, & deu ho mesmo carrego a Cojebequim...”.

[1551], 1554: lxxx (1833: 121) Cap. XL (*De como Pedraluarez Cabral assentou amizade com el Rey de Cochim*):

“E Pedraluarez mandou logo a terra por feytor da carrega Gonçalo gil barbosa de Santarẽ, & por seu escriuãõ hũ Lourçõ moreno, & por **lingoa** hũ Madeira com quatro degradados que os seruissem...”.

[1551], 1554: cx (1833: 135) Cap. XLVI (*De como dõ Vasco da gama chegou a Cochim, & do mais que passou*):

“...& dõ Vasco lhe deu hũ **lingoa** & certos Portugueses pera seruiço da feytoria...”.

[1551], 1554: cxiii (1833: 139) Cap. XLVIII (*De como indo dõ Vasco da gama pera Cananor foy cometido de vinte noue naos de mouros*):

“...& em Cananor ficou por feytor Gõçalo gil barbosa, & por escriuães hũ Bastião aluarez & hũ Diogo godinho, & por **lingoa** Duarte barbosa...”.

[1551], 1554: clxxi (1833: 257) Cap. LXXXVIII (*Das armas q’ el rey de Cochim deu ao capitãõ mór Duarte pacheco*) (1833: 257):

“...& tiroua em lingoajem Portugues Aluaro vaz escriuãõ que era naquele tempo da feytoria de Cochĩ sendo **lingoa** hũ Teixeira **lingoa** da feytoria...”.

2.1.29 1552 – LINGUA – João de Barros

Em sua *Asia* (BARROS, 1552) consta:

Fólio 9v:

¶ **A** fim q̄ quando nã podêsse auer algũa lingua da terra: carregãsse o nauio de coirãma das pelles dos lobos marinhos no lugar q̄ dissemos que Alfonso Bôçaluez fez a maranãa delles.

Fólio 10r:

¶ **R**ecolhidos os capitães a seus nauios, acertou q̄ entre os captiuos vinha hũ da cãsta dos alãrues q̄ se entêdeu cõ o mouro lingua q̄ Pluno Tristã leuãua: e pela pratica q̄ cõ elle teuerã, pareceo bẽ aos capitães lãçarẽ a mouro e tẽra e cõ ella o mouro lingua pap meyo delles virẽ algũs mouros resgatar da q̄lles captiuos.

Fólio 10v:

¶ **P**ero vẽndo q̄ os nossos nã fairam do batel tã prestes como elles cuidãua parecendolhe serem entendidos, comẽçarã a se descobair, trazendo consigo preso o mouro lingua: o qual logo auisou os capitães q̄ em nenhũa maneira saissem fora, porq̄ aquella gente vinha muy indinãda contrelles como logo comẽçaram m:õstrar, tirãdo as pedras aos batẽes depois que fõram defenãados q̄ os nõsso nã queriã sair em terra.

Fólio 12v:

¶ **E**ste Bôçalo de Sintra com desejo de se auẽtajar dos outros q̄ la çram idos: partido do reyno, per conselho de hũ mouro Zenegue q̄ leuãua consigo pera lixe servir de lingua, se foy a ilha de Arguim q̄ estã auãte do cabo branco obra de doze legoas prometẽdolhe o mouro grãdes preças em tẽra.

Fólio 17v:

¶ **P**õsto que aly nẽm ouuẽsse lingua q̄ entendesse estes dous irmãos pera delles tomar algũa informaçã, na idade delles entenderã q̄ o pay ou mãe nam deuiã ser muy longe: e comẽçãdo descobair derredor da casa cõtra onde se fazia hũ aruoredõ ouuiram pancãdas como q̄ contãuã algũa cousa.

Fólio 20v:

O requerimento do qual Balarte, o infante lhe mādou armar hū nauio, e polo mais honrar, mādou com elle hū caualeiro da ordem de Christo a q̄ chamauā Fernandafonso: o qual ya em mōdo de embairador ao rey do cabo Verde, leuādo dous negros por lingua, per meyo des quaes o infante lhe mādaua q̄ trabalhasse por conueter aquella gēte pagāa. Balarte como era desejosō de ver a cōsta q̄ os nōssos tinham descuberta por ser pouada de mouros e negros, pediu a Fernandafonso que fizessem sua viagem ao longo della: e assy a esta causa como polos tempos lhe serem contrarios, dō dia que partiram te chegar ao cabo Verde poseram seis meses. Os negros da tērra por ja serem costumados ver os nōssos nauios, tinham olho no mar, como quem se vigiava: e auendo vista deste, vieram a elle em suas almadias com mōo armada e tençam de fazer algū dano se pudessem. Mas quando acharam as linguas que lhe falaram per as quaes souberam o fundamento a que o infante mandaua o nauto, e que vinha nelle embairador e algūas cousas pera o seu rey: ficaram com animo menos indinado respondendo a propósito, de maneira que foram leuar recado ao regedor da tērra, por orey ser dentro oito jornadas em hūa guerra que tinha.

Fólio 26r:

Diogo Dazambuja como a este tempo estaua com os capitães fazendo tirar as munições dos nauios: tanto que vio correr a gente contra a praia, acodio rijo. E porque soube da lingua dos negros, que a causa principal do aluzoço delles, fōa por ainda nam terem recebido o presente que esperauam, e que maior mōgo tinham por a tardança que por a injuria dos seus deoses: entreteue a gente o melhor que pode, de maneira que nam ouuesse sangue, e mādou a gram pressa ao feitor que trouxesse dobrados lambções, manilhas, bacias, e outras cousas que tinha mandado que leuasse a el rey e a seus caualeiros, por assy estar em costume.

Fólio 28v:

E como nã leuāuam lingua que os entendesse, nã podēram auer fala delles: ante como gente espantada de tal nouidade carearam seu gādo pera dentro da tērra, com que os nōssos nam podēram saber mais delles q̄ verem ser negros de cabello reuolto como os de Guiné.

Fólio 38r:

Porque os principes daquellas partes, como eram costumados ver sōmente hum ou dous nauios em seus pōrtos, em que ya gente do mar proue e mal roupada: tinham pequena opiniam do estado del rey, posto que os linguas lhe dissessem o que auia cá no regno.

Fólios 94r-94v:

Dom Francisco parecendo lhe ser isto assy ficou muy descontente, e mandou a elle Joam da Pioua, assy pera concertar que se vissem ambos, como pera saber particularmente desse capitam de que se el rey queixāua: com o qual foy por lingua hū Venezeano chamado Misser Bonadjuto

Dalbã, o qual trouxe a este reino Alfonso Dalbuquerque polo achar em Cananos. E segundo elle dizia, auia vinte dous annos que se passára do Cairo áquellas partes em companhia de hũ embairador que aly estaua, sendo consul da senhoria de Veneza em Alexandria Adifer Frãcisco Abarcello: e quando veio com Alfonso Dalbuquerque trouxe por mulher hũa Jauha de que tinha filhos, ao qual elrey por elle ser homem esperto e que sabia as linguas e mais os negocios daquellas partes o mandou com dõ Francisco com boõ ordenado e seruia de lingua.

2.1.30 1552 – LINGOA – Fernão Lopes de Castanheda

Castanheda (1552, Livro segundo):

1552: 22 (1833b: 35) Cap. ix (*De como Pero danhaya se uio com el Rey de Sofala, & ouue licença pera fazer fortaleza & a começou*):

“El rey posto que não via, sabendo que ho capitão moor ali estaua fez lhe muito grande gasalhado & cortesia, & pelo **lingoa** lhe disse que folgaua muyto cõ sua vinda...”.

1552: 67 (1833b: 109) Cap. xxiv¹¹ (*De como dõ Lourenço quisera pelejar ã Dabul cã a frota del rey de Calicut, & a causa porque não peleiou, & do mal que disse seguio*):

“E ido hũs ao pego outros ao lõgo da costa fez muytas presas assi no mar como na terra em q’ sahio per vezes a tomar **lingoa** & á queymar algũas pouoações...”.

1552: 74 (1833b: 121) Cap. xxxviii¹² (*De como ho capitão mór Tristão da cunha chegou á cidade de Braua & assêto com seus capitães de a destruir*):

“E hũ deles perguntou a Lionel coutinho que queria, ele lhe respondeo por hũ **lingoa**, dizêdo que que ho capitão moor daquela armada que era del rey de Portugal:...”.

“E o **lingoa** disse a Lionel coutinho que se recojesse, prq’ ho querião matar...”.

1552: 83 (1833b: 135) Cap. xlii¹³ (*De como depois de morto Xeque Abraham se recolherão algũs mouros á fortaleza. E de como Afonso dalbuquerque a entrou, & da dura resistêcia que os nossos acharão nos mouros*):

“E vendo ho capitão mór, & Afonso dalbuquerque sua grande valentia, pesoulhes de morrerem tão especiaes caualeyros, & cometeranlhes por hũ **lingoa** que se dessem, & que lhes darião as vidas:...”.

1552: 84 (1833b:137) Cap. xliii¹⁴ (*De como depois de tomada a fortaleza de çocotorá aos mouros, fez o capitão mór amizado com a gête da terra, & do mais que scedeo*):

“Ouuido ho recado do capitão mór logo os mais velhos da terra, e algũs clerigos lhe forão falar aque ele disse ho que lhes madara dizer pelo **lingoa**”.

¹¹ Cap. xxxiii na edição de 1833b.

¹² Cap. xxxvii na edição de 1833b.

¹³ Cap. xli na edição de 1833b.

¹⁴ Cap. xlii na edição de 1833b.

1552: 90 (1833b: 146 Cap. xlvii¹⁵ (*De como elrey de Cananor uendo que os nossos não sahião á tomar agoa: determinou de os tomar per cõbate, & de como ho Principe auisou disto ao capitão*):

“E hũ carpinteyro da fortaleza, que era amo de Tristão da cunha vendolhe esta vôtade de tomar **lingoa**, lhe disse que ele srmaria fora da tranqueyra hũ cepo, com que facilmente se tomaria **lingoa** dos immigos se viessem algũs: & assi ho fez”.

1552: 95 (1833b: 155) Cap. l¹⁶ (*De como per desastre ardeo a nossa feytoria, & todas as casas da ponta forão queymadas. Em que ardeo a mór parte dos mantimẽtos que auia na fortaleza. E da grãde batalha que foy antre os nossos, & os immigos dia de Santiago*):

“E estãdo a cousa assi, & os nossos apressados da fomne q’ já se sëtia quis ho capitão auer **lingoa** dos immigos:...”.

1552: 95 (1833b: 155):

“...& coeles forão seis espĩgardeyros a que o capitão mandou q’ fossem descobrir ho campo, & se mostrassem aos immigos, & como fossem vistos, q’ os ãmigos fossem pareles se recolhessem pera onde estaua a cilada, & pera que os que estauão nela podessem tomar **lingoa**”.

1552: 102 (1833b: 167) Cap. liv¹⁷ (*De como Afonso dalbuquerque que ficou por capitão moor na costa dalem se partio de socotora a descobrir, & cõquistar ho reyno Dormuz, & de como chegou a Calayate, & do q’ hi passou*):

“E forão Ioão estãdo escriuão da armada, & hũ page do capitão mor q’ se chamaua Machado & hũ **lingoa** chamado Gaspar rodriguez...”.

1552: 103 (1833b: 169):

“Em quãto estes recados que digo andauão leuarão os nossos arrefens pela cidade com cor de lha mostrarẽ: & leuãdo os assi lhe dauão outros algũs encontros, & lhe dizião muytas injurias por sua lingoagem, ho que ho **lingoa** muy bem entende...”.

“E indo a vela soube do **lingoa** ho que os mouros fizerão ã terra a ele...”.

1552: 104 (1833b: 170) Cap. lv¹⁸ (*De como ho capitão mor tomou a uila de Curiate, & do mais que fez*):

“E insistindo ho **lingoa** que se não auia dir sem resposta mais certa...”.

1552: 110 (1833b: 180) Cap. lviii¹⁹ (*De como a fortaleza de soar foy entregue ao capitão moor. E de como tomou por força a uila Dorfacão, & se partio pera Ormuz*):

“E ho alcaide lhe disse pelo **lingoa**, Muyto forte no mar, & na terra, capitão moor do grande de Portugal...”.

1552: 123 (1833b: 200) Cap. lxxiii²⁰ (*De como el rey Dormuz, & Cojeatar mandarão pedir paz ao capitão mòr, & ele lha cõcedeo, & cõ que cõdições. E de como foy manifrstado o milagre q’ nosso senhor fizera pelos nossos na batalha*):

¹⁵ Cap. xlvi na edição de 1833b.

¹⁶ Cap. xlix na edição de 1833b.

¹⁷ Cap. liii na edição de 1833b.

¹⁸ Cap. liv na edição de 1833b.

¹⁹ Cap. lvii na edição de 1833b.

²⁰ Cap. lxii na edição de 1833b.

“E forão em hũa almadia leuãdo hũa bãdeyra de paz & poserãse hũ pouco de largo na capitayna esperãdo por seguro, que lhe ho capitão mandou por Gaspar rodriguez **lingoa**:...”.

1552: 123 (1833b: 202):

“Ho capitão mór ficou muyto ledo quando lhe ho **lingoa** declarou o que ho mouro dizia”.

1552: 129 (1833b: 207) Cap. lxiv²¹ (*De como ho apitão moor se uio com el rey Dormuz & cõ Coieatar, & do que cõcertou coeles. E do mais q' succedeo*)

“E os mouros quando vião assi ho capitão mór, pregũtauão ao **lingoa** ho q' ele dizia...”.

1552: 140 (1833b: 230) Cap. lxx²² (*De como ho capitão mór mandou çuiar os poços de Turũbaq' & de como foy feyto, & da matança q' os nossos fizerã nos ãmigos*):

“E indo perto de Turumbaque ainda antes q' amanhecesse de todo mãdou Iorge barreto deitar em terra Iames teixeira, Simão velho, Nuno vaz de castelo brãco, & Lourenço da silua pera tomarẽ **lingoa**...”.

1552: 157 (1833b: 258) Cap. lxxviii²³ (*De como Mirocem se partio pera Chaul pera pelejar cõ dõ Lourẽço. E do fez em chegando*):“...em q' foy acordado que pera que melhor soubessẽ ho que auião de fazer, mandassem a terra Baltesar filho de Haspar que seruia de **lingoa**...”.

1552: 167 (1833b: 276) Cap. lxxxiii²⁴ (*De como Pero barreto & os outros capitães acharão no mar os capitães que fugirão Dormuz a Afonso dalbuquerque: & a causa porque não tornarão a peleiar com os Rumes*):

“E entregaranlhe dous mouros de resgate que tomarão no caminho em hũa nao de Meca, que disserão que darião por si vinte seis mil cruzados: & Gaspar ho **lingoa** disse que os poderiã dar”.

1552: 174 (1833b: 287) Cap. lxxxviii²⁵ (*De como ho capitão mór cercou a ilha Dormuz, & das nouas que soube da cidade, & do mais que succedeo*):

“Este dia que ho capitão mór chegou esteue surto defronte de Turũbaque pera ver se podia tomar **lingoa**...”.

2.1.31 1553 – LINGOA – Fernão Lopes de Castanheda

Livros Quarto e Quinto (1533)

1553 (Livro IV): lxxviii (1833c: 102) Cap. xlv (*De como Afonso Lopes foy co os outros capitães pero tomar a tranqueira de Muar & se tornou sem ho fazer, & dũ ardil com que el rey de Bintão quisera tomar Malaca*):

“E pera saber que taes estauão os nossos, porq' não podia tomar **lingoa** que lho dissesse mãdou seu embaixador ao capitão sobre lhe cometer pazes:...”.

1553 (Livro V): xciii (1833c: 141) Cap. xii (*De como Antonio Correa assentou pazes ã Pegú*):

²¹ Cap. lxiii na edição de 1833b.

²² Cap. lxix na edição de 1833b.

²³ Cap. lxxvii da edição de 1833b.

²⁴ Cap. lxxxii da edição de 1883b.

²⁵ Cap. lxxxvii da edição de 1883b.

“E tudo isto desclaraua hũ **lingoa**, & logo tirou hũ grande maço dolas [sic] em que estaua escripta sua seita:...”.

1553 (Livro V): cxi (1833c: 167-168) Cap. xxiiii (*De como ho governador chegou ao porto de Maçua, & de como soube que Mateus era verdadeyro embaixador do Preste*):

“E estando este homem com ho governador, perguntou a Alexandre dataide q’ era ho **lingoa** se ouera na India noua de hũ homem que se chamaua Mateus q’ fora a buscar os nossos á India. E sabêdo isto ho governador pera saber a verdade de Mateus disse ao **lingoa** q’ fizesse q’ não sabia dele nada, & que lhe pregûtase que homẽ era”.

1553 (Livro V): cxii (1833c: 170) Cap. xxv (*De como ho capitão Darquico foy falar ao governador & depois ho forão ver noue frades do mosteiro de Bisam*):

“E chegando a Arquico, chegarão hi noue frades do mosteiro de Bisam que hião falar ao governador, que sabendo sua vinda mandou logo lá ho ouuidor pera que viesse coeles, & coele Alexandre dataide pera **lingoa**...”.

1553 (Livro V): cxiii (1833c: 180) Cap. xxviii (*De como ho governador mãdou Rodrigo de lima por ãbaixador ao Preste*):

“...a deu a hũ fidalgo chamado dõ Rodrigo de lima, & por sota embaixador & escriuão da embaixada hũ Iorge dabreu deluas, & **lingoa** dela João escolar...”.

1553 (Livro V): cxxxv (1833c: 204) Cap. xxxviii (*De como se leuantarão contra Eytor Rodriguez capitão da fortaleza de Coulão a raynha de Coulão & a de Comorim*):

“E como já tudo esteuesse myto dãnado contra os Portugeses, começarão os Naires que hi estauão de dizer que matassem Luys aluarez & os que hião coele: o que lhe ho **lingoa** disse:...”.

1553 (Livro V): clxxxix (1833c: 270) Cap. lxxi (*Do conselho que ho pay del rey Dormuz lhe deu q’ não fizesse treição aos nossos. E de como a treição foy descuberta ao governador*):

“...rougou a Raix dela mixá que quisesse dizer aquilo ao governador, & ele disse q’ diria sendo ele **lingoa** (porque sabia bem a Persiana)...”.

1553 (Livro V): ccix (1833c: 314) Cap. lxxxvii (*Do que passou antre os nossos depois que os mouros despejarão a cidade*):

“E nisto ho capitão da fortaleza se começou de cartear com el Rey Dormuz, & mandauua fazenda a Queixome per hũ Antonio fernãdez cristão nouo & se criado que era **lingoa**...”.

2.1.32 1554 – LINGOA – Fernão Lopes de Castanheda

Livro Sexto (1554b).

1554b: xxi(1833d: 32) Cap. xiiii (*De como Martim Afonso de melo quisera tornar a reformar a paz com os Chins & não pode*):

E Martim Afonso ainda se sosteue sem rõper a guerra aq’le dia, porq’ lhe pareceo q’ os cinco por serẽ rusticos não saberião dar seu recado: & na noyte seguïte mãdou tomar outra vez **lingoa**...”.

1554b: xxxi (1833d: 47) Cap. xxiiii (*De como dom Rodrigo de lima partio caminho da corte do Preste*):

“No quinto liuro fica dito como quãdo Diogo lopez de siqueyra sendo governador da India foy ao estreito, mãdou do lugar de Maçua por embaixador ao Preste joão hũ fidalgo chamado dõ Rodrigo de lima, em cuja

cõpanhia forão treze Portugueses. s. Iorge dabreu, Lopo da gama, Ioão escolar escriuão da embaixada, Ioão gõçalues feytor & **lingoa** dela...”.

1554b: ?²⁶ (1833d: 96) Cap. xliiii (*Do que Antonio galuão fez em Cotangone tornãdose pera Moçambique*):

“...e disselhe por hũ **lingoa** que trazia que era de Moçambique, que ho ia ver & aos de sua cõpanhia...”.

1554b: ? (1833d: 242) Cap. cxi (*De como Christouão jusarte chegou a Calicut & êtrou na fortaleza cõ os que yão coele*):

“E porque os mortos erão muytos & se ficassem ali poderião corrõper ho ar com ho fedor, mandou dõ Ioão dixer do muro por hũ **lingoa** aos immigos que seguramente podião tirar dali os mortos...”.

Livro Sétimo (1554c).

1554c: cxxxviii (1833e: 208) Cap. lxxxvi²⁷ (*De como se perdeo a nao de Nuno da cunha*):

“...mãdou Nuno da cunha a Manuel machado capitão dos seus alabardeyros que fosse a terra com algũs deles a tomar **lingoa** pera saber ondestaua...”.

1554c: cxxxviii (1833e: 209):

“...& tanto que fosse noyte que acodisse á praya diante daquela pouoação ondestauão pera ele ter õde se saluasse, que bem sabia que se auia de ver em perigo, porq’ não auia de vir de terra sem tomar **lingoa**...”;

“E vendo todos ho mouro que era hũ velho forão muyto ledos, porque disse a Pero vaz pelo **lingoa** depois que perdeo ho medo...”.

1554c: cxxxvii (1833e: 214) Cap. lxxxvii²⁸ (*De como Nuno da cunha tomou a cidade de Mõbaça*):

“...& desejado de tomar **lingoa** pera que soubesse o q’ digo, encomendou a Diogo de melo de que disse atras que lha tomasse...”.

1554c: cxxxviii (1833e: 215):

“...& querêdo laa tornar pera ver se podia tomar **lingoa** não ouue disso necessidade, porque os mouros não tornarão mais...”.

2.1.33 1554 – LINGOA – Manoel de Mesquita Perestrello

Em sua *Relação summaria* (Perestrello, 1554) [Figura 9], há os seguintes trechos:

²⁶ No exemplar digitalizado da Biblioteca Nacional de Portugal faltam várias páginas.

²⁷ Cap. lxxxvii na edição de 1833d.

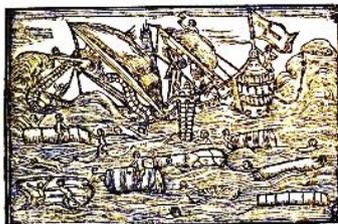
²⁸ Cap. lxxxviii na edição de 1833d.

RELAÇÃO SUMMARIA

Da viagem que fez

FERNAO D'ALVARES
CABRAL,

*Desde que partio deste Reyno por Capitão mór da
Armada que foy no anno de 1553. ás partes da
India atê que se perdeu no Cabo de Boa Espe-
rança no anno de 1554.*



ESCRITA POR
MANOEL DE MESQUITA PERESTRELLO
Que se achou no ditto Naufragio

Figura 9. *Relação summaria* de Manoel de Mesquita Perestrello (1554).

Pp. 87-88:

“Passando com estes receyos à outra banda, tornámonos a ajuntar com o Contra-Mestre, em cuja companhia achámos hum moço, chamado Gaspar, que ficára da destruição de Manoel de Sousa; e sabendo nossa hida, veyo alli esperar, desejosò de tornarse à terra de Christaõs; e porque a cousa de que mais necessitados estavamos, era de **lingoa**, dêmos todos muitas graças a Deos, por nos socorrer em tal tempo, inspirando tanta fé em hum mancebo, e Mouro de nação, que d'entre aquelles matos, e gente quasi salvage, de que já tinha tomado a natureza, se movesse a querer hir connosco, e passar tantos trabalhos, como tinha experimentado, sem obrigação alguma, que a isso o movesse.

Pp. 97-98:

“Ouvido isto pelo Capitão, algum tanto apaixonado determinou meterse na primeira jangada que a elle chegou, e com quanto lhe disserão todos, que não passasse aquella vez, porque descia ainda muito a maré, e que para a outra baixada seria estofa de todo, e menos perigoaa: parece que seguindo já o conselho da fortuna, elle nao quis tomar o nosso, e entrando pela agoa, se poz em hum canto da jangada, e António Pires, e João da Rocha, seos criados, e Gaspar o **lingoa** nos outros tres: e estando assim a jangada muito direita, bradou aos da outra banda, que atassem pelas linhas, o que foy feito com todo o tento, e resguardo possivel: e hindo desia maneira, tanto que começãraõ a entrar no alto, João da Rocha houve medo, e tornou-se a nado para terra, o que fez ficar a jangada taõ fóra do compasso, que começou logo de meter demasiadamente os cantos carregados por debaixo da agoa: e assim adornados chegãraõ ao meyo do Rio, onde hia a corrente, a qual como descia furiosa, levantando o canto que estava em pezo, o fez tombar sobre os que o tinhaõ, levando debaixo ao Capitão, e a António Pires: os quaes, posto que trabalhãraõ quanto nelles foy possivel, por se não desferrãrem, não podendo mais resistir à chegada hora, levantando as mãos ao Ceo em sinal da fé, (que lhes a agoa com as bocas não deixava confessar,) se foraõ ao fundo, e o moço **lingoa** se salvou, porque hia despido, e sabia bem nadar”.

P. 101:

“Elegido assim o novo Capitão, pareceo bem a todos rcpousarmos alli hum dia, para enxugarmos os corpos e fato, que tudo estava molhado da passagem do Rio; e quando veyo o outro dia, tornãmos a caminhar ao longo da praya, pela qual andãmos quatro dias sem topar gente, nem cousa de comer; e no fim delles houvemos vista de huma povoação, junto da qual nos aposentãmos, cuidando achar algum resgate; mas sabendo do **lingoa** que os moradores della viviaõ taõ necessitados como nõs; perdendo estas esperanças, sómente assentãmos com elles, que ao outro dia nos ensinassem a passagem de hum Rio que tínhamos diante...”.

P. 106:

“...naõ porfiámos muito na passagem, e tornámos a caminhar por onde elles queriao [sic]; os quaes tanto que isto viraõ, julgando por medo, levantáraõ huma grande grita, como quem fazia escarneo de nossa cobardia, e d’alli por diante, cheyos de confiança, começando desembaraçadamente a hir repartindo entre si as armas e despojo que de nõs esperavaõ, e entendendo o **lingoa** todas estas suas praticas nos avizou do que passava, dizendo, como determinavaõ de pelear comnosco tanto que se ajuntassem com outros, que adiante os estavaõ esperando para os ajudar...”.

P. 122:

“Assim que, chegando eu aos outros companheiros, achey-os prestes para pelear, e confusos se o fariaõ, pela multidão dos Cafres, que lhe tinhaõ tomado o caminho, e estavaõ entre si em grandes altercaçoens, se nos accometteriaõ ou naõ; mas por derradeiro, podendo mais com elles o medo da espingarda, que suas proprias vontades, concluirãõ em dssiimularem por entaõ, e ensmarnos o caminho de tres ou quatro povoacoens, que alli perto tinhaõ, onde determinavam fazer mayor corpo de gente, e tornar a seo propósito; e posto que logo o **lingoa** nos avizou do que passava, pela falta de mantimentos em que estavamos, dissimulámos tambem, athè vermos se poderíamos haver delles algum, e agazalhandonos onde elles quizerãõ, nos trouxeraõ a vender alguns taçalhos de Bufanos, e outras caças, de que toda aquella terra he bem abastada”.

P. 128:

“...mas depois que viraõ que lhe davamos pressa, começarãõ dissimuladamente a baralharse comnosco, com proposito de nos tomar às mãos: e sem duvida o puderaõ facilmente fazer, segundo suas forças, e nossas fraquezas, se nos o **lingoa** naõ avizara do que lhes ouvira; pelo que naõ consentimos chegarem a nõs...”.

P. 132:

“E porque os Cafres de todos aquelles lugares, que atrass deixãramos, vieraõ toda aquella tarde acoçandonos, e lançando maõ de alguns descuidados, e ajuntando-se de cada vez mais athè nos deixarem agazalhados, fazendo elles também o mesmo ahi perto; havendo nõs este seo ajuntamento por sospeitoso, tanto que se cerrou a noite, mandãmos o **lingoa** fosse secretamente espiar o que fallavaõ...”.

P. 134:

Tanto que assim fomos todos juntos, quizeramos tornar a caminhar; mas estes Cafres vendo nossa tenção, passãraõ o Rio, e começãraõ de amotinar a outros que estavaõ da nossa banda incitando-os a que pelessem comnosco, ou ao menos nos detivessem athè que chegãsse a outra gente, que hia atràs; peloque, dando seos apupo, e appellidos, neste caso costumados, em pouco tempo foy feito hum grande ajuntamento delles; e assim se vieraõ chegando a nõs, havendo a preza por taõ certa, que naõ quizerãõ esperar mais companhia; mas como o **lingoa** nos avizasse de sua tenção, mandou o Capitão ao que trazia a espingarda, que a disparãsse no primeiro que viesse a tiro, o qual o fez taõ bem com hum que. vinha diante dos outros, que acertandolhe pelo meyo dos peitos o varou à outra parte...”.

P. 141:

“...e naõ tínhamos andado muito quando vimos em hum Cabeço os moradores de huma povoação, que ao pè delle estava despejada, por medo de lha saltarmos; alguns dos quaes depois de muitas duvidas, que com o **lingoa** tiverãõ, foraõ ter comnosco...”.

P. 142:

“Ouvido isto por nõs, vendo como confirmavaõ com o recado, que este Cafre nos mandãra ao caminho, e que naõ discrepavaõ huns dos outros, posto que foraõ perguntados separadamente, ficãmos muito satisfeitos, e com grandes dezejõs de hir ter com EIRey; e porque estes mesmos homens se offerecẽraõ a nos levar ao outro dia

onde elle estava, repousámos alli aquella noite; e tanto que foy manhã mandámos o **lingoa** ao Lugar, para que trouxesse quem nos guiásse, como deixàramos concertado... “.

P. 147:

“...ao outro dia nos aparelhámos para lhe dar o que pedia; e sabendo elle como estavamos prèstes, chamando dous ou tres dos seus mais privados, e ao nosso Capitão, e **Lingoa** se assentou a receber o que lhe levassem...”.

P. 159:

“...começarão huns e outros de haver licença de modo que em espaço de hum mez, não ficàrão com EIRey, mais que o Capitão, e outros quatro homens, que com o favor do **Lingoa** se podiaõ alli bem sustentar, e todos os mais foraõ espalhados pelos lugares de que tinhaõ informação, que eraõ mais abastados.”

Pp. 163-164

“Aqui nos ajuntámos vinte Portuguezes e tres Escravos sómente de trezentas e vinte e duas almas que partimos donde a Nao deo à còsta: todos os mais ficàrão pelo caminho, e nos lugares em que estivemos delle, mortos de diversas mortes, e desastre, e delles cançados, delles no povoado, e delles no deserto, segundo nosso Senhor era servido; e os que entre estes tinhaõ nome foraõ Fernão D’alvares Cabral, Lopo Vaz Coutinho; Balthazar Lopes da Costa, Berholameo Alvares, Antonio Pires da Arruda, Luis Pedrozo, Jorge da Barca, Bastião Gonçalves, Belchior de Meirelles, Antonio Ledo Mestre da Nao, e Gaspar o **Lingoa**...”.

2.1.34 1557 – LINGOA – Manoel Rangel

Na *Relação do naufragio da Nao Conceyção* [Figura 10], registrou Rangel (1557: 216):

“Depois que partimos desta Ilha em poder dos negros, nos levàrão a huma Ilha povoada, onde havia hum Mouro por Rey, o qual tanto que lhe foy dado recado que vinhaõ Portuguezes se veyo com muita gente a recebernos, ainda a este tempo Gaspar de Barros não tinha chegado: e nos meterão em huma choupana, que estava ao longo do mar, e o Rey comnosco no chaõ com a mais gente, e me fez assentar junto delle, e nisto veyo hum Mouro que sabia fallar Portuguez, e me perguntou miudamente por nossa perdição por parte delRey, por não saber a nossa lingua, nem eu menos entender a sua; e como o **Lingoa** lhe dizia o que eu com elle fallava, se maravilhava muito...”.

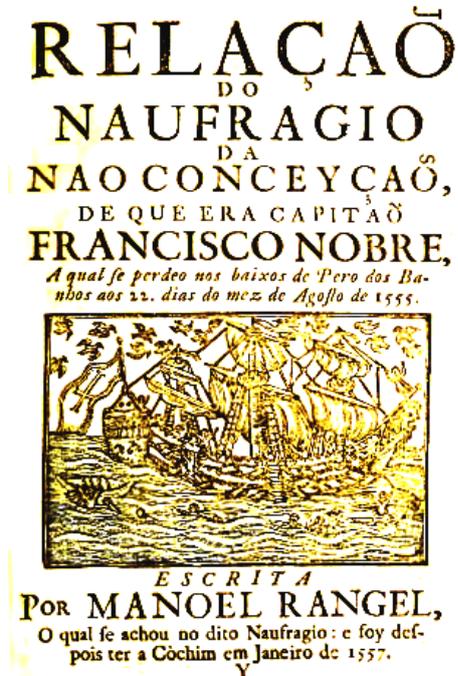


Figura 10. *Relação do naufragio da Nao Conceyção* de Manoel Rangel (1557)

2.1.35 1561 – LINGOA – Henrique Dias

Na *Relação da viagem, e naufragio da Nao S. Paulo* [Figura 11], comentou Dias (1561: 463):

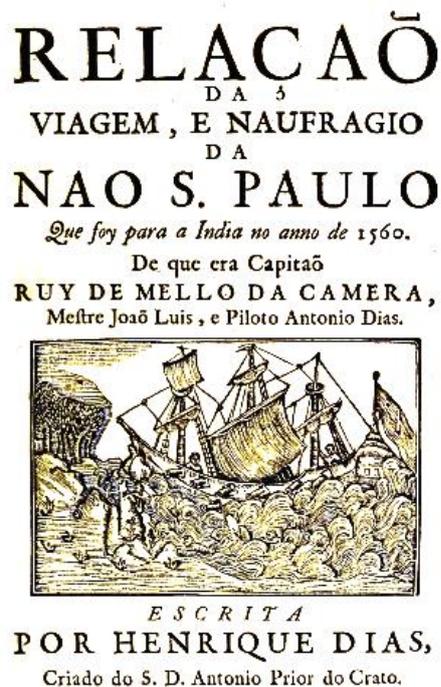


Figura 11. *Relação da viagem, e naufragio da Nao S. Paulo*, de Henrique Dias (1561).

“Partidos os nossos à boca da noite, com bom luar que fazia, chegarão ao junco às onze horas, que estava afastado dos nossos mais de tres legoas, e os negros estavaõ já pòstos em armas, a que o nosso **lingoa** perguntou que gente eraõ? a que nunca responderão...”.

2.1.36 Antes de 1561 – LINGOA – Gaspar Correa

Sabe-se que Gaspar Correa (1492 – ca. 1561) viveu a maior parte de sua existência no Estado Português da Índia, onde terá chegado bastante jovem, por volta de 1512-1514, para servir como soldado. Foi escolhido como secretário de Afonso de Albuquerque, no que tinha bastante orgulho. Esteve em Portugal em 1529, mas retornou ao Oriente. A sua obra *Lendas da Índia*, embora escrita em um estilo rude, é considerada uma importante fonte coeva, sendo fruto do trabalho de 35 anos do autor na Índia, privando de fontes desconhecidas para contemporâneos como Castanheda ou João de Barros. A obra é ilustrada com os retratos dos governadores e plantas e desenhos panorâmicos de algumas fortalezas. Deve-se a ele a primeira descrição europeia do cólera asiático. Uma teoria afirma que ele foi assassinado em Malaca, por ordem do governador Estevão da Gama, neto de Vasco da Gama.

Deixou inédita sua obra *Lendas da Índia*. O manuscrito, com 3500 páginas, foi levado da Índia para Portugal por Miguel da Gama, em 1582 [fide ANDRADE, 1977: 13].

A família conservou o manuscrito original das *Lendas da Índia*, que apenas viria a ser impresso, pela primeira vez, editado por Felner (1858-1866), por disposição da Academia Real das Ciências de Lisboa. São numerosas as citações de *lingoa* (como sinônimo de intérprete) nessa obra. Assim, temos,

Em FELNER (1858): páginas 39, 96, 104, 107, 151, 159, 172, 175, 178, 179, 180, 181, 184, 192, 195, 210, 212, 228, 232, 274, 279, 282, 283, 289, 291, 297, 327, 380.

Em FELNER (1860): páginas 17, 20, 65, 70, 72, 73, 111, 112, 177, 322, 333, 356, 357, 368, 388, 389, 390, 413, 414, 416, 418, 431, 448, 469.

Em FELNER (1861): páginas 587, 755, 782.

Em FELNER (1862): páginas 31, 50, 51, 65, 310, 394.

Em FELNER (1863): páginas 499, 545, 546, 548, 586, 589, 620, 627, 655, 754, 780, 781.

Em FELNER (1864): páginas 380, 467.

Em FELNER (1866): páginas 523, 694.

2.1.37 1565 – TRUSIMÃO – Mestre Affonso

No *Ytinerario de Mestre Affonso, Solurgiãõ mor que foi da Índia, em tempo do comde visorrei e do governador João Dememdonça, da viagem que fez da Imdia por terra a estes Reinos de portugal, por mandado do mesmo governador*, datado de 1565, há a variante **trusimão**:

“...aly estiuemos Aquelle dia e o seguinte honde logo me conquistarão algũs doentes da teRa de que me não podia liurar, asi de olhos (enfermidade muito geral por estes lugares causada da muita quentura dos barretes de pelles que trazem contino nas cabeças) como doutras, e o que me Mais emfadaua era buscar **trusimão** que lhe declarasse os Remedios que lhe insinaua que nunca os acabauão de declarar, aqui achei hũu pião do gozil dormuz que tornaua da cidade de *iasde* para laa, com resposta de cartas que avia leuado de seu senhor, por o qual escreui hũa ao governador, na qual lhe daua conta de todo o successo ate ally” (PINTO, 1844: 227).

2.1.38 1566 – LINGOA – Damiam de Goes

Em sua *Chronica do felicissimo Rei Dom Emanuel*, primeira parte (GOES, 1566: fólio 31r) consta:

“Nesta merenda, entre outras praticas que tiueram perguntou Çacoeia a Vasquo da gama se eram turquos, se moros, & donde vinham se traziam liuros de sua lei que lhos mostrasse; & assi has armas que se mais usauam em sua terra; aho que lhe respondeo que hos liuros de sua lei, lhe mostraria, depois, que quanto às armas erão aquellas com que hos seus estauã armados, couraças, lâças, espingardas, & béstas, com algũas das q’ es mandou tirar, & tras ellas cõ has bombardas, do que Çacoeia, & hos seus se alegraram muito, no qual tempo Vasquo da gama não çessaua, per meo dos **lingoas** de se inquirir dos negocios da India, & caminho q’ hauia de tomar dalli atte Calecut, do que bem informado, pedio a Çacoeia pilotos pera esta viagem, hos quaes lhe prometeo, com cõdiçam que hos pagassem bem: nisto passaram hum pedaço, atte que depois de bem festejados se tornáram pera terra”.

2.1.39 1569 – LINGOA – Gabriel Rebello

Em sua *Informação das cousas de Maluco* [Molucas] (ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, 1856), lê-se:

P. 248:

“...e cõ ella o aluara pera leuãtar a menajem a Christouão de Sáa, e outra carta missiua de muitos comprimentos: as quaes leo a algũus que a fortaleza o forão visitar: cujas **lingoas** (fazendo seu officio) derão loguo nouas da condição a Christouão de Sáa, por a qual não podia Bernaldim de Souza ser capitão, sem embargo de dezejarẽ todos, que o fosse”.

P. 281:

“e começando elles a remar bradou o mesmo soldado (polla **lingoa**) á chuzma, que se botasse ao mar...”.

2.1.40 1577 – TURGIMÃO – Frei Jerônimo de Ramos

Em sua *Chronica dos feitos, vida, e morte do Iffante sancto Dom Fernando*, Frei JERÔNIMO DE RAMOS (1577) escreveu:

Fólio 29r:

“Com o Iffante não ha a caualo saluo çalabençala, & hum christão que lá viuia com elle, a que chamavão o Alcayde Miguel, que foy ali **Turgimão** da entrega do Iffante & dos seus”.

Fólio 36v:

“E nunca mas dalli por diante lhe mandaua seus recados por hum Iudeu que era **turgimão**”.

Fólio 38v:

“E porque elle tinha ja recebidos algũs recados do Iffante dõ Anrique por onde se mostraua ser rezam que com elles fizeram, mandou o Iffante por aquelle **turgimão** cometer a çalabençala estes partidos, com as rezões que se seguem”.

2.1.41 1580 (3 de janeiro) – LYMGOA – Antonio Gouveia

Na Torre do Tombo, sob o no. 2825, gaveta XIV, 4-5 consta esta interessantíssima “Escritura da doação que el-rei de Ceilão, D. João, fez no ano de 1580 à Coroa de Portugal” (REGO, 1963: 607-611), aqui transcrita *in extenso*:

“*Em nome de Deus amen. Saybam* quomatos este pubriquo estromento de doasam virem como no anno do nasimento de Noso Sennhor Jhesu Christo de mil e quinhentos e oitenta annos aos doze dias do mes d’Agosto do dito anno nesta cidade de Columbo e sua forteleza da ilha de Seilam no apouzemto do multo alto principe Dom Joham por grasa de Deus rey de Seilam Perea Pandar estando ahi o dito sennhor rey de presente dise a mim Antonio Ribeiro tabaliam pubriquo das notas por el rey noso sennhor nesta dita cidade em prezemsa das testemunhas ao diamte nomeadas que ele dito sennhor rey socedera nestes reinnos de Seilam per falesimento del rey Bonegabao seu sennhor e avoo que lhos deixara por não ter filhos e lhe pertenserem como a seu neto que he e pelo ter ja perfilhado em sua vida por filho e erdeyro seu com autoridade do sennhor rey de Portugal Dom Joam terceiro deste nome que santa gloria aja e elle dito sennhor rey ouvera a pose destes seus reynnos e os posoira todos sem fallta algũa asi e da maneira que os posoio o dito Bonegabao seu avoo temdo seu asemto na sua real cidade da Cota metropolitana e cabesa do reinno que ora esta despejada e que depois por diversos cazos o Madune Pandar rey de Suita a Vaqua e o Rajuu seu filho lhe tinhamo tiraniquamente e per vias ilisitas hocupado e tomado todos os ditos seus reinos avia ja sertos annos sem lhe ficar deles mais que esta cidade e forteleza de Columbo que os sennhores reis de Portugall per seus vizo reis e capitães defemdiam punhamdo sempre pello tornar a restetoir em os ditos seus reinnos o que ate’gora não pode ter efeito por outras guerras e trabalhos que os ditos vizo reis tiveram e pelo estado da India estar gastado e pobre e por elle dito sennhor rey se ver em idade e não com boa disposiçã em sua real pesoa e sem filhos e erdeiros que lhe de direito sosidam per seu fallesimento em estes seus reinos. *E* vemdo se muito obrigado aos sennhores reys de Portugal pelos muitos beins e merses que delles sempre resebeo espisyalmente por suas boas deligemcias e amoestasõis que lhe fizeram per suas cartas e pelo que emcomendaram aos padres da Ordem de Sam Francisquo veio elle dito sennhor rey a ter lume e conhesimento da nosa samta fe catoliqua e se abrasou e converteo a ela que mais estima que todas as couzas do mundo porque espera por iso midyante a grasa de mizirecordia de Noso Sennhor Deos salivar sua alma e mais lhes he em obrigasam de o sempre sustentarem em seu reall estado semdo tratado de seus vizo reis e capitães e mais vasallos com toda a omrra e acatamento como se faz a suas proprias pesoas tratamdo se a guerra com os imygos Madune e Rajuu pela restaurasam destes seus reynnos com todo o rigor com muito infimdo gasto de suas fazemdas e mortes de muitos capitais fidallgos e portuguezes.

E por todas estas couzas e por outros respeytos que a iso o moviam elle dito sennhor rey de seu proprio moto boa e livre vontade lhe aprazia de fazer doasam pura e perfeyta de todos os ditos seus reynos e senhorios ao sennhor Dom Emrrique rey que ora he dos reynnos de Portugal e a seus sosesores como de feyto dise que pela prezemte lhos dava e doava e com elle os punha e trespasava com todo o direito senhorio e ausam que nos ditos reynnos tem e podia ter pera que o dito sennhor rey de Portugal Dom Emrrique e seus socesores o ajam depois de seu fallesimento perpetuamente e os posuam e logrem asi e da maneira que ele dito sennhor Rey os posoio ouve e erdou do dito rey Bonegabao seu sennhor e avo cujos foram e mylhor se o milhor poderem aver. *E* posam fazer delle como de couza sua propria que he por virtude desta doasam tiramdo os pera iso do poder dos ditos ymigos que oje em dia os tem e posuem, ymdividamente sem nenhum direito nem justisa pera o que lhe poderam lisetamente fazer guerra por terra e por maar ate de todo estarem senhores de todos os ditos reynnos per suas antigos demarquasõis e senhorios que tem como tiveram os reis da Cota sobre os outros reis desta ilha que lhes he e foi sempre devida

E dise mais o dito sennhor rey de Seylam que esta sua dadiva e doasam queria que se cumprise em todo e por todo sem contradisam allgũa. *E* se algũa mingoa ou defeito tiver elle de seu real poderio ho supre he ha por suprido e manda que esta se cumpra e valha por ley sem embargo de todas e coaisquer leis foros e direitos custumes e outras coaisquer couzas que em contrario ouver porcoamto dise e declarou esta ser sua merse e vomtade declarando loguo que a hua sua sedola de testamento que atras desta sua dita doasam e em este meu livro de notas tinha feyto per mym dito tabaliam se lhe de emteira fe e credito e lha cumprã e goardem e fasão cumprir e goardar asi e tão emteyramente como se nela contem e milhor se milhor ser puder sem embargo desta dita sua doasam.

E porcoamto todo o em ela comtiudo manda fazer pera bem de sua alma e descarguo de sua comsiencia por tudo achar ser muyto serviso de Deus Noso Sennhor e ficar aimda muito atras do que era obrigado por cazo do pouquo que ao prezemte pode e que portanto pede muyto por merse ao dito sennhor rey de Portugal Dom Emrrique e a seus susesores que a dita sua cedola de testamento lhe mandem per suas justisas e todas outras coaisquer pessoas a que o tall cargo pertemser cumprir e goardar e fazer cumprir e goardar em todo e por todo asi e da maneira como se nela comtem porcoamto asi dise que na sua merse he vomtade e queria que se lhe cumprise e goardase pello asi aver por bem por respeyto do asima dito sem a couza algua dello nem todo nem parte dello lhe ser posto duvida

nem embargo allgum mas que antes coniforme a direito como comffia que seja lha ajam por solenne e pera por ella se fazer sua vomtade como nela vay declarado e aqui declara aver por bem que se fasa.

E dise mais elle dito sennhor rey que pedia com toda omildade e reverensia devida como filho obediente ha Santa Se apostoliqua de Roma e ao Papa noso senhor que aja esta doasam por boa e mande por sua autoridade apostoliqua que se cumpra depois de seu falesimento asi e da maneira que aqui he declarado

He pera fe e firmeza de tudo ysto mandou a mim dito tabaliam que esta escriptura de doasam fizese em minhas notas omde a escrevy e o dito sennhor rey asinou nela de seu real sinal.

Testemunhas que pera iso foram chamadas e rogadas o padre frey Sebastiam de Chaves goardiam que ora he do convento do moesteyro de Samto Antonio desta dita cidade e o padre Manoel Lois vigario em ela e Estevam Figueira viuvo ouvidor que aqui foi e Pero Jorge Framquo juiz ordinario e Antonio Lourenço ambos cazados e moradores nesta dita cidade e Dom Estevão modaliar do dito sennhor rey de Seylam e seu camareiro moor e regedor de seus reynnos e Dom Amtam fidalguo de sua caza e Amdre Baião e Dom Framcisquo Anriques seus mudalieres que aqui asinaram com Dom Fernando mudaliar do dito sennhor rey e seu **lymgoa** que tudo isto declarou sem embargo de elle saber falar e emtender a limgoa portuguesa e Louremso Fernandez secretario do dito senhor rey e juiz de sua jurdisam. *E* o capitam Manoel de Sousa Coutinho fidallgo da caza dell rey noso sennhor que prezemte estava aseitou esta dyta doasam em nome do dito sennhor rey noso sennhor.

E eu dito tabalião que o escrevy e notey em minha nota que em meu poder fica omde o dito sennhor rey de Seylam e testemunhas fiquão asinadas e dela aqui o tresladey bem e fielmente e comsertey com o proprio e como pesoa pubryqua estepulante e aseitamte que a tambem aseytey e em nome dele rey noso sennhor e de seus sososores. *E* me asinei aqui deste meu pubriquo sinal que tall he como se segue.

E pelo dito capitam Manoel de Sousa Coutinho me requerer lhe pasase mais dous tirados afora outros dous que lhe ja tinha pasados pera por coatro vias mandar esta dita doasam aos reynnos de Portugall ao dito sennhor rey Dom Emrrique noso sennhor ou a seus sososores a seu requerymento lhos pasey na verdade com autoridade do ouvidor que ora he nesta dita cidade por el rey nosso sennhor Antonio Guerreiro que o asi mandou a mim dito tabalyam que o escrevy.

(Sinal público)

pagou deste com papel sem reaes.

Amtonio Guerreyro ouvydor com allçada nesta cidade de Columbo da Ylha de Ceylão pelos seus governadores e defemsores dos reynos e senhoryos de Portugal etc^a.

Faço saber aos que esta minha certidão de justificação vyrem e o conhecimento della com direito pertemcer que a letra da doação atraz e asynda escripta e o synal pubrico que estaa ao pe della he de Amtonyo Ribeiro tabeliam pubrico das notas pelos dytos senhores nesta dita cidade o qual ao tempo que ha fiz servya o dyto seu cargo como oje em dia serve e aos papeys por elle feytos e asynados de seu pubrico synal como a dita doação atraz e asynda escripta estaa se lhes daa ymteira fee e credyto em toda a parte

E a requerymento do senhor Manoell de Sousa Coutinho capitão desta dyta ylha e cidade mandey pasar a prezente pela quoaal podem aver a dita doação por justificuada e dar se lhe fee ymteira e credyto onde for apresentada.

Dada sob meu synal e celo das armas reais que em meu juizo serve aos tres dias do mes de Janeiro. Dyogo Correa esprivão da Ouydoria a fiz ano de myl e quinhentos e oytenta e hum anos. Pagou nada.

(as.) Amtonio Guerreiro

pagou do cello — x reaes

Amtonio Guerreiro^o.

2.1.42 1581 (25 de novembro) – LYNGOA – João de Faria

Sob o no. 2619 gaveta XIII, 7-19, Documento 3, da Torre do Tombo, há um “Auto (*traslado do*) de juramento mandado fazer pelo capitão da cidade de Santa Cruz de Cochim a el-rei D. Filipe I”, firmado por João de Faria (REGO, 1963: 60-65). Por descrever todo o interessante cerimonial é aqui transcrito *in extenso*.

“Anno do nacimiento de Nosso Senhor Jhesu Christo de mil e quynhentos oytenta e hum annos aos dezanove dyas do mes de Setembro do dyto anno nesta cydade Santa Cruz de Cochym.

Dentro na fortaleza dela no aposento de Dom Jorge de Meneses Baroche do Conselho de Sua Magestade e seu capitão em a dyta cydade estando elle ahy de presente e Afonso Delgado de Campos ouvydor com aligada pelo dyto senhor que ora tãobem serve de seu vedor da Fazenda em a dyta cydade pelo dyto capitão foy mandado a mym scripvão que fizese hum auto de como aos doze dyas do dyto mes de Setembro chegara a esta cydade

Balltezar Jorge Barata em hum catur ligeiro que mandara o senhor governador deste Estado da india Fernão Telez de Menezes o quoall entregara a ele dyto capitão os papeys seguyntes a saber,

A sentença e decreto dos governadores e defensores dos reinos e senhoryos de Portugal.

E hũa provysão sobre o mesmo decreto dos dytos governadores.

E hũa carta do muy allto e muyto poderoso rey catoliquo Dom Felipe rey de Portugal noso senhor que spreveo ao senhor governador.

E hũa procuração que Sua Magestade mandou ao senhor governador.

E hum sobestallecymento que o senhor governador fez ao bispo desta cydade Dom Matheus.

E hũa certydão do secretario da india Manuel Botelho Cabrall de como Sua Magestade era obedycydo e jurado rey em Goa.

E hũa carta da Camara e cydade de Lixboa que spreveo ao senhor governador e outra carta de Sua Magestade pera ele dyto capitão e juizes e vreadores e procurador e mais povo desta cydade.

E hum memoryall das graças e merces que Sua Magestade concedeo aos reinos e senhoryos de Portugal e seus Estados.

E hum allvara dos governadores e defensores per que declarão que as provyzois que pasarem asynadas por tres valhão como que se fosem asynadas por todos cynquo.

E hum regymento das diligencyas e juramento que elle dyto capitão avya de jurar e fazer jurar ao muito allto e muito poderoso catoliquo rey Dom Felipe por noso rey e senhor.

E no cabo do dyto regymento hum sobestallecymento de procuração de sua senhorya pera Dom Matheus bispo desta cydade pera em nome de sua senhoria tomar juramento a ele dyto capitão.

E asy hua carta de Sua Magestade pera el rey de Cochym.

Os quais papeys vynhão todos metydos em hum maso serrado e mutrado corn as mutras de sua senhoria.

E logo ao domyngo seguinte dezasete dyas do mes de Setembro pela manhã na Cee desta cydade sendo presente elle dyto capitão e o bispo e o cabydo da dyta Cee com todas as dyndades dela e prelados das quatro releyções desta dyta cydade Domynycos e Franciscos e Paulos e Agostinhos e o pryncipe de Cochym que he jurado por rey per nome Miramacuul e seu regedor moor.

*Item, Canachamena e o **lyngoa** Ytenon e o seu secretario Bento Ferreira e ouvydor que tãobem serve de vedor da Fazenda.*

E o allcayde mor e feitor de Sua Magestade e os vreadores e juizes e procurador e scripvão da Camara. E os procuradores dos mesteres e todos os fydallgos e cavaleiros cydadões mais povo da dyta cydade estando armada hua meza no cruzeiro da Cee da dyta cydade solenemente concertada com hum crusyfyccio e num mysall aberto e se dyse no alltar moor hua mysa rezada em pontefycal pelo adayão da dyta Cee.

*E depois da mysa dyta forão lydos a centensa e decreto e a carta de Sua Magestade e todos os maes papeys que forão dados a ele dyto capitão declarados no dyto regymento no pulpito da dyta Cee e estando armado de pontefycal em vooz allta pelo padre Gil Eanes Pereira conego da dyta Cee e o vigairo da freguezia d» Anunciada todos do *verbo a verbum*.*

E depois de serem lidos ele dyto capitão em presença dos sobredytos tomou a bandeira reall nas mãos e se achegou a mesa entregou a dyta bandeira ao allcayde moor pera a ter enquanto jurava posto de gyolhos ele dyto capitão com as mãos postas sobre ho mysal falando com ho bispo estando em pee e junto consygo dizendo.

Muito reverendo Dom Mateus bispo desta cydade.

Eu Dom Jorge de Meneses Baroche de Conselho da Sua Magestade p. seu capitão desta cydade juro nestes Santos Evangelhos em mãos de Vossa Senhoria como procurador sobestallecydo que he do senhor governador Fernão Telez de Meneses capitão gerall destes Estados procurador abastante do catoliquo rey Dom Felipe que eu recebo por nosso verdadeiro rey e senhor naturall ao muito allto e muito poderoso rey catoliquo Dom Felipe noso senhor e por fym dos dyas de Sua Magestade a seu prymogenyto filho Dom Dyogo e a todos seus sucesores.

*E acabado de ther feito o dyto juramento tomey a bandeira reall nas mãos e me pus com ela em pee a hua ylharga do dyto alltar enquanto tomey juramento ao eclesyastiquo e povo da dita cydade como procurador sobestallecydo de sua senhoria conforme a procuração de Sua Magestade e dey juramento ao bispo na maneira seguinte. *Pondo* as mãos no mysal posto de juelhos dyzendo.*

Muy ylustre senhor Dom Jorge de Meneses Baroche do Conselho de Sua Magestade e seu capitão desta cydade.

Eu Dom Matheus bispo da dita cydade de Cochym como cabesa do eclesyastiquo dela em meu nome e de todo o estado eclesyastiquo juro nestes Santos Evangelhos em mãos de Vossa Merce como procurador sobestallecydo que he do senhor governador Fernão Telez de Meneses capitão gerall destes Estados procurador bastante do catoliquo rey Dom Felipe que nos recebemos por noso verdadeiro rey e senhor natural o muito alto e muito poderoso rey catoliquo Dom Felipe noso senhor e por fym dos dyas de Sua Magestade a seu prymogenyto filho Dom Dyogo e todos seus sucesores.

E feito o dyto juramento vierão o cabydo e mayores das Ordens e mais cleresya que forão presentes.

Jurarão todos pondo cada hum por sy a mão no mysal dizendo cada hum por sy. *Eu* asy o juro.

E sendo dado asy o dyto juramento dey juramento ao pryncipe do dyto Cochym. Alevantando se em pee afastado hum pouquo do alltar na sua espada e lynha segundo seu custume do juramento que fazem os reys de Cochym quando os jurão por rey dizendo.

Muito ylustre Dom Jorge de Meneses Baroche do Comselho de Sua Magestade e seu capitão desta cydade.

Eu Moorcuul pryncipe e jurado por rey de Cochym juro por mym e em nome del rey Miramacuul meu tyo por estar ausente em nome de todo o meu povo sobre esta espada e lynha conforme a mynha ley pondo as mãos nelas nas mãos dele dyto capitão como procurador sobestaballecydo que sou do senhor governador Fernão Telez de Meneses capitão geral destes Estados procurador abastante do catoliquo rey Dom Felipe que ele recebera por seu verdadeiro rey e senhor e irmão ao muito allto e muito poderoso rey catoliquo Dom Felipe e por fym dos dyas de Sua Magestade a seu prymogenyto filho Dom Dyogo e todos seus sucesores o qual juramento lhe foy todo declarado pelo lyngoa que estava presente.

Pela mesma maneira o jurou o regedor moor e Ticanachamena.

E sendo dado asy o dyto juramento se achegarão ao alltar Thome de Melo de Castro e Dynys de Torres e Jorge Diaz vereadores e Manuel do Vale e Ruy Gonçalvez Ribeiro juizes e Gaspar d'Amduja procurador da cydade e Gaspar Alexandre sprivão da Camara e Domingos Francisco e Alvaro Fernandez procuradores dos mesteres e os mais ofycyals da dyta cydade. Postos todos de juelhos com as mãos postas no mysal jurarão nas mãos dele dyto capitão na maneira seguinte.

Muy ylustre senhor Dom Jorge de Meneses Baroche do Conselho de Sua Magestade e seu capitão desta cydade de Cochym.

Noos os vereadores procuradores juizes e procuradores dos mysteres dela juramos nestes Santos Evangelhos (j) em mãos de Vosa Merce como procurador sobestaballecydo que he do senhor governador Fernão Teles de Meneses capitão geral destes Estados procurador bastante do catoliquo rey Dom Felipe que nos recebemos por noso verdadeiro rey e senhor natural ao muito allto e muito poderoso rey catoliquo Dom Felipe noso senhor e por fym dos dyas de Sua Magestade a seu prymogenyto filho Dom Dyogo e todos seus sucesores.

E depois de terem ja jurado os ditos vereadores e mais ofycyais jurou Afonso Delgado de Campos ouvydor que ora tãobem serve de vedor da Fazenda e Amtonyo de Moraes allcayde moor e feitor de Sua Magestade e Bento Ferreira secretario del rey de Cochym e os fydallos cavaleiros cydadõis e mais povo que se acharão presentes pondo cada hum deles a mão em o mysal de juelhos dizendo cada hum per sy. Eu asy o juro.

E acabados os dytos juramentos ele dyto capitão com a bandeira real nas mãos dise em vooz allta real real pelo muito allto e muito poderoso rey catoliquo Dom Felipe rey de Portugal noso senhor. E se tocarão todos os ynstromentos de festa que ouve na terra tronbetas charamelas frutas e orguãos e se repicarão os synos todos da dyta See e de todas as igrejas e conventos e se disparou toda a artelharya e muita espyngardarya que estavam em muitas embarcações embamdeyradas com muitas envenções de allegrya no ryo defronte da dyta Cee e fortaleza com muitas folyas dansas e pelas e outras muitas cousas de festa e allegrya com outros muitos tangeres tronbetynhas e ataballynhos e espyngardarya com que a gente do pryncipe de Cochym ajudarão a festejar o dyto juramento.

E feita a dyta festa e allegrya e ele dyto capitão dyse ao povo em vooz allta que ele como sobestaballecydo de sua senhoria e em seu nome como procurador abastante de Sua Magestade avya por outorgadas a esta cydade as graças prevylegyos liberdades que Sua Magestade concedeo aos reinos e senhoryos de Portugal contheudas em o treslado do regymento delas que forão lidas no pulpeto pelo dyto padre Gil Eanes Pereira.

E depois de acabado tudo o asima dyto por ser ja tarde e o tempo ser chuyvoso logo no mesmo dya a tarde as duas ora ele dyto capitão sahyo da dyta See com a bandeira real nas mãos acompanhado do pryncipe de Cochym com muita gente sua e a cydade com os ofycyals dela com as varas nas mãos e fydallos cavaleiros cydadõis e homens nobres do povo todos a cavalo vestydos de muytas envenções de festa e alegryas com os cavalos muy riquamente ageasados de toda a seda ouro e prata e ele dyto capitão foy pelas ruas pablycas e estando toda a cydade enramada e enbandeyrada com muitos portais e arcsos e envenções de festa e alegrya e nos luguares pryncipais dyse em voos allta com a bandeira nas mãos real real real pelo muito allto e muito poderoso Rey catoliquo Dom Felipe rey de Portugal noso senhor.

E corrydas asy as pryncypais ruas da dyta cydade e ele dyto capitão tornou a bandeira real aa See e a poos a ylharga do alltar mayor e fizerão todos orações a Noso Senhor de juelhos pedyndo lhe que acresente a vyda e prospere os Estados de Sua Magestade.

E logo o dya seguinte a segunda feira elle dyto capitão se foy a Cee corn a cydade e ofycyaes e povo dela e o ouvydor que ora tãobem serve de vedor da Fazenda e muitos fydallos cavalleiros cydadões e povo e se dyse mysa cantada em pontefycal no alltar moor pelo tesoureyro moor sendo presente o bispo e o cabydo com toda a cleresyia dela e conventos e ouve pregação estando armado ho pulpeto em pontefycal com muitos ynstromentos de alegrya.

E depois da mysa dyta forão todos em prosysão pelas ruas acostumbradas e se recolherão aa See.

E logo no dyto dya a tarde se fez hua grande recenha com toda a espyngardarya e arcabusarya que era muita em que foy a cydade e ofycyaes dela e todos os fydallos cavaleiros cydadões e mães povo dela

com toda a gente crystãa da terra muito lustrosos de festa e alegrya com todos os menynos das escolas com capelas nas cabeças e ramos verdes nas mãos dyante de seus mestres dizendo real real real por Sua Magestade rey de Portugal noso senhor.

*E por pasar tudo na verdade ele dyto capitão mandou delo fazer este auto na maneira sobredyta em que se asynou com o pryncipe regedor e **lyngoa** e secretario e bispo cabido da See e dynydades dela e os mayores dos quatro conventos e vereadores e procurador da cydade e juizes e procuradores dos mesteres e mais ofycyaes dela e o ouvydor que ora tãobem serve de vedor da Fazenda e o feitor e alcaide moor e fydallgos e cavaleiros e cydadões e povo abaixo asynados.*

E eu Dynis Soares sprivão da Ouydydorya desta cydade que esto sprevey e nele me asyney com Symão Fernandez e Antonio Cardoso e Jeronymo Garcees outrosy sprivão da dyta Ouydydorya Gaspar Alexandre sprivão da Camara da dyta cydade em que damos nosas fees pasar na verdade o conteudo neste auto.

Dom Jorge de Meneses Baroche. O bispo de Cochym. Asynou o Rey velho por sy e pelo pryncipe Ynira Macul. Iticanachamena regedor moor. Ytynora. Bento Ferreira. O adayão provysor. Ho chamtre e Gil Eanes Pereira. Christovão Lopez. Pero Fernandez da Nobrega. Vicente Velho d'Araujo. Sebastião Alvarez. Frey Marcos da Graça. Frey Ambrosyo de Mondragão. Frey Manuel de São Marsal. Frey Domingos de Jesu. Frey Gaspar da Crus. Dyogo do Soveral. Gaspar Jorge. Thome de Melo de Castro. Dynys de Tores. Jorge Diaz. Manuel do Vale. Ruy Gonçalvez Ribeiro. Alvaro Fernandez. Domingos Francisco. Gaspar d'Amduja. Gaspar Alexandre. Afonso Delgado de Campos. Antonio de Moraes. Dom

Jeronymo Mascarenhas. Dom Aleyxos de Meneses Baroche. Dom Duarte de Sá. Lyonel de Bryto Coutinho. Manuel de Lacerda Pereira. Ruy Dias Pereira. Francisco de Melo Soares. Antonio Correa de Sousa. Gabriel de Sousa. Trystão da Barbuda. Gaspar do Amaral. Afonso d'Oliveira. Dyogo Rodriguez Calldeira. Antonio Fernandez. Symão Fernandez. Antonio Cardoso. Jeronymo Garcees. Dynys Soares.

*O qual auto se tresladou aquy do proprio bem e fyelmente sem acrescentar nem demenoir cousa alguma que duvyda faça que logo nao vaa resalvado. *E* vay sprito em tres meas folhas de papel com esta em que se acaba. *E* vay consertado com os ofycyaes abaixo asynados ao conserto ao qual se lhe pode dar ynteira fee e credyto como ao proprio original se apresentado fose.*

E pera firmeza delo vay asynado por mym e pelo ouvydor que tãobem serve de vedor da Fazenda e aselado com o selo das armas reaes de Sua Magestade que serve no Juizo da Ouydydorya desta cydade.

Em Cochym aos tres dyas do mes d'Outubro.

Dynys Soares sprivão desta Ouydydorya o fez sprever e sobescreveo por licença que pera elo tem.

Anno do nacymento de Noso Senhor Jesu Christo de mil e quynhentos e oytenta e hum annos.

Paga nada. Dom Jorge de Meneses Baroche. Afonso Delgado de Campos.

Concertados por noos offycyaes aquy asynados. Dynys Soares. Jeronymo Garcees. Symão Fernandez. Francisco Fernandez. Antonio Cardoso.

Ao selo nada. Afonso Delgado de Campos.

Eu João de Faria secretario deste Stado o fiz tresladar do proprio treslado que fica registado no Livro dos Registos do Stado e o consertei.

Em Goa vinte e sinco dias do mes de Novembro de 1581 annos.

João de Faria.”

2.1.43 1585 – LINGOA – Manoel Godinho Cardozo

Na *Relação do naufragio da Nao Santiago* (CARDOZO, 1585: 137) [Figura 12] consta:

“Sahidos em terra encherão hum barril de agoa, que achãraõ em covas em huma campina pela terra dentro, e vindose com ella para a praya, achãraõ hum negro, que trazia algum peixe miudo, posto que pouco, que lhe resgatãraõ por hum barrete, e mandãraõ com o negro à Aldea Alvaro Rodrigues, que estava duas legoas da praya, para trazer fogo, e ver se achava **lingoa** que lhe dissesse onde estavaõ, para fazerem sua derrõta”.

RELACÃO
DO
NAUFRAGIO
DA
NAO SANTIAGO
No anno de 1585.
E Itinerario da gente que delle
se falvou.



ESCRITA
POR MANOEL GODINHO CARDOZO.
E agora novamente acrescentada com
mais algumas noticias.

Figura 12. *Relação do naufrágio da Nao Santiago* de Manoel Godinho Cardozo (1585).

2.1.44 1592 – TURCIMÃO – Frei António Soares de Albergaria

No fólio 46r (*Capitolo iiij. No qual hum certo Senhor infiel descobre ao peregrino como ho Graõ Turco mandava sperar em Maçambique a armada da nosa índia, e do que ho peregrino sobre isso fez*), do *Itinerário à Casa Santa* do Frei António Soares de Albergaria, manuscrito no. CCCLXX/303 da Biblioteca Nacional de Portugal, datado de 1592, e transcrito (com algumas alterações da grafia original) por PEREIRA (2005: 98) há o seguinte trecho:

“Estando eu nesta Tripole de Sorya encontrou hum dia comigo hum turco, a dignidade do qual jaa agora pode dizer aver muyto. E he baixa do [mesmo] Tripole de Soria / perguntou me a causa por *que* vyera a Tripole, e dizendo lhe eu toda a verdade: estranhou ho malfeito. Perguntou mays se era spanhol: Respondi que sy / se era castilhano: disse lhe que não, e perguntando me como podia isto ser? Respondi, que era portugues. Qual destas duas nações, disse ele, he mais enemiga do Turco? Eu lhe respondi *que* portugueses e *que* olhassem a experiencia *que* disse tinhaõ junto da porta / e virando se pera hos turcos *que*, ho acompanhavaõ contei lhes tudo em turquesco, *que* a *mym* em italiano me falava ho qual era seu natural. Logo todos ho tomarão por **turcimão** e perguntarão me se hos temia. Respondi *que* isso era não ser eu verdadeyro chrystaõ / senty eu *que* antresi louvavão muyto ha constancia”.

2.1.45 1594 – TURCIMÃO, TORCIMÃO, INTERPRETE, LINGUA – Frei Pantalião do Aveiro

Frei PANTALIÃO DO AVEIRO (1594), em seu *Itinerario da Terra Sancta*, mencionou várias vezes o **turcimão**:

Fólio 37r:

“Quando chegamos ao porto, achamos tudo a ponto para nos podermos partir: o fato & roupa metido em hũa carauela de hũ leuãtino por nome Demetrio, muyto amigo dos Frades de muyto tempo:& os auia seruído de **Turcimão** algũas vezes por fer muy entêdido, assi no Arauigo, como no Turquesco”.

Fólio 39r:

“O mesmo dia, que ali chegamos, mandarão recado a cidade de Rama ou Bamula, ao lamy (que he hũ Turco nobre, que ali estã o mais do tempo, para os negocios de importancia, que naquellas partes se offerecem) para que nos mandasse algũas guardas, q’ nos defendassem dos Arabes, que ali soẽ acudir das montanhas derredor, tanto que sentem no porto algun pauio de Christãos, & assi mesmo mandarão recado a Hierusalem ao Vigairo do conuento de S. Salvador, para q’ viesse com o **Turcimão** & guardas, que com nosco auião de hír, & com tudo o mais necessario de camelos, & caualgaduras”.

Fólio 42r [notar que ao lado de *turcimão* aparece o sinônimo *lingua*]:

“Ao quinto dia pella menhãa chegarão as guardas, que vínhão de Hierusalem, & serião te vinte de caualo, & com elles o Lamy, que he como guarda mor, o qual era hum Turco como homem de cincoenta annos de muy fermoso aspecto, & pessoa de grande autoridade vinha todo armado de armas brãcas muyto ricas, & em hum caualo encubertado, & outro a destro da mesma maneyra: somente trazia a cabeça desarmada, e nella hũ Turbã, ou seixa ao modo Turquesco. Vinha cõ elles o nosso padre Vigairo do cõuêto, cõ outros tres padres cõpanheyros, & o **Turcimão** Iacob, q’ nos serue ã Hierusalem de **lingua**: & outros tres familiares dos frade de Bethlem, q’ são, Musa, Bochali, & Ioseph, & cõ eles outros Christãos...”.

Fólio 44r:

“Ao dia seguinte pella menhãa, vierão as guardas para verẽ o fatto, & as mays cousas, que traziamos, para que se pagassem os direytos, que se deuesem ao grão Turco, como he costume em toda parte: & com as guardas veio o Lamy, a quem em particular toca aquelle officio, o qual com os mays companheyros muy cortesmente começou de olhar algũas cousas, quasi por cerimonia, & como quer q’ traziamos muitas de muyto preço, & estima para o culto dũino; como ornãmẽtos, calices muyto ricas, & outras peças de prata, q’ entre Turcos, não são vistas, nem costumadas, & algũs retauolos: temeo o padre Bonifacio, q’ dão aq’les Turcos cõ ellas, tiuessemos algũ enfadamẽto; mas o nosso **Turcimão** como homẽ esperto, cõ consentimẽto do padre Guardião tomou cinco ou seis cruzados...”.

Fólio 110 [aqui *turcimão* está acompanhado pelo sinônimo *interprete*]:

“No tempo que em Hierusalem estiuẽ, era o governador Sclauão da mesma patria do padre Bonifacio, & tanto amigos, que se nomeauão por parêtes, & como tais se tratauão em muytas cousas: & falauão ambos na propria lingua Esclauonia, saluo nos lugares & negocios publicos, onde era necessario por autoridade do officio auer entre elles **Turcimão**, & **interprete**: & por esta cousa se offerecião mais occasiões para se entrar em sua casa, & podermos visitar aquelles sanctos lugares”.

Fólio 119v:

“E chamandome, como seu ordinario companheiro, me entregou algũs brincos de Veneza a este fim & para semelhantes successos leuara, & ao **Turcimão** cinco couados de pano roxo fino: & com o genizero q’ tinhamos em casa para nossa guarda nos fomos a casa daquelle cacis maior”.

Fólio 172r:

“Prometilhe eu, ja que de todo nos não estoruaua, que tudo da nossa parte se faria, como sua paternidade mãdaua: & quãto ao trabalho & perigo, q’ dizia, consultado tinhamos tudo, q’ quãto ao trabalho, mais seria o gosto, depois do o termos passado. Aquela mesma tarde me parti pera Bethlehẽ em cõpanhã de hum nosso **torcimão** por nome Anna que fomente fora a me levar o recado de meu companheiro, do qual fomos recebidos cõ muita alegria, postoo q’ como dizem, eu era hospede de cada dia”.

Fólio 191v:

“Estando eu em terra sancta, desejando muito de ver com meus olhos a tal estatua, muy particularmente inquiri, se auia algũa memoria della: & falando com Iacob Christão Maronita, **torcimão** do nosso conuento de Hierusalem, homem antiguo, pratico, & de muita esperiencia de muitos annos nos lugares de terra sancta, por seruir de **torcimão**, & guia aos peregrinos, que de Franquíã vão em Romaria áquellas partes de Palestina...”

Fólio 198v:

“Aquella noute auiado todo necessario, em amanhecendo se partio, leuandome por seu companheiro: indo com nosco os dous geniseros que o vierão chamar, & outro que para nossa guarda tinhamos em casa dado polo grão Turco, inda que sustentado a nossa conta com armas, moço, & caualo, & leuando tambem o nosso **torcimão** Iacob, & outros quatro homens de pé, caminhamos tẽ Gabaon duas leguas de Hierusalem, aqual ao presente he de nhũa memoria como fosse cidade principal, & real como ja tenho dito, no tempo que os filhos de Israel entrarão na terra da promissaõ”.

Fólio 199v:

“E começando de caminhar para onde estaua o sam Iaco, hũ dos homens de pé, nossos companheiros, leuaua diante o pão, & a pòs elle outro com os Frangos, & logo o vinagre, & depois a selada, & ao vltimo hia Iacob nosso **torcimão** com o pano, & chegando diante o governador fazião sua inclinação, & passauão de largo para outra tenda, onde tinha a sua despensa: & elle lançaua somente com dissimulação o rabo do olho, estando com muita grauidade, quasi mostrando não estimar cousa algũa”.

Fólio 200r:

“O padre Guardiãõ lhe respondeo polo mesmo **torcimão**, q’ elle não tĩha feito edificio algũ sumtuoso, mas que com sua licença particular auia leuantado hũas paredes do seu mosteiro, não para algũa defenõ: mas para recolhimento dos seus frades, & sua quietação...”

“Nao falou ali o governador palaura algũa na sua lingua Esclauonica ou Macedonica, como outras vezes fazia, quando se viãõ, mas toda a pratica foy em Turquesco por via do **Torcimão** por ser necessario mostrar naquelle acto publico sua auctoridade, & grauidade...”

Fólio 200v [o autor cita os sinônimos *intérprete e língua*]:

“Começou o governador a dizer algũas cousas, as quais o **torcimão** não declaraua como com vinha, porq’ de sua natureza não era todo bõ, & nos seruia mais polo interesse q’ por boa amizade: as quais ouuidas polo padre guardiãõ começou a se agastar, dizendo q’ senão atreuia mais morar em terra sancta, & q’ determinaua tornarse com os seus frades para Frãquia: & mais q’ tinha para si o grãõ señor Solimão não mãdar, q’ com os Francos se vsasse de tanta tirania, sabẽdo todo mũdo quam amigo era sempre da justiça”.

“Ouuiendo isto o governador, irouse muito cõtra o **torcimão**, & lhe disse muy agastado: olha qua Iacob, tu es hũ perro muy falso, & não dizes como eu te digo: o q’ entendo pola repofta do guardiãõ, q’ a dá como homẽ agastado. Ia q’ te tomamos por **interprete**, trata entre nos verdade, porq’ em hũ negocio como este, não se permite falsidade: & senão falarei eu com elle, na propria lingua da nossa patria, & conhecendo de raiz tua velhecãria, mandarei fazer de ti justiça. Ficou tão fora de si o **Torcimão** com estas palauras, q’ não soube mais atinar com cousa algũa, dc tal maneira, q’ foy necessario o nosso genisero seruir de **língua** por ser tambem de Sclauonia, & por causa dos circunståtes falaua na lingua Turquesca: & na sua propria daua ao padre guardiãõ a reposta”.

2.1.46 Séc. XVI – JNTERPETE – Inquisição de Lisboa

Segundo DIAS (J. J. A.) (1995: 137), em seu belo artigo sobre a colônia alemã em Portugal, no século XVI, e a Inquisição:

“Curioso é ainda notar que os primeiros denunciados à Inquisição eram Luteranos conversos. Tinham sido baptizados e educados no catolicismo tradicional, mas depressa se deixaram impregnar pelas novas correntes religiosas, triunfantes nas suas terras. Correntes religiosas, essas, que colocavam em pé os cabelos dos inquisidores de Lisboa. Não só não aceitavam os Santos, nem a autoridade papal, como duvidavam da consagração da hóstia e não praticavam a confissão junto de um sacerdote. Defendiam que as leis feitas pelos homens para a Igreja não tinham qualquer valor, rejeitando as indulgências pagas, as quais para nada serviam pois nem sequer havia purgatório. Não admira, por isso, que fossem sentenciados. Com excepção dos dois jovens voluntários, todos os outros tiveram de ‘abjurar em forma’, saindo nos autos de fé com hábito penitenciário e, sendo condenados, a prisão perpétua. Mas tratava-se, aparentemente, de uma fórmula e não de uma prática. Porque de imediato, pediram a substituição da pena por residência fixa e, ao fim de três anos, se fossem bons praticantes da religião católica, mediante atestado passado pelo sacerdote encarregado da sua educação, obtinham autorização para abandonar o país e partir para a sua terra natal.

Não deixa de ser curioso o facto de, aparentemente, só um falar, ou melhor, arranhar o português. A língua corrente era o flamengo, sendo quase sempre o sacerdote da colónia alemã desta origem. Todos eles foram prestar declarações acompanhados por um tradutor. Na sua falta era um preso [‘E por elle Nom saber falar Nosa Lymgoa portuguesa foy chamado Joam bet flamengo preso em este carcere pera ser **Interpete** e declarar o que elle disese por emtender sua lymgoa’, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, processo no. 10369; ‘e esteue por **Interpete** a todo Jsto por nom saber nem entender portugues hans vam muster alemão’, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, processo no. 5272, fl. 5v], entendendo as duas línguas, que fazia de intérprete”.

2.1.47 1602 – LINGOA – Diogo do Couto

Em sua *Decada qvarta da Asia* (COUTO, 1602: fólio 185r) lê-se:

“Ao entrar da camara em que elRey estaua , o não fez cõ elle mais que Xacoes, & os **lingoas**, Marcos Fernandez, & Cojepercoli,& fidalgos,Martim Afonso de Sousa, Garcia de Sa, Pero de Faria, Ouuidor geral, & Secretario”.

2.1.48 1605 – LINGOA – Filipe II de Portugal

Em carta escrita ao Vice-Rei da Índia, Martim Afonso de Castro, escreveu:

“E por capitão de Onor diz está Diogo Mendes da Costa, que tem aquella fortaleza em boa guarda, e por ora está quieta com a rainha, pela necessidade que ha de se fazer a pimenta em seus portos; e postoque o **Lingoa** commette alguns partidos, elle não tinha dado a isto consentimento...” (PATO, 1880: 4).

2.1.49 1605 – LINGOA – Fernão Guerreiro, S. J.

Em sua *Relaçam annal* para os anos de 1602 e 1603 (GUERREIRO, 1605) consta:

Fólio 89r:

“Alli tomaram **lingoa** & tiueraõ noticia mais clara dos Todies que sam a gente que o padre principalmente hia buscar, a qual està mais a diante pollas terras dentro, por onde caminhou o padre com os conpanheyros, por alguns dias com muy grande trabalho & perigo, polla fragosidade & aspereza do caminho, que era tanto a pique ao descer, q’ lhe era necessario irem assentados deyxandosse escorregar para bayxo”.

Fólio 134v:

“Tinhamos antes disto mandado hum crioulo boa **lingoa** com recado a el Rey para que lhe declarasse minha vinda, & a causa della: & lhe dissesse da carta de sua Magestade de q’ trazia para elle”.

2.1.50 1607 – LINGOA – Fernão Guerreiro, S. J.

Em sua *Relaçam annval* referente aos anos de 1604 e 1605 (GUERREIRO, 1607) lê-se:

Fólio 125v:

“A outro dia polla manhã do dia que chegou o mandou chamar o Visorey, a quem achou almoçando, & como acabou mandou a sayr todos fora, ficando sò hum Portugues que era **lingoa**, & por elle lhe disse que inha [sic] muito boa informação de sua pessoa, que folgaria de o ter por amigo...”.

Fólio 127v:

“Aos oito de Junho chegando perto donde estaua a Rainha sogra deste Visorey, disse elle ao Padre que queria deixar as tendas, & irse com vinte, ou trinta de caualo a velha, & que fosse elle Padre tambem, porque ella folgaria. Fello assi, acharamna fora da cidade em tendas, & ella sò tinha hũa casa pequena. Entrãdo o Visorey, mandou que entrasse tambem o Padre, & o Capitam dos Portugueses pera ser **lingoa**”.

Fólio 128v:

“Entrãdo o achou assentado em hũ lugar alto, & o Visorey, & muitos fidalgos, & frades em pè, bejoulhe o Padre a mam, & afastandose logo lhe disse el Rey pelo Capitam, que era a **lingoa**, que se assentasse, & cobrisse, deteuese o Padre com tudo hum pouco, mas el Rey lhe fez logo sinal cõ a mam, que se chegasse perto, & assentasse sobre hũa alcatifã”.

2.1.51 1611 – LINGOA – Fernão Guerreiro, S. J.

Em sua *Relaçam annal* para os anos de 1607 e 1608 (GUERREIRO, 1611: fólio 82r) há o seguinte trecho:

“E alli fez hũa armada em q’ mãdou todos os soldados q’ pode, & cõ elles hũ padre da Cõpanhia experimêtado na terra, & **lingoa** pera os reduzir, & sogeitar como fez a algũs lugares por força darmas...”.

2.1.52 1613 – LINGUA – Filipe II de Portugal

Na carta ao Vice-Rei da Índia, Jeronymo de Azevedo, consta:

“Manuel Machado, christão da terra. Casado e morador n’essa cidade, me enviou pedir que lhe fizesse mercê de lhe confirmar os tres annos do cargo de **língua** d’essa alfândega...” (PATO, 1884b: 435).

2.1.53 1615 – LINGUA – Petição dos gancares mores de Salsete de Goa

“Os gancares móres das doze aldeias da camara geral das terras de Salsete de Goa, aqui abaixo assinados, se queixam a Vossa Magestade de hum Agostinho Diniz, filho de Pero Diniz, e seu filho André Diniz, de muitas e mui grandes semrazões e injustiças que fazem nas ditas terras, assi às aldeias e comunidades d’ellas, como ao povo miudo, por serem homens poderosos, e servirem muitos tempos de officio de tranqueiros e **lingua** dos capitães da fortaleza das ditas terras...” (PATO, 1885: 321).

“...mais que adquirir tudo por meios illicitos com os officios que servem de tranqueiro e **lingua** dos taes capitães...” (PATO, 1885: 323-324).

2.1.54 1620 (24 de março) – LINGOA – Filipe II de Portugal

Em carta ao vice-rei da Índia, D. João Coutinho, escreveu o monarca (REGO, 1975: 52):

“Conde viso rey amigo. Eu el rey vos invio muito saudar como aquelle que amo. Avendo visto as cartas patentes que Dom Jeronimo d’Azevedo sendo viso Rey desse Estado passou em meu nome o anno de 617 a Ambrosio d’Almeida do cargo de catural da cidade de Goa, e a Manoel d’Almeida do argo de **lingoa** da Alfandega...”.

2.1.55 1622 (15 de fevereiro) – LINGOA – Fernão d’Albuquerque

Em sua carta a Filipe III de Portugal há o seguinte trecho (REGO, 1975: 398, 1978: 297):

“E praticada a matteria e vendo se juntamente hũa carta de Vossa Magestade escripta nas vias do anno de 620 sobre o procedimento que he servido se tenha com este embaxador pareceo que se lhe não devia fazer retenção por quam mal se receberia havendo que o tinhamos prezo porem que porquanto não convinha que se fosse assi exasperado e algũs dos conselheiros havião entendido do seu **lingoa** e de outras pessoas que se eu o chamasse tornaria para a cidade o devia eu fazer e procurar aquieta lo e com isso dar lhe licença para se ir”.

2.1.56 1622 (23 de fevereiro) – LINGOA – Francisco Travassos Prego

Na carta que enviou a Filipe III de Portugal (REGO, 1978: 330) escreveu:

“Cada hũa parrochia destas terras tem hum meirinho e dous prais e hũa **lingoa**, e a cada hum se paga 6 tangas cada mes, e nas igreijas da ilha de Goa não ha mais que hum meirinho e deste serve de **lingoa** com hum so estipendio e assy se escuza la **lingoa** e dous prais o que não ha senão aqui...”.

2.1.57 1623 (24 de fevereiro) – LINGOA – Lourenço de Souza Lobo

Na carta que escreveu para Filipe III de Portugal consta (REGO, 1978: 330):

“...são senhores absolutos do mellor [sic] das terras e asy de fruta como galinhas e vaquas e de tudo o mais que ha nellas como tambem em cortar muitas arvores de frutas para o que lhes parece e a paga he nhũa e quando o acazo dão parte della, he com muitos choros e clamores de pobres mesquinhos e os seus minitros e **lingoas**...”.

2.1.58 1624 (20 de janeiro) – LINGOA – Conde Almirante (Dom Francisco da Gama)

Em sua carta a Filipe III de Portugal (REGO, 1982: 163) lê-se:

“Jordão Pereira official da Fazenda deste Estado me fez a petição que vay com esta sobre o cargo de **lingoa** e contador da Alfandega de Diu, ou escrivão de Catoalia e Avensas desta cidade que pretende por haver perto de vinte annos que serve no dito officio”.

2.1.59 1624 (20 de março) – LINGOA – Filipe III de Portugal

Na carta enviada pelo monarca ao vice-rei da Índia (REGO, 1982: 374) há o seguinte trecho:

“E a Demingos de Mendonça, homem da terra, fiz merce do cargo de **lingoa** da Alfandega de Goa...”.

2.2 OS “LÍNGUAS” NO BRASIL

Em seu excelente artigo, BARROS (1995: 3) esclarece:

“No Brasil, o tupi – chamado de língua brasílica nas crônicas jesuíticas – foi a língua da conversão religiosa, no período de 1549, data de chegada dos jesuítas, até 1759, quando a Companhia de Jesus foi expulsa da colônia e teve início uma política patrocinada pela administração colonial de oficialização do português no contato com os grupos indígenas. No contexto deste trabalho tentar-se-á reconstruir a política lingüística da Companhia de Jesus no Brasil no século XVI através de três questões:

1. identificação do intérprete tupi da missão, particularmente aqueles que eram membros da Companhia de Jesus. Com o levantamento espera-se rastrear a forma de aquisição do tupi no interior da ordem religiosa (pela oralidade ou pela escrita).

2. a presença de uma tradição de discurso público exortativo (com valores de advertência, clamor, etc.) tanto entre missionários como entre grupos tupi e a forma de sobreposição dessas duas tradições discursivas como parte da estratégia de conversão jesuítica.

Esses dois tópicos estão relacionados ao termo “**língua**”, usado nas crônicas jesuíticas com o sentido de intérpretes tupi ou como pessoas com poder de oratória nesta língua”.

É interessante notar que *língua*, no sentido de intérprete do tupi, foi usado tanto como nome feminino (2.1, 2.3, 2.6, 2.7, 2.9) como masculino (2.2, 2.11).

2.2.1 1546 – LINGOA – Pero de Campos Tourinho

“Senhor. – A Baía capitania de Francisco Pereira Coutinho se despovoou per rezão do gentio dela lhe dar gera averá hum anno e ele se veyo aquy onde ora está sem nunca pôr nenhuma deligencia acerqua de a pouoar e ora sou enformado por hum Diogo Alvarez o galego **lingoa** que la era morador que daqui foy em hum caravellão á dita Baía que se fora dahy hũa não de França averia dous ou tres dias os quaes fizeram amizade com os brasys e levou toda a artelharia e fazenda que ahy ficou e concertaram com os **brasis** de tornar dahy a quatro meses com quatro ou cinco naos armadas e muita gente a pouoar a terra por causa do brasil e algodões que nela ha e redificarem as fazendas e engenhos que eram feitos e por o tal nam ser serviço de Deus nem proveito de V. A. antes destruição de todo o brasil eu mandei ao dito Francisco Pereira por parte de V. S. logo se embarcasse pera esse Reino fazelo saber a V. S. e por nam ir o faço saber a V. S. e lhe mando hum estormento diso pera com brevidade prouer como for seu serviço.

E pera guarda e conservação do brasil e de toda esta costa fiz caa Manoel Ribeiro portador capitão do mar por ser pessoa auta e pera o tal abel e pertencente e pera o servir em cousas que cumpram a V. A. muito dilygente” (MALHEIRO DIAS, 1924: 266).

2.2.2 1548 (17 de dezembro) – LYMGOAS – D. João III

No *Regimento de Tomé de Souza*, dado por D. João III, lê-se (AZEVEDO, 1924: 349):

“Porque averei por muito meu serviço descobrir se o mais que poder ser pelo sertam adentro da terra da Bahia vos encomendo que tanto que ouver tempo e desposisam pera se bem poder fazer ordeneis de mandar allguns bargantins toldados e bem providos do necesario pelos rios de Peraçuu de Sam Francisco com **lymgoas** da terra e pesoas de confiança que vão por os ditos rios acima o mais que poderem aa parte do loeste e pera honde fforem ponham padrões e marcas e de como os poseram façam asentos autenticos e asy dos caminhos que fizerem e de todo o que acharem do que nisto fezerdes e o que soceder me sprevereis meudamente”.

2.2.3 1549 (14 de abril) – LYMGOAS – Carta de Duarte Coelho

“...asy como os meus bragantyns e os caravellões dos moradores andam a mayor parte do ano por toda minha costa asy poderam andar os seus navyos e eu os favorecerey e ajudarej no que poder e aquy se poderam fornecer e avyar de lymgoas e do mais que lhes cumprir e poderem comprar o vender com os moradores e povoadores da terra e fazerem seu proveito sem nos daneficarem asy ha mym com aos que comigo estão” (LIMA, 1924: 318).

2.2.4 1551 – LINGOA – Fernão Lopes de Castanheda

Em Castanheda (1551: Livro I, Capítulo xxxi: De como çoçobrarã quatro naos; 1833a: 97):

Cap. xxxi. De como se descobriu a
terra dos.



Esaparecida a cara-
uella de Luis pirez el
perou Pedraluauez
cabrial por ela dous
dias, e aos vinte qua-
tro d'abril q̄ foy der-
raderya oytava da Pascoa foy vis-
ta terra, e q̄ era outra costa oposta
á de Africa, e demoraua a loeste / e
reconhecida a terra pelo mestre da
capitaina que lá foy / mandou Pe-
draluarez surgir pera fazer agoada
e a descobrir / e por ho porto em q̄
surgio ser bom, lhepos nome porto
seguro. E em terra forão tomados
dous homens dos naturais dela / q̄
por não se entenderê com nhũ dos
línguas que Pedraluarez leuaua
os mandou soltar vestindo os pri-
meyro á Portuguesa, pera q̄ os ou-
tros soubessem q̄ era gente de paz /

2.2.5 1556-1557 – LINGOA – Manuel da Nóbrega, S. J.

Em seu *Dialogo sobre a conversão do gentio* (HANSEN, 2010) lê-se:

P. 161:

“*Nogueira*: – Parece-me que por mais faciles que fossem a se converterem, não se converterião da maneira que lhes dizeis nem lho dizem os Padres, e por isso estai-me atento. Sabereis como o officio de converter almas hé o mais grande de quantos há na terra e por isso requiere mais alto estado de perfeição que nenhum outro.

Gonçalo Alvarez: – Que requiere? Não abasta ser **lingoa** e saberlho bem dizer?”.

P. 162:

“Há-de ter muita fee, confiando muito em Deus e desconfiando muito de ssi; há-de ter graça de falar mui bem a lingoa; há-de ter virtude pera fazer milagres quando comprir, e outras graças muitas que têm os que converterão gente, e sem isto não tenho ouvido que ninguém se convertesse. E vós quereis converter sem nada disto, e que de graça sejam logo todos sanctos? Esse seria o maior milagre do mundo; e ainda que vós sejais **lingoa** e lho sabeis bem dizer, não me negareis que se algum vos não fala à vontade, logo perdeis a patientia e dizeis que nunca aonde ser boons”.

2.2.6 1557 (1º de janeiro) – LINGUA – António Blazquez, S. J.

Na “Carta quadrimestre de setembro de 1557 a janeiro de 1557”, escreveu o Pe. Blazquez (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931: 159; LEITE (S.), 1956: 351, 1957: 351):

“E porque depois cresceu o numero dos Gentios e juntamente o trabalho, tiraram ao irmão Antônio Pires de ser mestre, por ser das melhores **linguas** que temos, e mandaram-no ao rio Vermelho”.

2.2.7 1557 (10 de junho) – LINGUA – Antonio Blazquez, S. J.

Na “Summa de algumas cousas que iam em a Náo que se perdeu do Bispo pera o nosso Padre Ignacio” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931: 171) lê-se:

“Determinou-se o Governador de pôr a mão em este negocio donde tanta honrra resultava ao Senhor, e asi mandou hum grande **lingua** que se chama Espinhoso homem que entre elles tem grande auctoridade, a que tentasse estes gentios e visse se por temor se podia acabar com elles a que deixassem tão abominável custume”.

2.2.8 1557 (2 de setembro) – LINGOA, LINGOA DO BRASIL – Manuel da Nóbrega, S. J.

Em Carta ao P. Miguel de Torres, Lisboa, datada da Bahia, 2 de setembro de 1557 (LEITE (S.), 1955) existem as seguintes passagens:

P. 190:

“Polla quam rezão nos obriga Nosso Senhor a mais presto lhes socorrermos, maiormente que nesta Capitania nos proveo de instrumentos pero isso, que são alguns Irmãos **lingoas**...”.

P. 191:

“Na Baia não se emtende agora por falta de **lingoas** que não temos...”.

P. 275:

“Dos que quá se receberão, Simam Gonçalvez, que foi o primeiro soldado que quá se tomou, merece bem coadjutor temporal; Manoel de Chaves hé boom filho e mui humilde, e que tem servido muito a seus Irmãos, e a milhor **lingoa** que temos: trabalhei de os emcaminhar a ser clérigo pois sabia o latim da terra [tupi]: se ho for, será mui idiota, mas antre outros que mais saibão se sofre; este poderá ser coadjutor spiritual depois de ordenado. Ho Irmão Antonio Rodriguez hé outro-si **lingoa** que veio do Paraguai, boom filho e pero com ho gentio mui zeloso; sabe honestamente para clérigo; eu o trouxe comigo de Sam Vicente pera o ordenar e nam achamos já o Bispo”.

P. 414:

“...e se alguns na Baya os vendem creio hé forçadamente com medo ou engano ou outros injustos modos que costumão de praticar os **lingoas** e gente desta costa”.

P. 415:

“...assí per evitar muitos males e peccados que os **lingoas** com este pretexto dizem, porque, como hé notório, quando vem ao registro fazem dizer a hum indio com medo tudo o que querem e fazer seu proposito”.

P. 424:

“Este corolario me convem provar e não irei perguntar às **lingoas do Brasil**, a quem V. R. me remete, porque essas são as que tem feito todo o mal, mas pergunta-lo-ei a V. R. e aos mais Padres e Irmãos que também são **lingoas** e e viram e vem pollo olho todo o que se faz...”.

2.2.9 1559 (?fevereiro) – LINGOA – António de Sá, S. J.

Em sua Carta aos Padres e Irmãos da Baía, escrita do Espírito Santo em fevereiro (?) de 1559 (LEITE (S.), 1958: 18), escreveu o Pe. Sá:

“Primeiramente que foy grande mortandade assi nos escravos desta Capitania como nos forros e tão accelerada que do dia que lhe dava até o 6.º os levava, a huns com prioris, a outros com camaras de sangue, e como quer que o Padre Brás Lourenço 3 ficasse soo carregarão sobre elle muitos trabalhos, porque a huns era necessario aparelhar pera o baptismo a outros pera a confissão e pera bem morrerem; e asi tinham sobre elles muy special cuydado o Padre e o Irmão **lingoa**...”

2.2.10 1560 (13 de setembro) – LINGUAS – João de Mello, S. J.

Na Carta que escreveu o Padre João de Mello para o Padre Gonçalo Vaz, Propósito da Casa de S. Roque da Companhia de Jesus em Lisboa, do Brasil aos 13 de setembro de 1560 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931: 253) consta:

“Logo que o Padre aqui chegou, ordenou que em casa se lesse a arte da língua brasilica que compoz o irmão Joseph o mesmo Padre é o mestre e está tão exercitado e instruido nella que leva a ventagem nas cousas da arte aos mesmos **linguas**. Desta licção nem reitor, nem pregador, nem uma outra pessoa é isenta .Vai a cousa tão deveras que ha quem diga que dentro de um anno se obriga, desoccupado, falar a lingua: nem eu com ser dos mais inhabeis perco a esperança de sabel-o”.

2.2.11 1560 (15 de setembro) – LINGUAS – Ruy Pereira, S. J.

Na Carta do Padre Ruy Pereira aos Padres e Irmãos da Companhia da Província de Portugal, da Bahia a 15 de setembro de 1560 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931: 270) lê-se:

“Além disto, ordenou em casa que houvesse cada dia uma hora de lição da lingua brasilica, que cá chamamos grego; e elle é o mestre della pola saber entender e explicar suas regras melhor que todos, posto que sejão mui boas **linguas**”.

2.2.12 1562 (8 de março) – LINGUA BRASILICA – Antonio Blasquez, S. J.

Na Carta do Padre Antônio Blasquez do Brasil, da Cidade do Salvador, bahia de todos os santos, para o padre mestre geral diogo lainez e aos mais padres e irmãos da companhia, de 23 de setembro de 1561. Recebida em lisboa a 8 de março de 1562 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931) consta:

P. 319:

“Os dias passados, quando estava o Bispo pela quaresma nos Ilheos visitando aquella capitania, fez christão a um principal, a quem poz o nome Henrique Luis, o qual, querendo ir-se para sua terra, que será dessa capitania algumas 15 léguas, rogou a um homem christão, muito boa **lingua brasilica**, que estava casado com uma índia christã zelosa de todos se converterem a Deus, que se fosse com elle, que lá estaria muito á sua vontade em sua povoação”.

Pp. 319-320:

“Quando este Principal veio a esta Bahia, o Padre Provincial havia ido daqui algumas 15 léguas a fundar a povoação do Bom Jesus. Como chegou, juntando-se o seu fervor e zelo com a vontade e desejos do Bispo e Governador, que em extremo estavam muito cobiçosos que se puzesse em pratica esta empreza, não houve dilação no negocio; porque logo partiu o padre Luiz da Grã, em companhia de dous Padres, um delles mui boa **lingua brasilica**”.

2.2.13 1562 (10 de junho) – LINGOA – Brás Lourenço, S. J.

Em carta (Brás Lourenço, S. J., [1562] 1840: 436) consta o seguinte trecho:

“As leys ordenarão elles presente o padre bras lourenço e hũ **lingoa** desta maneira o Principal perguntava o castigo q’ davão por cada hũ dos delictos dizendo-lhe a **lingoa** elles o accejtavão somt.º os casos em que encorrião em morte lhe moderou o padre e assy viuendo em sua ley nova acertou hũa India Xprtaã casada de fazer adulterio foy acusado o adultero e condemnado q’ perdesse Todos seus vestidos para o marido da adultera e foy mettido no Tronco demodo q’ ficarão Tam atemorizados os outros q’ não se achou dally por diante fazerem outro adulterio, mas se algum pecca logo é acusado ao padre para qual manda que o Castiguem”.

2.2.14 1587 – LINGUA – Gabriel Soares de Souza

Em seu *Tratado descriptivo do Brasil* (SOUZA, [1587] 1951) registrou:

P. 19:

“N’este tempo pouco mais ou menos andava correndo a costa do Brazil em uma caravella como aventureiro Luiz de Mello, filho do alcaide mor de Elvas, o qual, querendo passar a Pernambuco, desgarrou com o tempo e as aguas por esta costa abaixo, e vindo correndo a ribeira, entrou no rio do Maranhão, e n’este das Amazonas, de cuja grandeza se contentou muito; e tomou **lingua** do gentio, de cuja facilidade ficou satisfeito...”.

P. 26:

“N’este rio Grande achou Diogo Paes de Pernambuco, **lingua** do gentio, um Castelhana entre os Pitigoares, c’os beijos furados como elles, entre os quaes andava havia muito tempo, o qual se embarcou em uma não para França porque servia de **lingua** aos Francezes entre o gentio nos seus resgates”.

P. 53:

“...embarcou-se logo com alguma gente em um caravelão que tinha, e outro, em que vinha Diogo Alvares de alcunha o Caramurú, grande **lingua** do gentio, e partiu-se para Bahia, e querendo entrar pela barra dentro lhe sobreveio muito vento e tormentoso, que o lançou sobre os baixos da ilha de Taparica, onde deu á costa...”.

Pp. 112-113:

“E no tempo que Thomé de Souza desembarcou achou na Villa Velha a um Diogo Alvares, de alcunha o Caramurú, grande **língua** do gentio, o qual depois da morte de Francisco Pereira fez pazes com o gentio...”.

P. 260:

“e assim como lhe vai crescendo a carne, começa a bolir com o rabo, e torna a reviver, ficando como d’antes: o que se tem por verdade, por se ter tomado disto muitas informações dos indios e dos **lingoas** que andam por entre elles no sertão, os quaes o afirmam assim.

E um Jorge Lopes, almoxarife da capitania de S. Vicente, grande **língua**, e homem de verdade, affirmava que indo para uma aldeia do gentio no sertão, achara uma cobra d’estas no caminho, que tinha liado três indios para os matar...”.

P. 261:

“Boiuna é outra casta de cobras, quo se criam na agua, nos rios do sertão, as quaes são descompassadas de grandes e grossas, cheias de escamas pretas, e tem tamanha garganta que engolem um negro sem o tomarem, em tanto que quando o engolem ou alguma alimaria, se mettem na agua para o afogarem dentro, e não sahem da água senão para remetterem a uma pessoa ou caça, que anda junto do rio; e se com a pressa com que engolem a preza se embaraça e peja, com o que não póde tornar para a agua donde sahiu, morre em terra, e sahe-se a pessoa ou alimaria de dentro viva; e afirmam os **linguas**, que houve indios, que estas cobras engoliram, que estando dentro da sua barriga tiveram acordo de as matar com a faca que levavam dependurada ao pescoço, como costumam”.

P. 267:

“Emquanto são bichinhos lhos chamam os indios juins, do que ha sempre infinidade delles, assim nas lagoas como no remanso dos rios; do que se enchem balaios quando os tomam, e para os alimparem apertam-nos entre os dedos, e lançam-lhes as tripas fora, e embrulham-nos ás mãos cheias em folhas, e assam-nos no borralho; o qual manjar gabam muito os **linguas** que tratam com o gentio, e os mestiços”.

2.2.15 1605 – LINGOA – Fernão Guerreiro, S. J.

Em sua *Relaçam annal* para os anos de 1602 e 1603 (GUERREIRO, 1605) consta:

Fólio 115r:

“Acudio logo o capitão acompanhado dos soldados, & dalgũs homens da cidade, que pretendião ter fazendas no mesmo sitio & lugar, onde tinhão alojados os Petiguares: dos quais para ellas se queriam aproueitar, fezlhes hũa comprida pratica polos **lingoas**, persuadindoos a ficarẽ”.

2.2.16 1614 – TRUXAMANTE, LINGOA – Jeronymo de Albuquerque

Nas *Memorias para a historia da Capitania do Maranhão*, de Jeronymo de Albuquerque, escritas em 1614 (ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, 1812), há as seguintes passagens:

P. 7:

“...mas para a Conquista elegeu logo Capitão, nomeando no dito cargo a Jeronymo d’Albuquerque por ser experimentado nas coisas do Sertão e dos Indios, como por ser grande **Truxamante**, ou **lingoa** entre elles, e com nome de seu bem-feitor, e parente ser mui aceito, e conhecido em toda aquella Costa”.

P. 14:

“Tambem estes dias á persuasão do dito Governador se acabárão de resolver os Reverendos P. Capuchos de darem para a Jornada os dous, que tinham offerecido, os quaes fôrão nomeados, e tocou a sorte ao P. Fr. Cosme de S. Damião, que havia sido Guardião da Prajuá; e assim ao P. F. Manoel da Piedade, natural daquella Provincia do Brazil, homem nobre, Theologo, e grande **lingoa** dos Indios”.

P. 25:

“Daqui se pôde ver o cabedal, que he bem fazer-se das palavras dos Indios do Brazil, e quanto importa estarem obrigados continuamente mais do temor, e força dos brancos, que de palavras de **lingoas**, as quaes não guardão senão no que nos está bem”.

P. 33:

“O Capitão Mór em lugar de acudir a isto lançou-se de fóra, e esquecido do pouco, que havia medrado com os Indios do Siará, e da Buapavá sem lhe valerem dádivas, nem **lingoa** se persuadia, que em chegando á outra barra dentro no Maranhão defronte da Ilha dos Topinambas, que sem dúvida em fallando com hum delles, todos se havião de vir á sua obediencia...”.

P. 35:

“Com Isto se socegárão algum tanto e curiosos de caminhar, e se mandou hum batel equipado com dois Pilotos, seis marinheiros, e seis Soldados particulares a reconhecer o Maranhão, e sua barra, e a Ilha grande; e isto pela parte mais occulta, que fosse possivel, vendo se podião tomar **lingoa**. Foi por cabo desta obra Melchior Rangel, natural do Rio de Janeiro, mancebo de boas partes, e grande **lingoa** dos Indios...”.

P. 45:

“Neste tempo, que foi a 7 do dito, os Francezes para ver se poderião tomar nova **lingoa**, pozerão huma bandeira branca em huma coroa de area, que está defronte em meio canal do Forte Santa Maria, a qual em sendo vista do Capitão Mór, mandou logo, que sahisse hum caravelão com 20 soldados, e **lingoa** dos Indios...”.

P. 53:

“...fizerão huma cerca no alto do monte, a qual se guarneceu de mosqueteiros á ordem de Mr. de la Fos Benart, com mais 400 Indios Topinambós, com o **lingoa** Turçou...”.

P. 61:

“...logo ferirão a Antonio de Albuquerque filho do Capitão Mór, e ao seu Alferes Christovão Vaz, e outros Soldados, e nesta pressa e bateria mais atrevida, do que dizer-se pôde, derão huma mosqueteada ao Turcou, **Lingoa** mor dos Indios...”.

P. 64:

“Hum **Lingoa** dos Indios chamado o Minguão”.

P. 75:

“...mas estava tudo tão cerrado com a ronda das lanchas, e assistencia dos navios, e persuasão das **Lingoas**...”.

P. 99:

“...nesta parte estava o **Lingoa** mor dos Indios, Francez por nome *Hibacon...*”.

P. 103:

“Acabada esta prática, que os **Lingoas** declaravão aos Indios, se fôrão a ver o sitio da Ilha...”.

P. 109:

“Que na Cidade de Paris em carros triunfaes fôrão levados os Indios Tupinambás, e os padrinhou o Senhor de Guiza, e S. Magestade d’ElRei de França lhes deu mulheres Francezas, e muitos vestidos, e dadivas, com que os tornou a mandar ao Maranhão por seus vassallos, sendo d’ElRei nosso Senhor, e além destes, e outros muitos liados, que tem, trazem **Lingoas** Francezes em todas estas Provincias, com que nos tem feito, e fazem muito damno”.

P. 114:

“...e sobre este aviso mandei com outros escravos alguns Francezes com hum **Lingoa** por nome o *Mingao...*”.

P. 115:

“...tanta diligencia fizerão até que os nossos **Lingoas** os descobrirão, e lhes derão a entender como os quereríamos por amigos perto de nós outros...”.

2.2.17 1621 – LINGUAS – Luis Figueira, S. J.

Em sua *Arte da lingua Brasilica* (FIGUEIRA, 1621, no *Prologo ao Leitor*) consta:

“O gosto, & desejo, que sempre tive de saber esta lingua, pera ajudar a estes pobres Brasijs; & a falta, que avia de arte, pera ella se aprender, me obrigâraõ a querella saber, & aprender de raiz por fundamentos, & regras, que busquei, consultandoas, & dandoas a examinar a Indios naturaes, & a Padres grandes **linguas**, nascidos, & criados entre os mesmos Indios do Brasil. E as mesmas rezoês acima ditas me obrigâraõ, & algũs Padres, & irmãos curiosos de nossa Companhia, que tiveraõ noticia deste meu trabalho, me estimulâraõ, & animâraõ a tomar atrevimento, pera sair a luz com elle”.

2.2.18 1627 – LINGOA, INTERPETRE, LINGOA DO BRAZIL, LINGUA – Frei Vicente do Salvador

Frei Vicente do Salvador, O. F. M., nascido Vicente Rodrigues Palha (Matuim, Salvador, 1564 — Salvador, ca.1636) foi um religioso franciscano, conhecido como pai da historiografia brasileira, ou Heródoto brasileiro.

Filho de João Rodrigues Palha e Messia de Lemos, nasceu em Matuim, Salvador, Bahia. Foi batizado no dia 28 de janeiro de 1567. Estudou no colégio dos jesuítas, em Salvador. Estudou Direito e Teologia na Universidade de Coimbra, onde se doutorou em cânones. Presbítero secular, foi cônego da cathedral e vigário geral do bispado da Bahia. Ingressou na ordem franciscana, tendo recebido o hábito a 27 de janeiro de 1599 e professando a 30 de janeiro de 1600, no convento de Salvador. Por volta de 1607 fundou o convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, sendo eleito guardião deste convento em 1612. Foi eleito custódio da Província

de Santo Antônio do Brasil, no capitulo celebrado em Lisboa a 15 de fevereiro de 1614. Exerceu diversos cargos em sua ordem. Foi colecionador de obras de arte. Faleceu no convento da Bahia por volta de 1636.

A História do Brasil, terminada em 1627, foi pela primeira vez editada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (VICENTE DO SALVADOR, 1889) e posteriormente por Capistrano de Abreu (VICENTE DO SALVADOR, 1918). A melhor edição (que infelizmente não tem paginação na transcrição do texto de Frei Vicente, uma lástima) é a de OLIVEIRA (2008), baseada nos códices existentes. As passagens abaixo seguem essa edição:

(Livro II, Cap. VIII), fólho 40v

“Mas embebedando-sse hũa vês húns poucos se comessarão a ferir, e matar de moso, que foi necessario mandar o capitão alguns brancos com seus escravos, que os apartassem, ainda que contra o paresser dos nossos **lingoas**, e **interpetres**, que lhe disserão os deichasse brigar, e quebrar as cabeças húns aos outros...”

(Livro II, Cap. X), fólhos 44r-44v:

“Pareço isto bem aos que aly estavam, e o governador Encomendando-lhes o segredo como convinha, mandou fazer os vinhos, e elles feitos mandou chamar os principaes das Aldeas dos gentios; e tanto que vierão os mandou agazalhar pellos **Lingoas**, ou **interpetres**, que o fizerão ao seu modo bebendo com elles...”

(Livro II, Cap. XI), fólho 47v:

“Vultimamente chegou a São Vicente, onde achou a seu Irmão mais velho Martim Affonso de Souza fortificando, e povoando a sua capitania e dando ordem a se Povoar, e fortificar tambem a sua de São Vicente pera o sul se tornou a esta de Tamaracá, e achando boa Informação de hum Francisco de Braga grande **lingoa do Brazil...**”

(Livro II, Cap. XIV), fólho 51r:

“No tempo, que se comessou a descobrir o Brazil, veyo Luis de Mello da Sylva filho do Alcyde-mor de Elvas como aventureiro em hũa caravella a correr esta costa pera descobrir algũa boa capitania, que pedir a El-Rey, e não podendo passar de Pernambuco desgarrou com o tempo, e agoas, e se foy entrar no Maranhão, do qual se contentou muito, e tomou **lingoa** do gentio...”

(Livro III, Cap. XV), fólho 75r:

“...lhes mandou Duarte coelho dizer pellos nossos **lingoas**, e **interpetres**, que se quietassem e fossem amigos (...). Tornados os **lingoas** com esta resposta, fez Duarte coelho de Albuquerque hũa juncta dos officiaes da câmara...”

O trecho seguinte (VICENTE DO SALVADOR, 1918: 217) não consta na edição de Oliveira:

“Levou este recado um Diogo de Crasto, que já havia estado em sua casa e sabia bem falar-lhe a lingua, e outro grande **lingua**, que havia sido irmão da Companhia, chamada Jorge Velho”.

(Livro IV, Cap. IV), fólho 99r:

“O capitão Simão Falcão emquanto os mais assistião na obra do forte, espiada hũa Aldea dos Inimigos a salteou hũa madrugada matando algũa gente, e captivando quatro com cuja **lingoa** o nosso exercito, vendo que ja aly não era de effeito se partio a via do certão em busca dos Inimigos...”

(Livro IV, Cap. VII), fólho 104r:

“O que entendido pello general Martim leytão; e considerando de quanta Importança seria ter páz com elles, e aparta-llos dos Potiguares mandou por **lingoas** fazer-lhes praticas...”.

“Ao mey-dia vierão tres Indios a tractar das pazes, que forão ouvidos na tenda do general, e examinados por **lingoas**...”.

(Livro IV, Cap. X), fólio 109r:

“...de depois de muitas graças a Deos sobre isto chegarão os **linguas** por terra com obra de quarenta Indios...”.

(Livro IV, Cap. XII), fólio 111r:

“Ao terceiro dia carregados os Indios de despojos, e algúns mantimentos partirão da Bahia da Treição, hindo sempre ao longo da Costa com o **lingua** dos Indios captivos em busca do tujucupãpo, o mór principal dos Potiguares...”.

(Livro IV, Cap. XXXVIII), fólio 142r:

“...e elle se partio da Paraybba por terra este mesmo anno de seiscentos e tres em o Més de Julho com sessenta, e sinco soldados, dos quais os principaes erão Manoel de Miranda, Simão Nunes, Martim soares Moreno, João cide João vás Tatáperica, Pedro cangatan **lingoa**, e outro **lingoa** Françés chamado Tuim-mirim...”.

“...e ao dia seguinte tornou em busca de hum nosso **lingoa**, com que se entendessem...”.

(Livro V, Cap. IV), fólio 161v:

“Item que os Portuguezes não tratarão couza algũa com os Indios do Maranhão, a qual não seja tractada pellos **lingoas** do senhor de Raverdiere...”.

(Livro V, Cap. V), fólio 163r:

“aos 17 se tornou a nossa armada a fazer à vella, e foy ancorar ao buraco das Tartarugas aos 18 donde mandou o capotão-mor hum **lingoa** com algúns Indios a hũa Aldea da gente do Diabo-grande, q’ era hum principal dos Tobajares...”.

2.2.19 1663 – LINGOA BRASILICA [sic], LINGOA, LINGOA DO BRASIL, LINGOAS DOS INDIOS – Simam de Vasconcellos, S. J.

Em sua *Chronica da Companhia de Jesu no Estado do Brasil* (VASCONCELLOS, 1663) tem-se:

P. 49:

“Contaua hum Padre de nossa Companhia, grande **lingoa Brasilica**, que penetrando hũa vez o serto, chegando a certa aldea, achou hũa India velhissima no vltimo da vida, cathequizoua naquelle extremo, ensinoulhe as cousas da Fê, & fez cumpridamête seu officio”.

P. 65:

“Naõ hauia jũto ao mar pouoações de Indios (principal intêto da missaõ) nẽ era cõueniête ainda largar os Portuguezes: deu ã hũa traça a caridade engenhosa do P. Leonardo; posse a caminho em cõpanhia de hũ dos mais

robustos Irmãos, bõ **lingoa**, & atraessou a pé aq' llas fragosas serranias, de que já fallámos, naquelle tempo mais brauías, & das aldeas de gentios, q' por aquellas mattas viuiaõ...”.

P. 71:

“Sentia muito a caridade do Padre Leonardo, o risco destas almas; & fiado no auxilio divino, fez missão a estes contrarios, leuando consigo o Irmão Pedro Correa, grande talento, & extremado **lingoa do Brasil**”.

P. 114:

“Considerado entre os Padres quão grande impedimento era á saluação das almas da Gentilidade, a falta de **lingoas do Brasil**, que com destreza lhe explicassem o Euangelho, determinãrão metter em casa alguns mestiços filhos de Indias, pera que prouados primeiro em a doutrina religiosa (aproveitando) fossem recebidos na Companhia; & quando não, servissem pelo menos de Interpretes”.

P. 153:

“He cousa aueriguada, que foi o melhor **lingoa** daquelle tẽpo: dillo expressamente o P. Ioseph; & que era tal a corrẽte de sua eloquencia, que em começado a fallar, suspẽdia os animos”.

P. 175:

“Neste comenos chegou à Bahia o Padre Nobrega, que o anno passado deixãmos em S. Vicente tratando da viagem, & se aproveitou da monção da costa. Trouxe consigo 4 companheiros estremados **lingoas dos Indios**: o Padre Francisco Pires, & os Irmaõs Antonio Rodrigues, Antonio de Sousa, & Fabiano de Lucena”.

P. 239:

“Em barcouse em sua companhia o Padre Prouincial Luis da Gram, leuando cõsigo dous Irmãos grandes **lingoas do Brasil**, Gonçalo de Oliueira, & Gaspar Lourenço...”.

P. 240:

“...mandou continuar com aquella missãõ o Padre Gonçalo de Oliueira bom **lingoa do Brasil**, & outro Padre Prẽgador, pera que hũ attendesse aos Portugueses, outro aos Indios, q' erãõ innumeraceis, & desemparados da Doutrina Christãa”.

P. 379:

“Faltauãõ **lingoas** na Bahia, que ajudassem a cultuiar a matta braua de sua grande Gẽtilidade em seus principios...”.

2.2.20 1672 – LINGOA DO BRASIL – Simam de Vasconcellos, S. J.

E na *Vida do veneravel Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesv* (VASCONCELLOS, 1672: 309) registrou:

“A esta Aldea de Reritigba foy mandado por este tempo o Padre Ioam Fernandes Gato, era zeloso da salvaçam das almas, & dezejaua fazer algum fruito com as dos Indios, mas applicando muita diligencia por saber sua lingoa, nam sahia com o effeito dezejado; chegou a desconsolarse grauemente, sendo frustrado seu trabalho; conheceo Ioseph [de Anchieta] seu cuidadado [sic], encontrouse com elle, & disselhe, nam desanime Padre, vã por diante que eu lhe digo, que daqui a poucos mezes, ha de sahir **lingoa do Brasil**, ensinarã, confessarã. & pregarã

nella: & foy o effeito marauilhoso, porque sahio o Padre Ioam, quando menos cuidou, destro em todos os modos necessarios de falar Brasilico, & obreiro perfeito pera com os Indios”.

2.2.21 1678 – LINGUAS – Luis Vincencio Mamiani

Segundo LEITE (S.) (1949a: 351):

“MAMIANI, Luiz Vincêncio, *Missionário e Lingüista*. Nasceu a 20 de Janeiro de 1652 em Pésaro. (Mamiani della Rovere, apelido completo de família). Entrou na Companhia, com 16 anos, a 10 de Abril de 1668. Embarcou em Lisboa para a Baía em 1684. Destinava-se à Missão do Maranhão, que o reclamou, não chegando a ir, por entretanto ter aprendido a língua dos Quiriris, entre os quais viveu, sobretudo na Aldeia do Geru, cuja Igreja fundou. Utilizou-se dos escritos [nunca publicados] da língua Quiriri deixados pelo que primeiro a reduziu a *Arte*, o P. João de Barros, e organizou-os e poliu-os para a imprensa (...). Em 1700 era companheiro do Provincial. Não se adaptando inteiramente à vida brasileira, voltou para Lisboa, em 1701, seguindo para a sua Pátria, onde ainda prestou serviços não só à Província do Brasil, mas a toda a Assistência de Portugal, de que era procurador em Roma em 1723, cargo em que perseverou ainda algum tempo, e no qual defendeu o Padroado Português do Oriente. Faleceu a 8 de Março de 1730 em Roma”.



Figura 13. Portada do *Catecismo da doutrina christã na língua brasílica da nação Kiriri*, do Pe. MAMIANI (1698).

No prefacio *Ao Leytor* (páginas não numeradas) de seu *Catecismo* da língua Kiriri²⁹ [Figura 13] o Pe. MAMIANI (1678) explicou inicialmente que:

“Ha mais de vinte & cinco annos, que os Religiosos da Companhia desta Provincia do Brasil desejosos de dilatar, conforme o proprio Instituto, as conquistas da Fè na Gentilidade Brasilica, & não satisfeitos do que tinhaõ obrado com os Indios maritimos da lingua geral, penetráraõ os Certões interiores deste Brasil, para reduzir ao rebanho de Christo tambem os Indios bravos, & Tapuyas; & os primeiros que tiveraõ essa sorte foraõ os da Naçaõ, a que vulgarmente chamamos dos Kiriris”.

E em seguida citou os *línguas*:

²⁹ Tronco linguístico Macro-Jê.

“Naõ faltavaõ outros Religiosos bons **linguas**, que pudessem com melhor acerto dar o remedio a esta falta. Mas como atègora naõ houve quem quizesse, ou pudesse tomar esta obrasinha a seu cargo, Eu, ainda que o minimo de todos, por mandado dos meus Superiores, aceitei este difficultoso assumpto para utilidade dos novos Missionarios, & para bem de tantas almas”.

3 OS DOIS SENTIDOS DE “LÍNGUA BRASÍLICA”

Aos 29 dias de março de 1549 desembarcava no Brasil o primeiro Governador-Geral. Dom Tomé de Souza. Acompanhava-o a primeira missão de jesuítas, composta pelos padres Manuel da Nóbrega, João de Azpilcueta Navarro, Leonardo Nunes, António Pires e os noviços Diogo Jacome e Vicente Rodrigues. Os padres da Companhia tinham a missão precípua de catequizar os índios.

“Para a primeira evangelização dos índios adultos era instrumento imprescindível o conhecimento da língua brasílica (tupi, que às vezes também se chama tupi-guarani). Os meninos brasis aprenderiam com facilidade o português, não assim os pais. E Nóbrega ordenara logo à chegada (1549) o estudo dessa língua, que em 1553 alcançava já os rudimentos da doutrina cristã, as orações fundamentais, sermões e cantos: movimento inicial, donde sairia com o tempo uma famosa trilogia linguística. *Arte, Vocabulário, Catecismo*: o *Catecismo* de António de Araújo, o *Vocabulário* de Leonardo do Vale, e a *Arte* de José de Anchieta, obras que embora admitam colaboração jesuítica anónima (e se diz, em termos explícitos e nobres, nos preliminares do *Catecismo*) todavia, a cada categoria se une o nome que a representa.

Tudo o que neste primeiro movimento até 1553 se aponta como já redigido em língua brasílica pertence ainda à categoria catequética. Concomitantemente se iniciaram os vocabulários pessoais (a organização de vocabulários individuais é ideia elementar e necessária aos primeiros encarregados de qualquer catequese com naturais de língua desconhecida e inculta como era a do Brasil), até que da Europa se começaram a pedir, impondo-se a utilidade dum vocabulário-tipo. A 14 de Outubro de 1565, manifesta-se de Roma ao P. Leão Henriques, Provincial de Portugal, o desejo do novo Padre Geral de que se escrevesse à Índia, ao Brasil e ao Japão, para mandarem de lá um vocabulário da língua mais comum, a fim de os missionários, destinados àquelas partes, a poderem estudar enquanto esperassem embarcação em Lisboa e durante a longa viagem. O ‘Vocabulário na Língua Brasílica’, na forma perfeita em que Leonardo do Vale o deixou e pelo qual se aprendia a língua tupi, parece ter sido consequência deste desejo; e Leonardo deve tê-lo organizado formalmente para atender aos seus numerosos discípulos no tempo em que foi ‘Lente da Língua Brasílica’ no Colégio da Baía de 1572 a 1574.

Dos três elementos da trilogia, a ‘Arte’ precedeu os outros na imprensa, embora só em 1595, quarenta anos depois das primeiras tentativas de redacção, quer pelo P. Juan de Azpilcueta Navarro, sem êxito por ser Padre e ter obrigações mais urgentes, quer pelo Ir. José de Anchieta, mestre de gramática, que em 20 de Março de 1555 dá a primeira notícia da ‘Arte’: ainda a não fizera, mas já tinha alcançado o modo dela. E, pela maneira de falar, tencionava redigi-la na língua latina: só seria útil — diz ele — para os que soubessem gramática. O Provincial deve ter-lhe dito que a escrevesse em português para servir também aos meninos e aos Irmãos. Assim se terá feito, porque Nóbrega já levou a ‘Arte’ para a Baía em 1556 e logo a começaram a aprender os ‘meninos e Irmãos de casa’” (LEITE (S.), 1957: 51-53).

Durante o século XVI os jesuítas estabeleceram vários colégios na costa do Brasil e a partir das cidades onde os fundaram começaram a expandir-se para o interior, à procura de mais indígenas para cristianizar, como mostra o mapa do Pe. Serafim Leite [Figura 14]:

EXPANSÃO DOS JESUÍTAS NO BRASIL

(SÉCULO XVI)

MAPA ORGANIZADO, SEGUNDO OS DOCUMENTOS,

POR SERAFIM LEITE, S. I.

1938



Figura 14. Expansão dos Jesuítas no século XVI (LEITE (S.), 1938: prancha posterior à página 512).

3.1 O TUPINAMBÁ E OUTRAS LÍNGUAS TUPIS DA COSTA DO BRASIL³⁰

Diz RODRIGUES (A. D.) (2002: 101):

“Já no século XVI a Língua Brasileira passou a ser aprendida pelos portugueses, que de início constituíam pequena minoria junto aos índios Tupinambá. Como grande parte dos colonos vinham para o Brasil sem mulheres, passaram a viver com mulheres indígenas, com a consequência de que a Língua Brasileira (isto é, o Tupinambá) veio a ser a língua materna de seus filhos. Essa situação atenuou-se em alguns lugares, com o aumento da imigração portuguesa e com a dizimação dos índios, mas intensificou-se em outros. Foi nas áreas mais afastadas do centro administrativo da Colônia (que era a Bahia) que se intensificou e generalizou o uso da Língua Brasileira como língua comum entre os portugueses e seus descendentes – predominantemente mestiços – e escravos (inclusive africanos), os índios Tupinambá e outros índios incorporados às missões, às fazendas e às tropas: em resumo, toda a população, não importa qual sua origem, que passou a integrar o sistema colonial.

A essa língua popular geral a índios missionados e aculturados e a não-índios, é que foi mais sistematicamente aplicado o nome Língua Geral. O uso desse nome começa já na segunda metade do século XVII, embora às vezes com sentido diverso, como acontece com o Padre Vieira, para o qual a ‘Língua Geral’ significa, por vezes, o mesmo que para nós ‘língua da família Tupi-Guarani’, isto é, qualquer língua reconhecidamente afim do Tupinambá, mas não idêntica a ele (como, por exemplo, o Guajajara do Maranhão)”.

Neste sentido, a ela se referiram os seguintes autores:

3.1.1 1550 (28 de março) – LINGUA BRASÍLICA – João de Azpilcueta Navarro, S. J.

“AZPILCUETA NAVARRO, João de. *Missionário e Sertanista*. Natural de Navarra, filho de João de Azpilcueta e Maria Irriberri, parente de S. Inácio e S. Francisco Xavier. Entrou na Companhia em Coimbra a 22 de Dezembro de 1545. Um dos primeiros que chegaram ao Brasil, com o P. Manuel da Nóbrega em 1549. Trabalhou nas Aldeias da Baía e de Porto Seguro, adaptando a catequese ao génio dos Índios. Aprendeu a língua tupi com os portugueses que achou na terra. Foi ao sertão de Minas Gerais, entrada da qual foi o próprio cronista, e da qual voltou com a saúde combalida em 1555. Ainda durou dois anos. Faleceu na Baía a 30 de Abril de 1557. Homem de extremado zelo e virtude” (LEITE (S.), 1949a: 83).

³⁰ Frei Vicente do Salvador (1918: 51-53) foi o autor deste interessante texto: “O que de presente vemos é que todos [os índios] são de côr castanha e sem barba, e só se distinguem em serem uns mais barbaros que outros (posto que todos o são assaz). Os mais barbaros se chamam *in genere* Tapuhias, dos quaes ha muitas castas de diversos nomes, diversas linguas, e inimigos uns dos outros.

Os menos barbaros, que por isso se chamam Apuabetó, que quer dizer homens verdadeiros, posto que tambem são de diversas nações e nomes, porque os de S. Vicente até o rio da Prata são Carijóz, os de rio de Janeiro Tamoios, os da Bahia Tupinambas, os do rio de S. Francisco Amaupiras, e os de Pernambuco até o rio Amazonas Potyguarás, comtudo todos falam um mesmo language e este aprendem os religiosos que os doutrinam por uma arte de grammatica que compoz o padre Joseph de Ancheta [sic], varão santo da ordem da Companhia de Jesus.

É linguagem mui compendioso, e de alguns vocabulos mais abundante que o nosso portuguez, porque nós a todos os irmãos chamamos irmãos e a todos os tios, tios, mas elles ao irmão mais velho chamam de uma maneira, aos mais de outra; o tio irmão do pai tem um nome, e o tio da mãe outro, e alguns vocabulos têm de que não usam sinão as femeas, e outros que não servem sinão aos machos.

E sem falta são mui eloqüentes e se prestam alguns tanto disto que, da prima noite até pela manhã, andam pelas ruas e praças pregando, excitando os mais á paz ou á guerra, ou trabalho, ou qualquer outra cousa que a occasião lhes offerece, e, entretanto que um fala, todos os mais calam e ouvem com attenção. Mas nem uma palavra pronunciam com *f*, *l*, ou *r*, não só das suas nem ainda das nossas, porque, si querem dizer Francisco, dizem Pancicú, e, si querem dizer Luis, dizem Duhi: e o pendor é que tambem carecem de fé, de lei e de rei, que se pronunciam com as ditas letras”.

Sobre a Língua Geral Amazônica, ver o excelente artigo de Rodrigues & Cabral (2011).

Na Carta escrita da “Índia do Brasil” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931: 52) consta:

“Desejam muitos ser religiosos e alguns foram admittidos na Companhia como peritos na **lingua brasilica** e outros recusados por não serem idôneos”.

3.1.2 1556 (4 de agosto) – LINGUA BRASILICA – Antônio Blasquez, S. J.

“**BLASQUES, António.** *Professor e Missiionárto.* Nasceu cerca de 1528 em Alcântara, Diocese de Placência, Espanha. Entrou na Companhia em Coimbra, no dia 19 de Setembro de 1549. Foi para o Brasil em 1553, com o Padre Luiz da Grã. Ficou na Baía; mestre de latim, e continuou depois essa ocupação e a de primeiras letras, entremeada porém com a de catequese e a de secretário para as cartas dos Superiores, que lhe cometiam esse encargo. Fez os votos de Coadjutor Espiritual a 1 de Novembro de 1559, recebendo-os o P. Manuel da Nóbrega. A Baía foi o campo principal da sua actividade. Não temos indicação de ter estado nas Capitanias do Sul, quando se fundou São Paulo, mas esteve depois (...). Faleceu na Baía a 27 de Dezembro de 1606” (LEITE (S.), 1949a: 107).

Na Carta da Bahia a 4 de agosto de 1556³¹, para os padres e irmãos de S. Roque (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931: 153) consta:

“Aqui se começou logo a semear a palavra do Sagrado Evangelho, dando o nosso Padre o encargo disso a dous Irmãos que sabiam a **lingua brasilica**, e que a tinham já por muito tempo exercitado na capitania de S. Vicente”.

3.1.3 1557 (1º. de janeiro) – LINGUA BRASILICA – Antonio Blazquez

Nas “Letras quadrimestres de setembro de 1556 a janeiro, do Brasil, da Bahia do Salvador, para nosso Padre Ignacio” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931) lê-se:

P. 159:

“O irmão Antônio Rodrigues lhes pregou em a **lingua brasilica** como soe, scilicet: com grande fervor e zelo.

Elle continuou este exercicio só, por algum espaço de tempo, supprindo com seu talento tudo que era necessario até que o Padre lhe deu por companheiro e capellão ao padre Ambrosio Pires, encomendando-lhe mui expressamente aprendesse a lingua em a qual por então se exercitava, ensinando por si só aos indios, ajudando ao Irmão a levar, *pro sua virili parte*, daquelle santo trabalho.”³²

P. 162:

“Esta coube ao padre Navarro e João Gonçalves, com Balthezar, moço bem inclinado e mui sabio em a **lingua brasílica**”.³³

³¹ Publicada também em BLAZQUEZ (1886: 1-4).

³² Em LEITE (1956: 351, 1957: 351): “O Irmão Antonio Rodriguez lhes pregou em a **lingua brasilica** como soe, scilicet com grande fervor e zelo. Elle continuou este exercicio soo por algum espaço de tempo soprindo com seu talento tudo o que era necessario até que o Padre lhe deu por companheiro e capelão ao P.º Ambrosio Pirez, encomendando-lhe muy expressamente aprendesse a lingua em a qual por então se exercitava, ensinando por si soo aos Indios, ayudando ao Irmão a levar pro sua virili parte daquelle santo trabalho”.

³³ Em LEITE (1956: 354; 1957: 354): “Esta coube ao P.º Navarro e João Gonlalvez com Belthesar, moço bem inclinado e muy sabio em a **lingua brasílica**”.

3.1.4 1557 (abril) – LINGUA BRASILICA – Antonio Blazquez

No “Appendice á quadrimestre de janeiro até abril de 1557. *Virtudes do padre Navarro e sua morte*”, também do Pe. Blazquez, consta (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931):

P. 164:

“No fim desta, me pareceu conveniente pôr o bemaventurado transito do padre Navarro, tão grande servo do Senhor, e que por seu amor tantos trabalhos tomou na conversão desta Gentilidade a que foi mandado. No espaço de sete annos que conversou entre elles, nunca descansou, sinão ora a uns, ora a outros ensinava e doutrinava com a graça e talento que o Senhor lhe communicou para este officio, porque elle foi dos Padres e dos Irmãos que do Reino vieram o que mais se adiantou na **lingua brasilica**, de modo que elle confessava por si e fazia praticas e predicas aos indios em sua mesma lingua”.

P. 165:

“Acabada a quaresma, como por despedida foi a quinta-feira santa á noite a pregar a Paixão em um povoado de Christãos, muito seus devotos; e foi com tantas lagrimas e sentimento seu como dos ouvintes. Disse o companheiro que também depois de lhe haver acabado a predica aos indios na **lingua brasilica**, que nunca em sua vida havia visto nem pensou de ver tanto sentimento, tantas lagrimas”.

3.1.5 1557 (10 de junho) – LINGUA BRASILICA – Antonio Blasquez, S. J.

Na Summa de algumas cousas que iam em a náó que se perdeu do bispo pera o nosso Padre Ignacio (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931: 173) há o seguinte trecho

“Com esta ordem foram a uma povoação de Christãos em a qual pregou aos moradores o padre Navarro com muito fervor e depois de comer se tocou a campainha para que viessem os escravos e escravas dos homens brancos, que foram tantos que estava a igreja quasi cheia. Ensinou-lhes primeiro a doutrina em nossa lingua, e depois em a **brasilica**, com uma pratica que lhes declarava o mais necessario a Fé. Acabado isto, elle se foi para a cidade, porque ainda aquelle dia havia de fazer lá uma pratica, e nós outros fizemos nosso caminho para a aldêa do rio Vermelho”.³⁴

3.1.6 1559 (13 de junho) – LINGUA BRASILICA – António de Sá, S. J.

“**SÁ, António de. Missionário.** Nasceu por 1537. O Catálogo de 1567 diz: ‘António de Saa sacerdote escolar de 30 anos; ha 8 que entrou na Companhia no Brasil, estudou algum latim e casos de consciencia. Sabe a lingua dos Índios’. O Catálogo não menciona terras de naturalidade. Menciona-o o seguinte de 1574, mas já aí não consta o nome de António de Sá, que à roda de 1570 voltou a Portugal para entrar na religião de Cartuxa. Talvez fosse um dos órfãos de Lisboa. Tinha trabalhado nas Aldeias da Baía, Espírito Santo e Pernambuco” (LEITE (S.), 1949a: 106).

³⁴ Também em ANÔN. (1843). Em LEITE (1956: 384, 1957: 384): “Com esta ordem forão a huma povoação de christãos em a qual pregou aos moradores o P.º Navarro com muito fervor, e depois de comer se tocou a campainha pera que viessem os escravos e escravas dos homens brancos, que forão tantos que estava a igreja quasi cheia. Ensinou-lhes primeiro a doutrina em nossa lingua e depois em a **brasilica** com huma pratica que lhes declarava o mais necessario à fee. Acabado isto, elle se foy pera a cidade porque ainda aquele diaavia de fazer lá huma pratica, e nós outros fizemos nosso caminho per’a Aldea do Rio Vermelho”.

Na Carta do Irmão Antônio de Sá que escreveu aos Irmãos, do Espírito Santo a 13 de junho de 1559 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931: 221) há o seguinte trecho:

“Eu ensino agora cá a doutrina christan e as orações em nosso romance, como sempre fizemos, depois que nos mandaram dizer que era necessario concertarem-se alguns vocabulos que estavam na doutrina. Si lá tiverem alguma maneira de ensinarem na **lingua brasilica**, mandem-nol-a, por que de outra maneira difficulosamente se lhes metterá na cabeça, ainda que lhes vozeem cada hora e cada momento. Elles me dizem que nosso romance é muito trabalhoso de tomar, mas nem por isso lhes deixo de ensinar todos os dias, e acodem-me todos quantos ha na aldeia, por que os levo por minha simples maneira e algumas vezes falo em **lingua brasilica** com elles o que sei e contentam-se muito”.

3.1.7 1559 (10 de setembro) – LINGUA BRASILICA – Antonio Blasquez, S. J.

Na Carta do Padre Antônio Blasquez que escreveu da Bahia do Salvador a 10 de setembro de 1559 para o Padre Geral (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931: 227) lê-se:

“Como o Padre acabou este officio, os Indiozinhos christãos começaram a louvar ao Senhor com uma prosa em **lingua brasilica** e hespanhola, cousa que movia muito a devoção aos circumstantes, que todos estavam mui edificados de ver os meninos tão aproveitados nas cousas da Fé”.

3.1.8 1560 (13 de setembro) – LINGUA BRASILICA – João de Mello, S. J.

“**MELO, João de.** *Missionário.* Nasceu cerca de 1525 em Monte-Redondo. Entrou na Companhia em Coimbra a 19 de Agosto de 1550. Embarcou para o Brasil em 1559. Fez os últimos votos na Baía, no dia 3 de Maio de 1568, recebendo-os o B. Inácio de Azevedo. Reitor da Baía (1562). Superior de Pernambuco (1563) e de Porto Seguro (1574). Homem de singular probidade. Faleceu na Baía em 1576” (LEITE (S.), 1949a: 373).

Na Carta que escreveu o Padre João de Mello para o Padre Gonçalo Vaz, Propósito da Casa de S. Roque da Companhia de Jesus em Lisboa, do Brasil aos 13 de setembro de 1560 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931: 253) consta:

“Logo que o Padre aqui chegou, ordenou que em casa se lesse a arte da **língua brasilica** que compoz o irmão Joseph o mesmo Padre é o mestre e está tão exercitado e instruido nella que leva a ventagem nas cousas da arte aos mesmos linguas Desta licção nem reitor, nem pregador, nem uma outra pessoa é isenta Vai a cousa tão deveras que ha quem diga que dentro de um anno se obriga, desoccupado, falar a lingua: nem eu com ser dos mais inhabeis perco a esperança de sabel-o”.

3.1.9 1560 (15 de setembro) – LINGUA BRASILICA – Ruy Pereira, S. J.

“**PEREIRA, Rui.** *Pregador.* Nasceu em 1533 em Vila Real de Trás-os-Montes. Filho de Pero Borges e Isabel Pereira. Entrou na Companhia a 23 de Março de 1550. Em 1556 tinha concluído o Curso de Artes e começado o de Teologia. Embarcou em Lisboa para o Brasil em 1559. Pregou na Quaresma de 1561 em Pernambuco, e não se adaptando na Companhia, deixou de pertencer a ela. Já não está no Catálogo de 1565” (LEITE (S.), 1949b: 43).

Na Carta do Padre Ruy Pereira aos Padres e Irmãos da Companhia da Província de Portugal, da Bahia a 15 de setembro de 1560 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931: 270) lê-se:

“Além disto, ordenou em casa que houvesse cada dia uma hora de lição da **lingua brasilica**, que cá chamamos grego; e elle é o mestre della pola saber entender e explicar suas regras melhor que todos, posto que sejam mui boas línguas”.

3.1.10 1561 (23 de setembro) – LINGUA BRASÍLICA – Leonardo do Valle, S. J.

Na Carta do Padre Leonardo do Valle, da Bahia para os Irmãos, deste collegio de Jesus da Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, a 23 de Setembro de 1561 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931: 332) consta:

“E acabado o offertorio se assentou elle em uma cadeira no degrau do altar, com a mitra de brocado na cabeça, e assi elle como os dous, scilicet: diacono e sub-diacono, revestidos de vestimenta e dalmaticas de velludo verde e sabastros de brocado muito rico, que foi da capella d'El-Rei, afora outros quatro, que estavam ao redor delle vestidos com capas novas de damasco branco, com os capellos e sabastros ou barras de velludo carmesim, e com este aparato, começou elle mesmo a casar os novos christãos que o Padre Provincial lhe apresentava, dizendo as palavras formaes pola **lingua brasilica**, que, polo haver feito já outras vezes, as tinha na memória. Foram os casados 80 menos um, quero dizer, casaes”.

3.1.11 1562 (8 de março) – LINGUA BRASÍLICA – Antonio Blasquez, S. J.

Na Carta do Padre Antônio Blasquez do Brasil, da Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, para o padre mestre geral Diogo Laynez e aos mais padres e irmãos da Companhia, de 23 de setembro de 1561. Recebida em Lisboa a 8 de março de 1562 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931) consta:

P. 299:

“Partiram estes Padres a 15 de Março de 1561 com muito fervor, e logo aquelle dia foram á povoação de Santiago, onde reside o padre Pero da Costa, o qual, por saber a graça que o Senhor tem communicado ao padre Gaspar Lourenço na **lingua brasilica**, e juntos os índios lhes começou a fallar de Deus, e entre outras cousas encommendando muito aos recém-casados em lei de graça a perseverança e amor que haviam de ter uns com os outros”.³⁵

P. 303:

“O Padre o ensinou e provocou a ter contricção de seus peccados, confessando-o na **lingua brasilica**, que me parece sabe melhor que a portugueza”.

P. 318:

“Acabada a procissão, Sua Senhoria começou a fazer-lhe os catechismos, fazendo em pe todas as ceremonias e correndo-os todos cada um de per si, que todos estavam em fileira; assim que feitos os catechismos, o Padre Provincial começou as orações em **lingua brasilica** com os que tinham de receber os sacramentos”.

P. 320:

“Ensinava o Padre Provincial a doutrina e dialogo em **lingua brasilica** em algumas aldêas, com o que todos, assim os que levava em sua companhia como os outros, folgaram muito; mas estes, pela novidade da cousa,

³⁵ Publicada também em BLAZQUEZ (1886: 45-64).

ficavam muito maravilhados vendo em sua lingua louvar e glorificar a Deus, cousa para elles até então desusada e desconhecida”.

3.1.12 1564 (30 de maio) – LINGUA BRASILICA – Antonio Blasquez, S. J.

Na Carta de Antônio Blasquez para o Padre Provincial de Portugal, da Bahia de 30 de maio de 1564 (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1931) encontram-se estas passagens

P. 407:

“Haverá nesta aldêa passante de mil almas; nella reside o padre Gaspar Lourenço ou para melhor dizer, um Cicero na **lingua brasilica**; é seu companheiro o padre Balthazar Alvares o qual tem este anno muito aproveitado na **lingua brasilica**, e a apanhou melhor que todos os seus companheiros”.

“Aqui nesta aldêa reside o padre Simeão Gonçalves, que desde a meninice se criou na companhia; é mui virtuoso e para com os índios tem muito credito pela caridade que sempre usou com elles em suas enfermidades; seu companheiro é o irmão José, antigo sacristão que foi de São Roque, está razoavelmente aproveitado na **lingua brasilica**”.

P. 415:

“V. Rvma. por caridade nos faça mandar a doutrina que lá agora se ensina por perguntas e respostas; porque creia Vossa Rvma. que entre os muitos gostos que desse Reino este anno recebemos se misturou o desgosto de não nos fazer participantes de cousa tão bôa e proveitosa; bem creio que não reparariam nisso, mas nós outros, vendo o muito que com ella se tem fructificado, pedimos a V. Rvma. nol-a faça mandar na primeira embarcação, porque não faltarâ cá quem em **lingua brasilica** a traslade e mude para proveito dos índios e utilidade dos Christãos; assim também das cartas da índia nos faça V. Rvma. participantes, porque este anno ainda não as vimos, salvo ouvir referir que vieram grandes novas do Japão; disto e do demais que sabe que nos podemos consolar, maximé de quem não espera de Padres nem Irmãos outras consolações, pois estas sobrepujam todas as outras, nos faça sempre participantes”.

3.1.13 1583- LINGUA BRASILICA – Fernão Cardim, S. J.

Segundo Rodolfo Garcia (*in* CARDIM, 1980: 13-22):

“A vida de Fernão Cardim é quase desconhecida. A data de seu nascimento é incerta. Ele próprio, qualificando-se em 14 de agosto de 1591 perante a mesa do Santo Offício a que presidia o visitador Heitor Furtado de Mendonça, na cidade do Salvador, declarou ter quarenta e três anos, ‘pouco mais ou menos’ [*Primeira visitação do Santo Offi cio às partes do Brasil – Denunciações da Bahia*, São Paulo, 1925, p. 327]. Teria, portanto, nascido em 1548; essa data, porém, não confere com a que consignou o padre Antônio Vieira, na *Annua da Provincia do Brasil dos anos de 1624 a 1625*, publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 1827, tomo XIX, p. 187, – ao dizer que Cardim entrou na Companhia de Jesus em 1555 aos quinze anos de idade, fazendo assim retrair o ano de seu nascimento para 1540. De uma biografia sumaríssima estampada na *Revista de História*, de Lisboa, volume X (1921), consta o início de seu noviciado em 9 de fevereiro de 1566; a prevalecer sua declaração, contaria então dezoito anos, ao passo que tomada como certa a de Vieira, teria vinte e seis anos. Entre uma e outra hipótese, mais aceitável parece a primeira, mesmo porque a informação da *Annua* encerra evidente erro aritmético, quando estabelece que ‘Cardim entrou na Companhia em 1555 aos quinze anos de idade, viveu nela sessenta e faleceu com setenta e cinco’.

Era natural de Viana de Alvito, Arcebispado de Évora, fi lho de Gaspar Clemente e sua mulher d. Inês Cardim, de família antiga e importante em Portugal. Seu irmão mais velho, o dr. Jorge Cardim Fróis, cupou vários cargos de administração da Justiça, e foi, na Corte de Lisboa, Desembargador dos Agravos da Casa de Suplicação. Para o exercício de emprego tão alto na magistratura do reino se requeria ‘homem fidalgo, de limpo sangue, de sã consciência, letrado, se fosse possível, e abastado de bens temporais’. Seus outros irmãos, Lourenço

Cardim e Diogo Fróis, pertenceram, como ele, à Companhia de Jesus: o primeiro, acabados os estudos e ordenado sacerdote, passou para o Brasil em 1585, e foi morto em viagem por corsários franceses; o segundo foi lente de Teologia moral no Colégio e Universidade de Coimbra, e na peste de Lisboa (1568-69), servindo aos empestados, contraiu o mal e morreu no hospital da cidade. Quatro sobrinhos de Fernão Cardim, filhos do dr. Jorge Cardim Fróis e sua mulher d. Catarina de Andrade, seguiram vida religiosa; João Antônio e Diogo pertenceram à Companhia, e Plácido à Ordem Conventual de Cristo

De João Cardim escreveu a *Vida e virtudes* o Padre Sebastião de Abreu (Évora, 1659). Antônio Francisco Cardim missionou no Japão, e escreveu os *Fasciculus a Japonicis Floribus*, etc. (Roma, 1646), que apareceram em português com o título *Elogios e ramalhetes de flores, borrifados com o sangue dos religiosos da Companhia de Jesus*, etc. (Lisboa, 1650); escreveu também uma *Relação da província do Japão*, de que se conhece apenas a tradução francesa, impressa em Paris, 1646; escreveu ainda as *Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa província do Japão*, que se conservaram inéditas até 1894, quando foram dadas a lume pela Sociedade de Geografia de Lisboa. De Diogo Cardim sabe-se que missionou na Índia; sobre Frei Plácido nada se consegue apurar.

Da existência de Fernão Cardim em Portugal, antes de vir para o Brasil, faltam pormenores. Já era professo dos quatro votos e ministro do Colégio de Évora, quando foi designado, em 1582, para companheiro do padre visitador Cristóvão de Gouvea; passou a Lisboa em princípios de outubro daquele ano e ali esteve cinco meses, até que, a 5 de março de 1583, com o governador Manuel Teles Barreto, o visitador e outros padres, embarcou para o Brasil, chegando à Bahia a 9 de maio seguinte. Daquela primeira data por diante, enquanto durou a missão do padre Gouvea, podemos segui-lo, quase dia a dia, através das páginas tão animadas quão encantadoras da *Narrativa epistolar*. Na Bahia, nos Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, esteve uma e mais vezes, em companhia do visitador, que ordenava as coisas necessárias ao bom meneio dos colégios e residências existentes naquelas partes. Da Bahia, em 1 de maio de 1590, datou a segunda e última carta da *Narrativa*; era reitor do colégio, cargo que ainda tinha em 1593, porque assinava em 29 e 31 de julho e 2 de agosto, logo após ao visitador do Santo Ofício Heitor Furtado de Mendonça, as determinações que se assentaram em mesa sobre alguns casos especiais, – conforme faz fé a *Primeira Visitação do Santo Offício às partes do Brasil* (São Paulo, 1922, p. 46). No Rio de Janeiro, como reitor do Colégio de São Sebastião, esteve em 1596, e nessa qualidade passava procuração, datada de 3 de fevereiro, ao padre Estêvão da Grã para demarcar e tomar posse das terras de Guaratiba, que haviam pertencido a Cristóvão Monteiro e eram, por doação, incorporadas ao patrimônio dos padres da Companhia, – segundo se verifica no *Tombo ou copia fi el de meditação da Fazenda Nacional de Santa Cruz* (Rio de Janeiro, 1829, p. 26). No Colégio do Rio de Janeiro fez-lhe José de Anchieta companhia por algum tempo, antes de ir morrer em Reritiba, no Espírito Santo, a 7 de junho de 1597. Em 1598 foi eleito na congregação provincial para procurador da Província do Brasil em Roma; regressava dessa missão, tendo embarcado em Lisboa a 24 de setembro de 1601, em uma urca fl amenga chamada ‘San Vicente’, com o padre João Madureira, que vinha por visitador, e mais quinze jesuítas, quando, mal tinha navegado três ou quatro léguas, teve vista a urca de duas naus de corsários ingleses. Levava ela trinta homens de peleja e estava bem artilhada; travado o combate contra o inimigo duas vezes mais poderoso, foi forçada a render-se no dia seguinte, depois de porfiada, mas inútil defesa. Eram os corsários comandados pelo capitão Francis Cook, de Dartmouth, que agasalhou com caridade os padres Madureira e Cardim: esses e mais quatro foram conduzidos à Inglaterra; os outros, que ao todo eram onze, foram desembarcados nas costas de Portugal. O padre Madureira morreu no mar, a 5 de outubro de 1601. Cardim chegou à Inglaterra e aí permaneceu até ser resgatado. Nessa ocasião foi despojado dos manuscritos que levava consigo e que chegaram depois às mãos do colecionador londrino Samuel Purchas, como em outro lugar se esclarece.

Da Inglaterra Cardim devia ter passado a Bruxelas antes de 7 de maio de 1603, porque um documento desse lugar e data, pertencente aos Schetz da capitania de São Vicente e dado à estampa por Alcebíades Furtado, nas *Publicações do Archivo Nacional*, vol. XIV (1914, p. 18), – assinala sua estada naquela cidade, em forma pretérita: ‘quando estubo acá’. Em 1604, tornou ao Brasil com o cargo de provincial, que exerceu até 1609, substituindo o padre Pero Rodriguez. Logo em começo de seu provincialato, informado de que os Carijós estavam em boa disposição para receber a luz do Evangelho, mandou ao Sul os padres João Lobato e Jerônimo Rodrigues, que entendiam e falavam bem a língua do país. Partiram os missionários de Santos e chegaram até a lagoa dos Patos. Do sucesso da missão escreveu o padre Rodrigues, em carta longa, datada de 26 de novembro de 1605, que Pierre du Jarric compendiou na *Troisième partie de l’Histoire des choses plus mémorables advenues tant aux Indes Orientales qu’aux autres païs de la découverte des Portugais* (Bordeaux, 1614, p. 481 a 486).

Uma carta de Cardim, de 8 de maio de 1606, escrita da Bahia ao Geral Cláudio Aquaviva, dá conta dos testemunhos tirados juridicamente a favor da vida santa e feitos maravilhosos do padre José de Anchieta, e do que no processo obrou o padre Pero Rodrigues que, por seu conselho, escreveu a vida do taumaturgo; vem publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, (1907, vol. XXIX, p. 183 e 184), precedendo aquela hagiografia.

Em 1606, por sua ordem e com a ajuda do Governador Diogo Botelho, foram os padres Luís Figueira e Francisco Pinto encarregados da catequese dos índios do Ceará. Acompanhados de uma escolta de sessenta índios

cristãos, deixaram os padres o Recife em 10 de janeiro de 1607 e por mar chegaram ao porto de Jaguaribe, de onde, após curta demora, se dirigiram a pé para a serra da Ibiapaba. Funestos foram os resultados dessa missão pelo trucidamento do padre Pinto, em 11 de janeiro de 1608, às mãos dos Tapuia Tocariju; o padre Figueira, para escapar à sanha dos bárbaros, foi forçado a tomar o rumo do litoral, depois de ter dado, com grandes perigos, sepultura ao corpo do seu infeliz companheiro.

Passando o cargo de provincial ao padre Manuel de Lima, que viera por visitador em 1607, Cardim assumiu o de reitor, pela segunda vez, do Colégio da Bahia, e de vice-provincial. Foi por essa época que chegou à cidade do Salvador aquele que devia ser mais tarde o grande apóstolo Antônio Vieira, glória da raça e padrão imperecível das letras portuguesas. Ao aportar àquela Capital, criança ainda, foi acometido de muito grave doença.

O padre Fernando Cardim, da Companhia de Jesus, [escreveu André de Barros, na Vida do apostólico Padre Antônio Vieira (Lisboa, 1746, p. 6)] era na Bahia de particular agrado na casa de Cristóvão Vieira Ravasco, e de sua mulher d. Maria de Azevedo; e como o perigoso mal com que lutavam os poucos alentos do menino Antônio os tivesse em temeroso sobressalto, o padre, ao que parece com a alma cheia de superior ilustração os assegurou, e disse: – Que não morreria o menino, porque Deus o guardava para coisas grandes, para crédito da nação portuguesa, e para honra da Companhia de Jesus. – Esta foi a voz do venerável padre Fernando Cardim (apelido que em Portugal e no Brasil nos serve de despertador de virtudes heróicas em ilustres varões). Este foi no Colégio da Bahia, onde foi o nono reitor e décimo provincial daquela província religiosíssima; nele se conserva o seu retrato, história muda, mas forte, para imitação de seus exemplos.

A uma carta de Cardim, de 1 de outubro de 1618, da Bahia, até hoje inédita, referiu-se Varnhagen, na *História Geral do Brasil*, primeira edição, vol. I, p. 296, nota; viu-a na biblioteca da Academia de História de Madri, e considerou-a autógrafa; mas de seu conteúdo nada disse. Por comissão de Cardim, como reitor do Colégio da Bahia, escreveu o padre Luís Barbalho de Araújo a carta, que datou daquele colégio no último dia de dezembro de 1621, dirigida ao Geral Múcio Vitelleschi, sobre o estado da Companhia no Brasil durante o ano que fi ndava; as notícias informam sobre os colégios e residências do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santos, Piratininga e Pernambuco. Foi publicada primeiro em italiano, nas *Lettere annue d’Etiopia, Malabar, Brasile e Gôa, dall’anno 1620 al 1624* (Roma, 1627) e logo em francês, na *Histoire de ce qui s’est passé en Ethiopie, Malabar, Brésil, et les Indes Orientales – Tirée des lettres écrites 1620 et 1624*, etc. (Paris, 1628).

Estavam ainda em mão de Cardim os cargos de reitor e vice-provincial, quando os holandeses tomaram a Bahia, em 9 de maio de 1624. *Nesta desgraça da Bahia [escreveu Antônio Vieira, na Annuia citada] era reitor, e por isso quebravam nele mais todas as ondas das adversidades, mas como rocha viva sempre se conservou em paz, esteve muito firme, e conforme com a vontade de Deus.*

O colégio foi transformado em armazém de vinhos, segundo o testemunho dos cronistas, e os mercadores tiveram permissão para nele se aboletarem: os padres, expulsos, perseguidos, refugiaram-se na aldeia do Espírito Santo, depois Abrantes; doze que chegavam, na ignorância dos sucessos, entre os quais o padre Antônio de Matos, designado para substituir o provincial na administração da província, foram feitos prisioneiros e conduzidos para a Holanda, onde estiveram nos cárceres públicos de Amsterdam por mais de vinte meses, até que foram resgatados por diligência do geral da Companhia.

Na ausência do provincial, Cardim assumiu o governo da província, no momento inçado das maiores dificuldades e incertezas. Velho e alquebrado, com o grande trabalho e má vida daqueles tempos, padecendo falta de todo o necessário, como disse Vieira, caiu enfermo e veio a falecer a 27 de janeiro de 1625, naquela mesma aldeia, que foi das primeiras que conheceu no Brasil, e o destino lhe reservara para refúgio último de sua vida.

Dos escritos de Fernão Cardim, o que primeiro foi divulgado sob a imprensa em língua portuguesa e com sua autoria declarada, foi a *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente (São Paulo), etc., desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o Padre Cristóvão de Gouvêa. Escripção em duas cartas ao P. Provincial em Portugal, pelo Padre Fernão Cardim, Ministro do Collegio da Companhia em Evora, etc.*, Lisboa (na Imprensa Nacional), 1847, in-8º, 123 p. Editou-o o benemérito Francisco Adolfo de Varnhagen, que o dedicou à memória do cônego Januário da Cunha Barbosa, o ilustre fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não é aquela a epígrafe com que ocorre no *Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Eboresense*, ordenado pelo bibliotecário Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (Lisboa, 1850), tomo I, p. 19, onde se inscreve: *Enformação da Missão do Padre Christovão de Gouvêa às partes do Brasil no anno de 83* (duas cartas). Mudando-lhe o título, o editor juntou um prólogo sem assinatura e no fi m, depois de uma folha falsa com a palavra – *Notas* – uma *Advertencia accidental*, que subscreveu com a sigla V., explicando o motivo por que não fez acompanhar a publicação das anotações com que pretendia ilustrá-la, e que quase lhe duplicariam o volume.

Quando apareceu a *Narrativa epistolar*, dentre os que primeiro lhe louvaram as excelências é preciso salientar o benemérito Ferdinand Denis, que, publicando *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550* (Paris, 1850), em nota (p. 48-51) não regateou encômios ao ‘petit livre écrit dans un style charmant et que l’on doit à un missionnaire jusqu’alors inconnu... le P. Fernão Cardim’. A este refere-se como ‘doué d’un sentiment poétique, d’une rare délicatesse et qui se révèle comme à son insu dans chacune des lettres confidentielles qu’il a écrites à un supérieur, il ne tarit point sur les danses dramatiques des Indiens, sur leurs chants naïfs, sur la noble

gravité de leurs harangues'. E a propósito das festas e cantos dos índios, cita trechos da *Narrativa*, colocando o autor ao lado de Gabriel Soares.

Tempos depois, o dr. A. J. de Melo Moraes, que tão bons serviços prestou às letras históricas no Brasil, reimprimiu integralmente a *Narrativa*, sob o título de *Missões do P. Fernão Cardim*, na *Chorographia Historica* (Rio de Janeiro, 1860), tomo IV, p. 417 a 457, que correspondem à *História dos Jesuítas*, do mesmo autor, tomo II, idêntica numeração de páginas (Rio de Janeiro, 1827).

Parcialmente, foi a *Narrativa* reproduzida, no tocante ao Rio de Janeiro, pela revista mensal *Guanabara*, desta cidade, vol. II (1851), p.122-125; com relação a Pernambuco, pela *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, n. 43 (1893), p. 189-206, com algumas anotações de F. A. Pereira da Costa; e a parte referente à Bahia inseriu o dr. Brás do Amaral, em nota às *Memórias Historicas e Politicas*, de Accioli (Bahia, 1919), vol. I, p. 465-472.

Em 1901, achando-se completamente esgotada a edição de 1847 e sendo pouco acessíveis as reproduções de Melo Moraes, entendeu o Instituto Histórico de reimprimir a *Narrativa* e cometeu a Eduardo Prado a tarefa de fazer-lhe as notações, que Varnhagen lhe não pudera aditar. Iniciava apenas esse trabalho, quando súbita e infelizmente faleceu o belíssimo escritor. Assim, foi a *Narrativa* impressa na *Revista do Instituto*, (1902), tomo 65, parte I, ainda dessa vez desacompanhada de notas, que por certo tanto lhe haveriam de crescer e realçar o valor.

A cópia de que se utilizou Varnhagen em 1847, e que serviu para as reproduções subsequentes, era assaz incorreta, como se verificou da colação feita com o apógrafo eborense no exemplar que, por diligência do dr. Capistrano de Abreu, possui o brilhante historiador dr. Paulo Prado. Aquela cópia continha, de fato, além de numerosos erros, muitas outras omissões, que em diversos passos alteraram ou deixaram suspenso e incompreensível o sentido da narração. Uma *tábua de erros* seria aqui descabida, mas não nos furtaremos ao desejo de apontar alguns dos mais sensíveis. Assim, quando o padre diz que pregou na capela da vila de Porto Seguro no 'primeiro dia do anno', versando sua narrativa por fins do mês de setembro, deve-se ler – 'dia do Anjo', ou de São Miguel Arcanjo, que cai em 29 daquele mês. O padre Rodrigo de Freitas figura uma vez na edição Varnhagen e nas que se seguiram, como Rodrigo de *Faria*, e o índio cristão Ambrósio Pires, que ele levou a Lisboa, como Ambrósio *Rodrigues*. Por aquelas edições, o Colégio da Bahia tinha *três* cubículos, em vez de *trinta*; em Pernambuco, pessoa houve que mandou ao Padre visitador passante de *dez* cruzados de carne, em vez de *cinquenta*; senhores de engenho da mesma capitania tinham alguns *dez e mais mil* cruzados de seu, em vez de *quarenta e mais mil* cruzados; a doação que os moradores de Santos fizeram ao Visitador para a mudança da casa de São Vicente para ali, avaliou-se em *quinhentos* cruzados, e não em *cem*; a *capitania* de Ilhéus e do Espírito Santo substituiu-se por *capital*; *obra* por *obediência* e *misteres* por *ministérios*, vêm por diversas vezes; os painéis da *vida de Cristo* aparecem uma vez por painéis das *Divindades*... O tratamento que o Padre atribui ao provincial de Portugal é de *Reverência*, e não de *Reverendíssima*, como está. Vários saltos de palavras e de frases inteiras ocorrem e faltam também os fechos das aretas. (...).

Os outros tratados de Fernão Cardim – *Do principio e origem dos indios do Brasil e de seus costumes e ceremonias*, e o *Do clima e terra do Brasil e de algumas cousas notaveis que se acham assim na terra como no mar*, vêm mencionados no *Catalogo* de Rivara, mas apareceram primeiro em inglês, na famosa coleção *Purchas his Pilgrimes* (Londres, 1625), volume VI, p. 1289 a 1320, sob o título – *A Treatise of Brasil written by a Portugall which had long lived there*. Ao colecionador Samuel Purchas afiguram-se esses escritos os mais completos que jamais vira sobre o Brasil, parecendo-lhe da lavra do frade ou jesuíta português, de quem os 'tomara contra vontade' Francis Cook, de Dartmouth, em uma viagem ao Brasil, em 1601, e que os vendera por vinte xelins a certo mestre Hackett. Como nas últimas folhas estivessem algumas receitas medicinais assinadas pelo irmão Manuel Tristão, enfermeiro do Colégio da Bahia, deu-o Purchas como autor dos tratados [O comentário original de Purchas [1625] 1906: 417-418 é o seguinte: "Reader, I here present thee the exactest Treatise of Brasil which I have seene written by any man, especially in the Historie of the multiplied and diversified Nations and customes of men; as also in the naturall Historie of Beasts, Serpents, Fowles, Fishes, Trees, Plants, with divers other remarkeable rarities of those Regions. It was written (it seemeth) by a Portugall Frier (or Jesuite) which had lived thirtie yeares in those parts, from whom (much against his will) the written booke was taken by one Frances Cooke of Dartmouth in a Voyage outward bound for Brasil, An. 1601. who sold the same to Master Hacket for twenty shillings; by whose procurement it was translated out of Portugall into English: which translation I have compared with the written Originall, and in many places supplied defects, emended errors, illustrated with notes, and thus finished and furnished to the publicke view. Great losse had the Author of his worke, and it not a little of his name* (*I finde at the end of the Booke some medicinall receipts, and the name subscribed Ir. Manoel Trintam Enfermeiro do Colegio da Baya: whom I imagine to have beene Author of this Treatise. Cooke reported that he had it of a Friar: but the name Jesus divers times on the top of the page, and often mention of the Fathers and societie maketh me thinke him a brother of that order, besides the state-tracte following) which I should as willingly have inserted as worthy much honour for his industrie, by which the great and admirable workes of the Creator are made knowne; the visible and various testimonies of his invisible power, and manifold wisdom].

Trabalho meritório do dr. Capistrano de Abreu, cujos serviços à História do Brasil, no arrolamento de suas fontes e na interpretação de seus fatos nunca foram assaz exaltados, – foi esse de reivindicar para Fernão Cardim a autoria de seus escritos. Publicando, em 1881, o tratado *Do princípio e origem dos índios do Brasil*, o dr. Capistrano produziu prova cabal de pertencer ele a Cardim, não somente pela circunstância dos tratados de Purchas terem sido tirados em 1601 por um inglês a um jesuíta em viagem para o Brasil, como também porque, em colação com a *Narrativa epistolar*, bem se evidencia que todos saíram da mesma pena. O tratado *Dos índios* foi publicado, como dissemos, pelo dr. Capistrano de Abreu, em 1881, às expensas do dr. Ferreira de Araújo, para fi gurar na Exposição de História e Geografia do Brasil, que então se realizava no Rio de Janeiro, com uma introdução do indefesso editor e importantes notas filológicas do sábio Batista Caetano de Almeida Nogueira.

Nesse mesmo ano de 1881, o dr. Fernando Mendes de Almeida começou a publicar na *Revista Mensal da Secção da Sociedade de Geographia de Lisbôa no Rio de Janeiro* (tomo I, números 1 e 2), que dirigia então, o tratado *Do clima e terra do Brasil*, sem nome de autor. Essa publicação alcançou apenas os dois primeiros capítulos: no n. 3 da *Revista* apareceu uma ‘Advertência’, assinada pelo dr. Fernando Mendes, na qual estampou uma carta do dr. Capistrano de Abreu, explicando a origem do manuscrito que servia para a impressão, atribuindo sua autoria a Cardim, e comprometendo-se a tratar mais desenvolvidamente dos pontos em que na ocasião apenas tocou. Fê-lo, de fato, tempos depois, inserindo integralmente o tratado na mesma *Revista* (1885), tomo III, precedido de esclarecido estudo biobibliográfico sobre o autor. Com a versão de Purchas foi comparado o tratado, e em vários pontos aparecem correções.

O manuscrito utilizado para a impressão parcial de 1881 e integral de 1885, encontrou-o o dr. Fernando Mendes entre os papéis de seu pai, o eminente geógrafo e historiador patricio Senador Cândido Mendes de Almeida; procedia da cópia existente no Instituto Histórico, do códice da Biblioteca de Évora, citado no *Catalogo de Rivara*.

Em *Purchas his Pilgrimes*, volume IV, p. 1320-1325, insere-se ainda outro tratado, sob a epígrafe – *Articles touching the dutie of the Kings Majestie our Lord and to common good of all the estate of Brasil* – provavelmente escrito por Fernão Cardim, em que se ocupa de providências de ordem política, ‘que o autor julgava conveniente para comedir os excessos dos colonos contra os índios’, a serem postas em prática no Brasil. Desse não há tradução portuguesa, nem consta que exista o original, ou cópia.

Do retrato moral que de Fernão Cardim fez Antônio Vieira, eis um dos traços principais: *Varão verdadeiramente religioso e de vida inculpável; mui afável e benigno, e em especial com seus súditos. A todos parece queria meter n’alma, de todos se compadecia e a todos amava.*

Em seus escritos esses dons de caráter bem se refletem: simples, naturais, sem artifícios de estilo, sem preocupações eruditas. Não é que minguassem ao autor a cultura geral do seu tempo e de sua ordem, quer religiosa, quer profana. De sua ciência teológica avalia-se pela preeminência que alcançou entre seus confrades: seria bom orador, porque sempre assomava ao púlpito nos dias de grandes festas da igreja, ao lado dos padres Quírico Caxa, Manuel de Barros, os melhores pregadores que havia na província, conforme seu próprio testemunho; de outra parte, devia estar ao corrente do saber de seu século, especialmente da ciência médica, porque os tratados de Monardes lhe eram familiares, como seriam os de Clusius, Garcia da Orta e outros. Suas descrições de plantas e animais são perfeitas e acabadas, como diagnoses de naturalista. O que, porém, nesses escritos verdadeiramente nos encanta é a nota de constante bom humor de que estão impregnados, a vivacidade de narrativa, a graça, o imprevisível das comparações. Vede-o quando refere o exemplo da caridade que a eirara dá aos homens, quando conta as habilidades inteligentes do macaco, quando acha que é boa penitência e mortificação sofrer por uma noite ou madrugada as picadas dolorosas dos maruins, ou quando diz que o rosto da preguiça parece de mulher mal tocada...

Varnhagen quis ver nele o homem feito para viajar. *Não é desses que estão sempre com saudades de um quintalinho, de um bom prato que já não prova. Deixando a terra em que vivera até ali, deixou nela todas prevenções, e sabe apreciar a muita hospitalidade que dos indígenas e dos colonos do Brasil recebe.*

De fato, se estabelece confrontos, é quase sempre para achar melhor o que é de cá. O clima do Brasil preconiza como muito mais temperado e saudável, sem grandes calmas, nem frios, e por isso vivem os homens muito, com poucos achaques e enfermidades, como em Portugal; nossos peixes não causam sarna nem outras doenças da Europa; nossas favas são mais sadias, nossos pinhões são maiores e mais leves, a castanha do caju é tão boa e melhor do que a de lá; os canários, rouxinóis e pintassilgos do reino, em sua música, não levam muita vantagem aos nossos pássaros formosíssimos; e o perrexil que se acha em nossas praias é melhor do que o português. Nas aldeias de índios cristãos encontrava-se tanta abundância de carnes, legumes, pescado e mariscos, que não fazia falta a ribeira de Lisboa; em certa fazenda do Colégio da Bahia havia tanto leite, requeijões e natas, que davam para esquecer Alentejo; as vinhas de Piratininga carregavam tantas uvas, como juntas nunca vira em Portugal; a baía do Rio de Janeiro bem parecia que a pintara o supremo pintor e arquiteto do mundo: era coisa formosíssima, e a mais aprazível que havia em todo o Brasil, nem lhe chegava a vista do Mondego e Tejo; do Colégio do Rio duvidava qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra, se aquele, e não sabia determinar: nada lhe faltava do bom e do ótimo. Também com um tostão de peixe se fartava toda a casa, que de ordinário contava vinte e oito padres e irmãos, afora a mais gente...

Os escritos de Fernão Cardim e as *Informações* de José de Anchieta têm entre si muitos pontos de contato, que se veriﬁcam às vezes pela conformidade dos conceitos e mesmo pela identidade de frase. O dr. Capistrano de Abreu, em nota à *Informação* de última de dezembro de 1585, esclarece o fato desta maneira: *Comparando a presente informação com a de Fernão Cardim, notam-se muitas semelhanças, e é natural que se procure nela uma das fontes da Narrativa epistolar. Tal conclusão tem, porém, contra si o fato de que a primeira carta de Cardim é anterior à presente Informação, pois que é datada de 1585. Daí podem tirar-se duas consequências, ambas plausíveis: ou que Anchieta, satisfeito com a vivacidade e tom alegre de Cardim, o copiou insensivelmente, ou que ambos se apoiaram na informação mandada em agosto. Se nos lembramos que no Treatise of Brasil written by a Portugal which had long lived there, publicado por Purchas em 1625, já se encontram muitas das comparações comuns a Cardim e Anchieta; se se conceber que aquela obra é de Fernão Cardim, como por mais de uma vez tenho procurado prová-lo, e que foi escrita em 1584, a primeira hipótese é muito mais verossímil.*

Na presente edição da Obra de Cardim [Cardim; 1980] visou-se tanto possível à uniformidade ortográfica, respeitando-se quanto tolerável a feição antiga dos vocábulos. Uma melhor distribuição dos parágrafos, uma ou outra mudança de pontuação, praticou-se também; mas essa liberdade não autorizou a substituição dos termos antiquados que ela contém, nem tão pouco a alteração do torneio quinhentista de seu fraseado.

Com relação à escrita dos nomes tupi, conservou-se qual está nos tratados. A vogal especial da língua vem ali invariavelmente como *ig*, embora em outros escritos jesuíticos apareça ora com *j*, com um ponto em cima e outro embaixo, ora como *i* com trema, ora como *y*, que é a forma mais geral e ultimamente adotada. Com a *Arte de Grammatica* de Anchieta, advirta-se que, quando esteja *ig* ‘in medio dictionis’, não se pronuncie muta com líquida, o que vale dizer que se separe o *g* da sílaba seguinte, como também, se vier no fim, acabe-se a dicção no *i*.”

Em CARDIM (1925: 36) lê-se:

“Na **língua brasilica** se chama *Sugoçú*: ha huns muito grandes, como formosos cavallos; têm grande armação, e alguns têm dez e doze pontas; estes são raros, e achão-se no Rio de S. Francisco e na Capitania de S. Vicente; estes se chamão *Suaçuapara*, são estimados dos Cariós, e das pontas e nervos fazem os bicos das frechas, e humas bolas de arremeço que usão para derrubar animaes ou homens. Ha outros mais pequens; tambem têm cornos, mas de huma ponta só. Alem destes ha tres ou quatro especies, huns que andão somente nos matos, outros somente nos campos em bandos. Das pelles fazem muito caso, e da carne”.

3.1.14 Ant. 1591 – LINGOA BRASILICA – Leonardo do Vale, S. J.

LEITE (S.) (1949b: 169) forneceu os seguintes dados sobre o Pe. Leonardo do Vale:

“**VALE, Leonardo do.** *Missionário e Mestre da Língua Brasilica*. Nasceu cerca de 1538 em Bragança. Foi menino para o Brasil, onde o P. Leonardo Nunes, primeiro apóstolo da Capitania de S. Vicente (S. Paulo), o admitiu na Companhia de Jesus em 1553, com 15 anos de idade. Fez os últimos votos no ano de 1560 em Piratininga, recebendo-os Manuel da Nóbrega. Estudou Humanidades, Dialéctica e Teologia (3 anos). Gastou a vida com os Índios das Aldeias da Baía, Porto Seguro e S. Paulo, onde estava quando se fundou (havia dúvidas, por se desconhecer a identidade de Leonardo com António do Vale). Caminhava nas missões com alpergatas de cardos bravos e respeitavam-no e amavam-no os Índios. Em 1567 residia no Colégio da Baía e cinco anos depois era Lente da Língua Brasilica (Tupi), tendo como alunos os Irmãos Estudantes do mesmo Colégio, onde ainda se encontrava em 1574. Dez anos depois, já vivia em Piratininga, ‘língua e pregador’, e aí, e nas Aldeias do seu distrito, permaneceu até a morte. Faleceu a 2 de Maio de 1591, em S. Paulo de Piratininga”.

O Pe. Leonardo do Vale foi autor de um esplêndido *Vocabulario da Lingua Brasilica*. Desta obra há uma cópia feita em Piratininga no ano de 1621, sem o nome do autor. Como comentado por LEITE (S.) (1949b: 170):

“Desconhecia-se ainda então o documento positivo, que dá a autoria a Leonardo do Vale, que deixou pronto o *Vocabulário na Língua Brasilica*, com as características que transmite para Roma o Provincial do Brasil, Marçal Beliarde:

‘Dicit Piratiningae defunctum esse 2 Maii 1591 P. Leonardum de Valle linguis in Brasilicis facile principem, eloquentissimum quase Tullium, ut Indi ipsi mirarentur hominis talentum et gratiam singularem; quidam Deo et Societati egregia servivit dum vixit, adjunctusque P. Nobrega et primis aliis Patribus, plurimus

labores non sine notabili fructis suscepit et superavit. Composuit vero illius linguae optimum, copiosum, et vale utile Vocabularium ex quo facile est addiscere; item conciones plurimas, explicationis catechismi, et alia utilissima Documenta pro educatione et instructione Indorum, etc.”.

Ou seja, em português:

‘Diz que faleceu em Piratininga no dia 2 de Maio de 1591 o Padre Leonardo do Vale, príncipe sem dúvida dos línguas do Brasil, eloquentíssimo como Túlio, e até os índios se admiravam do seu talento e graça singular, com a qual serviu excelentemente a Deus e à Companhia; e, junto com o P. Nóbrega e os primeiros Padres, tomou sobre si muitos trabalhos e os levou a cabo não sem notável fruto. E compôs o *Vocabulário daquela língua, ótimo, abundante e muito útil, com que é fácil aprender*, e muitos sermões, explanações do Catecismo, e outros utilísimos avisos para a educação e instrução dos índios, etc. (Carta de Marçal Bellarte, da Baía, 21 de Setembro de 1591)’.

O Pe. Leite já havia publicado três artigos atribuindo o *Vocabulário* a Leonardo do Vale (LEITE (S.), 1936, 1944, 1946).

Segundo ANÔN. (1897: 117), o Pe. Leonardo também havia escrito um catecismo em língua brasílica:

El p.^o Leonardo compuso este año una doctrina en la lengua del Brasil quasi trasladando la q̃ hizo el P.^o Marcos Jorge de buena memoria Costo mucho trabajo mas entiendese que sera provechoso. Tambien se hizieron los aparejos para confessar baptizar y ajudar a bien morir y un confesionario en la lengua.

O autor faz referência ao livro do Pe. Marcos Jorge, *Doutrina christam*, impresso em Lisboa por Francisco Correa, em 1561. Sobre a tradução em tupi feita por Leonardo do Valle informa-nos BARROS (2003: 46, 2008: 13):

“Não se conhece o texto autógrafa de Leonardo do Vale. Sabe-se apenas que em 1575, um ano depois da tradução de Leonardo do Vale, foi feito um pedido a Portugal para que o catecismo tupi fosse impresso, sem sucesso. Apenas em 1618, foi publicado o primeiro catecismo tupi tendo como autor o jesuíta Antônio de Araújo. No prólogo seu autor menciona que o texto tupi impresso era uma continuidade a uma versão que se usava nas missões jesuíticas havia um longo tempo, acrescidos de algumas passagens”.

Cópias posteriores do *Vocabulário* foram publicadas por FRANÇA (1859: 1-137; MS no Museu Britânico), AYROSA (1938, MS da Biblioteca Municipal de São Paulo, de 1622, com 7306 verbetes [BARROS & LESSA, 2005: 80]) e DRUMMOND (1952a-b, baseado na edição de Ayrosa (1938), cotejada com o MS fg. 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa).

3.1.15 1609 – LINGOA BRAZILICA – Pero Rodrigues, S. J.

Conforme consta em LEITE (S.) (1949b: 91):

“**RODRIGUES, Pero.** *Administrador, Pregador e Cronista.* Nasceu em 1542 na Cidade de Évora (Aeco), Filho de Senastião Borralho e Catarina Rodrigues. Entrou na Companhia em Évora com 14 anos, a 15 (sic) de Fevereiro de 1556. Fez a profissão solene no Funchal a 27 de Janeiro de 1557. Mestre de Artes e Pregador. Professor de Humanidades (cinco anos), de Teologia Moral (cinco anos), Reitor do Funchal (sete anos) e de Bragança (sete anos). Na Ilha da Madeira compôs as desavenças entre o Bispo e o Conde da Calheta. O seu nome incluiu-se numa breve lista donde devia sair o Bispo do Japão, prova do bom conceito que dele havia para os altos cargos do exterior. Não foi para o Japão, mas Visitador de Angola (2 anos) e depois Provincial do Brasil durante nove anos; e no Brasil ficou até a morte. Ocupou ainda os cargos de Superior da Capitania do Espírito Santo, Visitador das Aldeias, Consultor e Director da Congregação; e gastou em ministérios com o próximo os últimos anos da longa vida. Durante o seu provincialato organizou e promoveu as Missões dos Potiguares e Maramomins

e ainda outras, com zelo e religião. Homem de espírito metódico, diligente, recto e claro. E excelente humanista, um dos mais fecundos escritores do Brasil do seu tempo. Faleceu em Olinda a 27 de Dezembro de 1628”.

Após ter pedido ao Pe. Quirino Caxa para escrever a primeira biografia de Anchieta, ele mesmo redigiu outra, a instâncias do Pe. Fernão Cardim, então Provincial do Brasil, reunindo novos dados e depoimentos, entre 1606 (uma cópia datada desse ano foi remetida a Roma pelo Pe. Cardim) e 1609. Na língua original portuguesa, o manuscrito esperaria praticamente 390 anos para ser publicado. Foi impresso pela primeira vez no volume 19 dos *Anais da Biblioteca Nacional* (Rodrigues (P.), [1607] 1897), com base no códice cx/1-17 da Biblioteca de Évora, muito incompleto e com várias omissões. Igualmente nos *Anais da Biblioteca Nacional*, no volume 29, foi publicado um texto muito mais completo, baseado num manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa (RODRIGUES (P.), 1907); este texto apareceu posteriormente como livro impresso na Bahia (RODRIGUES (P.), 1955), sendo republicado pelas Edições Loyola (RODRIGUES (P.), 1978).

Em RODRIGUES ([1609]1909: 282-283) lê-se:

“Na comarca do Ryo de Janeiro, desta banda sobre o Cabo Frio, ha hũa praga de onças de diuersas castas, muy crueis, hũas pela sinta grosas e ruyuas [as suçuaranas], ou pintadas outras negras pello meyo, e delgadas que são tigres verdadeiros, tambem dizem q’ ha leopardos, todas muy brauas e ferroses; pasando por esta paragem o padre Jose hũ dia com algũa gente, dipoes de feita a choupana e agasalhados todos, se sahio de noite fora da cazinha, e se deteue por grande espaço de tempo, tornando a entrar, tomou hũ cacho de bananas (serta fruta da terra) e partindoo o lansaua fora, e dezia pella lingoa da terra: tomay la uos outras, sem se uer com quem fallaua, perguntado-lhe o companheiro a quem daua as bananas, dise que aquellas suas companheiras, e quando foy pella manhã se uio o rastro de duas onças, que estiueraõ com elle assentadas no lugar em que elle estiuera em oraçam, e dipoes de acabada o acompanharão atee a porta da cazinha. Outra ues estando o padre naquella pescaria em que por vezes falamos, apareserão da banda dalem de hũ braço de augoa duas onças, e se puzerão ha olhar para a gente que estaua escalando o peixe, dise então o Irmão que folgara de as ir la uer, o padre lhes respondeo que acabando o que estaua fazendo, as iria uer. Neste comenos se hião daly as onças, mas o padre lhes bradou pella **lingoa brazilica**, que tornasem dahy a pouquo para as iren ver. Ellas obedecendo tornarão ao tempo em que os Indios tinhão acabado o serviso, e as forão uer de perto em duas canoas, estando ellas quedas, e o padre, lhes lançou o quinhão de peixe q’ lhes leuaua. E assy se forão contentes”.

3.1.16 1613 – LINGUA DO BRASIL – Pero de Castilho, S. J.

AYROSA (1937) publicou o manuscrito *Nomes das partes do corpo humano pella Lingua do Brasil*, escrito em 1613 pelo Pe. Pero de Castilho, S. J., com uma reprodução fac-similar.

Segundo informações do Pe. Serafim Leite, transcritas por AYROSA (1937: 21-22):

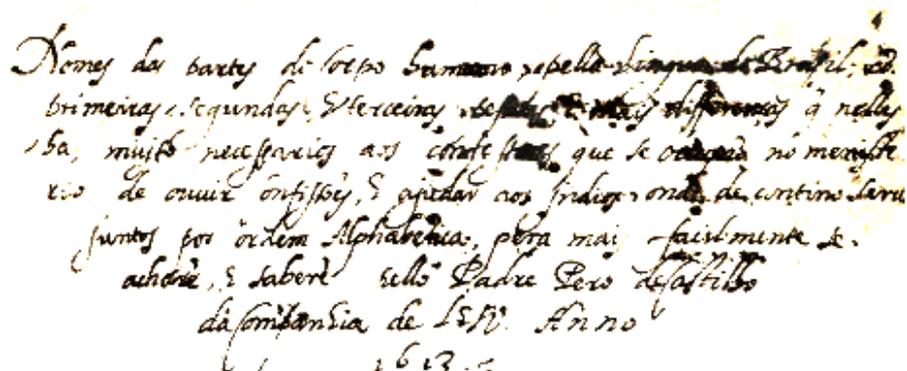
“O P. Pero de Castilho é natural da Vila do Espírito Santo, onde nasceu em 1572. Entrou na Companhia de Jesus, na Baía, em 1587, com 15 anos de idade. Estou [sic; estudou] gramatica durante 4 anos e teologia moral por algum tempo.

Em 1606 já era sacerdote, e em 1608 fez os ultimos votos de Coajutor Espiritual. Foi Superior dalgumas Aldeias de índios (era-o em 1616 da Aldeia de S. João Baptista, anexa ao Colégio da Baía).

Fez duas grandes entradas ao Sertão: uma em 1613 ao Rio Grande; outra em 1621 ao interior da Baía com o P. José da Costa, siciliano. Da sua primeira missão deixou uma preciosa narrativa, dirigida ao P. Henrique Gomes, Provincial do Brasil, e escrita em Pernambuco, a 10 de maio de 1613, em português, intitulada *Relação da Missão do Rio Grande: 1613-1614*. Possui copia fotografica dessa narração, ainda inedita. O P. Pero de Castilho dominava perfeitamente a lingua brasilica, que aprendeu na meninice.

Ainda vivia em 1631 no Colégio de Pernambuco, com 59 anos de idade e boa saude”.

A referência à “língua do Brasil” encontra-se apenas no título desse manuscrito (reproduzida em AYROSA, 1937):



*Nomes das partes do corpo humano, pella Lingua do Brasil: cõ
primeiras e segundas, & terceiras, e mais diferenças q' nellas
ha; muito necessáries aos confessores que se occupão no ministé-
rio de ouvir confissões, & ajudar aos Índios onde de continuo seruẽ
juntos por ordem Alphabética, pera mais facilmente se
acharẽ, & saberẽ: pello Padre Pero de Castilho
da Companhia de IESV. Anno
1613.*

*Nomes das partes do corpo humano, pella Lingua do Brasil: cõ
primeiras e segundas, & terceiras pessoas & mais diferenças q' nellas
ha; muito necessáries aos confessores que se occupão no ministé-
rio de ouvir confissões, & ajudar aos Índios onde de continuo seruẽ
juntos por ordem Alphabética, pera mais facilmente se
acharẽ, & saberẽ: pello Padre Pero de Castilho
da Companhia de IESV. Anno
1613.*

3.1.17 1618 – LINGOA BRASICICA – Antônio de Araujo, S. J.

“**ARAÚJO, António de.** *Professor e Tupinólogo.* Nasceu em 1566, na Ilha de S. Miguel, Açores. Filho de Joaquim de Araújo e D. Ana Pacheco. Entrou na Companhia na Baía em 1582. Mestre em Artes. Fez a profissão solene na Baía, recebendo-a o Visitador Manuel de Lima, a 25 de Março de 1608. Ensinou Humanidades e Teologia e foi Procurador do Colégio da Baía. Pregador. A vivacidade do seu espirito criou-lhe émulos. Consagrou-se então ao trabalho com os Índios, cuja língua sabia e de que foi mestre com o seu famoso *Catecismo*. Superior nas Aldeias dos Índios. Em 1607 era-o de S. Sebastião na Baía. Fez uma entrada à Serra do Orobó, sertão da Baía, outra no Sul aos Carijós dos Patos onde ficou alguns anos Superior da Missão, até 1628. Em 1631 residia no Colégio do Espírito Santo, e faleceu no ano seguinte, 1632, talvez no mesmo Colégio. Homem de talento e virtude” (LEITE (S.), 1949: 60).

Em seu *Catecismo na Lingoa Brasicica* (ARAÚJO, 1618) aparece várias vezes citada “lingoa brasicica” – além do título, nas diversas licenças emitidas para a impressão da obra [Figuras 15-18].

CATECISMO.
NA LINGOA
BRASILICA, NO QVAL
SE CONTEM A SVMMA
DA DOCTRINA CHRIS-
tã. Com tudo o que pertence aos
Mysterios de nossa sancta Fè
& bõs costumes.

*Composto a modo de Dialogos por Padres
Doctos, & bons lingoas da Compa-
nhia de IESV.*

Agora nouamente concertado, orde-
nado, & acrescentado pello Padre
Antonio d'Araujo Theologo,
& lingoa da mesma
Companhia.

Com as licenças necessarias.

Em Lisboa por Pedro Crasbeeck. año 1618.
A custa dos Padres do Brasil.

Figura 15. Portada do *Catecismo* do Pe. Antonio de ARAÚJO (1618).

Licenças.

VI este liuro que se intitula *Catecismo da
lingoa Brasilica*, composto por Padres do-
ctos da Sagrada Companhia de Iesu, & não
tem cousa que impida poder se imprimir, an-
tes será de grande importancia pera os Padres
que naquellas partes andão plantando a Fé
Catholica. Em S. Domingos de Lisboa a 10.
de Agosto de 618.

Fr. Thomas de S. Domingos.

POde se imprimir, vista a aprovação
do P.M. Frey Thomas.

O Bispo Inquisidor Geral.

POde se Imprimir este *Cathecismo* aos 5. de
Setembro de 618.

Damião Viegas.

DAm licença ao suplicante para poder maldar im-
primir este *Cathecismo* que apresenta visto a q̃
tem do S. Officio, & do Ordinario: depois de impres-
so tornará pera se taxar, & sem isso não correirá. Aos
2. de Outubro de 618.

Gama,

L. Machado.

LI-

Figura 16. Licenças para imprimir o *Catecismo* do Pe. Antonio de ARAÚJO (1618).

Licença do Reuedor.

E Stà conforme com o original:
& pode se dar licença para correr:
em 28. de Nouembro de 618.

Fr. Thomàs de S. Domingos.

T A I X A.

T Aixaõ este liuro, intitulado , *Cate-
cismo da Doutrina Christãã, na lin-
goa Brasílica, em oitenta reis em pa-
pel. A 28 de Nouembro de 618.*

Moniz. Luis Machado.

¶ 3

MV-

Figura 17. Menção da *língua brasílica* em página não numerada do *Catecismo* do Pe. Antnio de ARAUJO (1618).

MVCIO VITELLES-
CHI DA COMPANHIA DE
Icú Proposito Gèral.

O *Catecismo, & summa da Doctrina
Christã na lingua Brasílica, a modo de
Dialogos (feitos ha annos por Padres
Doctos & lós linguas da Companhia de IESV,
& agora nouamente concertados pello
Padre Antonio d' Araujo Theologo, & lingua
da mesma Companhia, com o Confessionario,
& Ceremonial dos Sacramentos, conforme ao
Catecismo Romano, & com outras exhorta-
ções, & instruções necessarias pera a conuer-
saõ, & conseruação dos Indios do Brasil) foy
visto, examinado, & apronado por certos Pa-
dres Doctos, & linguas, nomeados pello Pa-
dre Pero de Tolledo Prouincial da Compa-
nhia de IESV no estado do Brasil, como nos
constou de seu testemunho pelo que dou licen-
ça para se imprimir.*

Mucio Vitelleschi.

CAN-

Figura 18. Apresentação do P. Mucio Vitelleschi do *Catecismo* do Pe. Antonio de ARAUJO (1618).

3.1.18 1621- LINGVA BRASILICA – Luis Figueira, S. J.

Só consta do título do livro [ver Figura 3 acima].

3.1.19 1627 – LINGOA BRASILICA, BRASIL -Frei Vicente do Salvador, O. F. M.

Sua *História do Brasil* foi pela primeira vez editada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (VICENTE DO SALVADOR, 1889). Nela se encontram as seguintes passagens:

P. 48 [Livro Segundo da Historia do Brasil no tempo do seu descobrimento. Capítulo Nono. De como Duarte Coelho correo a costa da sua capitania, fazendo guerra aos Francezes, e paz com os Gentios, e se foi para o Reyno]:

“..e era este Vasco Fernandes tam bem temido, e estimado entre os Gentios, que o principal se tinha por honrado em tel-o por genro, porque o tinham por grande feiticeiro; e assim huma vez, que o cerco era mais apertado, e estavam os de dentro receioso de os entrarem, sahio elle só fora, e lhes começou a pregar na sua **lingoa brasilica**, que fossem amigos dos Portuguezes, como elles o erão seus, e não dos Francezes, que os enganvão, e traziam ali para que fossem mortos...”.

P. 82 [Livro Terceiro da Historia do Brasil do tempo que o governou Thomé de Souza até a vinda do Governador Manoel Telles Barreto. Capítulo Décimo Quarto. De como os Tamoyos, e Francezes depois da vinda Governador forão do Cabo Frio ao Rio de Janeiro pera tomarem huma aldêa, e do que lhe succedeo]:

“...e passando à vista da Cidade de S. Sebastião, forão surgir em hum porto de huma aldêa, que distava da Cidade huma legoa, a qual era dos Indios confederados, e amigos dos Portuguezes, onde estava por principal hum de grande animo, e esforço, que nas guerras passadas havia feito grandes façanhas em defesa do nome Christão, e dos Portuguezes: seu nome **brasil** foi Arariboia, e no batismo se chamou Martim Affonso de Soza, como seu padrinho o Senhor de S. Vicente, que o padrinhou quando veio à sua Capitania no anno de mil quinhentos e trinta”.

P. 152 [Livro Quarto da Historia do Brasil do tempo que o governou Manoel Telles Barreto até a vinda do Governador Gaspar de Souza. Capitulo Trigesimo Primeiro. De como Manoel Mascarenhas Homem foi fazer a fortaleza do rio-Grande, e do socorro que lhe deo Feliciano Coelho e Carvalho]:

“...se ordenou que Manoel Mascarenhas fosse por mar ao Rio Grande, na armada que veio de Pernambuco, e levasse comsigo o Padre Gaspar de S. João Peres, da Companhia, por ser grande architecto, e engenheiro para traçar a fortaleza, com seu companheiro o Padre Lemos, e o nosso irmão Frey Bernardino das Neves, por ser muito perito na **lingoa Brasilica**, e mui respeitado dos Potiguares...”.

P. 158 [Livro Quarto da Historia do Brasil do tempo que o governou Manoel Telles Barreto até a vinda do Governador Gaspar de Souza. Capitulo Trigesimo Terceiro. De como Hyeronimo de Albuquerque fez pazes com os Potiguares, e se começou a povoar o Rio Grande]:

“...e o nosso Irmão Frey Bernardino das Neves foi o interprete, por ser mui perito na **lingoa brasilica**, e mui respeitado dos Indios Potiguares, e Tobajares, como já dissemos...”.

P. 169 [Livro Quarto da Historia do Brasil do tempo que o governou Manoel Telles Barreto até a vinda do Governador Gaspar de Souza. Capitulo Trigesimo Nono. Do zelo que o Governador Diogo Botelho teve da conversão dos Gentios, e que se fizesse por ministerio de Religiosos]:

“Entendendo isto bem o Governador Diogo Botelho apertou muito com o nosso Custodio, que então era, que pois doutrinavamos os Tobajares (do que os Potiguares estavam mui invejosos), dêsse tambem ordem, e ministros, que os doutrinassem, pois essa foi a principal condição com que aceitarão as pazes na Parahyba, e havia cinco annos que os entretínhamos dizendo-lhes que fizessem primeiro igrejas, ornamentos, sinos, e o mais, que era necessário, e vendo que o Custodio se excusava por não ter Frades peritos na **lingoa Brasilica**...”

3.1.20 1645 – LINGOA DO BRASIL, LINGOA BRASILICA – Balthasar Tellez

Em sua *Chronica da Companhia de Iesv na Provincia de Portvgal* (TELLEZ, 1645: 452) consta:

P. 452:

“Mayor didifficuldade lhes causava veremse os Padres tam poucos, pera tam grande seàra, sem noticia alguma da lingoa da terra; porém confiados na graça divina de Christo Senhor nosso, que com tam poucos homens, no principio do Evangelho, o annunciou no mundo todo, dandolhe Deos lingoa, & sabidoria, pera falarem diãte dos Reys, & dos mayores letrados do mundo todo; & armados cõ esta confideraçam, puzeram o peito a estas, & outras mayores, difficuldades, começando logo aprender a **lingoa do Brasil**, & por meyo de alguns Portugueses que já lhe podiam servir de Interpretes, doutrinavam os gentios, que viviam por aquellas montanhas...”

P. 463:

“Nam se pode conter mais o espirito afervorado, que ardia em zelo divino, ouvindo taes blasfemias; logo de repente, com voz espantosa, exclama ao cèo, na **lingoa Brasilica**, bràda, estranha, arrezoa, confunde, & desfaz a diabolica liberdade do cego encantador, com tal impeto, & força mais que humana de espirito superior, que dando Deos virtude, & efficacia a suas palavras, bastaram estas pera derrubar por terra aquella soberba torre de enganos...”

3.1.21 1647 – LINGOAGEM BRAZILICA, LINGOA BRAZILICA – Balthazar Telles

Na segunda parte de sua *Chronica da Companhia de Iesv da Provincia de Portvgal* (TELLES, 1647), lê-se:

P. 280:

“Desembarcado na Bahia, começou este novo Sol, a espalhar as luzes de seus fermosos rayos: occupouse logo em ler latim aos nossos, & aos de fõra, sendo o primeyro que n’aquellas partes ensinou esta faculdade, ditosa por ter tal mestre, q’ nella foy tam esmerado, que pudèra dar lustre às melhores Primeyras das Vniversidades mais primas. No mesmo tempo em que Anchieta ensinava a lingoa latina.lhe ensinavam a **lingoa Brazilica**; era mestre eloquentissimo, & faziase discipulo de seus mesmos discipulos; aprendia, & juntamente ensinava (que a charidade atenta ao bem do proximo, & nam respeyta a autoridade propria) de tal sorte se applicou, que dentro em seis meses sahio tam destro na **lingoagem Brazilica**, que era o melhor interprete do Padre Provincial Manoel da Nobrega, & verteo na mesma lingoa o Catecismo, & logo compoz a Arte Bazilica [sic], por onde ensinam os nossos, reduzindo a barbarie natural dos Indios, â policia da Arte dos latinos”

P. 307:

“Nam perderam os pescadores esta boa occasiam, alegamse primeyramente com a vista, & logo largãram as redes, & tomando os arcos começaram a empregar as setas naquella caça (que os Brazis com o mesmo gosto se cévam nas carnes destes animaes, que outras gentes em cabritos) acudio o P. Ioseph a esta matanca [sic], & mandou aos Indios que se contentassem com gozar do ridículo espectaculo que faziam, por causa d’aquella morte, &

falando com os monos lhe disse em **lingoa Brazilica**, que fizessem muyto à sua vôtade as exequias dos seus defuntos...”.

3.1.22 Antes de 1650 – LINGUA DOS BRASIS – Frei Francisco do Rosário

Frei Francisco do Rosário nasceu no Porto em 1567, onde se tornou tabelião; tendo ido para Olinda, ali tomou o hábito de franciscano a 1º. de maio de 1592. Bom conhecedor do latim, aprendeu a língua geral do Brasil, de que deixou escrito *Ritos, Costumes, Trajes e Povoações dos Brasis* e *Catecismo para o Gentio do Brasil*, este no idioma brasílico. Do convento de Olinda, aonde regressara após ter ido ao Maranhão, passou ao Convento da Bahia, onde faleceu a 24 de fevereiro de 1650.

Frei APOLLINARIO DA CONCEIÇÃO (1732) declarou que o livro de Frei Francisco do Rosário foi perdido por ter ido parar às mãos dos holandeses na perda de Pernambuco, em 1654.

Frei JABOATAM (1858: 355-356) também declarou que as obras de Frei Francisco foram perdidas:

“Fr. Francisco do Rosario, de quem daremos mais individual noticia, quando tratarmos dos Religiosos de virtude, que estão sepultados no Convento da Bahia. Agora só lhe toca dizer, que abraçando na Religião o estado de Leigo por humilde, era bastantemente noticioso da lingua Latina, e na do Gentio do Brasil, com o qual assistio muitos annos pelas suas Missoens, muy versado, e pratico, e a foliava, e entendia com perfeição, e della compôs hum *Tratado dos ritos, costumes, e linguas dos Brasis* em a nossa vulgar, escrito da sua propria mão. Cathecismo para o Gentio do Brasil ua sua propria lingua. (...). Daquelle seu livro só achamos a memoria no Archivo desta Provincia, porque o seu original foy ter á mão dos Olandezes na perda de Pernambuco”.

3.1.23 1652 – LINGUA BRASILICA – George Cardoso

No primeiro volume de seu *Agiologio Lusitano* (CARDOSO, 1652: 115, nota h) consta:

“O P. Francisco Pinto foi mui versado na **lingoa Brasilica**, & de grandes noticias das cousas daquelle estado. Como natural delle. Foi morto (na missão do Maranhão) cruelmente dos barbaros Tapuyas an. 1608. aos 54. de sua idade, & no mesmo lugar de seu triumpho os barbaros lhe deram sepultura, & hum dos paos (instrumento delle) cheo de sangue se conserva no collegio da Bahia com veneração”.

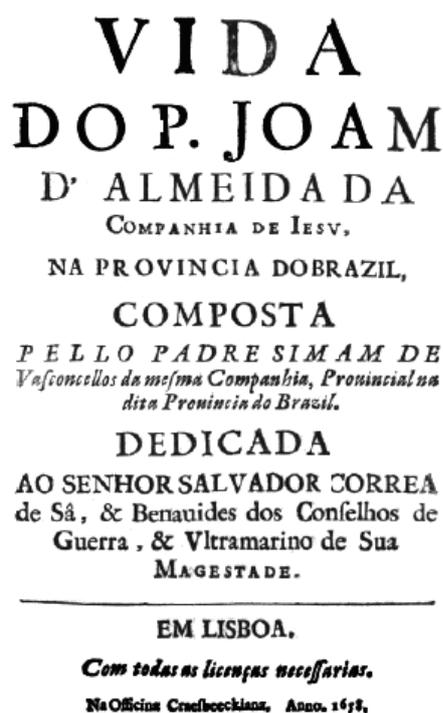


Figura 19. Portada da *Vida do P. Joam d'Almeida* do Pe. Simam de VASCONCELLOS (1658).

3.1.24 1658 – LINGUA BRAZILICA – Pe. Simam de Vasconcellos, S. J.

Na *Vida do P. Joam d'Almeida da Companhia de Iesv* [Figura 19] escreveu VASCONCELLOS (1658):

P. 33:

“Hum dos Varoens, que aqui concorreram com o Irmam JOAM D'ALMEIDA, & dos mais antigos, foi o Padre Diogo Fernandes; de cuja Virtude, & Zelo das Almas, entre huns Apontamentos do PADRE JOSÉ D'ANCHIETA, feitos de sua propria mam, que tiue em meu poder; achei as noticias seguintes. Primeiramente, que auendo entrado este grande Obreiro das Almas, de pouca idade em nossa Companhia, & já entam Perito na **Lingua Brazilica**, quasi por todo o tempo de sua vida, se empregou por Aldeias; & a maior parte deste, nestas do Espirito Santo em Cõerter, Ensinar, & Doutrinar estes Indios...”

P. 39:

“Nam foi desemelhante a este, hum Domingos Gracia, natural da Villa de Sam Paulo. Celebre entre todos os Indios por sua grande Eloquencia, & Elegancia, & juntamente efficácia no Falar, & Prègar na **Lingua Brazilica**”.

P. 57:

“Era o Irmam Pedro Correia Perito na **Lingua Brazilica**, & mais auentajado no Espirito da Conuersam de seus naturais: discorria continuamente por suas Terras, & Sertoens; atrauessando as Brenhas mais occultas, & as Serranias mais Asperas...”

3.1.25 1663 – LINGOA BRASILICA, LINGOA COMMŪA, LINGOA DO BRASIL, LINGOA DOS BRASÍS, IDIOMA BRASILICO – Simam de Vasconcellos, S. J.

Em sua *Chronica da Companhia de Jesu no Estado do Brasil* (VASCONCELLOS, 1663) há as seguintes passagens:

P. 43:

“Segundo, porq’ não sabiaõ a **lingoa Brasilica**, & por acenos exprimêse mal os cõceitos, mórmente os q’ tocão a alma...”.

P. 45:

“Pera o segundo impedimento da falta da lingoa, seruiu també a traça dos meninos; porque cõ estes fallando cada dia, à volta do vso da doutrina aprendião o **idioma Brasilico**”.

P. 48:

“Meterão todo o cabedal em aprender a lingoa, & o que mais se assinalou nesta empresa, foi o Padre Ioaõ Aspilcueta Nauarro, que saíu em breue tempo sufficiente para prégar nella, & confessar: & foi o primeiro que pos na **lingoa Brasilica** algũas Oraçoens, & Dialogos da nossa santa Fé, a fim de cathequizar esta gente”.

P. 64:

“Pera melhor ajuda dos Portugueses, & pera melhor acudir també aos Indios, começou o Padre Leonardo a receber alguns nouiços, dos que sabiaõ bê a **lingoa Brasilica**, ou a podiaõ aprender facilmente”.

P. 82:

“...sinalouse porém entre todos o Padre Ioaõ Aspilcueta Nauarro (que andaua volante por hum & outro exercito de Portugueses, & de Indios) assi pela excellencia que já tinha da **lingoa Brasilica**, como por suas grandes traças em toda a materia de espirito”.

P. 92-93:

“Aquella nação generica de Indios mãos, diuidese em algũas especies, & a principal comprehende todos os bandos, ou ranchos de semelhantes indios, q’ correm ordinariamente a costa do Brasil, & fallaõ aquela lingoa commũa, de que compos a Arte Vniuersal o Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesu, como saõ, Tobayaras, Tupís, Tupinambás, Tupinaquís, Tupigoães, Tumiminós, Amoigpyras, Arabóyáras, Rariguoáras, Potigoáres, Tamoyos, Carijós, & outras quaesquer que houuer da mesma lingoa. Todas tenho que fazem só hũa espécie, ou nação especifica, posto q’ accidentalmente diuersas, em lugares, & ranchos”.

P. 106:

“Outras vezes hião em procissão da cidade até suas próprias aldeas leuãdo sua Cruz leuãtada, & cãtãdo as mesmas deuações em **lingoa Brasilica**, cõ sũmo gosto & alegria dos pays, que de nenhũa cousa mais se prezauão”.

P. 135:

“No mesmo tempo era Mestre, & era discipulo, & os mesmos lhe seruião de discipulos, & mestres; porq’ na mesma Classe fallando Latim, alcançou da falla dos que o ouuião a mór parte da **lingoa do Brasil**, que breuemente perfeiçou com tal excellencia, q’ pode reduzir aquelle idioma barbaro a modo & regras grãmaticaes, compondo Arte dellas, taõ perfeita, que approuada dos mais famosos lingoas, foi dada à Imprensa...”.

P. 150:

“O certo he, que impaciente aquele pobre homem de verse apartar de sua má consorte, ou por via do Irmão, ou do Padre, cobrou tal odio aos da Cõpanhia, q’ determinou vingar seu sentimêto nos dous innocentes, & desacautelados Irmãos: & como era sagaz, manhoso, & destro na **lingoa Brasilica**, meteu em cabeça aos simples Indios, que os Irmãos vinham por especias da parte dos Tupis seus contrarios, & que conuinha tirarlhes a vida muito á pressa, antes que expermentassem em si as frechas, & dentes de seus Inimigos”.

P. 161:

“Este Varaõ foi o primeiro que saio com a empresa da **lingoa dos Brasís**, com que suspendia seus animos”.

P. 175:

“Recebeo aquella sua Casa cõ alegre rosto; porque tornaua a ver seu Prouincial, o numero de seus sojeitos augmentado, & o credito da **lingoa Brasilica** pera as aldeas restaurado”.

P. 176:

“...& Leonardo do Valle, ambos peritos na **lingoa do Brasil** (posto que esta gente se mudou depois pello tempo pera outra aldea de S. Paulo)”.

P. 177:

“...o qual lhes ensina as oraçoens da Doutrina Christãa em voz alta, & apos esta da mesma maneira os mysterios de nossa santa Fé, em Dialogos de perguntas & repostas, compostos pera este effeito em **lingoa do Brasil...**”.

P. 182:

“Na Casa de S. Vicente meteo o Padre Luis da Gram este anno hum nouo modo de doutrina das cousas da Fé, por Dialogos de perguntas, & repostas (que já nas aldeas tinha metido entre os Indios) na **lingoa Brasilica**: & como naquellas villas os mais dos homens, & mulheres sabião esta lingoa, & este modo de Dialogos he mui conforme ao costume natural do fallar dos Brasís, foi pera ver o muito que contentou esta noua traça de ensinar...”.

“...& se vião naquellas villas tantas escolas, quantas erão as casas, onde ellas morauão, com mudança notauel de costumes, & frequencia maior do Sacramento da Confissãõ pella **lingoa Brasilica...**”.

P. 247:

“Naõ vieraõ frustrados os Missionarios, que eraõ peritos, & eloquentes na **lingoa do Brasil...**”.

P. 269:

“Hia crescendo a Seara do Senhor nesta fõrma, & faltaua copia bastante de segadores: quando proueo o pay dos Operarios, que no mes de Iulho do corrente anno chegassem à Bahia quatro Religiosos nossos versados todos na **lingoa Brasilica...**”.

“Neste tempo despedio o Padre Prouincial o padre Ioaõ de Mello por Supertor á missãõ de Pernãbuco, que alli tinhamos começada na Villa de Olinda, juntamente [sic] com o Padre Antonio de Sã perito na **lingoa do Brasil**”.

P. 346:

“Visitou as aldeas, & chorou com os Indios suas miserias, & com sua costumada eloquencia na propria **lingoa Brasilica**, os animou a leuar com paciência aquelle açoute, que Deos lhes quis mandar...”.

P. 378:

“Foi leuado ainda Nouiço a Pirätininga, atrauessando a pé descalço aquellas fragosas serranías; e como sabia o Padre Nobrega o que nelle tinha, & juntamente a pericia da **lingoa Brasilica**, & zelo dos Indios, de que Deos o dotára, largoulhe a mão a que trabalhasse no bem destas almas”.

3.1.26 1668 – LINGOA DOS BRASIS – Pe. Simam de Vasconcellos, S. J.

Em suas *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil* [Figura 20] escreveu o Pe. VASCONCELLOS (1668: 193):

“He tambem digna de notar aqui a historia de Mairapé, lugar distante como dez legoas no interior do reconcauo desta cidade. He hum caminho feito de area solida; & pura, de comprimento de meia legoa pello mar dentro; & a tradição delle he, que foi feito milagrosamente por S. Thome, quando andando nesta Bahia pregando aos Indios daquella paragem, elles se amotinãrão contra o Santo, ao qual, fugindo da furia de seus arcos, foi leuando o mar aquella estrada por onde passasse a pé enxuto à vista sua, cobrindo logo o principio della de agoa, porque não podessem seguillo os Gentios, que na praia ficãrão admirados de cousa tão extraordinaria; & chamarão dalli em diante àquella estrada milagrosa Mairapé³⁶, que val o mesmo em **lingoa dos Brasis**, que caminho de homem branco: assi chamauão a S. Thome...”

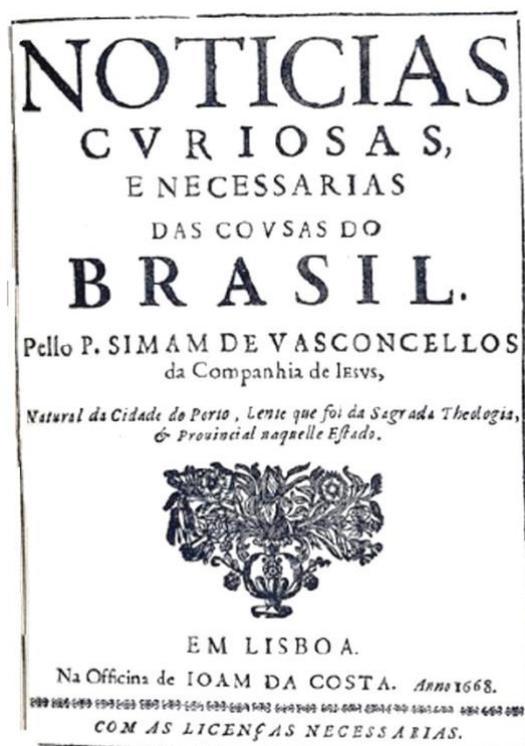


Figura 20. Portada das *Noticias curiosas* do Pe. Simam de VASCONCELLOS (1668).

³⁶ Os Tupinambá chamavam os franceses de *mair*; *apé* equivale a caminho.

3.1.27 1672 – LINGOA BRASILICA, LINGOA COMMUA DO BRASIL – Simam de Vasconcelos

E na *Vida do veneravel Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesv* (VASCONCELLOS, 1672) registrou:

P. 204:

“Nauegava em huma canoa Ioseph, seu companheiro Leonardo do Valle, & sete, ou outo Indios da Beritioga para a Villa de Santos; queixauamse os companheiros da grande calma que entam fazia, & compadecido delles chamou hum bando de passaros por nome Goarases, & falando com o Capitam delles, que vinha adiante, lhe disse pella **lingoa Brasilica**; Eropita de Boyaimorebo. Que quer dizer, faze parar teus companheiros aqui sobre nos. Felo assi o bom Capitam, poz todos em ordẽ concertada, & foram andando sobre a canoa hum grande espaço, em forma de hum pauilham: té que cobrindo o sol huma nuuem, os despedio Ioseph, pella mesma lingoa. Foy publico o milagre, juraramno muitos, especialmente hum Belchior Ferreira como testemunha de vista, ou porque fosse tambem na canoa, ou porque de terra o visse...”.

P. 241:

“Partio de Pernambuco, com ordem do Padre Fernam Cardim Prouincial, que entam era, & com ajuda do Governador Diogo Botelho, em idade varonil de sincoenta & quatro annos, no mez de Janeiro de 1607, leuando por companheiro o Padre Luis Figueira, Religioso tambem destro na **lingoa Brasilica**, bom theologo, & de grandes partes”.

P. 242:

“Estas serras supposto que tambem feras, & estereis, eram habitadas de gente mais humana, da **lingoa commua do Brasil**, distam cem legoas de Maranhã, & estam perto das naçoens, que principalmente buscauam pera prégarlhe a luz do Euangelho”.

Pp. 275-276:

“A segunda marauilha seja, que por traça, & ajuda de Ioseph colheram os ministros da pesca tam grande quantidade de peixe, de diuersas sortes, que pareceo a todos mais milagre que cazo naural, & foy de tal maneira que encheio as praias, & por mais que salgauam pera conseruallo muitos seruentes, ficaua parte delle inutil, sã que podessem aproueitallo. Tudo atribuiam os Indios a arte de Ioseph, porque elle lhes mostraua os postos, em que hauiam de lançar as redes, & lhe dizia dantes a casta de peixe, que hauiam de tomar, como se os tiuera em viueiro, sem que nunca se tuesse achado outra vez no tal sitio. Succedeo depois desta segunda marauilha maior; porque correndo ao cheiro de tanta quantidade de peixe bãdos de aues de rapina, maritimas e terrestres, chegaram a ser tantas que impediam os officiaes que obrauam a salga, sofregas, & voraces; Queixaramse ao Padre Ioseph que pera enxotallas gastauam muita parte do tempo. Acudio elle, reprehendendo as aues, & lhes mandou, falando com ellas, em **lingoa Brasilica**, que logo se apartassem, & nam fossem mais importunas aos que trabalhauam, & que acabada a pescaria tornassem, porque achariam seu quinhã. Era o imperio de Ioseph efficaz, à vista de todos se despediram pellos ares, sem tornar huma só, té que acabada a obra toda foram vistas tornar a bandos buscar sua prometida porçam”.

P. 280:

“Porẽ os Indios que nenhũa outra cousa dezejauam, estimulados do canção [sic], & fome, entre tanto descuido dos brutos [guaribas], aliuiandose todos das cargas descarregaram nuuẽs de frechas, & foram cauza que conuertessem em pranto proprio as exequias alheas, & fizeram banquetes de suas carnes, mas recolhida quantidade bastante, mandou Ioseph suspender os arcos; e fallandolhes em **lingoa Brasilica**, disse aos que ficauam, fazei, fazei vos outras exequias, que eu vos asseguro o campo. Foy espetaculo festiual, porque obedecendo fizeram prantos lastimosos, chorando amargamente, como a choros, as tristes queixas da morte desestrada de seu maioral,

leuantando hum delles como Antiphona, & respondendo outros em tom triste; té que Ioseph, depois de recreados os companheiros, lhes mandou que se fossem com saluo conduto do rigor dos Indios”.

Pp. 280-281:

“Chegaua já embarcado em sua canoa, a certa paragem do rio da Aldea, que desemboca em hum braço de mar, sitio alegre, cercado de mangues, & ordinariamente pouoado de aues, que por alli nace, a que chamam goarazes, do tamanho de huma gallinha, & de cor carmesim finissimo que tira pera roxo; nace brancas, logo se fazem pretas, mas em crescendo mais, despem aquella cor, & vestemse do carmesim já dito, que recrea os olhos. Aqui tinham chegado os nossos nauegadores, mas quando hauiam de gozar de tam fermoza vista alegre a todos os que passam, os raios do sol eram demasiados, & custauahe caro ao companheiro o aliuio dos olhos, quando o corpo todo suaua, & se abrasassem os remeiros; propoz a Ioseph sua necessidade, & nam foy nouo nelle o remedio: vio tres ou quatro destas aues postas sobre hum mangue; chamouas pella **lingoa Brasilica** entendida dos Indios, que remauam., dizendolhes, ide vos outras, chamai a vossas cõpanheiras, e vinde aqui fazer sobre a estes encalmados serruos do Senhor; estenderam as aues o pescoço, como obedecendo, & logo voando foram buscar as outras, & em breue espaço voltaram feitas em nuem graciosa, & fizeram reparo à canoa huma boa legoa de mar, até que entrando viraçam fresca, as tornou a mandar a seus usos communs, despedindose ellas com estrondo de vozes toscas, mas festiuas, entendidas somente do Autor da natureza, que as criara...”.

3.1.28 1686 – COMMUM IDIOMA DOS BRASIS, LOCUÇÃO BRASILICA, LINGOA BRASILICA, IDIOMA BRASILICO, LINGOA DO BRASIL – Bertholameu de Leam, S. J.

Em sua reedição do *Catecismo* do Pe. Araújo, nas páginas introdutórias não numeradas, LEAM (1686) citou a *lingoa brasilica* sob dois capítulos:

Aos Religiosos da Companhia de JESUS do Estado do Brasil, onde incluiu a seguinte passagem:

“Sae de novo a luz o Catecismo Brasilico, que já no anno de 1618. a vio a primeira vez, E SAE com alguma variedade. Porque se trocaraõ alguns vocabulos daquella idade, que já hoje estranha o **commum idioma dos Brasis**, em outros, que são hoje vulgares. A escritura se emendou em orthographia mais proporcionada à **locução Brasilica**”.

Sob o outro capítulo, *Adveatencia [sic] sobre a ortographia, & pronuniação deste Catecismo*, constam estes trechos:

“Este Catecismo como produsido pelos Portuguezes, he Portuguez na escritura; que pode admitir a Penna Portugueza. E assi se usa nelle de Ç com zeura em lugar do S, cujo natural sbilio não consente a **lingoa Brasilica**”.

“I, nunca no **idioma Brasilico** he taõ rigorosa consoante, que fira a vogal como G, entre vogaes he consoante duplez, como neste verno, Aiar, tomo: onde o I, faz o mesmo som, que no nosso verbo, Caiar”.

“Quando na mesma dição se acharem dous assentos, he sinal que esta dição he composta, & confôrme ao dialecto, & propriedade da **lingoa Brasilica**, cada huma das partes retem o seu assento proprio, que tinha, quando separada, como se ve neste verbo, Atupãmonghetá, reso, fallo com Deos: & beste Açuguyóc, sangro, tiro sangne [sic]”.

Seguem então, ainda sem número de página, as diversas aprovações.

Na primeira, firmada pelo Pe. Alexandre de Gusmão [Figura 21], lê-se:

“...dou licença, para que se torne a imprimir o Catecismo da Doutrina Christãa no [sic] **limgoa do Brasil**, composto primeiro pelo P. Antonio de Araujo da mesma Companhia, de novo emendado pelo P. Bertholameu Leão da mesma Companhia...”.

A segunda, assinada pelo P. Lourenço Cardoso [Figura 22], diz:

“Por ordem do Padre Alexandre de Gusmaõ Provincial desta Provincia do Brasil, revi o Catecismo novamente corrigido do antigo, que por defeito da impressãõ tinha varios erros, assim na verdade dos **vocabulos Brasilicos**, como nos modos com se usa delles no estylo de fallar, o que tudo vay corregido com muita curiosidade, & diligencia, digno na verdade de se imprimir. & muy necessario para o ensino das Aldeas, & Genticos, que a seu cargo tem nossa Companhia, o que será de muito serviço de Deos. & o julgo assim por ter intelligencia da mesma **lingoa Brasilica**. Collegio do Rio de Janeiro 1. de Junho de 1685”

E na aprovação de Simaõ de Oliveira [Figura 23]:

“Por commissão do Padre Alexandre de Gsmaõ, Provincial desta Provincia do Brasil, revi este Catecismo da Doutrina Christãa na **lingoa Brasilica**...”



Approvaçãõ.

O Padre Alexandre de Gusmaõ da Companhia de JESUS Provincial da Provincia do Brasil, por commissaõ que para illo tenho de noſſo Reverendo Padre Géral Carolo de Noyelles, dou licença, para que se torne a imprimir o Catecismo da Doutrina Christãa na lingoa do Brasil, composto primeiro pelo P. Antonio de Araujo da mesma Companhia, de novo emendado pelo P. Bartholomeu Leaõ da mesma Companhia, revisto, & approvado por Padres doutos da mesma lingoa. Rio de Janeiro 1. de Junho de 1685. annos.

Alexandre de Gusmaõ.

Appro-

Figura 21. Aprovaçãõ do Pe. Alexandre de Gusmaõ, para o *Catecismo* do Pe. BERTHOLAMEU DE LEAM (1686).



Approvaçãõ.

Por ordem do Padre Alexãdre de Gufmaõ Provincial desta Provincia do Brafil , revi o Catecismo novamente corrigido do antigo , que por defeito da impressãõ tinha varios erros, assim na verdade dos vocabulos Brafilicos, como nos modos com que se ufa delles no estylo de fallar , o que tudo vay corregido com muita curiosidade, & diligencia, digno na verdade de se imprimir, & muy necessario para o ensino das Aldeas, & Gentio , que a seu cargo tem nossa Companhia, o que serã de muito serviço de Deos , & o julgo assim por ter intelligencia da mesma lingua Brafilica. Collegio do Rio de Janeiro 1. de Junho de 1685.

Lourenço Cardoso.

*iiiij *Appro-*

Figura 22. Aprovação do Pe. Lourenço Cardoso, para o *Catecismo* do Pe. BERTHOLAMEU DE LEAM (1686).



Approvaçãõ.

Por commissaõ do Padre Alexandre de Gufmaõ, Provincial desta Provincia do Brafil , revi este Catecismo da Doutrina Christãa na lingua Brafilica , reformado , & emendado, assim dos erros da impressãõ antiga, como de muitas dicções, que ou com o tempo perderãõ seu uso , & por isso se ignora já hoje , o que significavaõ entãõ, ou porque passaraõ a termos mais cultos, nos quaes tem feito o uso , & a policia a propriedade com que hoje estaõ recebidas nos lugares, & aldeas deste nosso Brafil : Tambem revi cõ attençãõ a novidade, com que o curioso zelo do Author se poz a examinar a variedade das pronunciações das mesmas palavras para as distinguir, nos sentidos, & significados; & para isso servem as diversas pontuações, & plicas, que sobre as dicções vaõ multiplicadas, para cuja intelligencia se pôde recorrer a seu proëmial, onde se verá com clareza, o que sem elle pareceria superfluidade, & conforme ao que entendo nesta materia além de

Figura 23. Outra aprovação para o *Catecismo* do Pe. BERTHOLAMEU DE LEAM (1686).



POEMAS BRASILICOS

Do Padre Chriftovaõ Valente, Theologo da Companhia de JESUS,

*Emendados para os mininos cantarem
ao Santissimo nome de JESUS.*

LESU, moropyçyroána,
JESU, tecó catú iára,
JESU, toryberecoára,
JESU, xe poçánga ymána
JESU, xe remimotára.

Pái JESU, xepoçánga,
Xe pyá, xe recobé,
Xe pãá umé iepé,
Eporauçuboc xe ánga,
Tipyatá nde recé.
Nde po guyrife xe nónga
Nde morerecoár xe rí,
Toçó xe ánga iepí
Tecó catú monçonga

*iij Nde

Figura 24. Página com o início dos *Poemas Brasilicos* do Pe. Christovão VALENTE (in Leam, 1686).

3.1.29 1686 – POEMAS BRASILICOS – Cristóvão Valente, S. J.

LEITE (S.) (1949b: 172) publicou os seguintes dados sobre esse jesuíta:

“VALENTE, Cristóvão. *Pregador e Poeta da língua brasílica*. Nasceu em 1566 em Montemor o Novo, Alentejo. Foi menino para o Brasil e entrou na Companhia em 1583, na Baía, onde também fez a profissão solene a 25 de Março de 1608, recebendo-a o Visitador Manuel de Lima. Mestre de Gramática na Baía, Prefeito dos Estudos e da Congregação em Pernambuco, Superior de Ilhéus e de S. André de Goiana. Exímio pregador e mestre da língua brasílica no Colégio da Baía. Intrépido em acudir aos Índios e homem de vida interior. Cegou alguns anos antes de morrer, na Baía, em 1627”.

Seus *Poemas brasílicos* (título dado por BARTOLOMEU DE LEÃO (1686) na nova edição do *Catecismo* de Antônio de Araújo), em páginas não numeradas [Figura 24], antecedem todo o resto do texto da obra.

3.1.30 1687 – LINGUA BRASILICA, IDIOMA BRASILICO – Luis Figueira, S. J.

Na *Arte de Grammatica da Lingua Brasilica* (FIGUEIRA, 1687), na dedicação *Aos RELIGIOSOS da Companhia de JESUS da Provincia do Brasil* (páginas iniciais não paginadas), lê-se:

“A VV. RR. se dirige esta Grammatica, como a quem he proprio o estudo do **idioma Brasilico**: assi pelo empenho de seu instituto, & herança de seus maiores os Anhietas [sic]. os Nobregas, & Almeidas; como pelo Apostolico impulso de seu espirito, que não cessa de fertilizar à custa de suores taõ agreste vinha”.

3.1.31 1687³⁷ – LINGUA BRASILICA – João Felipe Bettendorff, S. J.

João Felipe Bettendorf ou Johannes Philippus Bettendorff nasceu a 25 de agosto de 1625 em Lintgen, localidade do Condado do Luxemburgo. De família abastada, estudou humanidades no colégio jesuítica do Luxemburgo, filosofia na Universidade de Trier (atual Alemanha) e direito na Universidade de Cuneo (Itália). Entrou no noviciado jesuíta em Tournai e fez diversos estágios em colégios dos Países Baixos Espanhóis. Finalmente, estudou teologia em Douai, na atual França.

Em 1659 foi enviado pelo Superior Geral da Ordem Jesuíta à chamada Missão do Maranhão, na Amazônia Portuguesa. Tal designação atendia aos pedidos de novos missionários do Superior da Ordem no Maranhão, cargo ocupado à época pelo padre Antônio Vieira. Após uma estadia em Portugal, Bettendorf partiu ao norte do Brasil em companhia de Gaspar Misch, missionário como ele, chegando a São Luís do Maranhão em janeiro de 1661. Em Portugal e no Brasil aprendeu o *nheengatu*, ou língua geral, utilizando a gramática redigida pelo padre Luís Figueira, entre outros recursos. Após um encontro com Antônio Vieira em Belém, Bettendorf e outros padres foram enviados à foz do rio Tapajós com o objetivo de fundar um aldeamento. Ali, Bettendorf dedicou-se à catequese dos indígenas, tomando o cuidado de manter boas relações com os chefes tribais locais, de acordo com as orientações da Companhia de Jesus. Logo após a chegada de Bettendorf ao Brasil, eclodiu uma revolta dos colonos de Belém e São Luís contra os jesuítas. A razão do conflito foi uma lei, elaborada por Antônio Vieira, que colocava os indígenas sob proteção dos padres e impedia sua utilização como mão-de-obra pelos colonizadores. A revolta durou até 1662, mas Bettendorf conseguiu escapar à expulsão do Brasil, algo que ocorreu com muitos padres da Companhia.

Com a revolta finalizada, Bettendorf foi feito superior jesuíta em Belém em junho de 1662 e, no ano seguinte, foi enviado a São Luís como administrador da missão naquela cidade, a mais importante da Amazônia. Ali, Bettendorf destacou-se pela qualidade da gestão, mas suas cartas ao Superior Geral da Companhia na Europa revelam problemas na relação com os colonos e o abuso sofrido pelos indígenas. Também se queixa dos próprios indígenas, que eram pouco suscetíveis à evangelização.

Em 1668, após a inspeção do padre visitador Manuel Juzarte, Bettendorf foi escolhido como novo Superior da Missão, o cargo mais alto dos jesuítas no Estado do Maranhão e Grão-Pará. Várias reformas foram feitas sob sua gestão, como a elevação em 1670 das casas dos jesuítas em São Luís e Belém à categoria de colégios. Os colégios serviam para a formação de noviços e possuíam biblioteca e oficinas para a produção de objetos litúrgicos. Além disso, serviam de centros onde os padres, normalmente distribuídos em várias missões, se reuniam regularmente, contribuindo assim à coesão da comunidade jesuítica.

No início da década de 1670, a colônia e os jesuítas passaram por dificuldades econômicas. Em 1674, Bettendorf foi sucedido pelo italiano Pedro Luís Consalvi como Superior da Missão e voltou a ser reitor do colégio de São Luís. Naquela cidade, impulsionou a construção da Igreja de Nossa Senhora da Luz (atual Catedral de São Luís) e promoveu a economia com o plantio de cacau e a produção e venda de tijolos. Em 1679, o padre visitador Pedro de Pedrosa, com apoio de Consalvi, destituiu Bettendorf do cargo de reitor, mas o processo foi considerado irregular e o padre luxemburguês recuperou seu cargo em 1681. Aqueles anos se caracterizaram também por conflitos administrativos com o bispo da Diocese do Maranhão, fundada em 1677.

No início da década de 1680, Portugal criou novas leis destinadas à integração do Estado do Maranhão ao comércio colonial que geraram conflitos com os povoadores. As leis incluíam

³⁷ Segundo MORAES (1983: 105): “The date of publication on the title page [“1678”] is corrected in the errata to 1687”.

disposições, inspiradas pelo padre Antônio Vieira, para incentivar o uso de mão-de-obra escrava africana no lugar da indígena. Assim, em 1684 eclodiu uma nova revolta, causada em parte pela criação da Companhia do Comércio do Estado do Maranhão e Grão-Pará, criada pela metrópole para monopolizar o comércio, e pela dificuldade de conseguir mão-de-obra indígena e os altos preços dos escravos africanos. Os jesuítas foram considerados parte do problema e todos foram expulsos. Bettendorf, junto com um grupo de padres, foi ao Recife e dali a Salvador da Bahia.

Após uma reunião com Antônio Vieira, Bettendorf foi enviado a Lisboa para apresentar a situação à corte portuguesa, onde chegou em outubro de 1684. Em base às negociações de Bettendorf, entre outros, foi redigido em 1686 o Regimento das Missões para regular os aldeamentos indígenas e seu uso como fonte de mão-de-obra para a colônia. Uma vantagem para os jesuítas foi que o Regimento especificava que os padres teriam total controle sobre os aldeamentos, algo em geral resistido pelos colonos. Enquanto em Lisboa, Bettendorf publicou duas obras relacionadas ao trabalho missionário na Amazônia: uma reedição da Arte da Língua Brasílica, gramática tupi do padre Luís Figueira, e o Compendio da doutrina christam na Lingua Portugueza & Brasilica (BETTENDORFF, 1687, 1800) [única vez que aparece a palavra brasílica nessa obra], um catecismo bilíngue, tupi e português, escrita pelo próprio Bettendorf.

A 3 de agosto de 1688, Bettendorf regressou à Amazônia, onde foi imediatamente recolocado à frente do Colégio de São Luís. Ali, enfrentou o desafio de implementar o novo Regimento das Missões, que ainda era resistido pelos colonos por limitar o acesso ao trabalho indígena. Em 1690, ao término do mandato do padre suíço Jódoco Perret, Bettendorf foi feito novamente Superior da Missão. Impulsou então a educação nos colégios com professores chegados das universidades de Coimbra e Évora, à época administradas pelos jesuítas, o que permitiu ministrar aulas de latim aos filhos dos colonos.

Em 1693, já perto do final do mandato, Bettendorf enfrentou-se à redistribuição dos aldeamentos entre as ordens religiosas presentes na Amazônia. Os jesuítas deixaram várias missões no interior para outras ordens, o que foi recebido favoravelmente por Bettendorf, visto que os padres jesuítas não conseguiam cuidar adequadamente da grande quantidade de aldeamentos então existente. Em meados de 1693 assumiu como Superior o padre Bento de Oliveira, e Bettendorf passou um período no interior. Em 1696 regressou a Belém, onde foi assessor do novo Superior, José Ferreira, e participou ativamente nas atividades do Colégio de Santo Alexandre.

Nesses últimos anos, Bettendorf dedicou-se a escrever a Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão, tarefa que lhe havia sido encomendada pelos superiores Bento de Oliveira e José Ferreira. Morreu antes de concluí-la, em 5 de agosto de 1698.

Entre 1661 e 1695, no contexto de sua atividade evangelizadora, Bettendorf foi o responsável pela construção e decoração pictórica de igrejas na Amazônia, tanto na região de Belém como de São Luís. Sua obra é conhecida pela Crônica que escreveu, na qual documenta seus trabalhos artísticos. Em 1662, construiu uma igreja em Santarém, onde também decorou o retábulo com uma pintura de Nossa Senhora da Conceição. Para a igreja de Monte Alegre, fez em 1681 o frontal do altar e um retábulo com uma pintura, novamente representando N. S. da Conceição. Em São Luís, por volta de 1690, realizou o projeto da Igreja do Colégio de São Luís (atual Catedral de São Luís), além de seu frontispício e retábulos. No interior ainda se encontra o retábulo principal desenhado por ele e esculpido pelo entalhador Manuel Manços.

3.1.32 1712 – LINGOA DOS BRASIS – Raphael Bluteau

Em seu *Vocabulario portuguez e latino* [Figura 5], BLUTEAU (1712: 186) consignou:

“Brasil. Tomase ás vezes por homem natural do Brasil. *Brasiliensis, is. Masc. & Fem. Ense, is, Neut. Val* o mesmo na **lingoa dos *Brasis***. Noticias do Brasil do P. Simão Vasco[ncellos] c. 193”.

3.2 A LÍNGUA KARIRI

3.2.1 1698 – LINGUA BRASILICA – Luis Vincencio Mamiani, S. J.

“Lingua Brasilica” só consta do título da obra do Pe. MAMIANI (1698) [Ver Figura 13 acima].

3.2.2 1699 – LINGUA BRASILICA – Luis Vincencio Mamiani, S. J.

“Lingua Brasilica” só consta do título da *Arte de Grammatica* dos Kiriri do Pe. MAMIANI (1699) [Figura 25].



Figura 25. Portada da *Arte de Grammatica* do Pe. Luis Vincencio MAMIANI (1699).

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, 1792. *Collecção de livros ineditos de historia portugueza, dos reinados de D. João I., D. Duarte, D. Affonso V., e D. Joaõ II. Publicados de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por José Corrêa da Serra, Secretario da mesma Academia, e Socio de varias outras. Tomo II.* Na Officina da Mesma Academia, Lisboa.
- ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, 1812. *Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes, ou lhes são visinhas: Publicadas pela Academia Real das Sciencias. Tomo I. Num.^{os} I. II. e III.* Na Typographia da mesma Academia, Lisboa. [No. III. *Memorias para a historia da Capitania do Maranhão, de Jeronymo de Albuquerque, 1614*].
- ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, 1824. Foros da Guarda, pp. 399-455, in *Collecção de ineditos de historia portugueza, publicados de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Pela Commissão de Historia da mesma Academia. Tomo V.* Na Officina da Mesma Academia, Lisboa.
- ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, 1856. *Collecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes, ou lhes são visinhas: Publicadas pela Academia Real das Sciencias. Tomo VI. Num.^o III.* Na Typographia da mesma Academia, Lisboa. [No. III. Informação das cousas de Maluco, dadas ao senhor dom Constantino. Em que se tratão algũas novidades da natureza, e succintamente de seu descobrimento pelos Portuguezes e Castelhanos, e de todas as armadas suas, que lá forão, até Rui Lopez de Villa Lobos, e a destruição das fortalezas de Geilolo e Tidore, em que se recolhião. Composto por Gabriel Rebello].
- AFFONSO, G., S. J., [1596]. Relação da viagem e sucesso que teve a Nao S. Francisco em que hia por Capitão Vasco da Fonseca, na Armada, que foy para a India no Anno de 1596. Escripta pelo Padre Gaspar Affonso hum dos oito da Companhia, que nella hião, pp. [315]-437, in BRITO, B. G. de, 1736, q.v.
- AMARAL, M. E. do, [1604]. Tratado das batalhas, e successo do Galeão Santiago com os olandezes na Ilha de Santa Elena, e da Não Chagas com os Inglezes entre as Ilhas dos Açores: Ambas Capitancias da Carreira da India; e da causa, e desastres, porque em vinte annos se perdéraõ trinta e oito Naos della. Escrita por Melchior Estacio do Amaral, pp. 441-537, in BRITO, B. G. de, 1736, q. v.
- AMORIM, M. A., 2005. *Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará. Missão e cultura na primeira metade do Seiscentos.* Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa, Universidade de Lisboa & Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.
- ANDRADE, A. A. B. de, 1977. *Gaspar Correia, inédito.* Universidade de Coimbra, Coimbra.
- ANÔN., 1623. *Chronica do Cõdestabre de Portvgal Dom Nvnalvrez Pereyra principiator da Casa de Bragança. Sem mudar dantiguidade de suas palauras, nem estylo. E deste*

inuictissimo Condestabre procedem el Rey Dom Ioão terceiro, & o Emperador Carlos V. Reys, Principes, Potentados, & grandes Senhores da Christandade, desta nossa Europa. Ao Excell^{mo} Senhor Dom Theodosio Dvque de Bragança, &c. Por Antonio Alvarez Impressor, & Mercador de liuros, Lisboa.

ANÔN., 1843. Carta [de Antonio Blazquez] de algumas cousas que iam em a nau que se perdeu do Bispo pera nosso Padre Ignacio (Copiada do Registo das Cartas Jesuitas, MS. da Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro). *Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro 5: 214-223.

ANÔN., 1880. Archeologia histórica. Cartas dos padres da Companhia dos primeiros annos da Colonia. *Revista trimensal do Insituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil*, Rio de Janeiro 43 (1): 81-163.

ANÔN., 1897. IHS. Historia de la fundacion del Collegio de la Baya de todo los Sanctos y de sus residencias [MS da Biblioteca Nacional de Roma]. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro* 19: 77-144.

APOLLINARIO DA CONCEIÇÃO, Frei, 1732. *Pequenos na terra, grandes no ceo. Memorias historicas da Ordem Serafica, que do humilde estado de leigos subirão ao mais alto grao de perfeição. Parte I. Dedicada ao grande Patriarcha. Antesignano de Jesu Christo, o Serafico Padre São Francisco, e escrita por Fr. Apollinario da Conceição, religioso leigo da Provincia da Immaculada Conceição de Nossa Senhora do Rio de Janeiro, do Instituto Capucho, e natural da cidade de Lisboa Occidental.* Na Officina da Musica, Lisboa Occidental.

APOLLINARIO DA CONCEIÇÃO, Frei, 1733. *Primazia serafica na regiam da America, novo descobrimento de santos, e veneraveis religiosos da Ordem Serafica, que ennobreceram o NOVO MUNDO com suas virtudes, e acções. Offerecida ao senhor Domingos Martins Brito, em a Cidade do Rio de Janeiro primeiro Irmão Geral da Confraternidade das Tres Ordens do Serafico Patriarcha S. Francisco, especial da Provincia da Immaculada Conceição de N. Senhora do Estado do Brasil, Syndico Geral perpetuo da mesma, e Ministro, que foy tres vezes da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. Escrita por Fr. Apollinario da Conceição, Religioso Leigo Capucho, filho professo da dita Provincia, e natural da Cidade de Lisboa Occidental.* Na Officina de Antonio de Sousa da Sylva, Lisboa Occidental.

ARAUJO, A. de, S. J., 1618. *Catecismo na lingua brasilica.* Pedro Crasbeeck, Lisboa.

AYROSA, P. M. da S., 1938. *Vocabulario na Lingua Brasilica. Manuscrito português-tupi do século XVII, coordenado e prefaciado por Plinio Ayrosa.* Departamento de Cultura, São Paulo.

AYROSA, P. M. da S., 1951. Vocabulário português-brasílico: Mss. do séc. XVIII. transcritos e ordenados por Plínio Ayrosa. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, São Paulo 135 (Etnografia e Tupi-Guarani 21).

AZEVEDO, P. de., 1924. A instituição do govêrno geral, pp. 327-383, in MALHEIRO DIAS, VASCONCELLOS & GAMEIRO, orgs., q. v.

- BARROS, J. de, 1552. *Asia de Joam de Barros, dos feytos que os Portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente*. Impressa por Germão Galharde, Lisboa.
- BARROS, J. de, 1563. *Terceira decada da Asia de Ioam de Barros: Dos feytos de que os Portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente*. Ioam de Barreira, Lisboa.
- BARROS, M. C. D. M., 1995. Os línguas e a gramática tupi no Brasil (século XVI). *Amerindia. Revue d'Ethnolinguistique Amérindienne* 19/20: 3-14.
- BARROS, M. C. D. M., 2003. Notas sobre catecismos em línguas vernáculas das colônias portuguesas (séculos XVI-XVII). *Iberoromania* 77 (1): 27-63.
- BARROS, M. C. D. M., 2008. Entre heterodoxos e ortodoxos: Notas sobre catecismos dialogados na Europa e nas colônias no século XVI. *Revista de História e Estudos Culturais* 5 (4): 1-20.
- BARROS, M. C. D. M. & A. L. S. LESSA, 2005. Estudo preliminar de um dicionário português-tupi do período pombalino. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte 13 (2): 73-94.
- BARROS, M. C. D. M., R. MONSERRAT & G. PRUDENTE, 2014. O “ocapora” em listas de repartição de índios e nas fontes de língua geral na Amazônia no século XVIII: um vassalo indígena? *Tellus*, Campo Grande 14 (26): 75-99.
- BETENDORFF, J. F., 1687. *Compendio de Doutrina Christã na lingua portugueza, & brasilica: Em que se comprehendem os principaes mysterios de nossa Santa Fé Catholica, & meios de nossa salvação: Ordenada a maneira de Dialogos accomodados para o ensino dos Indios, com duas breves instrucções: hũa para bautizar em caso de extrema necessidade, os que ainda são pagaões; & outra, para os ajudar a bem morrer, em falta de quem saiba fazerlhe esta charidade: Pelo P. Joam Fhelippe Betendorff da Companhia de Jesus, Missionario da Missão do Estado do Maranhão*. Na Officina de Miguel Deslandes, Lisboa.
- BETENDORFF, J. F., 1800. *Compendio da Doutrina Christã na lingua portugueza e brasilica. Composto pelo P. João Filippe Betendorf antigo Missionario do Brasil, e reimpresso de ordem de S. Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor por Fr. José Mariano da Conceição Vellozo*. Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa.
- BLAZQUEZ, A., S. J., 1886. Cartas do Padre Antonio Blazquez sobre o Brazil (1556-65). *Revista trimestral do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil*, Rio de Janeiro 49 (1): 1-122.
- BLUTEAU, R., Pe., 1712. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico,*

pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joaõ V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prégador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França & Calificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, [Vol. 2, B-C; B; pp. 1-216, C: 1-654]. No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Coimbra.

BLUTEAU, R., Pe., 1716. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joam V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prégador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Qualificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa. [Vol. 5, K-N]. Officina de Pascoal da Sylva, Lisboa.*

BRÁS LOURENÇO, S.J., [1562] 1840. Cópia de hũa carta do Brasil do spiritu sancto para o Padre doctor Torres por commissão do padre bras Lourenço de 10 de Junho de 1562. Registrada a 20 de Setembro do mesmo Anno. (Fielmente copiada do manuscrito que servia de Registro das Cartas dos Jesuitas no Brasil, desde o anno de 1549 até 1568, e que foi da Livraria da Casa de S. Roque em Lisbõa, que hoje pertence á Biblioteca Publica do Rio de Janeiro, por doação do fallecido Conselheiro Diogo de Toledo Lara e Ordonellas [sic]). *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro 2: 432-437.

BRITO, B. G. de, 1735. *Historia tragico-maritima em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiveraõ as Naos de Portugal, depois que poz em exercicio a Navegação da India. Tomo primeiro offerecido à Augusta Magestade do muito alto e muito poderoso Rey D. Joaõ V nosso Senhor. Por Bernardo Gomes de Brito. Officina da Congregação do Oratorio, Lisboa Occidental.*

BRITO, B. G. de, 1736. *Historia tragico-maritima em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiveraõ as Naos de Portugal, depois que poz em exercicio a Navegação da India. Tomo segundo offerecido à Augusta Magestade do muito alto e muito poderoso Rey D. Joaõ V nosso Senhor. Por Bernardo Gomes de Brito. Officina da Congregação do Oratorio, Lisboa Occidental.*

CARDOSO, G., 1652. *Agiologio lvsitano dos sanctos e varoens illvstres em virtvde do Reino de Portrugal, e svas conquistas. Consagrado aos gloriosos S. Vicente e S. Antonio insignes patronos desta inclyta Cidade Lisboa, e a sev illvstre Cabido Sede Vacante. Composto pelo licenciado George Cardoso, natvral da mesma cidade. Tomo I. Que comprehende os dous primeiros meses Ianeiro & Feuereiro, com seus commentarios. Na Officina Craesbekiana, Lisboa.*

- CARDOZO, M. G., 1585. *Relação do naufragio da Nao Santiago no anno de 1585. E Itinerario da gente delle se salvou. Escrita por Manoel Godinho Cardozo. E agora novamente acrescentada com mais algumas noticias*, pp. 63-152, in BRITO, 1736, q. v.
- CASTANHEDA, F. L. de, 1551. *Historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses. Feyta por Fernão Lopez de Castanheda. E aprovada pelos senhores deputados da sancta Inquisição*. Iohão da Barreira & Iohão Aluarez, empressores del Rey na mesma universidade, Coimbra. [A 2ª. edição é de 1554, q. v.].
- CASTANHEDA, F. L. de, 1552. *Historia do liuro segundo do descobrimêto & conquista da India pelos Portugueses*. Ioão de Barreyra, & Ioão aluarez empressores delrey na mesma vniuersidade, Coimbra.
- CASTANHEDA, F. L. de, 1552. *Os liuros quarto & quïto da historia do descobrimento & cõquista da India pelos Portugueses*. João da Barreira & Joã aluarez, Coimbra.
- CASTANHEDA, F. L. de, 1554a. *Ho livro primeiro dos dez da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses. Agora emmêdado & acrecentado. E nestes dez liuros se contẽ as milagosas façanhas que os Portugueses fizerão em Ethiopia, Arabia, Persia, E nas Indias, dentro do Ganges & fora dele, & na China & nas Ilhas de Maluco, do tempo q' dom Vasco da Gama conde da Vidigueira & almirante do Mar Indico descobrio as Indias, ate a morte de dom Ioão de Castro que la foi governador & visorey. Em que se contem espaço de cinquenta annos*. Ioão da Barreyra impressor del Rey na mesma vniuersidade, Coimbra. [Esta é a 2ª edição].
- CASTANHEDA, F. L. de, 1554b. *Ho sexto liuro da historia do descobrimento & conquista da India polos Portugueses. Feyto por Fernão Lopez de Castanheda*. João da Barreira & Joã aluarez, Coimbra.
- CASTANHEDA, F. L. de, 1554c. *Ho seitimo liuro da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses. Feyto por Fernão Lopez de Castanheda*. João da Barreira & Joã aluarez, Coimbra
- CASTANHEDA, J. L. de, 1833.a *Historia do descobrimento e conqvista da India pelos Portvgueses. Nova edição. Livro I*. Typographia Rollandiana, Lisboa.
- CASTANHEDA, J. L. de, 1833b. *Historia do descobrimento e conqvista da India pelos Portugueses. Nova edição. Livro II*. Typographia Rollandiana, Lisboa.
- CASTANHEDA, J. L. de, 1833c. *Historia do descobrimento e conqvista da India pelos Portvgueses. Nova edição. Livro III. e V*. Typographia Rollandiana, Lisboa.
- CASTANHEDA, J. L. de, 1833d. *Historia do descobrimento e conqvista da India pelos Portugueses. Nova edição. Livro VI*. Typographia Rollandiana, Lisboa.
- CASTANHEDA, J. L. de, 1833e. *Historia do descobrimento e conqvista da India pelos Portvgueses. Nova edição. Livro VII*. Typographia Rollandiana, Lisboa.
- CENTRE DE RECHERCHES D'HISTOIRE ET DE PHILOLOGIE DE LA IV^E SECTION DE L'ÉCOLE PRATIQUE DES HAUTES ÉTUDES, 1971. *Hautes études islamiques et*

orientales d'histoire comparée. 2. Mare Luso-Indicum. Tome I. Ouvrage publié avec le concours du Centre National de Recherche Scientifique. Librairie Druz, Genève-Paris.

COMISSÃO EXECUTIVA DAS COMEMORAÇÕES DO V^o CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE, 1960. *Monumenta Henricina. Volume I.* Coimbra.

CORTESÃO, A., 1975. *Esparsos, Volume III.* Universidade de Coimbra, Coimbra [Acta Universitatis Conimbrigensis].

COUTO, D. do, 1602. *Decada qvarta da Asia, dos feitos qve os Portvgueses fizeram na conqvista e descobrimento das terras, & mares do Oriente: em quanto gouernaraõ a India Lopo Vaz de saõ Payo, & parte de Nuno da Cunha. Composta por mandado do inuenciuel Monarcha de Espanha dom Felipe Rey de Portugal o primeiro deste nome: Por Diogo do Covto Gvarda Mor da Torre do Tombo do Estado da India.* Impresso por Pedro Crasbeeck, no Collegio de santo Agostinho, Lisboa.

DIAS, H., 1561. *Relaçãõ da viagem, e naufragio da Nao S. Paulo que foy para a India no anno de 1560. De que era Capitaõ Ruy de Mello da Camera, Mestre Joaõ Luis, e Piloto Antonio Dias. Escrita por Henrique Dias, Criado do S. D. Antonio Prior do Crato*, pp. 353-479 [Às pp. 443-479 há uma *Desrriçao* [sic] *do sitio, e maneira da Ilha de Samatra desta banda de fóra, donde nos perdemos; e assim tambem, a figura, e maneira do Boqueiraõ de Sunda por onde entramos*], in BRITO, 1735, q. v.

DIAS, J. J. A., 1995. Para a história da colônia alemã em Portugal no século XVI. Alguns processos na Inquisição de Lisboa. *Arquipélago, Revista da Universidade dos Açores, História*, Ponta Delgada (2) 1 (1): 131-139.

DRUMMOND, C., 1952a. Vocabulário na língua brasílica. 1^o. Vol. (A-H). 2^a. edição revista e confrontada com o Ms. fg. 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, São Paulo 135 (Etnografia e Tupi-Guarani 21): 1-154.

DRUMMOND, C., 1952b. Vocabulário na língua brasílica. 1^o. Vol. (I-Z). 2^a. edição revista e confrontada com o Ms. fg. 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, São Paulo 164 (Etnografia e Tupi-Guarani 26): 1-149.

EANNES DE AZURARA, G., 1841. *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné. Escrita por mandado de ElRei D. Affonso V, sob a direcção scientifica, e segundo as instrucções do illustre Infante D. Henrique. Pelo chronista Gomes Eannes de Azurara; fielmente trasladada do manuscrito original contemporaneo, que se conserva na Biblotheca Real de Paris, e dada pela primeira vez a luz por diligencia do Visconde da Carreira, Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario de S. Magestade Fidelissima na corte de França. Precedida de uma introduccção, e illustrada com algumas notas, pelo Visconde de Santarem, Socio da Academia real das Sciencias de Lisboa, e de um grande numero d'Academias e Sociedades sabias em Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Hollanda, Suecia, e America, etc. E seguida d'um glossario das palavras e phrases antiquadas e obsoletas.* J. P. Aillaud, Paris.

FELNER, R. J. de L., 1858. *Collecção de monumentos ineditos para a historia das conquistas dos portuguezes, em Africa, Asia e America publicada de ordem da Classe de Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Tomo I. 1ª. Serie. Historia da Asia. Lendas da India por Gaspar Correa publicadas de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Livro primeiro. Contendo as acçoens de Vasco da Gama, Pedralvares Cabral, João da Nova, Francisco de Alboquerque, Vicente Sodré, Duarte Pacheco, Lopo Soares, Manuel Telles, D. Francisco d'Almeida. Lenda de 13 annos, desde o primeiro descobrimento da India até o anno de 1510. Tomo I. Na Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.*

FELNER, R. J. de L., 1860. *Collecção de monumentos ineditos para a historia das conquistas dos portuguezes, em Africa, Asia e America publicada de ordem da Classe de Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Tomo II. 1ª. Serie. Historia da Asia. Lendas da India por Gaspar Correa publicadas de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Livro segundo. Em que se recontão os famosos feitos d'Afonso d'Alboquerque, Lopo Soares, Diogo Lopes de Sequeira, D. Duarte de Menezes, D. Vasco da Gama Visorey, D. Anrique de Menezes. Lenda de 17 annos acabados no anno de 1526. Tomo II. Na Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.*

FELNER, R. J. de L., 1861. *Collecção de monumentos ineditos para a historia das conquistas dos portuguezes, em Africa, Asia e America publicada de ordem da Classe de Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Tomo II. 1ª. Serie. Historia da Asia. Lendas da India por Gaspar Correa publicadas de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Livro segundo. Em que se recontão os famsos feitos d'Afonso d'Alboquerque, Lopo Soares, Diogo Lopes de Sequeira, D. Duarte de Menezes, D. Vasco da Gama Visorey, D. Anrique de Menezes. Lenda de 17 annos acabados no anno de 1526. Tomo II. – Parte II. Na Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.*

FELNER, R. J. de L., 1862. *Collecção de monumentos ineditos para a historia das conquistas dos portuguezes, em Africa, Asia e America publicada de ordem da Classe de Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Tomo III. 1ª. Serie. Historia da Asia. Lendas da India por Gaspar Correa publicadas de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Livro terceiro. Que conta dos feitos de Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz de*

Sampayo, e Nuno da Cunha. Em que se passarão 17 annos. Tomo III. Na Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.

FELNER, R. J. de L., 1863. *Collecção de monumentos ineditos para a historia das conquistas dos portuguezes, em Africa, Asia e America publicada de ordem da Classe de Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Tomo III. 1ª. Serie. Historia da Asia. Lendas da India por Gaspar Correa publicadas de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Livro terceiro. Que conta dos feitos de Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo, e Nuno da Cunha. Em que se passarão 17 annos. Tomo III – Parte II. Na Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.*

FELNER, R. J. de L., 1864. *Collecção de monumentos ineditos para a historia das conquistas dos portuguezes, em Africa, Asia e America publicada de ordem da Classe de Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Tomo IV. 1ª. Serie. Historia da Asia. Lendas da India por Gaspar Correa publicadas de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Livro quarto. A quarta parte da cronica dos feitos que se passarão na India do ano de 1538 até o ano de 1550, em que residirão seis governadores. (D. Gracia de Noronha, D. Esteuão da Gama, Martim Afonso de Sousa, D. João de Crasto, Gracia de Sá, e Jorge Cabral.). Tomo IV. Na Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.*

FELNER, R. J. de L., 1866. *Collecção de monumentos ineditos para a historia das conquistas dos portuguezes, em Africa, Asia e America publicada de ordem da Classe de Sciencias Moraes e Politicas, e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Tomo IV. 1ª. Serie. Historia da Asia. Lendas da India por Gaspar Correa publicadas de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, socio effectivo da mesma Academia. Obra subsidiada pelo Governo de Portugal. Livro quarto. A quarta parte da cronica dos feitos que se passarão na India do ano de 1538 até o ano de 1550, em que residirão seis governadores. (D. Gracia de Noronha, D. Esteuão da Gama, Martim Afonso de Sousa, D. João de Crasto, Gracia de Sá, e Jorge Cabral.). Tomo IV – Parte II. Na Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.*

FIGUEIRA, L., 1621. *Arte da lingua brasilica, composta pelo Padre Luis Figueira da Companhia de IESV. Theologo. Manoel da Silva, Lisboa.*

FIGUEIRA, L., 1687. *Arte de grammatica da lingua brasilica, do P. Luis Figueira, Theologo da Companhia de JESUS. Na Officina de Miguel Deslandes, Lisboa.*

FORTUNATO DE S. BOAVENTURA, Frei, 1829a. *Collecção de ineditos portuguezes dos seculos XIV e XV, que ou forão compostos originalmente, ou traduzidos de varias linguas,*

por Monges Cisterciences deste Reino. Ordenada e copiada fielmente dos Manuscritos do Mosteiro de Alcobaça por Fr. Fortunato de S. Boaventura, Monge do proprio Mosteiro. Tom. II. Que contém as Historias d'abbreviado Testamento velho desde o Livro do Genesis até ao fim do Segundo Livro dos Reis. Na Real Imprensa da Universidade, Coimbra.

FORTUNATO DE S. BOAVENTURA, Frei, 1829b. *Collecção de ineditos portuguezes dos seculos XIV e XV, que ou forão compostos originalmente, ou traduzidos de varias linguas, por Monges Cisterciences deste Reino. Ordenada e copiada fielmente dos Manuscritos do Mosteiro de Alcobaça por Fr. Fortunato de S. Boaventura, Monge do proprio Mosteiro. Tom. III. Que contém a Historia do antigo Testamento desde o Livro III. dos Reis até ao II. dos Macabeos, e addições tiradas de Flavio José. Na Real Imprensa da Universidade, Coimbra.*

FRANÇA, E. F., 1859. *Chrestomathia da lingua brasilica*. F. A. Brockhaus, Leipzig.

GOES, D. de, 1566. *Chronica do felicissimo Rei Dom Emanuel, composta per Damiam de Goes, dividida em qvatro partes, das quaes esta he ha primeira*. Em casa de Françisco Correa impressor do serenissimo Cardeal Infante, Lisboa.

GUERREIRO, F., S. J., 1605. *Relaçam annal das covsas qve fizeram os Padres da Companhia de IESVS nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo verde, Guine, nos annos de seiscentos & dous & seiscentos e tres, & do processo da conuersam & christandade daquellas partes, tirada das cartas dos mesmos padres que de là vieram. Pelo padre Fernam Guerreiro da mesma Companhia, natural de Almodouuar de Portugal. Vay diuidido em quatro liuros. O primeiro de Iapã. O II. da China & Maluco. O III. da India. O III. do Brasil, Angola, & Guiné. Per Iorge Rodrigues impressor de liuros, Lisboa.*

GUERREIRO, F., S. J., 1606. *Relaçam annal das covsas qve fizeram os Padres da Companhia de IESVS nas partes da India Oriental, & em algũas outras da conquista deste Reyno no anno de 606. & 607. & do processo da conuersaõ & Christandade daquellas partes. Tirada das cartas dos mesmos padres que de là vierão: pelo padre Fernão Guerreiro da Companhia de IESV natural de Almodouar de Portugal. Vai diuidida em quatro liuros: O primeiro da Prouincia de Iapão, & China. O segundo da Prouincia do Sul. O terceiro da Prouincia do Norte. O quarto de Guiné, & Brasil. Pedro Crasbeeck, Lisboa.*

GUERREIRO, F., S. J., 1607. *Relaçam annal das covsas qve fizeram os Padres da Companhia de IESV nas partes da India Oriental, & em algũas outras da conquista deste Reyno no anno de 604. & 605. & do processo da conuersam & Christandade daquellas partes. Tirada das cartas dos mesmos padres que de la vieram, pello padre Fernam Guerreiro da mesma Companhia, natural de Almodouuar de Portuga, Vay diuidida em quatro liuros, o primeiro de Iapam, o segundo da China, terceira [sic] da India, quarto de Ethiopia & Guinë. Impresso por Pedro Crasbeeck, Lisboa.*

GUERREIRO, F., S. J., 1611. *Relaçam annal das covsas qve fizeram os Padres da Companhia de IESVS nas partes da India Oriental, & em algũas outras da conquista deste Reyno nos annos de 607. & 608. & do processo da conuersaõ & Christandade daquellas partes, com mais hũa addiçam á relaçam de Ethiopia. Tirado tvdo das cartas dos mesmos Padres que de là vierão, & ordenado pello Padre Fernão Guerreiro da Companhia de ISV,*

natural de Almodouar de Portugal. Vay diuidida em sinco liuros. O primeiro da prouincia de Goa, em que se contem as missoes de Monomotapa, Mogor, & Ethiopia. O segundo da prouincia de Cochim, em que se contem as cousas do Malabar, Pegù, Maluco. O terceiro das prouincias de Iapam, & China. O quarto em que se referem as cousas de Guinë, & serra Leoa. O quinto, em se contem hũa addiçam á relaçam de Ethiopia. Impresso por Pedro Crasbeeck, Lisboa.

GUIMARÃES, A. J. G., 1913, *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. Nova edição. Tomo III.* Imprensa da Universidade, Coimbra.

GUIMARÃES, J. J. da S., 1851. *Grammatica da lingua geral dos Indios do Brasil, reimpressa pela primeira vez neste continente depois de tão longo tempo de sua publicação em Lisboa, offerecida a' S. M. Imperial, attenta a sua augusta vontade manifestada no Instituto Historico e Geographico, em testemunho de respeito, gratidão e submissão, por João Joaquim da Silva Guimarães, natural da Bahia.* Typographia de Manoel Feliciano Sepulveda, Bahia [= Salvador].

HANSEN, J. A., 2010. *Manuel da Nóbrega.* Fundação Joaquim Nabuco & Editora Massangana, Recife.

LEAM, B. de, S. J., 1686. *Catecismo brasilico da doutrina christã, com o ceremonial dos sacramentos, & mais actos parochiaes. Composto por Padres doutos da Companhia de JESUS, aperfeçoado, & dado a luz pelo Padre Antonio de Araujo da mesma Companhia. Emendado nesta segunda impressãõ pelo P. Bertholameu de Leam da mesma Companhia.* Na Officina de Miguel Deslandes, Lisboa.

LEÃO, M., 1948. A Missão dos Carijós (1605-1607). *Autores e Livros*, Rio de Janeiro 9 (10): 176-177, 124.

LEITE, M., 2010. Os testemunhos da tradução portuguesa da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor: conseqüências ideológicas da selecção de fontes. *Cahiers d'études hispaniques médiévales* 33: 183-194.

LEITE, S., S. J., 1936. *O primeiro Vocabulário tupi-guarani (português-brasiliano).* Broteria, Lisboa 22 (2-3).

LEITE, S., S. J., 1938. *História da Companhia de Jesus no Brasil. Tômoo I (Século XVI – O Estabelecimento).* Livraria Portugália, Lisboa & Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

LEITE, S., S. J., 1940a. *Luiz Figueira. A sua vida heróica e a sua obra literária.* República Portuguesa, Ministério das Colónias, Agência Geral das Colónias, Divisão de Publicações e Biblioteca, Lisboa.

LEITE, S., S. J., 1940b. *Novas cartas jesuíticas (De Nóbrega a Vieira).* Companhia Editora Nacional, São Paulo. [Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5ª., Brasileira, vol. 194].

LEITE, S., S. J., 1944. Leonardo do Vale, autor do primeiro 'Vocabulario na Lingua Brasilica'. *Verbum*, Rio de Janeiro 1 (1): 18-28.

- LEITE, S., S. J., 1946. Leonardo do Vale, mestre da língua tupi-guarani. *Revista de Portugal (A. Língua portuguesa)*, Lisboa 10: 181-190.
- LEITE, S., S. J., 1949a. *História da Companhia de Jesus no Brasil. Tômoo VIII. Escritores: de A a M (Suplemento Biobibliográfico – I)*. Instituto Nacional do Livro e Livraria Civilização Brasileira, Rio de Janeiro & Livraria Portugália, Lisboa.
- LEITE, S., S. J., 1949b. *História da Companhia de Jesus no Brasil. Tômoo IX. Escritores: de N a Z (Suplemento Biobibliográfico – II)*. Instituto Nacional do Livro e Livraria Civilização Brasileira, Rio de Janeiro & Livraria Portugália, Lisboa.
- LEITE, S., S. J., 1955. *Cartas do Brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega (Opera omnia). Com introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite S. I*. Universidade de Coimbra, Coimbra [Acta Universitatis Conimbrigensis].
- LEITE, S., 1956. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil. II (1553-1558)*. Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, São Paulo.
- LEITE, S., S. J., 1957. *Monumenta Brasilica. II (1553-1558)*. Monumenta Historica Societatis Iesu, Roma. [Monumenta Historica Societatis Iesu a partibus eiusdem Societatis edita Volumen 80. Monumenta Missionum Societatis Iesu Vol. XI]. [É o mesmo texto, com a mesma paginação, de Leite, 1956].
- LEITE, S., S. J., 1958. *Monumenta Brasilica. III (1558-1563)*. Monumenta Historica Societatis Iesu, Roma. [Monumenta Historica Societatis Iesu a partibus eiusdem Societatis edita Volumen 81. Monumenta Missionum Societatis Iesu Vol. XII].
- LIMA, O., 1924. A Nova Lusitânia, pp. 287-323, in MALHEIRO DIAS, VASCONCELLOS & GAMEIRO, orgs., q.v.
- MAGALHÃES, P. A. I., 2011. A palavra e o império: A *Arte da Lingua Brasilica* e a conquista do Maranhão. *Revista de História*, São Paulo 165: 367-401.
- MALHEIRO DIAS, C., 1924. O regímen feudal das donatárias anteriormente a instituição do Govêrno Geral (1534-1549), pp. 219-283, in Malheiro Dias, Vasconcellos & Gameiro, orgs., q. v.
- MALHEIRO DIAS, C., E. DE VASCONCELLOS & R. GAMEIRO, orgs.. 1924; *História da colonização portuguesa do Brasil. Edição monumental comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil. Volume III. A Idade Média Brasileira (1521-1580)*. Tipografia Nacional, Porto.
- MAMIANI, L. V., 1698. *Catecismo da doutrina christãa na lingua brasilica da nação Kiriri composto pelo P. Luis Vincencio Mamiani, da Companhia de JESUS, Missionario da Provincia do Brasil*. Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, Lisboa.
- MAMIANI, L. V., 1699. *Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam Kiriri. composta pelo P. Luis Vincencio Mamiani, da Companhia de JESU, Missionario nas aldeas da dita Nação*. Na Officina de Miguel Deslandes Impressor de Sua Mag., Lisboa.

- MÉNAGE, (-), 1750. *Dictionnaire etymologique de la Langue Française, par M. Ménage, avec les origines françaises de M. de Caseneuve, les additions du R. P. Jacob, & de M. Simon de Valhebert, le Discours du R. P. Besnier sur la Science des Etymologies, & le Vocabulaire Hagiologique de M. l'Abbé Chastelain. Nouvelle édition, dans laquelle, outre les origines & les additions ci-dessus, qu'on a inférées à leur place, on trouvera encore les Etymologies de Messieurs Huet, Le Duchat, de Vergy, & plusieurs autres. Le tout mis en ordre, corrigé, & augmenté, par A. F. Jault, Docteur em Médecine, & Professeur en Langue Syriaque au Collège Royal. Auquel on a ajouté le Dictionnaire des Termes du vieux François, ou Trésor des Recherches & Antiquités Gauloises & Françaises de Borel, augmenté des mots qui y étoient oubliés, extraits des Dictionnaires de Monet & Nicot, & des auteurs anciens de la Langue Française. Tome second.* Chez Briasson, Paris.
- MORAES, R. B. de, 1983. *Bibliographia Brasiliana. Rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works by Brazilian authors of the Colonial period. Revised and enlarged edition.* A-L. UCLA Latin American Center Publications, University of California, Los Angeles & Livraria Kosnos Editora, Rio de Janeiro.
- MORAES SILVA, A. de, 1789. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Tomo segundo.* Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, Lisboa.
- NIMER, M., 2005. *Influências orientais na língua portuguesa. Os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos. Etimologia. Aplicações analíticas.* 2ª. edição. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- OLIVEIRA, M. L., 2008. *Historia do Brazil. Frei Vicente do Salvador.* Versal Editores, Rio de Janeiro.
- PANTALEÃO DO AVEIRO, Frei, 1593. *Itinerario da Terra Sancta e svas particvlaridades, composto por Frey Pantalião Daveiro. Dirigido ao Illustrissimo, & Reuerendissimo senhor Dom Miguel de Castro dignissimo Arcebispo de Lisboa Metropolitano.* Em casa de Simão Lopez, Lisboa.
- PATO, R. A. de B., 1880. *Documentos remetidos da India ou Livros das Monções publicados de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas-Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato, Socio da mesma Academia. Tomo I.* Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.
- PATO, R. A. de B., 1884a. *Collecção de monumentos ineditos para a historia das conquistas dos portugueses em Africa, Asia e America. Tomo X. 1ª. serie. Historia da Asia. Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam publicadas de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas-Lettras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato Socio da mesma Academia. Tomo I.* Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.
- PATO, R. A. de B., 1884b. *Documentos remetidos da India ou Livros das Monções publicados de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas-Lettras da Academia Real*

das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato, Socio da mesma Academia. Tomo II. Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.

PATO, R. A. de B., 1885. *Documentos remettidos da India ou Livros das Monções publicados de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas-Letras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato, Socio da mesma Academia. Tomo III.* Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.

PATO, R. A. de B., 1898. *Collecção de monumentos ineditos para a historia das conquistas dos portugueses em Africa, Asia e America. Tomo XII. 1ª serie. Historia da Asia. Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam publicadas de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas-Letras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato Socio de merito da mesma Academia. Tomo II.* Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.

PATO, R. A. de B., 1903. *Collecção de monumentos ineditos para a historia das conquistas dos portugueses em Africa, Asia e America. Tomo XIII. 1ª serie. Historia da Asia. Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam publicadas de ordem da Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas-Letras da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato Socio de merito da mesma Academia. Tomo III.* Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.

PEREIRA, M. V. C., 2005. *Itinerário à Casa Santa do padre Frey António Soares de Albergaria (Dissertação de Mestrado em Filosofia Medieval).* Faculdade de Letras do Porto, Porto.

PERESTRELLO, M. de M., 1554. *Relaçãõ summaria da viagem que fez Fernão d'Alvares Cabral, desde que partio deste Reyno por Capitaõ mór da Armada que foy no anno de 1553, às partes da India athé que se perdeo no Cabo da Boa Esperança no anno de 1554. Escrita por Manoel de Mesquita Perestrelo, que se achou no dito naufragio,* pp. 41-168, in BRITO, 1735, q. v.

PIEL, J. M., 1948. *Livro dos Officios de Marco Tullio Ciceram o qual tornou em linguagem o Infante D. Pedro Duque de Coimbra. Edição crítica, segundo o MS. de Madrid. Prefaciada, anotada e acompanhada de glossário por Joseph M. Piel.* Universidade de Coimbra, Coimbra.

PINTO, A. A. da S., 1844. *Viagem por terra da India a Portugal em 1565. Manuscrito original que se conserva na Torre do Tombo, publicado pelo Socio Albano Anthero da Silveira Pinto. [Associação Maritima e Colonial] Annaes Maritimos e Coloniaes. Quarta Série. Parte não official,* Lisboa, pp. 214-232.

PLATZMANN, J., 1898. *Catecismo brasílico da Doutrina Christãa. Publicado de novo por Julio Platzmann. Edição facsimilar.* B. G. Teubner, Leipzig.

RAMOS, J., 1577. *Chronica dos feitos, vida, e morte do Iffante Sancto Dom Fernando, que morreo em Feez: reuista & reformada agora de nouo pelo padre Frey Hieronymo de*

Ramos da Ordem dos Preegadores de mandado do Serenissimo Cardeal Iffante, &c. &c. a elle dirigida. Antonio Ribeiro, Lisboa.

RANGEL, M., 1557. *Relação do naufragio da nao Conceyção, de que era Capitão Francisco Nobre, a qual se perdeu nos baixos de Pero dos Banhos aos .22. dias do mez de Agosto de 1555. Escrita por Manoel Rangel, o qual se achou no dito Naufragio: e foy depois ter a Còchim em Janeiro de 1557,* pp. 171-217, in BRITO, 1735, q. v.

REGO, A. de S., 1947. *Documentação para a história das Missões do Padroado Português. Vol. IV.* Agência Geral do Ultramar, Lisboa.

REGO, A. de S., 1963. *As gavetas da Torre do Tombo: gav. XIII-XIV.* Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa.

REGO, A. de S., 1975. *Colecção de monumentos inéditos para a história das conquistas dos portugueses em África, Ásia e América. Tomo XIX. 1ª. serie. História da Ásia. Documentos remetidos da Índia ou Livro das Monções publicados de ordem da Classe de Ciências Morais, Políticas e Belas-Artes da Academia das Ciências de Lisboa e sob a direcção de António da Silva Rego Sócio Correspondente da mesma Academia. Tomo VII.* Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

REGO, A. de S., 1978. *Colecção de monumentos inéditos para a história das conquistas dos portugueses em África, Ásia e América. Tomo XXI. 1ª. serie. História da Ásia. Documentos remetidos da Índia ou Livro das Monções publicados de ordem da Classe de Ciências Morais, Políticas e Belas-Artes da Academia das Ciências de Lisboa e sob a direcção de António da Silva Rego Sócio Correspondente da mesma Academia. Tomo IX.* Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

REGO, A. de S., 1982. *Colecção de monumentos inéditos para a história das conquistas dos portugueses em África, Ásia e América. Tomo XXII. 1ª. serie. História da Ásia. Documentos remetidos da Índia ou Livro das Monções publicados de ordem da Classe de Ciências Morais, Políticas e Belas-Artes da Academia das Ciências de Lisboa e sob a direcção de António da Silva Rego Sócio da mesma Academia. Tomo X.* Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

REMEDIOS, M. dos, 1911. *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira. Com revisão, prefacio e notas por Mendes dos Remedios.* F. França Amado – Editor, Coimbra. [Subsidios para o Estudo da História da Literatura Portuguesa XIV].

RESENDE, G. de, 1545. *Lyuro das obras de Garcia de Resede que trata da vida & grãdissimas virtudes: & bõdades: magnanimo esforço: excelêtes costumes & manhas & muy craros feitos do christianissimo: muito alto e muyto poderoso principe el Rey dõ João o segundo deste nome: & dos Reys de Portugal o trezeno de gloriosa memoria: começado de seu nacimêto: toda sua vida ate a ora de sua morte: cõ outras obras que adiante se seguem.* LLuys Rodriguez, Lisboa. [Reproduzido, com algumas poucas diferenças de grafia, em Verdelho, 2007].

RESENDE, G. de, 1622. *Chronica dos valerosos e insignes feitos del Rey Dom Ioão II. de gloriosa memoria. Em que se refere, sua vida, suas virtudes, seu magnanimo esforço, excellentes costumes, & seu christianissimo zelo. Per Garcia de Resende, com outras*

obras, que adiante se seguem, & vay acrescentada a sua Miscellania. A feliz memoria do mesmo Rey Dom Ioão segundo, que está em gloria. Por Antonio Alvarez Impressor. & Mercador de Liuros, Lisboa.

- RICARD, R., 1946. *Les sources inédites de l'histoire du Maroc. Première Série – Dynastie Sa'dienne. Archives et bibliothèques de Porugal. Tome II. Seconde partie. Janvier 1527 – décembre 1534.* Paul Geuthner, Paris. [Publications de la Section Historique du Maroc].
- RICARD, R., 1948. *Les sources inédites de l'histoire du Maroc. Première Série – Dynastie Sa'dienne. Archives et bibliothèques de Porugal. Tome III. Janvier 1535 – décembre 1541.* Paul Geuthner, Paris. [Publications de la Section Historique du Maroc].
- RICARD, R., 1951. *Les sources inédites de l'histoire du Maroc. Première Série – Dynastie Sa'dienne. Archives et bibliothèques de Porugal. Tome IV. Janvier 1542 – décembre 1550.* Paul Geuthner, Paris. [Publications de la Section Historique du Maroc].
- RODRIGUES, A., S. J., [1605-1607]. A Missão dos Carijós, pp. 196-246, in LEITE (S.), 1940, q. v.
- RODRIGUES, A. D., 2002. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas.* Edições Loyola, São Paulo.
- RODRIGUES, A. D. & A. S. A. C. CABRAL, 2011. A contribution to the linguistic history of the Língua Geral Amazônica. *Alfa*, São Paulo 55 (2): 613-639.
- RODRIGUES, P., S. J., [1607] 1897. Vida do padre José de Anchieta. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro 19: 1-49.
- RODRIGUES, P., S. J., [1609] 1909. Vida do padre Jose de Anchieta da Companhia de Jesv. Quinto Prouencial q' foy da mesma Companhia do Estado do Brasil. Escrita pelo padre Pero Roiz, natural da cidade de Evora e setimo Prouencial da mesma Prouincia. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro 29: 181-286.
- RODRIGUES, P., S. J., 1955. *Vida do Padre José de Anchieta da Companhia de Jesus. Quinto Provincial que foi da mesma Companhia no Estado do Brasil. Escrita pelo padre Pero Roiz, natural da cidade de Evora, e sétimo Provincial da mesma Província.* Livraria Progresso Editora, Salvador, BA. [Coleção de Estudos Brasileiros].
- RODRIGUES, P., S. J., 1978. *Vida do Padre José de Anchieta da Companhia de Jesus, quinto Provincial que foi da mesma Companhia no Estado do Brasil, escrita pelo padre Pero Rodriguez, natural da cidade de Évora, e sétimo Provincial da mesma Província. 2ª edição.* Edições Loyola, São Paulo.
- SÁ, A. B. de, 1954. *Documentação para a história das missões do Padroado Português do Oriente. Coligida e anotada por Artur Basílio de Sá. Insulíndia. 1º. Volume (1506-1549).* Agência Geral do Ultramar, Divisão de Publicações e Biblioteca, Lisboa.
- SÃO LUIZ, F., 1837. *Glossario de vocabulos portuguezes derivados das linguas orientais e africanas, excepto a arabe.* Por D. Francisco de S. Luiz, Bispo reservatorio de Coimbra,

Conde de Arganil, Socio da Academia Real das Sciencias, etc. Na Typographia da mesma Academia, Lisboa.

SILVA NETO, S. da, org., 1958; *Biblia Medieval Portuguêsa. I. Historias d'abreviado Testamento Velho, segundo o Meestre das Historias Scolasticas.* Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro.

SOUSA, J. de, Frei, 1830. *Vestigios da lingoa arabica em Portugal, ou Lexicon etymologico das palavras, e nomes portuguezes, que tem origem arabica, composto por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por Fr. João de Sousa, Socio da dita Academia, e Interprete de S. Magestade para a Lingua Arabica; e augmentado e annotado por Fr. Joze de Santo Antonio Moura. Socio da predita Academia, Official da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, e Interprete Regio da referida Lingua.* Na Typographia da mesma Academia, Lisboa.

SOUZA, G. S. de, [1587] 1851. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos codices manuscriptos existentes no Brazil, em Portugal, Hespanha e França, e accrescentada de alguns comentarios à obra por Francisco Adolpho de Varnhagen.* Typographia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro.

TELLES, B., S. J., 1647. *Chronica da Companhia de Iesv, na Provincia de Portvgal. Segvnda parte, na qual se contem as vidas de algũs Religiosos mais assinalados, que na mesma Provincia entrãram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso fyndador. Com o symmario das vidas dos Serenissimos Reys Dom Ioãm Terceyro, & Dom Henrique, fundadores, & insignes bemfeyrores desta Provincia. Composta pelo P. M. Balthazar Telles, da mesma Companha, natural da Cidade de Lisboa.* Pavlo Craesbeeck, Lisboa.

TELLEZ, B., S. J., 1645. *Chronica da Companhia de Iesv, na Provincia de Portvgal; e do que fizeram, nas conquistas d'este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entrãram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso fundador. Pelo P. M. Balthazar Tellez da mesma Companhia, natural da cidade de Lisboa, & nella Lente de Prima de Theologia. Primeira parte, na qual se contem os principios d'esta Provincia, no tempo, em que a fundou, & governou o P. M. Simam Rodrigves, com sua sancta vida, & morte.* Paulo Craesbeeck, Lisboa.

VARNHAGEN, F. A. de, 1844. JHUS. *Enformação do Brasil, e de suas Capitánias. 1584 [Do Pe. José de Anchieta, S. J.]. Revista trimensal de Historia e Geographia, ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Rio de Janeiro 6: 404-435.*

VASCONCELLOS, S. de, S. J., 1658. *Vida do P. Joam d'Almeida da Companhia de Iesv, na Provincia do Brazil, composta pello Padre Simam de Vasconcellos da mesma Companhia, Prouincial na dita Prouincia do Brazil. Dedicada ao senhor Salvador Correa de Sâ & Benauides dos Conselhos de Guerra, & Vltramario de Sua Magestade.* Officina Craesbeeckiana, Lisboa.

VASCONCELLOS, S. de, S. J., 1663. *Chronica da Companhia de Jesv do Estado do Brasil: E do qve obraram sevs filhos nesta parte do Novo Mvndo. Tomo primeiro da entrada da Companhia de Jesv nas partes do Brasil, & dos fyndamentos qve nella lançãrão & continuãrão seus Religiosos em quanto alli trabalhou o Padre Manoel da Nobrega fundador & primeiro Prouincial desta Prouincia, com sua vida, & morte dignas de*

memoria: E algũas noticias antecedentes, curiosas, & necessarias das cousas daquelle Estado, pello Padre Simão de Vasconcellos da mesma Companhia. Natural da Cidade do Porto, Lente que foi da sagrada Theologia & Prouincial no dito Estado. Na Officina de Henrique Valente de Oliueira Impressor delRey N. S., Lisboa.

VASCONCELLOS, S. de, S. J., 1668. *Noticias cvriosas, e necessarias das covsas do Brasil. Pello P. Simam de Vasconcellos da Companhia de Iesvs, Natural da Cidade do Porto, Lente que foi da Sagrada Theologia, & Prouincial naquelle Estado.* Officina de Ioam da Costa, Lisboa.

VASCONCELLOS, S. de, S. J., 1672a. *Vida do veneravel Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesv, tavmatvurgo do Nouo Mundo, na Prouincia do Brasil. Composta pello P. Simam de Vasconcellos, da mesma Companhia, lente de prima na sagrada teologia, & prouincial que foi na mesma prouincia, natural da cidade do Porto.* Officina de Ioam da Costa, Lisboa.

VASCONCELLOS, S. de, S. J., 1672b. *Recopilaçam da vida do P. Ioseph de Anchieta, in* VASCONCELLOS, 1672a, q.v. [95 páginas numeradas independentemente, após a p. 593 da “Vida”].

VERDELHO, E., 2007. *Garcia de Resende. Vida e feitos d’El-Rey Dom João Segundo. Texto da edição crítica.* Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra. [Corpus Electrónico do CELGA – Português do Período Clássico – (CEC-PPC)].

VICENTE DO SALVADOR, Frei, 1889. *Historia do Brazil. Publicação da Bibliotheca Nacional.* Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro.

VITERBO, S., 1906. *Notícias de alguns arabistas e intérpretes de línguas africanas e orientais.* Imprensa da Universidade, Coimbra.